SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL

1641 - 1820/22

VOL. III – TOMO 5

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇ

N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO BRASILEIRO

N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Netto Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.

N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERARIO PAULISTA

N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM À HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.

N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL

N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM À HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.

N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM À HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADÊMICOS

N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA

N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO

N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 1

N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS

N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS

N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA

N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 2

N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 3

N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. I

N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. II

N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 4

N.º 19 — *Octacílio de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)

ıdo Castello
MENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
— VOL. I — TOMO 5

. *Botelho de Oliveira* (leitura paleográfica de Heitor
.ns)
RA SACRA

- *Francisco Pati*
DICIONÁRIO DE MACHADO DE ASSIS

N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL

N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELÂMPAGOS

N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. III — TOMO 1

N.º 26 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. III — TOMO 2

N.º 27 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. III — TOMO 3.

N.º 28 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. III — TOMO 4.

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação na fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Castello, José Aderaldo, 1921-
C345m O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
v.1- São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1969-

v. em (Textos e documentos, n. 10, 14-15, 18, 20, 25, 28, 29)

Publicados: v.1, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971; v.3, t.1, 1974, t.2-3, 1975, t.4, 1976, t.5, 1976.

Bibliografia.

1. Literatura brasileira — Coletâneas; 2. Literatura brasileira — Sociedades etc. I. Título. II. Série: Conselho Estadual de Cultura (São Paulo) Textos e documentos.

CDD-869-906
-869-908

76-1093

Índice para catálogo sistemático:

1. Academias: Literatura brasileira 869.906
2. Brasil: Academias literárias 869.906
3. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:
— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:
— ISAAC NICOLAU SALUM
— YÊDDA DIAS LIMA

O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL

1641-1820/22

VOL. III — TOMO 5

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO

FESTEJOS PÚBLICOS COMEMORATIVOS - 1641 - 1821

(CONTINUAÇÃO)

19. **COLEÇÃO DAS OBRAS FEITAS AOS FELICÍSSIMOS ANOS DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ CÉSAR DE MENESES GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DE PERNAMBUCO NA SESSÃO ACADÊMICA DE 19 DE MARÇO DE 1775. OFERECIDA** POR ANTÔNIO GOMES PACHECO [. . .], (Ed. 1775).

COLEÇÃO DAS OBRAS FEITAS

Aos felicíssimos anos do

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

José César de Meneses

Governador e Capitão General de Pernambuco

Na Sessão Acadêmica de 19 de março de 1775.

Oferecida por Antônio Gomes Pacheco

Presbítero Secular.

DEDICATÓRIA

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

Estas obras, Senhor, de vós ouvidas
No dia dado pela vossa Idade,
A seus autores deixam a vaidade
De serem tão bem hoje por vós lidas:

Se nesse dia foram recebidas
Ante os olhos da sã benignidade,
Agora vão da vil mordacidade
Bem seguras de serem ofendidas:

Não precisa, que o mau crítico some
As páginas, que formam o tesouro
Desses feitos, que o tempo não consome:

Basta, que absorto leia sem desdouro
O vosso nome, o vosso grande nome,
Digno de se escrever com letras d'ouro.

Por Antônio Gomes Pacheco
Presbítero Secular.

AO LEITOR

Nesta áurea coleção, oferecida
Ao grande César dos Americanos,
Vão do Pindo os recônditos arcanos
Em alto metro, prosa bem tecida:

Nela, tão destramente enriquecida
Com as luzes dos Vates Soberanos,
Vai dos bons Gregos, vai dos bons Romanos,
Riscado o nome, a fama escurecida:

Na sua locução séria, e jocosa,
Vai grande por todos ilustres feitos
Dos famosos Heróis de Sabugosa:

Vão finalmente sólidos conceitos,
Linguagem pura, frase majestosa,
Assim não fossem nela os meus defeitos.

Do mesmo Autor.
[Antônio Gomes Pacheco]

ORAÇÃO PANEGÍRICA

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor.

A lembrança, que em mim se conserva muito viva, do Grande Objeto, de que venho dizer; este lugar, que agora ocupo; esta Ilustre, sábia, e numerosa Assembléia, em que me vejo, são motivos para emudecer a maior eloqüência; para intimidar o ânimo ainda mais desatento, ou mais atrevido. Perturbada a imaginação, ofuscado o entendimento, embaraçada a língua com o susto, que posso eu dizer sem desacerto? Esmoreço, confundo-me, desmaio. Muito tempo duvidei, se aceitaria esta honra, não por me faltar ensejo de ser intérprete da alegria dos meus agradecidos Patriotas, neste alegre dia de hoje: não por fugir de explicar o imenso júbilo, que avulta em meu coração: não por duvidar de trazer à presença de Vossa Excelência os meus votos, que se encaminham a lhe auspiciar anos felizes, anos eternos; mais por me parecer, que um membro de tão pouca instrução havia de desautorizar o Corpo inteiro desta Sábia Academia. Quando entre os meus eruditíssimos Colegas diviso tantos, que podiam mais dignamente ocupar este lugar, e com melhor harmonia de períodos mais cheios, com maior força de eloqüência, com vogais mais sonoras podiam celebrar as imensas glórias deste dia, e desta felicidade. Determinei pagar a mercê de quem me elegeu com rejeitá-la, não só por conhecer ser este um meio honroso de envergonhar-me, mais por querer zelar a glória de todo este corpo Acadêmico.

Que qualidades possuo, que me façam digno de tratar uma tão elevada matéria? Ela é mais digna de encher os profundos conceitos dos Hortêncios, dos Setórios (sic) ornamentos, dos Túlios, as sublimes agudezas dos Plínios. Por isso fugia com os ombros, temendo que fraqueassem debaixo do grande peso, que sobre estes fizeram carregar. Temia desluzir as brilhantes ações do nosso Herói com as minhas humildes expressões: e todos estes motivos, que concorrem de tropel, quase me faziam desistir da empresa. Porém pensei, Senhores, que Vós sois sumamente benignos: isto me infundiu alentos. Considero, que não buscais em mim erudição, ou eloqüência, nem a achareis: vejo que não procurais em mim o que é meu: assim não tenho que temer. Sei quão alegres, ansiosos concorreis a este respeitável lugar a ver a virtude em si mesma; procurais ver a virtude com as suas mais vivas, e naturais cores, expressa na estimável Pessoa do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses. Esta matéria por si se faz recomendável; e seria bastante ânua, a simples narração das heróicas, e imortais ações de Sua Excelência para vos encher de admiração: não necessitará de que a arte subministre os seus pomposos ornatos a uma matéria, que em si mesma traz a sua maior recomendação.

E que língua, Senhor Excelentíssimo, pode haver tão ingrata, que se não desate, ou solte nos louvores, que se devem a Vossa Excelência neste alegre, neste venturoso dia de hoje, dia de felicidades sumas, de gostos grandes; dia dado por Sua Excelência para nossa alegria. As ações de Vossa Excelência, de cujo suave, e glorioso estrondo está cheio o Mundo todo, a quem não atraem para lhe tecer elogios? Principalmente sendo geral a obrigação, geral o afeto, com que a América enobrecida com o Augusto Nascimento de Vossa Excelência ama, e quase que adora a sua Respeitável Pessoa.

Portanto permita-me Vossa Excelência (bem apesar de sua virtuosa modéstia) para desafogo da alegria, quando não seja pela vaidade do Panegirista a voz, e discorra um pouco para algumas das relevantes, e preciosas virtudes, que primorosamente ornam, matizam, ou esmaltam a Grande Alma de Vossa Excelência. Aceite Vossa Excelência esta demonstração, posto que curta, ingênua, sincera, que é o incenso, de que Vossa Excelência mais se agrada.

Porém, Senhores, a mesma abundância me faz mal, e nela encontro a maior dificuldade. Não sei por onde hei de dar princípio. Relatarei porventura os merecimentos dessa Capital, e primeira Cidade da América Portuguesa, Pátria de Sua Execlência. Referirei porventura a Augusta Origem da sua Geração, que Sua Excelência testemunha melhor com as excelentes virtudes, do que com a sucessão do nome? Direi acaso, que foi criado entre as irmãs, que foi instruído em todas as faculdades, que destramente dirigem as ações humanas, e que constiuem toda a felicidade do homem? Esforçar-me-ei acaso em seguir os seus grandes vestígios, que ainda frescos se conservam desde às margens do soberbo Indo até as do turvo Gânges? Quereis que faça patentes as inumeráveis expedições, com que por mar, e por terra têm aumentado a sua glória? Desejais ouvir a suave harmonia de todas as virtudes, que em Sua Excelência tanto se unem? Isto sim seria o mais belo atrativo das vossas atenções; mas para se referirem e compreenderem tantas coisas só eram bastante muitos séculos, anos inumeráveis, e enfim a mesma idade, de que se faz digno o meu Herói.

Serviram pois de compêndio ao meu Panegírico a Felicidade, o zelo, e a Piedade do meu Herói. A sua felicidade vos farei ver na sua antiga esclarecida Nobreza: o seu zelo, e a sua piedade se darão a conhecer na honra, e na fidelidade, com que serve ao seu Deus, e ao seu Rei: virtudes estas, que lhe formam o Caráter de um bom Soldado na Guerra, de um bom Cidadão na paz, e de um perfeito Cristão em todo o tempo, em todo o estado. A Felicidade, o Zelo, e a Piedade são uns bens naturais do ânimo, que costumam acompanhar logo desde o nascimento, e por isso próprias do dia de hoje. As demais virtudes vêm com o processo da idade: a fortaleza se

firma com os anos: a continência se adquire com os preceitos: a justiça se aprende com as noções do Direito; e a mesma Sabedoria se alcança com a lição, e depois de explorar a Natureza, os costumes de todas as coisas. A felicidade porém, o zelo, e a piedade, como dotes naturais, nascem com o mesmo sujeito, desde o berço o acompanham. Por isso esta é a interessante matéria, a que me cinjo para o elogio do Senhor José César de Meneses. Perdoai, Senhores, a dissonância, que meus desconcertados períodos houverem de fazer nos vossos delicados ouvidos, costumados sempre à suave, à doce harmonia da Eloqüência.

Para vos fazer patente a felicidade, com que nasceu o Senhor José César de Meneses, e com ela formar-lhe um bem completo elogio, e talvez mais do seu gosto, por não ofender a sua rara modéstia com a relação das próprias virtudes, e ações pessoais, não tinha Eu mais que trazer-vos à memória a Série genealógica de sua gloriosíssima Ascendência: vereis que a sua antigüidade é coeva aos mesmos princípios da Monarquia Lusitana: admiraries, que a sua Nobreza não se deve avaliar tanto por ser uma florescente rama enlaçada com as mais ilustres famílias da nossa Monarquia, quanto pela Augusta aliança, que tem com as mesmas Coroas, com os mesmos Cetros: chegaria a surpreender-vos o ver, que ela é a mais fecunda progenitora de Heróis, com os quais se tem enobrecido mais a nossa Lusitânia, do que a Soberba Roma com os seus Césares, a quem o Lusitano Império não só deveu nascer, e manter-se em seus braços; mas também no rápido, no ligeiro curso das Conquistas Portuguesas eles têm a melhor porção de glória, e de trabalho. Digam os adustos, rebeldes povos Africanos tantas vezes subjugados à farsa dos invencíveis braços dos Césares, dos Meneses, dos Lancastres, felizes Progenitores de Sua Excelência, digam quantas, e quantas vezes estes fartos combatentes lhes arrancaram das mãos a palma da Vitória? Publique a Ásia para quem criou as mais viçosas palmas nos seus estendidos direitos Palmares? Confessem os Portugueses, qual é a árvore genealógica, de cujas ramas pendem mais troféus ganhos na Ásia, e na África? Digam as Quinas Lusitanas, a quem devem em grande parte o verem-se adoradas desde as margens do Indo até os confins do Reino de Loulão na Ásia Maior, [...] as venturosas fadigas dos Ilustres Progenitores de Sua Excelência.

E julgais acaso que a esta Família toda de Heróis haja somente tocado a glória pelas armas do estrondoso reboliço da guerra? Não, Senhores, se umas vezes se davam a ver com a palma nas mãos, sinal do vencimento, outras vezes apareciam com o agradável ramo da pacífica Oliveira: se aqui com a espada se faziam respeitáveis Árbitros das Nações inimigas; ali enrolada gloriosamente as bandeiras para descansarem no templo da Paz, se faziam recomendáveis

Legisladores, santificando os povos com a balança de Astréia, cujo fiel só em suas mãos foi bem equilibrado: numas partes bridavam as gentes com o temor do ferro vencedor, em outras continham os Súditos com o respeito das Leis samitas.

Nem se faz preciso para abono desta verdade (verdade tão conhecida nos Anais Portugueses) recorrermos às antigüidades do Reino, por se julgarem semelhantes exemplos, ou haverem perdido por encanecidos a sua natural beleza, ou serem inventados para incenso dos fingidos Heróis. Só nestes Séculos vizinhos as nossas idades têm sido tantos os famosos Generais, e Sábios Regentes, que para os exércitos, e para os Povos têm dado este fecundo tronco de Varões assinalados, que bem se podiam formar somente daqueles inteiros Esquadrões, e destes numerosos Senados, e iluminados Conselhos.

Trazei à memória o Grande, o Imortal Conde de Sabugosa, o Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, benemérito Pai de Sua Excelência perfeitíssimo modelo de um General na Campanha, e inimitável exemplar de um Supremo Substituto do Rei na regência dos povos tantas vezes felizmente cometida ao seu mando. Na Guerra de 140 serviu com o posto de Mestre de Campo do três da Armada, e com o de General de Batalha; e achando-se em muitas ocasiões de honra, satisfêz sempre a reputação, e esperança dos seus antepassados. Este único Herói era bastante para lustre, e crédito de sua Família, assim como só ele pôde fazer feliz o seu Século, e soube dar glória, esplendor, e aumento à toda a Monarquia, da qual é o mais lustroso Ornamento.

Mas ide ascendendo por todos os Progenitores de Sua Excelência, e que encontrais, senão motivos para os pasmos, e para as admirações? Recordai-vos do Senhor Luís César de Meneses, Avô de Sua Excelência, e o vereis em África no Reino de Angola, no Rio de Janeiro, e no Estado do Brasil fazendo aquelas Conquistas, que os Reis confiaram do seu governo, mais célebres, do que Júlio César havia feito às Províncias dos Romanos. Passo em silêncio Senhor Pedro César de Meneses, que na guerra da aclamação fez com que depois de um tiranopostlimínio se sentasse no Trono de Portugal o seu Legítimo, e natural Senhor. Êle depois de General da Cavalaria da Província do Minho, e Trás-os-Montes, e Mestre de Campo General, foi eleito Governador, e Capitão General do Reino de Angola; mostrando sempre que na sua grande Casa é porção de herança, que se transfunde por todos, não só o saio militar na guerra, mas também o supremo bastão, que é honra da toga na Paz. Não refiro o Senhor Vasco Fernandes César, cujo notável valor bem se viu por terra em África, e por Mar no estreito, quando numa fusta desbaratou seis galés de mastros; em memória de cujo

heróico valor aumentou o Senhor Rei Dom João o terceiro as suas Armas com seis galés.

Porém como quero reduzir aos breves, aos apertados períodos de um Panegírico a glória de tantos Séculos? Estas ações fiquem para encher os imensos e dilatados âmbitos da história: e bem se pode dizer, que ignora uma grande, e a melhor parte dos Anais Portugueses aquele, a quem são estranhas, ou desconhecidas as gloriosas, e imortais ações dos Césares, dos Meneses, dos Lancastres, dos Pereiras, Augustos Progenitores de Sua Excelência.

Sim, Senhores, ainda que o Senhor José César de Meneses não tivesse nada pessoal, mais do que esta felicidade, que lhe provém de sua Ascendência, sem jamais haver degenerado do alto valor, da sublime glória, das brilhantes qualidades dos seus Antepassados, só isto era bastante para lhe tecer o mais belo elogio; e ser-me-ia necessário buscar na nobreza de seu sangue, o mais Ilustre da Monarquia Portuguesa, as distinções, que tivessem faltado à sua Pessoa: porém sendo ele ainda maior pela elevação da sua Alma, do que pela do seu merecimento, não deve ser este o caminho, que devo seguir para o seu elogio: e bem se pode dizer, que a Nobreza, que para os demais serve de último elogio, apenas forma as primeiras linhas para o do meu Herói.

Contentem-se com a relação das esclarecidas Ações dos seus Maiores aqueles, que somente se vangloriam por haverem nascido grandes, sem cuidarem de o ser. Estes não cuidam de satisfazer aos ofícios, em que os pôs a Natureza; que por isso mesmo, que os distingüiu dos pequenos na elevação do Nascimento, na distinta qualidade do Sangue, os reduziu à indispensável obrigação de lhes servir de exemplares no exercício das virtudes, caminhando sempre pela dificultosa estrada, que guia para a imortalidade do Nome.

Não se conduz assim o meu Herói, que ainda que estima em muito a felicidade, com que nasceu, conhece porém que o nascer grande, não é tanto, como chegá-lo a ser; por ser isto mérito, e aquilo dita. Conhece que o lustre herdado é um acaso, em que parece não ter parte o próprio Sujeito, e que os conseguidos pelo valor acreditam mais. Por isso de tal sorte se empenhou em fazer-se Herói à custa do seu merecimento, como se não tivera nascido grande: Lembrado daquela judiciosa Sentença: Que mais faz um Grande sabendo sê-lo, do que um pequeno em chegá-lo a ser.

Não tanto se lembra das heroicidades dos seus Maiores para se elevar com elas, quanto para as fazer reviver tôdas a si. Desta sorte mostra que todas elas vivem na sua Pessoa, quando os faz renascer em si por meio do exercício das mesmas admiráveis virtudes, pelas

quais tanto se deram elas a conhecer, que fazendo os seus nomes emprego das cem bocas da voadora fama, os colocaram no imortal templo da Memória. Sucedendo assim aos seus Maiores, trabalha sempre por conseguir o ser Maior do que êles: satisfazendo a dívida, em que eles o haviam posto, que para lhe haverem dado o primeiro grau de grandeza, e felicidade, quer Sua Excelência dar-lhes o último complemento delas. Devendo por isso honrarem-se todos eles de ver um herdeiro das suas virtudes mais que dos seus títulos, e Morgados esmerar-se [...] aquelas, e nelas colocar o melhor fundo da sua felicidade, e grandeza: bem como Sua Excelência se honra em trazer deles a origem, mais pelo heroísmo, a que ascenderam do que pela antigüidade, e nobreza de sua Casa. Isto sim é ser um perfeito herdeiro da Nobreza; fazer continuar em si o crédito, e o nome da Família com a cultura, [...] das virtudes.

Porém zelo ardente, piedade constante de servir, de adorar ao teu Rei, vós, vós tendes o principal lugar entre todas as virtudes do meu Herói: por vós ele se tem feito recomendável, e por vós se fará respeitado em toda a posteridade, servindo de estímulo a todos os bons servidores do Rei. Vós com ele nascestes, vós fostes a melhor porção de herança, que lhe tocastes: e ele bem como os Rios, que cada vez engrossam mais, e mais o cabedal de suas águas, assim cultivando-vos, vos possui em grau heróico.

A cultura destas virtudes era o que unicamente ocupava o meu iluminado Herói: esta é a lembrança, com que se entretém, e se diverte, e ensaiando-se para se fazer hábil instrumento do sérviço do seu Soberano. Examina com cuidado a propensão, a força do seu gênio, para onde o guia, como quem apetece empregar-se todo, e com todas as forças do seu espírito em aumentar a glória do seu Rei, a quem ternamente ama. As suas luzes naturais o fazem conhecer, que o Vassalo nasce mais para os interesses do Soberano, do que para os pessoais; e que o defender-lhe a Coroa, o firmar-lhe o Cetro, zelar os seus direitos, promover-lhe os interesses, deve ser todo o plano da vida de um bom Vassalo. As suas maduras, sérias reflexões lhe dão a ver, que quanto mais o seu nascimento o havia posto vizinho ao trono, tanto mais deve ser a sua fidelidade, o seu zelo, o seu terno amor, levando aos pés do Soberano nos seus votos toda a sua alma: e que sendo esta obrigação comum a todos os Vassalos, deve ser mais interessante àqueles, que se distinguem por Nobreza; porque havendo sido em todo tempo herança dos seus Antepassados o zelar, e promover a glória do Rei, assim deve quem deles descende encher-se dos mesmos grandes pensamentos, por isso mesmo que sobre eles cai mais de perto a primeira vista do trono.

E quem, senão este profundo conhecimento, faz com que o Senhor José César de Meneses se entregue àquela arte, que faz conter

os povos confinantes: aquela arte, que faz os Reis temidos, respeitados: enfim aquela arte, que faz a espada julgadora dos direitos do Soberano. A arte militar, para a qual o zelo, e a piedade ao seu Monarca o chamam, e para o qual o seu gênio o inclina, é todo o desvelo do meu Herói.

Os grandes talentos, que distinguem os homens no seu estado logo se manifestam pelo gosto, que os move. Davi ainda de pouca idade buscava entre os Leões, e os Ursos matéria para o seu valor, e se roubava voluntariamente ao descaso da vida [...] para se instruir com seus irmãos no meio dos exércitos de Israel. O gosto do Senhor José César de Meneses para as armas foi a primeira propensão, que a natureza nele mostrou; e não era aquele gosto, que nos outros é ordinariamente mais ardor da idade, do que prova do talento. Guiado pela força do seu gênio, fez logo estudo da arte militar, e não divertimento. Que gosto não mostra logo para tudo o que esta arte tem de mais laborioso, ainda naquela primeira idade, que não olha com gosto, senão para aquilo, que recreia! Que intrepidez nos perigos, que projetos! Que superioridade se não vê no seu ânimo, nas suas ações! Conheceu tudo o que era necessário de extensão, de elevação, de presença de animo, de viveza, de profundidade, de recursos, de notícias para ser excelente nesta arte. Entendeu logo, que um nobre não devia julgar por nada o combater, se não se faz digno de comandar. Estava bem persuadido de que, se o nascimento pode dar grandes disposições, a aplicação somente é quem faz os homens grandes. Porém não necessitou da lição dos Antigos, nem dos Comentários do César Romano, quem na lição dos Césares Portugueses, no trato, e conversação dos mesmos, tão consumados na ciência da guerra, tinha os melhores ditames para a instrução. Que proveitosas lições não bebeu na fonte dos bons conselhos, e dos exemplos grandes, quero dizer na companhia do Grande Conde de Sabugosa? Que ditosos tempos para Sua Excelência foram aqueles, quando seu Imortal Pai lhe abria os tesouros de Sabedoria, de providência, de atividade, de ousadia, de modéstia, que o haviam feito tão conhecido entre os Portugueses? Apenas os seus olhos, os seus ouvidos, toda a sua alma podem bastar para tudo o que vê, para tudo o que ouve, na apreciável presença deste grande Mestre; o qual se gerando-o segundo a natureza o havia feito homem, instruindo-o segundo a arte, o constituiu Herói.

E que grande Herói se nos propõe à vista no Senhor José César de Meneses? Ele no melhor dos seus anos estimulado de servir ao Rei com os exemplos da sua mesma Casa, não satisfeito com fazer o seu nome célebre dentro do Reino, e procurando adquirir no serviço de seu Monarca gloriosa fama, que o mundo estima em mais, quando vem de mais longe, se resolve passar à Índia com praça de Soldado. Já se embarca sem pedir pasto, ou mercê alguma,

não só porque tem por honra maior o servir ao Rei sem ter os olhos no prêmio, mais porque julga mais sua a honra, que se vai a ganhar, que a que se eleva.

Ide, Ilustres Ramos dos Césares, Generoso Mancebo; vivei; assim exprimo melhor os desejos, com que passais ao Oriente êmulo dos mais zelosos Servidores do Rei. Ide renovar a glória, que na Ásia, nessa vasta, e laboriosa Esparta dos Portugueses ganharam vossos Valorosos Ascendentes: Ide para onde vos arrebata o zelo de fazer gloriosas as Conquistas, de dilatar os domínios do vosso Monarca. Ide, e fazei renascer com o vosso esforço não só os respeitáveis nomes dos Césares, dos Meneses, mas ainda as célebres memórias dos Gamas, dos Albuquerques, dos Pachecos, dos Castros: e se as vitórias de todos estes são um livro sucessivo, que se conserva no Oriente de Pais a filhos, sejam as vossas um universal pregão, e novo brado da glória dos Portugueses. Ide, que as palmas do Oriente, que se cartaram para armar os triunfos de tantos Heróis, já têm crescido para coroar as vossas vitórias.

Quem me dera agora as mais vivas, as mais nobres expressões para vos representar o meu Herói cada vez maior que o seu nome: Como um novo Davi, que cada dia aparece maior que o seu mesmo valor. Ali para estímulo de suas ações encontrava tantos incentivos, quantos eram os padrões, que deixaram gravados na Índia os seus Ascendentes. Ali na lição dos fastos Portugueses na Índia eram tantos os exemplos domésticos, que não necessitava, como Júlio César mendigar na Lição dos Gregos exemplares para a imitação. Sim, o Vice-Rei o vê com praça de Soldado, porém o admira com méritos de Sucessor, e com as instruções necessárias para comandar. Ele na companhia de um amável Irmão em tudo herdeiro do valor dos Césares serve de exemplar não só aos Soldados, porém de modelo aos mesmos Comandantes. Como vos relatarei a constância de ânimo nunca vista, nem ainda na austeridade Romana, porém só praticada entre os Portugueses, com que suporta o golpe de seu estimável Irmão, que acabou na Campanha, digno de mais dilatada vida, porém não de mais gloriosa morte, por acabar vítima do serviço do seu Rei; admirando-se então renovada a mesma heróica constância de Dom Álvaro de Castro na morte de seu Irmão Dom Fernando de Castro nos seus mais verdes anos. Como vos referirei os golpes daquela espada ao mesmo tempo zeladora da glória do seu Rei, e vingadora da morte de seu Irmão. Diga o Soberbo Maratá, cujo orgulho foi tantas vezes abatido por aquele poderoso braço. Digam esses bárbaros inimigos do Estado, que querendo sacudir o jugo do domínio Português foram de novo subjugados à custa das fadigas de Sua Excelência. Umas vezes é visto, qual outro Macabeu, exortando aos Companheiros a que não deslustrou com as ações menos decorosas o nome Português, acostumado até então a vencer,

e antes morrer, do que dever a vida a uma covarde retirada: Outras vezes é visto levar com a sua firmeza ao meio dos inimigos o sinal da vitória. Ele de novo faz lembrar o nome Português sempre fatal a toda a Ásia: Ele com o seu valor faz que confessem os povos Orientais, que não pode deixar de ser Deus grande aquele, em cujo nome se conseguiam tantas vitórias. Achou-se porventura este Herói numa única ação em que não houvesse atraído a si os olhos de todos; e aonde sem ter tido a honra do Comandamento, não tenha tido quase só ele a honra da vitória? A mesma grandeza da alma o acompanhou em todos os perigos; e sempre se julgava, que se via um novo César fazendo mais glorioso o nome dos seus Ascendentes. Enfim, Senhores, que posso eu dizer, que não seja inferior às ações do meu Herói, e ao que vós pela maior parte já tereis ouvido?

Cheio já o Oriente de suas ações, e o seu nome já não sabendo na extensão da Ásia, entra o meu Herói triunfante pelo Tejo a fazer feliz o Reino, a fazer ditosa a Corte com a sua presença. O Tejo ainda que tão acostumado a curvar-se debaixo de semelhantes pesos, nunca se viu mais soberbo, do que então, quando sente sobre si aquele precioso vaso, que com este único Herói carregado de merecimentos, vinha mais importante do que se transportasse as mais ricas preciosidades Orientais. Eu vejo correr a todos alvoroçados para ver um César: Eu estou vendo, que os Nobres, os grandes se interessam com a sua chegada; porque este bom Servidor do Rei assim como ensina a zelar a sua honra, a pugnar pelos seus direitos na Campanha, também na tranquilidade da paz é o melhor modelo de um bom Vassalo ocupado nos interesses da vida civil.

Este é um louvor, que é muito próprio a este grande Homem, que a vida particular, princípio das reputações as mais ilustres, deixam (sic) ver nele ainda mais estimáveis virtudes. Bom Sudito, bom amigo, verdadeiro, afável, humano, modesto, sábio, e em todas as situações sempre igual a si mesmo. Qual foi sempre o seu respeito, a sua piedade, e terno amor para com o seu Rei, declarado com as mais vivas expressões, e mais nobres sentimentos. Quem vendo-o não aprendeu a respeitar aos Superiores, parecendo-lhe que a sua Nobreza não dava mais acesso, nem mais liberdade, senão para ensinar mais atenção, e mais modéstia a todos. E quanto mais respeita ao seu Soberano, tanto menos violência, e respeito quer dos seus amigos. Dize-o tu, Primeira Nobreza da Corte, que agora na sua ausência tens o motivo mais terno da tua saudade.

Nesta imagem, Senhores, que achareis semelhante ao Senhor José César de Meneses? Que amigo há mais afetuoso, mais fácil, mais fiel, mais digno de ser amado? Que verdade nos sentimentos? Que fidelidade no segredo? Que delícias na comunicação? Quem jamais chegou a vê-lo, a ouvi-lo, que não sinta violência no apartamento?

Um oculto atrativo, que ainda junto a sua Pessoa lhe ganha logo os corações de todos: Bem como a virtude magnética é para o ferro, é a vista de Sua Excelência para os corações. Que delicado gosto na escolha dos amigos! Que cuidado em os conservar! Em que homem se podem achar jamais unidas em mais alto ponto todas as virtudes, que nos prendem com os mais homens? Como é soberanamente verdadeiro, ama unicamente a verdade nos outros homens: nenhum interesse tem entrado jamais na sua grande Alma em competência com a verdade, parece-lhe que é ela a primeira obrigação do homem, e o mais glorioso brasão do Nobre Espírito, vil espírito da adulação, foge, fogè da presença deste grande homem: ele unicamente ama a simples, a inocente verdade. E julgais acaso que no exercício destas virtudes, que formam o Caráter do homem civil, do bom cidadão, procura Sua Excelência aplausos, ou elogios? [...] não faz mais do que obedecer aos movimentos, e a inata piedade do seu coração. Jamais poderá haver pessoa tão alheia de ostentação, e de vanglória. Simples, modesto, inimigo de Louvores, porém solícito de os merecer: admiração de todos, mas sempre o mesmo aos seus próprios olhos.

Destas virtudes, que serviram de encher as admirações da Corte, não somos nós agora (e com quanta glória o digo.) felizes espectadores? Não é o nosso Pernambuco glorioso teatro das suas brilhantes virtudes, do seu zelo, da sua piedade, com que sobretudo se interessam servir ao seu Rei? Nós todos não somos as mais concludentes, e contestes prova desta verdade? Eu porém, Senhores, tenho um melhor abonador das sublimes qualidades do meu Herói: Eu quero produzir diante de vós uma prova a mais autorizada, a mais evidente das grandes virtudes de Sua Excelência. E quem julgais ser? Não é outro, senão o mesmo Monarca. O nosso Iluminado Soberano, o seu Aquilino Ministério não dá empregos da República, senão aos beneméritos Cidadãos. Um louvor do Rei, um prêmio da sua Régia, e Augusta Mão é a maior prova, que pode em seu abono oferecer um Vassalo. Nem esta falta para exaltar ao Senhor José César de Meneses: o Rei depois de o haver posto na frente de uma companhia de Infantes, e de o haver nomeado Capitão de Granadeiros, querendo que servisse de exemplar a todos na disciplina militar, lhe deu o posto de Sargento Mor do Regimento da primeira Armada, o mais luzido Corpo, e o primeiro entre os demais da Corte. Querendo dar-lhe agora espaçoso campo, e em que no civil, e no militar desse exercício ao seu grande zelo, à sua terna piedade para com a sua Real e Augusta Pessoa, confia dele o governo desta vastíssima, e dilatada Capitania de Pernambuco.

E que perenes graças vos devemos render, ó Pio, Sábio, Justo Rei, e Senhor Nosso por esta rica dádiva, por este precioso dom,

que nos envisates? Ó quanta luz aqui a Vossa Paternal Providência, o terno Amor para conosco! Neste vosso Substituto vos estamos admirando presente com aquelas qualidades, que tanto prezais, Pai dos vossos Vassalos melhor do que Trajano, delícias do vosso povo, melhor do que Tito.

Não posso deixar de me encher de contentamento, de me transportar com alegria, não só por ver premiados os merecimentos do meu Herói, e exaltada a virtude, mas por apetecer felicidade a minha doce Pátria.

Alegra-te, Pernambuco, levantada a cabeça em sinal de alegria; agora chegam os teus mais formosos, belos, e venturosos dias. Aquela grande disposição, que te há dado a natureza para seres do vastíssimo condimento da América Meridional a melhor porção, verás reduzida a ato à custa das gloriosas fadigas do teu Excelentíssimo Governador, e Capitão General: se até agora sempre parte cobiçada da Soberba, e poderosa Holanda pelo teu terreno, pela tua situação, e pelo teu ameno, e saudável clima; hoje pela nova formosura, que te há de comunicar o nosso Excelentíssimo, serás a inveja de todas as Nações. Tu lhe darás abundante Campo para o exercício de suas Ilustres e Gloriosas ações. Pede ao justo Deus, que te conceda por anos dilatados um Regente tão perfeito.

Nem pode deixar de saber bem a arte de mandar quem perfeitamente sabe obedecer; elas ambas emanam das obrigações de um bom Cidadão. Este dócil Gelêmaco tão bem instruído pelos mais sábio, e prudente Mentor, que há de produzir, senão utilidades aos povos cometidos às suas maduras direções. As luzes, que têm raiado no Horizonte do seu Governo, dão evidentes provas de uma vida nunca ociosa, de uma alma sempre acostumada a pensar bem, e polida com os acertados ditames de uma boa lógica, e de uma Ética sã: enfim uma Moral tão bem demonstrada pelos atos das mais excelentes virtudes; o amor, com que cultiva as artes liberais, e favorece as mecânicas, dão bem a conhecer os sólidos fundamentos, em que se havia estribado para tão grande edifício: E tudo isto constitui a felicidade, que possuímos.

E há entre vós algum, em cujo coração arde o inocente amor da Pátria, que se não enche de consolação, vendo o solícito cuidado cuidado, com que Sua Excelência faz feliz o seu Governo, e torna venturosos os povos, dos quais o Rei, o justo Rei o fez mais zeloso Pai, do que Senhor absoluto? Os interesses públicos, e particulares, a fiel, e exata administração da Justiça, a doce paz, e glória sólida, sobre que não tem domínio o tempo, por mais que acelere o seu curso, nem a inveja, por mais que refine o ódio, não são os principais objetos, que ocupam o seu Ilustríssimo Pensamento? Que despacho firma a benéfica mão de Sua Excelência, que não seja a indelével

prova, com que procura a nossa felicidade? Mais que o desagradável título de Súditos nos compete o carinhoso nome de filhos. Felizes todos nós, pois parece que outra vez chegou aquela idade de ouro; aqueles venturosos tempos de Saturno; pois vivemos todos, como se fôssemos de uma só casa, de uma só família, cujo Presidente, cujo Pai comum é o nosso Excelentíssimo. Agora parece que se verifica em nós aquilo das Sagradas Letras. — Ó quão bom, e admirável coisa é o viver em paz, e união de vontades àqueles, a quem a mesma Natureza, e a mesma fé os fez irmãos! E a quem devemos tudo isto, senão ao Gênio Tutelar, que nos preside? O qual nos infunde o belo, o agradável espírito de união, e de concórdia.

Mas, aonde me encaminho? Não cabe numa concha as imensas águas do Oceano. Grande violência me faço em não continuar com o elogio do meu Herói; porém não vos quero privar da consolação, que tereis ouvindo-me relatar o zelo e a piedade, com que também se emprega nos atos da Religião, nos quais ocupa a melhor porção de tempo; conhecendo muito bem, que assim como dá a César o que é de César, não deve negar a Deus o que é de Deus.

E que ação haveis jamais visto no Senhor José César de Meneses, que não respire o Santo temor de Deus? Adverti na pia educação, que dá a sua família, e que saudáveis instruções lhe aplica. O tempo, que lhe fica da laboriosa fadiga do seu governo, consome em exercícios de piedade na presença de Deus, pedindo, como Davi, que lhe comunique um espírito reto. Visitai os Templos, e aí o vereis enchendo-nos de exemplos da grande reverência, da profunda submissão, com que devemos estar na casa do Deus vivo; ensinando-nos o respeitoso acatamento, com que deve estar a Criatura diante do Criador. Lembrai-vos daquele dia (dia feliz!) que deu princípio às nossas venturas; quando Sua Excelência depois de receber as rédeas do governo, se foi prostrar à face dos Sagrados Altares, como quem conhece, que só com Deus podemos obrar bem. E que alegria se não viu então transbordar dos nossos Corações pelos nossos semelhantes com esta tão edificante ação, que se recebeu com certo presságio do bem, de que hoje gozamos! Quantas vezes se vai a purificar naquele Sacramento, que é o segundo Lavatório, em que nos expiamos depois do Batismo! Quantas vezes se chega a fortalecer na Mesa Eucarística com o Divino Maná, com o Pão dos Anjos! E que grandes exemplos de humildade, de compunção nos não insinua! Todos se transportam de ver a Reverência, com que assiste ao ato mais Sagrado da nossa Religião, o incruento, o tremendo Sacrifício da Missa, e sem esta consolação alegre não passa os dias do seu governo.

Quem melhor conhece a natural beleza da virtude; e por isso quem melhor, e com mais vivas cores a transfunde em si, do que Sua Excelência? Modesto, sem hipocrisia; virtuoso, sem afetação:

não está a virtude numa falsa aparência, num exterior mentiroso, em não volver os olhos por afetação ridícula para esta, ou para aquela parte, e talvez fomentando no coração os venenosos áspides dos vícios, que matam a alma: nisto está a detestável máxima dos Fariseus, e dos seus imitadores: a virtude é cheia de Humanidade, é afável, é benigna: aprendei-a do nosso Excelentíssimo. Quem com mais submissão se entrega às determinações da Igreja? Quem mais estima aos Ministros do Altar, aos Cristos do Senhor? Quem adora mais os Sagrados, e impreteríveis limites, que dividem o Sacerdócio do Império? Dize-o tu, Pastor Sagrado deste Rebanho, virtuoso Tomás; tu, que tens a felicidade de ver o interior da sua alma, quando ele na tua presença derrama os seus mais ocultos sentimentos: tu, em cujo amigável, e suave ósculo, tem Sua Excelência as suas maiores delícias, e agora lhe motivas a mais sensível saudade; dize quais são os justos sentimentos desta alma? Tu em quem divisamos o espírito do Ambrósio, tens a ventura de encontrar um Príncipe obediente, como Teodósio, mais sem a nota do seu erro.

Mas, Senhores, o tempo falta, e a mim acontece, ao contemplar estas brilhantes qualidades, o mesmo que sucede a quem quer observar os ativos resplendores do Sol, que por não poder suportar tanta luz, desisto do intento.

Dizei-me agora, não pedem tão distintos merecimentos, tão sublimes virtudes, que vos alegreis com a honra, que lhe faz o Soberano; ainda quando ela cede toda em proveito vosso? Não vos incitam as fadigas, com que Sua Excelência se desvela em promover as vossas felicidades, os vossos interesses, para que lhe desejeis longos, e bons anos? Não vos inflama um governo tão pacífico, tão morno, que fará época no nosso Pernambuco, a que esforceis os vossos votos pela conservação desta preciosa vida, em que se fundam os vossos interesses? Não confio menos de uns ânimos, onde só reside o espírito do agradecimento. E o fino contentamento, de que sinto banhadas as vossas almas, banhados os vossos rostos, é índice dos sinceros votos, com que aplaudis uns anos gloriosamente consumidos no serviço de Deus, e do Rei, e lhe votais outros tantos.

E Vós estimáveis Colegas, a quem cabe a glória de cantar com doce voz as grandes Ações deste incomparável Herói; supri com a doçura do vosso canto os defeitos da minha débil voz. Enchei dignamente a matéria, que se vos propõe. Vós, que sempre caminhastes pela florida estrada do Pindo, e esgotastes os seus mais preciosos licores, só podeis bem tratar esta sublime, e elevada matéria: o que eu não pude conseguir na Oratória, por me faltarem os tesouros da eloqüência. E assim como nosso Herói é capaz de arrancar a clava da mão a Hércules, assim vós o sois de exceder na Epopéia a Homero, e a Virgílio na ordem da fábula, na trava-

ção dos Episódios, na beleza das imagens, na majestade dos pensamentos, na sublimidade das vozes no nó, na solução: nas Églogas, excedereis aos Teócritos, e ao mesmo Virgílio, simples sem beleza, sublimes sem afetação: nas Odes espero se admirem os mesmos raptos, a veemência do estilo, a grandeza das imagens, e dos pensamentos; e enfim aquela majestade, e estro de Píndaro, que arrebata, que eleva, que transporta. Seja só este o vosso incessante cuidado: Esta seja a ilustre aplicação das vossas fadigas, fazer que viva Imortal nas vossas sublimes composições o Senhor José César de Meneses: quero honrar os meus lábios com tornar a repetir este Amável Nome: Viva o Senhor José César de Meneses.

Por

Antônio Machado Portela,
Presbítero Secular:
Bacharel formado em Canônico e
Professor Régio de Gramática em Pernambuco.

Finge-se que fala com o Brasil erguido do seu Sepulcro o cadáver do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Sabugosa no seguinte

SONETO

Da branca pedra do Sepulcro fora
Ergue a cabeça o Venerando Conde,
Que o Corpo Ilustre em frio jaspe esconde
De quem ainda o nome à Pátria adora:

Abre os olhos, e fixos os demora
Sobre o vasto Brasil, que lhe responde;
Que um Filho seu o está regendo, e donde:
Aqui de gosto a honrada sombra chora:

Filho amado (exclamou) que assim dos vossos
Na virtude imortal, que vos adorna,
Honrais os frios, e guardados ossos:

O Céu mil bênçãos sobre vós entorna;
Em vós descansam os cuidados nossos:
Disse: e contente ao seu repouso torna.

Do Senhor Doutor
Francisco José de Sales;
Ouvidor de Pernambuco.

Paralelo entre Júlio César, e o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Governador, e Capitão General de Pernambuco.

SONETO

Tomou César, de audaz vanglória cheio,
Passando o Rubicon, a Pátria escrava:
Grilhões pesados a seus pés deitava;
Custa a vida a Catão, custa a Pompeu:

Sulcando as Ondas de Anfitrite veio
A Pátria defender, que tanto amava,
O Americano César, quando a brava
Fúria de Espanha tenta pôr-lhe o freio:

Tinge o Romano em civil sangue a terra:
O Tibre, que o criou, cativa, e doma:
No Capitólio faz assento a guerra:

O nosso a proteção dos Lares toma:
Longe de nós o vão temor desterra:
Ao César do Brasil cede o de Roma.

Do Mesmo Autor.
[Francisco José de Sales]

Figura-se uma Índia, que representa Pernambuco, o que se explica neste seguinte

SONETO

Esta, que baça, e de ar feroz se ostenta
Com arco, e setas, e a pendente aljava,
Cativa um tempo da Nação Batava,
Que nela os olhos a vida apascenta;

Esta, que ainda os pulsos apresenta
Roxos da nódoa, que o grilhão deixava;
E que a memória de haver sido gorava
O belicoso gênio lhe acrescenta;

Esta é enfim de Pernambuco a imagem,
Que em vosso aplauso, ó César, acomoda
Hinos em tosca, e bárbara linguagem:

Nas vossas mãos com mil dos seus em roda
Vos jura fidelíssima homenagem,
E of'rece os votos da Província toda.

Do Mesmo Autor.
[Francisco José de Sales]

Sobre a atenção, que tem o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, de conservar um modelo das Ordens Régias, dirigidas a seu Pai o Excelentíssimo Senhor Conde de Sabugosa, quando governava a Bahia.

SONETO

Bem escritas, melhor executadas
As Leis, que prescrevera a Majestade,
Entrega o Grande Conde, e persuade
Ao caro Filho o quanto são sagradas:

Com elas, disse, deixo acreditadas,
As ilustres Ações da minha idade:
Vós, que me haveis seguir, tende a vaidade
De executá-las, como são mandadas:

Dizia o grande Pai; e o Filho honrado
Beijando a mão, as ordens recebendo,
Jura de executar o seu mandado.

Felizes povos, que ainda estais sofrendo
A saudade do Pai; o Pai amado
Vinde adorar no Filho, que estais vendo.

Do Doutor
José Antônio de Alvarenga Barros Freire (1)
Juiz de fora de Pernambuco.

Aos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

SONETO

Sempre é grande, é feliz o nascimento
Dos Heróis, que honra o Século vindouro;
E de ano em ano, como fausto agouro
Lhes levanta a memória um monumento:

A estes dias chama o Mundo atento
Os dias de Saturno, os dias d'ouro;
Como entre os Astros o Planeta Louro,
Se distinguem (sic) dos mais no Luzimento.

(1) V. Arquivo Heráldico e Geneal., de Baena, pág. 357, art. José Antônio de Alvarenga Barros Freire.

Gira pois tu, ó venturosa idade,
Que um Herói, que os anais enobrecera,
Em teus fastos escreves por vaidade:

Mas vós que o nosso Século pondera
Por época de mais felicidade
O grande dia em que José nascera.

Do mesmo Autor.

[José Antônio de Alvarenga Barros Freire]

Assunto primeiro

Quanto se interessa Pernambuco nos anos que conta o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

SONETO

O justo empenho, ó César, que hoje intenta
Os anos celebrar da vossa vida,
Obséquio não pareça, mas devida
Atenção, pelo bem, que em nós se aumenta:

Para as mãos se encaminha a morte lenta,
E cada instante seu nos intimida;
Mas em Vós inda a idade mais crescida
Por tão belas virtudes nos contenta.

Ver alegre o pequeno; o Grande atado;
Evitar da injustiça os feios danos;
Nem ao rico temer o Pobre honrado...

Ah Senhor, quanto estamos hoje ufanos!
A vossa vida é todo o bem do Estado,
Os anos, que contais, são nos anos.

Do Muito Reverendo Padre Mestre
Frei Francisco Xavier Feijó:
Religioso Beneditino.

Assunto segundo

A maior grandeza de Sua Excelência é a humanidade do seu Governo.

ODE

A quem darão as Musas
Veridentes Capelas
Do Bárbaro? Por quem áureas Infusas
Do Sagrado Licor verterão belas
Sobre os Vates, que os feitos sublimando,
Os vão por nova sorte
Da negra Lei da morte — libertando?
Em outro tempo o Pindo
Ouviu cheio de espanto
O Grego celebrar, que destruindo
As Campinas de Tróia, pôde tanto,
Que fez correr em sangue misturados
O Xanto, e o Cinqüenta:
Viu Calíope atenta — e os seus cuidados
Em cantar da alta Niza
Esse triunfo erguido:
E ouviu de Sousa a glória, que eterniza
O Nome Macedônio. Hoje instruído,
Já não quer, já não preza essa virtude.
Mancha da Humanidade,
Que chama Heroicidade — O povo rude.
As virtudes amigas
Só tem os seus louvores,
Que dos homens relevam as fadigas.
Ide longe, profanos Destrutores
Do humano bem. A cítara divina
Só celebra a Grandeza
Do bem, que a Natureza — nos ensina.
Por isso, alto Meneses,
Delícia Americana,
A Vós buscam as Musas, quantas vezes,
Vendo em Vós a virtude Soberana.

(A virtude feliz da humanidade)
Vos tem elas cingido
O ramo, que é devido — à Heroicidade!
Quantas vezes, e quantas
Pelas amenas covas
Das mesmas nove Irmãs moradas Santas.
O eco repetiu as grandes provas
Do vosso amável Gênio! A Voz do Pobre,
Que consolais ardente,
Lá por modo contente — se descobre.
As lágrimas piedosas,
Que tristes se penduram
Desses olhos ouvindo as lastimosas
Palavras, com as quais se vos figuram
Os males, que padece o miserável;
Por elas não se encobre
Quanto em vós há de nobre —, e de adorável.
Da torrente, que insulta
A margem conhecida,
E o madeiro Silvestre, e a penha inculta
Da sua base arranca; espavorida
A gente foge: o rio alma do Prado,
E brando pai das flores,
É de cantos, e amores — celebrado.
Tal a ruidosa Fama
Das ações militares,
Com que por grande o Gânges vos aclama,
Nunca pode erigir-vos os altares,
Que levantar-vos deve nesta idade,
Como Padrão eterno
De tão feliz governo — a Humanidade.

Do mesmo Autor.

[Frei Francisco Xavier Feijó]

Assunto terceiro

Os votos, que faz Pernambuco para que sejam muitos os anos de Sua Excelência.

MOTE

Viva José muitos anos,
E tenha a felicidade
De medir a sua idade
Por seus dotes Soberanos.

Glosa joco-séria

Todo o bom Médico quer,
Sem que de aforismo mude,
Que o melhor para a saúde
É viver, e mais viver.
Aqui não há que dizer:
E se crêem os Matassanos,
Que a morte é o maior dos danos,
O que ao certo cá me toa,
Para ter saúde boa
Viva José muitos anos.

Porém viver sem dinheiro,
Ser Peralta de mão cheia,
Ir povoar a Cadeia,
E comer bem só por cheiro;
Não é vida: e já requeiro,
Que por fazer-me a vontade
José tenha em toda idade
Mil bens, grandeza, e virtude:
Tenha da vida a saúde,
E tenha felicidade.

Viva José muitos anos!
Para muitos dons bastavam;
Apre-lá, se os Céus lhe davam
Dois anos, e a nós mil danos!
Quer tapiara alguns Ciganos,
Bem que mintam na verdade,
Por nossa felicidade,
Que digam, que José tem
Com o Grã Matusalém
De medir a sua idade.

Matusalém? inda mais,
Não me contento com menos;
Quero-lhe de anos serenos
A idade de seis mil Pais:
José tem vários sinais,
Que lhe dão muitos mil anos:
Mas por não termos enganos
Em lhe medirmos a vida,
Hemos tornar-lhe a medida
Por seus dotes Soberanos.

Do mesmo Autor.
[Frei Francisco Xavier Feijó]

Assunto primeiro

Mostra-se que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses pelas heroicidades regula os seus anos.

ODE

Os guerreiros Heróis, que sempre ufanos
Prezam as sacras Leis das Monarquias,
Pelos triunfos contam os seus anos,
Não contam pelos dias.

[. . .] a vida intrépidos a morte,
E contentes nos bélicos costumes
Jamais temem nas iras de Mavorte
Os volteados gumes.

Quando o Rei determina, que se morra,
Bravos Leões não temem, que se arrojem:
Que ferva o chumbo, enfim que o sangue corra,
Impávidos não fogem.

Deste modo imortais à longa idade
Se vão fazendo alguns pelas vitórias;
Outros são pelo amor da Heroicidade
Eternos nas memórias.

De um valente Aníbal, que os povos doma,
Quando lhes faz sentir horrendo estrago;
De um invicto Pompeu fala tu, Roma,
E fala tu, Cartago.

Porém não busco undívago exemplares
Da veloz fama, no Sagrado Templo:
No César, que domina os nossos Lares,
Tenho mais vivo exemplo.

Naquela mão guerreira, e costumada
Desde o berço, ou dos seus primeiros anos
A sustentar a cartadora espada
Contra os povos Indianos:

Naquele braço sempre respeitado
Dos Bárbaros, que cerca o turvo Gânges;
Naquele peito nunca penetrado
Dos Índicos alfanges:

Naquele, sim, espírito valente,
No Márcio Campo das Nações tiranas,
Que tanto fez temer nesse Oriente
As Quinas Lusitanas:

Naquele campo enfim, tão costumado
As asperezas de um remoto clima,
Temos nobre exemplar, que decantado
Seja em mais alta rima.

Bárbara gente! que do sangue humano
Fabricais saborosas iguarias,
Temei, temei o César Lusitano
Nas vossas ousadias.

Venturosos, felizes Brasileiros,
Não temais dos contrários a peleja,
Que César torna escuro entre os Guerreiros
O vil rastro da inveja.

Ó quantos devem ser os elogios
Do meu Herói firmíssima Coluna,
Que mais governa em nossos alvedrios,
Que na nossa fortuna!

Graças ao Rei! ao Rei, que Pio, e Terno,
Um Aristides novo, reto, e justo,
Nos deu em César, e no seu governo
O governo de Augusto.

Um Gênio Tutelar, dos seus Decretos
Depósito fiel, sofre importante:
Dos Licurgos, dos Solões discretos
Imitador constante.

Um Euclides, que livra dos enganos
Em carregar os globos imperfeitos,
Com o compasso vai medindo os anos
Pelos seus grandes feitos:

Honre-se pois o Herói, que sem mudança
No governo do bom, e do maligno,
Da justiça equilibra na balança
Dos Povos o destino.

Honre-se a sua cartadora espada;
E teu valor, ó César, não se mude,
Enquanto for no Mundo respeitada
A sólida virtude.

De Antônio Gomes Pacheco
— Presbítero Secular.

Assunto segundo

Aos felizes anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

ÉCLOGA

Em que falam —
Alcino — Lisardo — e Fileno.

Alcino.

Que sonora, que doce melodia
Tanto me cleva, e tanto me recreia,
Que todo sinto encher-me de alegria!

A cada canto me figura a idéia
Fora desses casais um tal festeja,
Que outro assim nunca viu a minha Aldeia!

Transportados de gosto a todos vejo;
E noto que um geral contentamento
Rompe as leis do silêncio, e vence o pejo!

A doce frauta, o músico instrumento,
A sincera cantiga dos Pastores,
Conserva preso o vago pensamento!

Ali se escutam candidos Louvores,
Que vêm deixando pelo monte, e prado
Nobres Serranos, ricos Lavradores!

Este deixa a Cabana, e deixa o gado
Perdido pela rústica montanha;
Aquele desampara o curvo arado:

E cheios de um prazer, que o peito banha,
Vivem dos próprios Lares esquecidos!
Que alegria, que gosto os acompanha?

Lisardo.

Por que te admiras, meu prezado Alcino,
De assim [...] contentes os Serranos?
Não sabes que entre nós hoje faz anos
O nosso Tutelar, Pastor mais digno.

Mais Ilustre, mais Nobre, e mais honrado,
Que todos quantos toma nossa Aldeia?
Serrano, que possui alta Colméia,
Herdade grande, numeroso gado?

Não conheces aquele reto, pio,
E singelo Pastor, cuja eqüidade
Roubado tem a nossa liberdade,
Os nossos Corações, nosso alvedrio?

Não conheces aquele, que dotado
De um ânimo, no qual reina a prudência,
Só nos pios ditames da clemência
Faz com que se respeite o seu Cajado?

Não conheces o César, que procura
Sempre contente os passos da verdade?
O César, que fugindo à falsidade,
Da doce paz adora a formossura?

Fileno

Não mais te canses, não Lisardo amigo,
Que Alcino mais que todos o conhece:
Quanto lhe deve, quanto lhe merece,
Se tu queres saber, fala comigo.

Com pura fé, com firme segurança
Bem me faz conhecer os seus arcanos
Aquele amor, que desde os tenros anos
Entre nós se conserva sem mudança.

Quantas vezes apenas ele ouvindo
Falar em César, todo se acendia
Em prazer? Quantas vezes num só dia
O seu nome eu ouvia repetindo?

Quantas vezes a frauta temperando,
(A frauta, que ele toca docemente)
Eu mesmo, eu mesmo o vi dizer contente
Os louvores, que estava recitando?

Que tronco pode haver no vale, ou monte,
Em que por sua própria mão gravado
O título do seu Pastor amado
Mil vezes não se leia, não se aponte?

Que pedernal, que mármore grosseiro
Se verá nos lugares esquisitos,
Nos quais se não observem bem escritos
Vivos Crateres, cândidos Letreiros?

Eu o vi muitas vezes escrevendo
Té nas folhas, que o tempo mais consome;
Porque do Grã Pastor o doce nome
O vago caminhante fosse lendo.

Eu enfim não pretendo encarecer-te
Nada disto, que lembra o pensamento;
Alcino mesmo, que nos ouve atento,
Pode, Lisardo, muito mais dizer-te.

Alcino.

Tudo quanto Fileno tem falado
Não duvides, amigo, que é verdade;
Porque o trago na mente retratado.

Inda que contra mim cresça a maldade,
Inda que mude o rosto da ventura,
Inda que [. . .] teça a falsidade;

Primeiro será dia a noite escura,
Imóvel deixará de ser a terra,
Que haja de ter mudança esta fé pura.

Antes eu sofra embora dura guerra,
Arda minha Cabana, morra o gado,
Do que me falte a fé que o peito encerra.

Queiram os Céus, que ausente, e separado
Desse grande Pastor nunca me veja,
Que serei sempre bem afortunado:

Apesar do ódio vil, da negra inveja
Hoje os seus anos cantarei contente,
O seu nome farei que eterno seja.

E tu, Lisardo, já que estás presente,
Fervoroso acompanha estes Louvores;
Acompanha, Fileno, juntamente.

Coro.

Os faustos anos
Do Invicto César
Cantai, Serranos,
Cantai, cantai.

Seus excelentes
Dons, e virtudes
Louvai contentes,
Louvai, louvai.

Alcino.

Vós Deus mil vezes Pio, Céus piedosos,
Fazei que de um Pastor tão excelente
Sejam os anos sempre venturosos:

Fazei, que ele vivendo felizmente
Seja sereno o rosto da ventura,
O semblante da paz resplandecente.

Lisardo.

Longe do seu Casal mora o desgosto,
E seus dias, que são hoje invejados
Sejam, e sejam sempre acompanhados
De um perfeito prazer, de um puro gosto.

Fileno.

Sempre apartado de uma ardente esfera
Viva isento do mal, livre dos danos:
Possa sempre contar entre os Serranos
Os bens de uma viçosa Primavera.

Alcino.

O vário tempo, monstro inexorável,
Que os mais robustos troncos tem desfeito,
Com ele queira ser nunca mudável:

Os seus dons admire com respeito,
E curvando no vôo as soltas asas
Se suspenda de vê-lo tão perfeito.

Lisardo.

De um ar benigno, e são sempre gozando,
Da branda viração sempre cingido,
Seja do voraz raio defendido
À sombra do Loureiro descansando.

Fileno.

Ali mesmo escutando a melodia,
Que, sentados nos trêmulos raminhos,
Formam os inocentes passarinhos
Contente passe a sesta, gaste o dia.

Alcino.

Escute ali da rústica janela
Do pátrio ninho o canto concertado,
Que repete a sonora Filomela.

E sobre o mole ferro reclinado,
Sem mais outro desvelo, que o perturbe,
Entregue ao sono durma sossegado.

Lisardo.

Por entre as verdes folhas brandamente,
Com mui leve sussurro, e movimento
Sempre esteja soprando um fresco vento,
Com o qual se lhe aplaque a calma ardente.

Fileno.

Ao longe passe o Noto rigoroso;
Seja do brando Zéfiro assistido:
Nunca experimente o Estio desabrido,
Nunca suporte o Inverno tormentoso.

Alcino.

Veja sempre nutrido o seu Rebanho,
Sem que precise mendigar sustento
Dos campos Paternais a Monte estranho.

Multiplique o seu gado cento a cento;
Nunca seja infestado do ar maligno,
Seja da negra ronha (sic) sempre isento.

Lisardo.

Perto de si a simples ovelhinha
Atrás da cara má que visa brincando;
Umas vezes no campo andar saltando,
Outras vezes mordendo a mole ervinha.

Fileno.

Ali veja do Lobo andar segura;
Descer ao Vale, procurar a fonte,
Subir a Serra, penetrar o monte,
Pisar sem medo a fúnebre espessura

Alcino.

O seu trigo produza grossa espiga;
Nunca o seu fértil campo alegre a cheia,
Nunca ao pé do centeio nasça ortiga:

Cada vez tenha mais alta colméia,
Cresça a Seara, cresçam as herdades;
O seu pomar inveje toda Aldeia.

Lisardo.

O milho, que no campo houver plantado,
Nunca possa perder o julho ardente;
Sempre viçoso, sempre florescente
Do fresco, e verde abril seja regado.

Fileno.

O seu belo Olival, que apetecido
Sempre será de ricos Aldeanos:
Nunca sofra o rigor de avessos anos;
do escasso tempo seja defendido.

Alcino.

Nas concertadas frautas dos Pastores
Por vales, e por montes escarpados
Veja soarem sempre os seus louvores:

Pelas suas virtudes namorados
De o verem, fiquem sobre o curvo encosto
Como suspensos, como transportados.

Lisardo.

Sejam dele as ações matéria digna
Dos seus bailes, e neles embebidos
Passem o ano sempre divertidos,
Cantando ao som da branda sanfonina.

Fileno.

E quando o virem lá passando a sesta
Entre os doces cuidados mais contente,
O tardo velho, o moço diligente
Lhe ofereça as boninas da Floresta.

Coro.

De brancas flores
Ricas capelas
Tecei, Pastores,
Tecei, tecei.

C'roais a testa
Do Grão Pastor;
Conosco a festa
Fazei, fazei.

Alcino.

Não ouves suavíssima harmonia?
Não escutas, Lisardo, aquele canto,
Que dá novo prazer, nova alegria?

Tu não reparas, não atendes quanto
Ali se apura o Músico instrumento,
Que novamente nos eleva tanto?

Fileno, dize tu, que alto concerto
Será este? Que vozes concertadas
Nos motiva um geral contentamento?

Dize, Fileno, dize que alternadas
Porfias de Pastores, e Serranos
Se escutam cada vez mais apuradas?

Fileno.

No festejo, que ali tanto se ateia,
Nenhuma parte tem a gente estranha;
Que move esse prazer, glória tamanha,
São Pastores também da nossa aldeia.

Conheço, que em toda aquela gente
Uns habitam além da nossa ponte,
Outros de meu casal moram defronte,
Onde passam a vida pobremente.

A pouco pelos seus casais passando,
Vê que se preparavam mui ligeiros,
Uma vezes dispondo os seus pandeiros,
Outras vezes as frautas temperando.

Sei que a todos presentes estou vendo,
E neles um recíproco alvoroço,
Que nos faz encantar: porém não posso
Perceber o que agora estão dizendo.

Lisardo.

Tu não sabes, Alcino, que os Pastores,
De quem ouvimos cantos alternados,
Por ti foram a dias convidados
Para virem cantar estes louvores?

Não vês cantar, que vamos à floresta,
E que vamos colher pelas Campinas
Purpúreas Rosas, cândidas boninas
Para do Grão Pastor c'roar a testa?

Não ouves outra vez dizer, que vamos
Lindas flores buscar, e que com elas
Fabricadas riquíssimas Capelas,
A nosso Tutelar ofereçamos?

Alcino.

Ah! meu Licardo, sim; vamos depressa:
Fileno, vamos, e do verde Louro
C'roemos a Nobilíssima Cabeça.

Porém onde acharemos flores de ouro,
Que possamos c'roar a rica Fonte
Sem desar, sem ofensa, e sem desdouro?

Fileno.

Entre as Ninfas dos nossos arredores,
Que costumam andar sempre toucadas,
Vamos a ver se achamos emprestadas
Algumas, que pareçam furta-cores.

Lisardo.

A pouco vi na mão de uma Pastora
Um cacho de boninas amarelas,
De tal sorte engraçadas, e tão belas,
Que as podia invejar a mesma Flora:

Conheci, que não eram flores muito raras;
Por trazê-las comigo fiz excesso,
Quis comprar, perguntei-lhe pelo preço,
Respondeu-me a Pastora, que eram caras.

Alcino.

Vem mostrar-me onde mora essa Serrana,
Que por elas darei todo o meu gado,
E tudo quanto tenho na Cabana.

Eu lhe darei o trigo semeado,
E darei finalmente só por vê-las
As divisas, que manda o meu Cajado.

Fileno.

Eu devo reprovar esse destino,
Em que todo contente te desvelas;
Porque temo, que saiam as Capelas
Com defeito: senão dize-me, Alcino,

Que das tuas riquezas afetadas?
Que do poder, que tu finges tamanho?
Onde está o teu gado? Onde o rebanho?
Onde as choças estão? Onde as manadas?

Uns seis, ou cinco bois cheios de ronha,
Que breve morrerão, pois não têm cura?
Dois Cabritos perdidos na espessura?
Uma vaca terrível, medonha?

Um Cajado de lenho muito antigo,
Que mostra de uma parte estar quebrado?
Um pequeno casal já derrotado?
Quatro milhos, e quatro pés de trigo?

Amigo, com tão pouco não pretendas,
Nem procures tecer uma Coroa,
Que possa digna ser, que seja boa,
E capaz de um Pastor de tantas prendas.

Lisardo.

Alcino, eu sei que neste passatempo
Tu arrastas pensões de agradecido:
Que assim devas obrar, eu não duvido;
Porém faze melhor o uso do tempo.

Modera-te um pouco, e muda de sistema;
Porque do Grão Pastor as qualidades
Merecem, que lhe teçam as idades
De finas pedras rico diadema.

Olha que o teu poder é muito pequeno
Nesta empresa, que tu segues ufano:
Vê que és pobre, e terás por desengano,
Que sincero te fala o bom Fileno.

Segue quanto te ordena o tempo vário,
Segue aquela razão, que eu também sigo:
Estimo a tua paz, sou teu amigo,
E não quero que corras temerário.

Não sigas o caminho da vaidade
Por sinceros Pastores reprovados:
Ao nosso Tutelar rende o Cajado,
Chega-te a ele, oferta-lhe a vontade.

Alcino.

Vamos, Lisardo, e todos fervorosos
Façamos, que este obséquio seja aceito
Do Pastor, que nos torna venturosos:

Vamos, pois, que a teu mando me sujeito;
Fujamos de cair no precipício;
E nos sacros Altares do respeito
Vamos fazer o nosso Sacrifício.

Recitada pelo mesmo Autor: pelo Padre José Vitorino Pereira Torres. E pelo Sargento-Mor João Carneiro da Cunha.

Assunto terceiro

Falam dois Ermitãos, que tendo de costume inventariarem as esmolas das Caixinhas, se convidaram entre si para festejarem os anos de Sua Excelência.

Antão, e Barnabé.

Romance Joco-sério

A.

Enfim, caríssimo Irmão,
Fizeram termo as fadigas;
Porque já me considero
Aqui nesta Academia.

B. A.

Caspite: Domine Doctor:

B.

Muito estimo a boa vinda

A.

Já sei que ainda não perdeste
Aquela feição antiga.

B.

Ora dizei-me, poltrão,
Forte monstro da preguiça,
Inda agora lá chegou
Desta função a notícia?

A.

Não, amigo, deste obséquio
Sou sabedor desde o dia,
Em que li a vossa carta
Nos Sertões da Parnaíba.

Mas como vinham comigo
De esmola vinte novilhas,
Não pude chegar tão cedo,
Como decretado tinhas.

B.

Vinte novilhas de esmola?
Bravo! Bravo! Viva! Viva!
Dizei-me, trazeis também
As avultadas pechinchas?

A.

Ó lá se trago! Eis aqui
Belas, e novas moedinhas,
Das quais entre nós faremos
Uma amigável partilha.

Chamaremos os amigos,
Passaremos grossa vida,
E mandaremos buscar
Um frasco de giribita.

B.

Dizeis bem, vá de função,
Ferva, meu Padre, a folia,
Bebamos, que a tudo chegam
As esmolas da Caixinha.

Mas antes que isto se faça,
É de razão, e justiça,
Que do nosso General
Cantemos os faustos dias.

A.

De que sorte cantarei
Qualidades tão distintas,
Se com os seus da jornada,
Perdi o temor, que tinha?

B.

Nada importa: fazei vós
O baixão, que eu faço a quinta;
E deste modo diremos
Meia dúzia de cantigas.

A.

Muito pouco me pedis,
Quando isso mesmo eu queria;
Porém primeiro que tudo
Contai-me da vossa vida.

B.

Ah! meu Padre, a Caridade
Já se acabou nesta Vila,
Porque não há quem mais dê
Esmolas para a Caixinha;

Tudo é uma choradeira,
E tomaram por cantiga:
Perdoe, Padre — Perdoe,
Que não há mais que farinha.

Quero deixar Pernambuco,
Passar-me a novas Províncias;
Enquanto não sou mais velho,
Quero visitar as Minas.

A.

Aprovo a resolução;
Mas por que tudo vos diga,
Quase me está parecendo
Essa história encarecida.

B.

Vitor sério: não é graça,
Nem o que digo é mentira:
Vede o que me aconteceu,
Inda não há cinco dias.

Andei por todo o Recife,
E passando a Boa Vista,
Não tirei com que comprasse
Um copo da Giribita.

A.

Sendo assim, eu também quero
Ir na vossa Companhia;
Porém antes de partirmos,
Vamos a nossa partilha.

Aqui tendes nesta bolsa
Oitenta mil, cento e trinta,
Dos quais tirando alguns cobres,
Tudo é ouro, e prata fina.

Destes quero reservar
Dinheiro para uma cinta,
Meia duzia de ceroulas,
Um chapéu, oito camisas.

Hei de tirar além disto
Um tostão para a caixinha,
E tudo o mais, que ficar
Pertence às nossas barrigas.

B.

Bela coisa: mas amigo,
Também é vontade minha,
Que se gaste do que trago
Algumas galantarias.

Lá na venda do Manguinho
Deixei quatorze galinhas,
Todas grandes, todas gordas,
Todas famosas, e lindas.

A.

Que as mandemos conduzir
A boa razão o dita,
Antes que voem nas unhas
Dos Gaviões de rapina.

B.

Também teremos de fumo
Umas vinte e quatro libras,
Que lá deixei em poder
Do Palhada nas Sabinas.

A.

Forte asneirão! Já sabeis,
Que obraste asneira crescida:
Dizei-me, há quem guarde fumo
Em casa de cachimbistas?

B.

Se o fumo temos perdido,
Lá na Cidade de Olinda
Tenho um samburá, que de ovos
Traz avultada quantia.

De arroz quatro, ou cinco alqueires,
De milho um cento de espigas,
Uma capoeira de frangos,
E dois sacos de farinha.

Três alqueires de feijões,
De açúcar duzentas libras,
Que tirei lá pelas matas,
Goianas, e Paraíbas.

Tudo isto posto no cobre.
E bem reduzido a china,
Bem chega para comprar-nos
De aguardente duas pipas.

A.

Ora dizei-me, meu Padre,
De todas essas coisinhas
Não reservais para o Santo
Ao menos a parte quinta?

B.

Quatro ovos, dez réis de fumo
Só lhe toca da partilha,
Que o mais reservado tenho
Para a nossa giribita.

A.

Dizeis bem, vá de função,
Ferva, meu Padre, a folia,
Bebamos, que a tudo chegam
As esmolas da caixinha.

B.

Amigo, vitor feição:
Vitor nossa bizarria:
Venha o frasco, venha o copo,
O pandeiro, e venha a Citra.

Com os ânimos dispostos,
Com os hábitos acima,
Havemos dançar, meu Padre,
Dez noites, quarenta dias.

Deste modo aplaudiremos
Ao som de uma rouca lira
Os dias, os faustos anos
De quem hoje nos domina.

A.

Muito bem: toca a brincar;
Mas, amigo, todavia
Receio a língua perversa
Desses outros Eremitas.

B.

Não me importa, que eles falem;
Não temo de suas intrigas;
Um par de dias havemos
Contentes passar a vida.

A.

Por isso é que nos inveja
Um Ermitão das Salinas,
A quem chamam o Por baixo,
Objeto da zombaria.

Por essa razão murmuram
Esses lá da Boa Vista,
Principalmente o Moreno,
Que é de todos o baliza.

B.

É célebre esse taful;
Tem coisas tão esquisitas,
Que quem lhe não dá esmola,
Não quer que beije a caixinha.

Traz as costas de um moleque
De couro duas mochilas,
Em que recolhe as esmolas
De arroz, feijão, e farinha.

A.

E que dizeis vós, amigo,
Do nosso Antônio Garcia,
Ermitão de Santo Amaro,
Casado com a Felipa?

B.

Com a Felipa chorona?

A.

Sim, com essa tal rezinga?
Que se quis fazer também
Ermitoa de caixinha.

Sabeis que mulher é essa?
Com razões, e valentias
Fez o pobre do marido
À força ser Eremita.

E tanto que ele se afasta
Do que ela lhe determina,
Arma-se de sorte, que
Chega mui bem a urtiga.

Anda de dia, e de noite,
E como uma ferrobilhas
Não perde rua, nem beco,
Nem lhe escapa freguesia.

O marido d'outra parte
Vai alimpando as galinhas
De sorte, que não se encontram
Ovos para as medicinas.

Deste modo vão vivendo
Sem trabalho, sem fadiga,
E entre si desfrutando
Uma regalada vida.

B.

Assim lá nos Afogados
O Bernardino versista
Metido a comediante,
E professor da Surgia. (sic)

Enfim somos os primeiros,
Amigo, nesta Província,
Que os mais com capa de Santos
Fazem coisas inauditas.

A.

Se a noite é para recreio,
Que coisa tanta alegria,
Venha para chupetarmos
O frasco da giribita.

B.

Dizei bem, vá de função,
Ferva, meu Padre, a folia,
Bebamos, que a tudo chegam
As esmolas da caixinha.

Mas tornando-nos a esses
Padres Mestres das Ermidas,
Já ouviste dizer que houvesse
Outra gente assim vadia?

Tanto que se consideram
Dominados da preguiça
Logo tomam por negócio
Carregar uma caixinha.

E com ela ao tiracolo
Passam a diversos climas,
Inculcando-se Profetas
Do verdadeiro Messias.

Assim estes indivíduos,
Mestres de toda a malícia,
Em breve tempo se fazem
Gigantes da hipocrisia.

Uns andam pelos Sertões
Sapecando moedas ricas
A título de Missionários,
E de mestres de doutrina.

Assim ficando eles logo
Consumados fazendistas,
Com as esmolas dos Santos
Compras casas, dotam filhas.

B.

Outros andam pelas matas,
E por partes esquisitas,
Como falsos dispenseiros
Do que a Igreja Santa ensina.

Eles famosos Pedantes,
De ignorância conhecida,
Ali deixam mil abusos,
Aqui introduzem cismas.

Eles, em uma palavra,
São na minha estimativa
Homens de má consciência,
Canalha sempre maligna.

Por exemplo, o Ermitão,
Que lá benzeu as formigas
Junto à Vila de Ig'raçu
Na roça de Mestre Elias.

A.

Eu não conheço, meu Padre,
Nem tenho leve notícia
Desse barbassás, em quem
Tanto poder se admira.

B.

Vós não conheceis o Suga,
Famosíssimo Rezinga,
Que depois de Ermitão foi
Ventenário da Justiça?

Esse que fingido cego,
Por melhor passar a vida,
Andava tirando esmolas
Da Mata nas freguesias?

A.

Bem conheço, mais agora
Quero que me deis notícia
Da substância, modo, e forma
Com que tal bênção fazia.

B.

Chegando ele à dita roça,
De um grosso pau de maneira
Fez Oratório, no qual
Dependurou a caixinha.

Começou logo a benzê-las
Com orações de mendinga,
Tiradas do Patuá
De um Valentão do Paulista.

Dizem que rezou também
Umas orações latinas,
Usadas na Ferradura,
Feitas na Lagoa Istígia.

A.

Tudo isso vemos que são
Famosas feitiçarias:
Mas dizei-me, onde vai ter
Esta nossa Ladainha?

Nós não vimos ajudar
Os festejos deste dia,
Em que faz anos aquele
Digno Esplendor da Milícia?

B.

Vimos festejar o César,
Cuja condição benigna
Nas algemas do respeito
Tantos corações cativa.

A.

Não vimos louvar, amigo,
Aquele Herói, que se inclina
Sempre para a Compaixão
Sem ofensa da Justiça?

B.

Sim; vimos agradecer
A lhaneza, a cortesia,
Com que sabe prosperar
Todas as nossas fadigas.

A.

Pois como então nos demora
Uma questão, que é distinta?
Como vamos prosseguindo
Na vida dos Eremitas?

Façamos festa, brinquemos
Toda a noite, e todo o dia:
Do nosso Herói o Louvor
Se escute nas nossas línguas.

B.

Roguemos ao Céu, que aumente
Essa vida tão precisa,
Para que sempre conosco
Viva o nosso César: A. Viva.

Recitado pelo mesmo Autor, e pelo Sargento-Mor
João Carneiro da Cunha.

[Padre José Vitorino Pereira Torres]

Aos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

Assunto primeiro

ODE

Cisnes Americanos,
Que juntos celebrais o grande dia,
Em que um César faz anos:
Soltai a vossa métrica harmonia,
E seus merecimentos
Inflamem vossos altos pensamentos.

Cantai a gloriosa
Ceres dos claros seus Antepassados,
Que a Pátria tão famosa
Tornaram com os seus feitos sublimados:
Que tanto trabalharam,
Que o Reino, que as Conquistas dilataram.

Cantai o País virtuoso,
Que meus cansados olhos conheceram:
Herói tão respeitoso,
De que as graças sócias, se fizeram;
Produção generosa
Da ilustre geração de Sabugosa.

Cantai... mas novo alento
Tomai agora, ó Vates Sonorosos;
Mais sublime argumento
Esperam vossos metros numerosos:
Cantai em tom mais alto,
Que tanto assunto qualquer canto é falto.

Já vos vejo ir voando
A consultar as filhas da Memória,
E no áureo templo entrando
Queredes ler escrita em bronze a história
Muitas, e muitas vezes
Do nosso César, do ínclito Meneses.

Logo vereis o hospício,
Onde os olhos abriu à luz primeira:
Terra, que um benefício
Fez tão sublime a Lusitânia inteira,
Deve ser respeitada
Do voraz Tempo, da Fortuna irada.

Venturosa Bahia,
Que és de um tal Filho Mãe afortunada,
Quanto choraste o dia,
Em que dele perdeste a vista amada!
Se tu agora o vires,
Que prazer doce dentro em ti sentiras!

Depois vê-lo-eis entrando
Pela áurea foz do Tejo vagaroso,
Que os alvos pés lavando
A filha está de Ulisses cauteloso:
A solta, e ruiva areia
Pisando, o abraça a ínclita Ulisséia.

Logo se alista ousado
Entre as bravas falanges de Mavorte,
E de valor armado
Do mar se entrega à duvidosa Sorte:
As velas desferindo
Vai Mancebo servir de pasmo ao Indo.

Vede-o lá manejando
C'o forte braço a cartadora espada:
O ilustre peito dando
Ao dardo voador, a seta ervada:
Em tão longo desterro
Ferido foi do fraudulento ferro.

Assim, raro, Meneses
Assim se abre o caminho à Fama, e glória:
Assim os Portugueses
Sobem ao Templo da imortal Memória:
Pelo Rei pelejando,
O Generoso Sangue derramando.

Já pela salsa via
Torna César, de palavras coroado,
À dor nova alegria
À Lusa Carte, ao velho Pai amado,
A quem amamos beijando
Vai nas Santas virtudes imitando.

Aqui se faz tão digno
Do austero militar Comandante,
Que o Monarca benigno
Na Tropa o emprega ao seu valor atento;
Até que Alto, e Superno,
Lhe põe nas mãos as rédeas do Governo.

Soam da Fama os brados:
Sobre as ondas flutua o leve Pinho:
Pretendem os honrados
Passar com ele o lúbrico caminho,
E corre iguais parelhas
O Sagrado Pastor destas Ovelhas.

Pernambuco ditoso,
Quão de longe o socorro o Céu te envia!
No tempo proceloso,
Em que o bi-fronte Jano a porta abria:
É certa a tua glória,
Cinge na frente os Louros da vitória.

Canora Companhia,
Um novo influxo sobre vós se estende:
Em tão brilhante dia,
Do vosso canto o grande obséquio pende.
Fazei o Sacro ofício:
De José se festeja o natalício.

De José Antônio da Silva Guerreiro.

Ao mesmo assunto.

SONETO CAUDATO

Entregue ao sono a pouco descansava,
Quando se me apresenta Marte ao lado,
De morrião, escudo, e lança armado,
Como quem pronto a combater estava:

Depois vi que a viseira levantava,
Que os turvos olhos tinha em mim gravado,
E rompendo num tom medonho, e irado,
Estas vozes comigo articulava:

Tu num letargo jazes indolente,
Quando todos os Vates Soberanos
Se ajuntam para ação tão excelente?

Acorda, se não és desses profanos,
Corre a Palácio, voa diligente,
Louva de César os felizes anos.

Saltei do pobre leito,
E do grande Mavorte estimulado
Vim render-vos, Senhor, o meu respeito:
Oxalá que eu mereça o vosso agrado.

[Sem indicação de Autor]

Assunto segundo

Aos felizes anos de Sua Excelência.

ODE

Emprender sem talentos
Coisas grandes, assuntos não vulgares,
É ir exposto aos ventos
Por incógnitos mares
A ser ludíbrio vão dos elementos.

Febo claro, e luzente,
Que a fúria dás, que o Estro aos teus prescreves,
Atende-me clemente,
E com influxos breves
Ilustra a minha escurecida mente.

Põe-me na boca os hinos
Que se devem cantar a Heróis famosos;
Dita-me versos dignos,
Suaves, numerosos,
Que encantem os Espíritos Divinos.

Nasceu o Grão Meneses
Para glória do Século presente,
Para opor-se aos reveses
Do ferro refulgente,
Que se vibrasse contra os Portugueses.

E como hei de louvar-te,
César Ilustre, o raro nascimento
Sem estilo, sem arte?
Ajude o nobre intento
O Deus, que as luzes pelo Céu reparte.

Mas ah! que em meu socorro
Baixando vem de esplendor cercado!
Vem, vem, que a ti recorro:
Já todo transportado,
D'outra matéria com furor discorro.

Façamos breve idéia
Das nobres, virtuosas qualidades,
De que César se arreia,
E as vindouras idades
Fique de seu bom nome a terra cheia.

Que excelente modelo,
Dos fortes Generais, Governadores,
Que por fogo, e por gelo,
Por grandes defensores
Da Pátria, não tiveram paralelo.

Por ele hoje apenas
Se faz recordação, se faz memória
Dos Generais de Atenas:
Té diminui a glória
Dos famosos Eugênios dos Turenas.

Tem a Santa Clemência
Junto a si abraçada c'oa Justiça:
Castiga com prudência
A ávida cobiça.
E sempre ampara a cândida Inocência.

Parece que o destino
Quer estingüir com César a lembrança
De Tito, de Antonino:
Talvez na Segurança
De que é mais justo que eles, mais benigno.

Que viva [...]
Não se acende naquele Ilustre peito,
Se vê a humanidade
Tratada sem respeito
Pelas mãos da maligna infermidade!

Ó entranhas benignas,
Que sois da Santa Compaixão tocada,
Só vós é que sois dignas
De serdes celebradas
Pelas Filhas de Apolo peregrinas.

Ante vós a pobreza
Se não é rica, tem o que lhe basta:
Preza-se a singeleza,
E nada vos arrasta
A fazer um opróbrio à Natureza.

Vós sois... mas quem se atreve
A recolher um mar, que é quase imenso,
Dentro de espaço breve,
Que por comum consenso
Não seja tido por ousado, e leve!

Só um consenso pudera,
Um Sá Meneses, Castro, e um Ferreira
Ir a tão alta esfera,
Que eu para tal carreira
Ícaro sou, e tenho asas de Cera.

E se atrevido falo,
Provém do grande assunto, que hoje tomo:
Já temido me calo;
Porque rir vejo a Momo
De tanto ardor, que deste feito exalo.

Só vós, Americanos,
Deixareis para os tempos posteriores
Poemas Soberanos,
E neles os louvores
De César, e de seus felizes anos.

Do mesmo Autor.
[Sem indicação de Autor]

Ao mesmo assunto.

SONETO

Claras Filhas de Jove, que o tesouro
Possuías das ações eternizadas,
Tendo nele as futuras, e as passadas
De um César, em quem nunca houve desdouro

Ornai, Ó Deusas, de Sagrado Louro
Os áureos bronzes, em que estão gravadas,
E sejam por Vós hoje divulgadas,
Por Vós, e pelas vossas bocas de ouro:

Porém se os vossos divinais assentos
Percebidos não forem dos humanos,
Por serem curtos seus conhecimentos;

Abri-me esses recônditos Arcanos,
Prestai-me Luzes, infundi-me alentos,
Que eu só de César louvarei os anos.

Do mesmo Autor.
[Sem indicação de Autor]

Assunto terceiro

SONETO FESTIVO

Belas Ninfas, que estais ouvindo agora
Do nosso General os Natalícios,
Saí sobre essas águas, dai indícios
Da alegria, do gosto, que em Vós mora:

Ide dar parte a ínclita Senhora
Do Mar, a quem fazeis mil sacrifícios,
Que saia desses seus reais hospícios,
Que mostre a face, que Netuno adora:

Que em veloz carro de Delfins tirado
Com ledo rosto, Majestosa fronte,
Do Rei das águas venha ao destro lado:

Ele a César tribute o seu Tridente:
Ela lhe mostre com risonho agrado,
Quanto seus anos hoje a tem contente.

Do mesmo Autor.
[Sem indicação de Autor]

Ao mesmo assunto.

SONETO FESTIVO

Noite, que sendo triste as mais das vezes,
Me hás de ser por alegre bem lembrada;
Foste ditosa, foste afortunada,
Como tudo não há outra há muitos meses:

Nos Reinos, nos Domínios Portugueses
Talvez que não serás tão festejada:
Mas que muitos se foste consagrada
Aos anos de Ilustríssimo Meneses.

Se inda não tens a bela Companhia
Da clara, formosíssima Diana,
Com a qual fazes competência ao dia:

A presença de César Soberano,
Que como Sol agora te alumia,
Te faz, ó Noite, mais alegre, e ufana.

Do mesmo Autor.

[Sem indicação de Autor]

Assunto primeiro

As virtudes do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses foram sempre saudosas, e eternos os seus anos na lembrança dos homens.

ODE

Aquele Herói constante,
Que da nobre virtude segue os passos,
Com plácido semblante
Da vil traição não teme ocultos laços:
Armado da inocência, que o defende,
Seu valor não se abate, não se rende.

Sempre intrépido, e forte,
Fiel à Pátria, ao Príncipe, aos amigos,
Não teme adversa sorte:
Suporta as aflições, vence os perigos;
Cheio dos sentimentos da verdade
Mais se inflama no amor da Heroicidade.

Benigno favorece
A todos: ouve a todos com ternura;
Isento do interesse,
Funda no amor dos Povos a ventura:
Bem longe de reinar nele a cobiça,
Equilibra a balança da Justiça.

Do mundo respeitado,
Triunfante sobe ao Templo da Memória:
Seu nome celebrado
Nos fastos o conserva a larga história
Vive sempre imortal, e sempre isento
Do vil, e negro pó do Esquecimento.

Seguindo a mesma estrada
O César, com cuidado, com desvelo,
Na glória desejada
Emprega todo o seu ardente zelo:
Nas virtudes se ensaia, se exercita,
Herói se forma, grande se acredita.

Dotado da mais nobre,
Da mais pura, e da mais terna clemência;
Ou seja rico, ou pobre,
A todos mostra igual benevolência:
Zombando dos fingidos artifícios
Enfreia as liberdades, doma os vícios.

Da péssima vaidade
Sempre inimigo; preza mais que tudo
As Leis da humanidade;
Nelas fazendo o seu maior estudo,
Enche o caráter dum Herói perfeito,
E com amor consegue o seu respeito.

Aquela mão benigna,
Costumada a fazer tantos favores,
Não somente se inclina
A imitar os seus Progenitores;
Inda quando mais segue estes modelos,
Não os quer imitar, quer excedê-los.

Não como outros vaidosos,
Que no tronco dos Maiores encostados,
Só narram gloriosos
Os triunfos dos seus Antepassados,
Persuadidos que à sombra dessa rama
Padrões lhe há de erigir eterna fama.

Feliz tu, que despido
Dessa vaidade, marcos refulgentes,
Em pedestal erguido,
As estátuas dos Nobres Ascendentes
Não procuras fazê-las elevadas,
Por que sejam dos Povos incensadas.

Esses Heróis perfeitos
Sim, te servem de nobre incitamento;
Mas com estranhos feitos
Não pretendes honrar o teu talento:
Bem longe desse vício, e bem distante
Procuras outra estrada mais brilhante.

Com idéias profundas
Nas ações próprias dás maior exemplo;
Nelas é que te fundas;
Com elas sobes ao dourado Templo
Da Fama; entre os Heróis ali sentado
Fazes teu nome eterno, e respeitado.

Zomba da sorte avara,
Ó César, não receis a mudança;
Que essa virtude rara
Te fará sempre vivo na lembrança,
Os teus dias fará sempre saudosos,
Os teus anos eternos, e gloriosos.

De José Vitorino Pereira Torres.

Presbítero Secular.

Fazendo anos o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

Assunto primeiro

As virtudes do Superior são as que conciliam a veneração dos Súditos.

SONETO

Não é só o temor da Majestade,
Nem das armas o estrépito a violência,
Que conservam ligada a obediência
Aos sinceros afetos da vontade:

A Prudência, a Justiça, a Eqüidade,
De que é digno Exemplar Vossa Excelência,
Foram sempre os motivos da existência,
Donde pende a união da Sociedade.

E se pelas virtudes, que contemplo,
Outro César Augusto entre os Romanos
Se conserva da Fama inda no templo;

Cantem hoje os fiéis Americanos
De Vós, César Ilustre, as leis do exemplo,
O esplendor da virtude, os vossos anos.

Do Sargento-Mor João Carneiro da Cunha.

Assunto primeiro

Louva-se o prudente governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses no dia, em que faz anos, representado no nome de Montano.

ÉGLOGA

Frondélio, Eulino, e Umbruna.

Um álamo frondoso,
Cuja copa escondia
À margem fresca de uma clara fonte,
Os Zéfiros por entre as verdes ramas
Respirando suaves,
O sussurro das águas,
Os sonoros passarinhos ligeiros
Saltando de uma folha em outra folha,
Tudo ali concorria, e convidava
O Pastor ao repouso, que buscava.
Frondélio era que vinha
Da campina fugindo do Sol ardente;
Ali põe o Surrão, o dardo encosta;
Ali enquanto o gado à fonte manda,
Sobre a relva se deita:
Quando ouve uma harmonia desusada,
Um canto tão sublime, e tão divino,
Que se Títiro, ou Glauco ali cantara,
Nunca com tanto espanto se escutara.

Transportado, e absorto
Frondélio da doçura, que escutara,
Levanta os olhos para aquela parte,
Figura-se-lhe Eulino:
Eulino, Eulino (diz) apressa o passo,
Se és Eulino, Pastor, que te conheço?
Apenas pela forma, pois teu canto
Infunde novidade, causa espanto.

Frondélio.

Que influência celeste,
Que oculta divindade
Tanto, tanto de gosto te reveste,
De tanta suavidade?
Dize, que Estro p'regrino
Te possui, Pastor, responde, Eulino?

Eulino.

A doce melodia,
Este suave canto
Produção não é própria da Talia,
Não pode a Musa tanto:
Do objeto são efeitos,
Sobre que hoje versam meus conceitos.

A frauta, que mais soa,
A voz mais delicada,
Tudo quanto a Sanfona hoje pregoa
Acorde, e temperada,
Tudo diz de Montano
No dia, que celebra de ano em ano.

A pompa Luminosa,
Que Febo hoje reparte,
Torna jocunda, torna venturosa
Do mundo qualquer parte:
Eu vejo neste dia
Verter-se o Céu, e a terra de alegria
As aves despertando
As horas matutinas,
Suaves mais que nunca andam cantando;
Ali sobre as campinas
Uma, e outra saudava
A manhã, que sorrindo se chegava.

Das árvores caindo
As lágrimas d'Aurora,
De pérolas o campo estão cobrindo,
Esse campo de Flora:
Árvores, e flores
Ostentam novas galas, novas cores.

Os sátiros deixando
O seu triste aposento,
Doces hinos, e trovas vêm cantando;
Por mais contentamento
Os seguem Ninfas belas,
Êmulas dos Astros, das Estrelas.

O campo todo, o prado,
Frondélio, e a floresta,
Diversa natureza têm tomado;
Até já manifesta
Anúncios da ventura
O monte, o vale, o bosque, e a espessura.

Frondélio.

Eulino, tudo quanto
Eu tinha admirado,
Agora não me causa mais espanto:
Do objeto adorado
Inda podem os ecos
As penhas abalar, os troncos secos.

No dia, em que numera
Seu claro nascimento
O nosso Maioral, ó quem tivera,
Eulino, um alto assento!
Cantava eu a história,
Que o meu peito inundou de gosto, e glória.

Eulino.

Eu louvo a santa inveja;
Mas vê que estou de posse,
Frondélio, dessa dita, a ti sobeja
Ouvires-me (sic): Ó se fosse
O meu estilo tanto,
Que igualasse o objeto do meu canto.

Sabes, Frondélio amado,
Que a pouco vim da festa,
E de vê-la fiquei quase assombrado:
Soa toda a floresta,
Ali tudo são fogos,
Brincos, danças, carreiras, bailes, jogos.

Ali trava-se a luta,
Levanta-se a cestinha,
Atira-se a lança, o carro se executa,
Cantava a Pastorinha,
Cantavam os Pastores,
Porém nenhum cantava os seus amores.

Um canta a providência,
Com que fiel ocorre,
O nosso Maioral; outro a clemência,
Com que a todos socorre,
Metendo com brandura
Nestes campos a paz, e a ventura.

Outro louva a inteireza
Da mão, com que sustenta
O fiel da balança, que mais preza:
Ele se representa
Astréia refulgente
Repartindo a Justiça retamente.

Outro o esforço grande,
Que do peito em ardores,
Alentando as virtudes, por mais que ande,
Sempre vence os terrores;
E tanto mais se avança,
Na sua fortaleza, menos cansa.

Outro no corpulento
Cedro o nome entalhando
De Montano em terno documento:
A este outro ajuntando
De César Brasileiro,
Outro abre de Meneses um letreiro.

Frondélio.

Outro . . . Suspende, Eulino,
Que um Pastor ali passa
Com seu gado, e segundo eu imagino,
É pelo jeito, e graça
O sobrinho de Algano
O nosso caro amigo, o fiel Umbrano.

Eulino.

Ser ele ninguém nega:
Vejamos se encaminha
O passo para cá: ei-lo aqui, chega
Pastor, que dita minha
Foi ver-te amigo caro;
Goza conosco aqui deste reparo.

Frondélio.

Eu mal te distinguia,
Quando todo este peito
De glória, e de prazer tanto se enchia:
Porém mais satisfeito
De ter-te já presente,
Maior gosto, e prazer meu peito sente.

Inda agora aqui nesta
Margem fresca sentado
Eulino me contava a grande festa,
Que ao Mundo deu cuidado,
Do Maioral; ó quanto
Tu gostaras de ouvir seu doce Canto!

Umbrano.

Se esta dita eu lograra,
Quão venturoso fora!
Porém dela me priva a Sorte avara:
Se tenho aqui demora,
Lá vai o meu Rebanho,
Vê, Pastor ao depois que mal tamanho.

Frondélio.

Umbrano, e todavia
Receias, que o teu gado
Possa andar pelo Campo sem espia?
O mais tempo é passado;
Deixa-o andar, Umbrano,
Que para defendê-lo tens Montano.

Antes que aqui entrasse
Este Pastor prudente,
Não havia um só que se não queixasse:
Clamava geralmente
O Pastor, a Pastora,
Chorava o Lavrador, a Lavradora.

Os tenros cabritinhos
Andavam desgarrados
Balando atrás das mães pelos caminhos:
Os bois emaranhados,
Os Serranos aflitos
Corriam pelos montes dando gritos.

Os Cajados tingiam
De Sangue na defesa;
Os perros já da porta não saíam
Defendendo a divisa:
Inda assim se não davam
Por seguros; das choças desertavam.

A tímida Serrana
Da roca não sabia:
A branda teta junto da Cabana
Qual é o que mugia?
Que mel dava a colméia?
Que fruta então se gostava na Aldeia?

Umbrano.

Pastor, em vão te cansas,
Não contes essa história:
Ora dize, Frondélio, não alcanças
Que a todos foi notória?
Eu sou Pastor estranho?
Aqui também não tinha o meu Rebanho?

Quanta, e quantas vezes,
Meu Frondélio (eu não minto)
Sobre o Lobo corri, que as minhas reses
Procurava faminto?
E quanta noites, quantas
Não gastei vigiando as minhas plantas?

Frondélio.

Entra Montano: eis quando
O seu Semblante Augusto
Tanta graça respira, humor tão brando,
Que lança fora o susto,
Desterra o mal, a morte;
Ó mudança feliz! Ó feliz sorte.

Já pasta sossegado
O tímido Rebanho:
Já não se sente uivar o Lobo irado;
Seguro está o amanho
Sem vigia, sem perro,
Nem no sangue inimigo se senta o ferro.

A sincera cantiga,
A frauta já se escuta;
Já se vê na Seara a branca espiga:
Também se colhe a fruta,
Até o Mocho triste
Já não grasna, no choupo, em que ele assiste.

Alegre a Pastorinha
As cabras apascenta;
A Serrana na porta da casinha
Já sua roça aumenta:
O rústico vaqueiro
Já muge o branco leite mais ligeiro.

Agora, meu Umbrano,
Já crescem as manadas:
Tudo isto devemos a Montano:
Verás tu bem logradas
As tuas sementeiras
Sem mais outra defesa, que as Porteiras.

A rixa, e a discórdia
Ele é que pacifica;
Do descanso feliz, e da concórdia
Ele nos certifica;
E nos casos incertos
Ele é quem nos inspira os bons acertos.

O vício aborrecido
Por ele é castigado:
A injustiça do Campo tem fugido;

Ele é quem nos tem dado,
Amigo, quanto temos;
E com que tanto amor lhe pagaremos?

Umbrano.

Os Pastores contentes
Do campo e da Serra
Venham todos votar obediência;
Concorra toda a terra,
Até do mar concorram
Pescadores, uns andem, outros corram.

Escolham das manadas
As reses mais nutridas;
Tirem das conchas feias, e salgadas
As pérolas luzidas,
A fruta saborosa
A rama do Coral mais preciosa.

Frondélio.

Dois recontais mimosos,
Que tenho em muita estima,
Por serem remendados, e formosos,
Já vou pô-los em cima
Do Altar em sacrifício
Do meu rendido obséquio curto indício.

Eulino.

E tu, Frondélio amigo,
Ver-me-ás coa mão colhendo
A castanha, a maçã, a pera, o figo;
Ver-me-ás tudo of'recendo;
Verás com quanto pejo
Meto a mão no Surrão, por dar-lhe o queijo.

Frondélio.

Verás a nossa Aldeia,
Se acaso tanto posso,
Na frauta, de Montano sempre cheia.

Eulino.

Verás que o Campo nosso
Ao som da minha Lira
O seu nome Sagrado só respira:

Que os ecos concertados
Voltando lá dos montes
Formaram novo assento pelos prados
Cercando os Horizontes;
Eles farão eterno
Do nosso Maioral o bom governo.

Assim os dois Pastores
Seus versos entoando,
Sem que um de ouvir o outro
Cansaço algum sentisse, nem desconto;
Levantou-se da relva
Ao ver que se chegava a noite escura:
E Umbrano, que se achava ainda absorto
De quanto ali ouvira,
Deste modo ordenava
O rosto, que sincero consagrava.

[Sem indicação de Autor]

SONETO

Sai o rico a votar de madrugada,
Parte o pobre depois já de alto dia;
O pobre leva o leite, que mugia,
O rico os bois melhores da manada.

Chegam ambos à Aldeia desejada,
Onde toda a oblação se recebia;
E aquela, que pequena parecia,
Por sincera ficou mais avultada.

Corra Frondélio embora, corra Eulino,
Oferte qualquer deles mui ufano
A branca rês, o pomo peregrino.

Chegue por derradeiro o pobre Umbrano,
Entregue o branco leite, que imagino,
Será mais bem aceito de Montano.

De José Gomes da Costa Gadelha.
Presbítero Secular.

Assunto segundo

Nada assegura mais o governo público, que a afabilidade para com os Súditos.

SONETO

A base, o fundamento, a segurança
De qualquer Reino, Império, ou Monarquia,
O brasão, o solar da Fidalguia
Nos agrados do Príncipe se alcança:

Os Súditos vivendo na esperança
Do bem, que lhes promete a cortesia,
Vão firmando o governo cada dia
De sorte, que não possa ter mudança:

Um gênio compassivo, um trato urbano,
Um afável Semblante, um peito terno
Se contempla no César Lusitano:

Assim o nosso Herói se faz eterno;
E da idade, que conta cada um ano
Um padrão, que sustenta o seu governo.

Do mesmo Autor.

[José Gomes da Costa Gadelha]

Assunto primeiro

Aos felicíssimos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

SILVA

De vosso Natalício Soberano
É este o fausto dia,
Que aumentando o geral contentamento
Numera mais um ano,
Cheio de gosto, e cheio de alegria,
A vossa idade, a vossa glória aumento.
Porém que digo? Só se aumenta a idade,
A glória, a heroicidade
De um tal Varão, com tempo não melhora,
Pois se crescer pudesse, Herói não fora.

De seus anais a Americana História
Este dia ditoso
Entre os fastos porá: Alegre dia!
Criado para glória,
Para timbre imortal, e para gozo
Ou já de Pernambuco, ou da Bahia.
Mais gosto a Pernambuco não causava
O dia, em que prostrava
Aos perfeitos, tiranos Holandeses,
Do que este, em que anos faz o Seu Meneses.

Qual haverá, a quem não toque parte
Deste contentamento,
Ou grande, ou pequenino, ou rico, ou pobre?
Os Alamanos de Marte
Ostentam o prazer no Luzimento:
Distante Lísia os júbilos descobre;
Da maior Hierarquia hoje a Nobreza
Das galas na riqueza
De si fará ostentação pomposa
Pela rama feliz de Sabugosa.

Eu vejo no vastíssimo Oriente
Causar horror, e susto
O dia, que é motivo à nossa glória.
O Maratá valente
Treme o pérfido Achom ao nome, ao nome Augusto.
E inda assustados trazem à memória,
Que infundindo o terror por toda a parte
Do belicoso Marte,
Faria vosso esforço Soberano
Respeitável o nome Lusitano.

Ó César! e melhor dissera, Ó Tito,
Da América delícias!
Se o vosso Natalício mais cem vezes
Louvasse este distrito,
Sempre novos afetos, e carícias
Verias nos amantes Portugueses;
Amor lhes aumentara o tempo instável,
Para que perdurável
Convosco sua glória se aumentasse,
E convosco seu bem não expirasse.

Eu bem quisera aqui fazer patente,
Pois não cabe no peito,
O meu justo prazer, gosto excessivo:
A lisonja indecente
Vá fora, longe vá do meu conceito:
Para um digno louvor sobra o motivo
De prendas nesse pélago profundo;
Pois para elogiar tão grande objeto
Faltam as expressões, sobra o conceito.

Se de Admeto o Pastor menos avaro
Comigo repartisse
Do seu Sacro furor, estro Divino,
O vosso nome raro
Eu cantara de sorte, que se ouvisse
No clima mais remoto, e peregrino
Ao forte impulso da Suave Lira:
Mas vejo que delira
Quem vos rende sem ter de Apolo o indulto
Em mal formada rima impróprio culto.

De João Batista de Sousa.

Assunto terceiro

História da Cota Marota no dia, em que saltou em terra Sua Excelência.

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Hei de contar uma história
Da mais decantada velha;
História tal, que por pouco
Ía acabando em tragédia.

É esta a Cota Marota,
Mais idosa, que sambeta,
Tal velha, que já seus netos,
De muito velhos morreram.

Já no tempo do Levante
Dizem que casada era:
Grande mestra de patranhas,
De Madres, grã benzedeira.

Come mais do que uma impingem,
Sempre de fome se queixa,
Bebe mais que dez almudes,
E imbebe mais do que areia.

Mechas, cachimbo, tabaco
Come, bebe, masca, e cheira;
De tabaco meia quarta
É a ração de cada venta.

Cautela, Senhores meus,
As suas peles defendam;
Que as ventas são dois morteiros,
Quando os moncos descarregam.

Esta vendo aproximar-se
A nau, que a nossa terra
Conduziu o maior bem,
Trazendo a Vossa Excelência:

Vendo geral alvoroço,
O gosto, a alegria extrema,
Com que todos se auguravam
Felicidades mui certas:

Um exagerava o modo,
Pintava outro a gentileza;
Louva este o garbo, o asseio,
Admira aquele a prudência.

Bofé (disse) eu nunca vi
Com tanta alegria, e festa
Governador esperar-se
Entre tantos, que me lembram.

Sabe Deus, se este Fidalgo
É dos do meu tempo, e era;
Se será Egas Muniz,
Ou Nuno Alvares Pereira:

Ou outro dos que eu tratei
De Aljubarrota na guerra;
Em casa de minha Tia,
A celebrada Forneira.

Quero vê-lo, porque quero
Hoje com sua presença
Recordar doces memórias
Da minha idade e primeira.

Olá Catita, ó Bitu,
Vão-me tirar com presteza
Daquela caixa de Pinho
A minha roupa de Igreja.

O meu Capelo amarelo,
Saia de duas maneiras
E não esqueça o cartucho,
Em que tenho as minhas mechas.

Ah meu tempo! Ah tempo amado,
Em que as Matronas honestas
Com seu cabeção de talho,
Que os peitos cobria apenas,

Saia branca, pés no chão,
Pentes grandes na cabeça,
Com seu cachimbo na boca,
E as argolas nas orelhas,

Pareciam tão bonitas,
Tão guapas, tão estupendas,
Que contavam pretendentes
Não a pares, a dezenas.

Assim também era Eu,
Que por dentro da Varupema
Em passando os rufiões
Me escondia com cautela.

Mas ao depois por detrás
Os lambia às furtadelas:
Palavras não eram ditas,
Eis que se escuta uma peça.

Minha Sinhá diz Catita,
Olhe que o Fidalgo chega,
Vista-se com mais demora,
Se o que ver não se detenha.

Era para ver a Cota
Como agoniada, e trêmula
Cabeção, saia, e capelo,
O manto, a cinta, as chinelas,

Tudo vestiu num instante
Com notável ligeireza:
Mas com tudo isto os unguentos
Da cara não lhe esqueceram:

Mas untou-se de tal sorte,
Que fez da cara careta;
A cinza de alhos nos beiços,
Pôs o rabique na testa:

O alvaiade em lugar
Das faces nas sobrancelhas:
Desta sorte pelas ruas
Aqui cai, ali tropeça;

Lobrigaram-na os rapazes,
E logo sem mais detença
Um lhe puxa pelo manto,
Outro lhe dá cassoletas.

Viram como a uma coruja,
Se sucede que apareça,
Bem-te-vis, e Sanhaços,
Gurinhatãs, Lavandeiras,
Sabiás, Xexéus, Bicudos,
Té marimbondos, e abelhas,
Já com bicos, já com unhas
A perseguem, e rodeiam?

Pois da mesma sorte a Cota,
Racional coruja feita,
Socorro, e auxílio implorava
Contra a pueril caterva.

Um Ancião, que passava,
Pôs em paz toda a tormenta:
E lhe diz que quer, Senhora,
Onde vai com tanta pressa?

Ah! meu filho, diz a Cota,
Ia ver Sua Excelência:
Se a isso vai, já é tarde,
Pois não sei que nuvem densa

Do nosso bem invejosa
O oculta à nossa presença:
Mas eu dele lhe darei
Uma relação completa.

É gentil, discreto, afável,
Dado a uma, e outra Minerva,
Liberal sem profusão,
Valoroso com prudência.

Mas que muito, se ele imita
Do Pai tanto as altas prendas,
Que faz timbre de igualá-las,
Quando não chegue a excedê-las.

Sim meu filho, Deus permita,
Porque eu morra satisfeita,
Que ele estes povos governa
Anos, épocas eternas.

Do mesmo Autor.

[João Batista de Souza]

Assunto primeiro

Verificam-se no Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses aquelas palavras do César Romano: Cheguei — vi — e venci.

SONETO

Nasceu César na terra para glória
Desse Império do Mundo, cuja espada
Nas palestras de Marte maneada
Foi sempre sinal certo da vitória:

Para abolir-se pois desse a memória
Nasce César, idéia consumada
De um Herói, cuja fama celebrada
Nas estátuas será, pela História:

Aquele teve, sim, a feliz sorte
De vir, ver e vencer, sem que o montante
Na campanha exprimisse o braço forte;

Este cá mais feliz; porque distante
Nossas almas rendeu, e desde a Corte
Se fez de Pernambuco triunfante.

De Manuel Rebelo Pereira

Presbítero Secular.

Assunto segundo
Mostra-se o quanto convém a Sua Excelência o nome de César.

OITAVAS

César se chama o nosso Herói famoso:
Ó como lhe compete nome tanto!
Pois tudo, que convém ao Majestoso
Caráter de um César; tudo quanto
A um Príncipe exorna generoso;
Tudo nele se acha com espanto:
Assim é; pois nasceste, ó César belo,
Para seres dos Césares o modelo.

Venha César, aquele, que trazia
A pena numa mão, na outra a espada:
Tão famoso naquela, se escrevia,
Como nesta, quando era maneada:
Com a espada venceu, se acometia,
Com a pena voou águia elevada,
Mostrando que trazia em toda a parte
Minerva numa mão, na outra Marte.

Desse César sois, César, verdadeiro
Transunto, fiel cópia, imagem pura:
Mais perfeita porém; porque primeiro
Formou a Natureza na figura
Daquele a vossa idade, e com inteiro
Pincel coloriu vossa pintura,
Emendando na imagem derradeira
Os defeitos, que achou lá na primeira.

Emendou neste Herói o nascimento,
Tão outro do daquele, e tão distante,
Quanto vai cá da Terra ao Firmamento,
Quanto vai do Cristal ao Diamante:
Aquele humilde pó sem luzimento,
Este Estrela luzida, e cintilante;
Teve aquele o seu berço na humildade,
Este tem a raiz na Majestade.

Um bélico furor, ardor tremendo
O espírito daquele amplificava:
Trovão era o seu nome, e o mais horrendo
Aos ouvidos daqueles, que domava,
Este foi: mas o Céu mais estupendo
Espírito de guerra destinava,

Fazendo então naquele, como ensaio,
Trovão fosse na guerra, e este raio.

Confesse o Indo adusto com respeito
Neste intrépido Herói ressuscitado
De Castro o valor, de Albuquerque o peito;
O furor de um Almeida, e do Furtado:
O braço de Silveira Herói perfeito
Nos quadros por famoso celebrado:
Mascarenhas, Pacheco, e Constantino
Alma grande, e no Sangue peregrino.

Porque logo no berço o Grão Tebano
A maça lhe emprestou; Teseu a espada;
A lança Aquiles; o valor Trajano;
Aníbal os ardis; e a granada
O grande Cipião; Coriolano
A adaga lhe deu embaraçada;
Ficando pelo que se lhe influía
Uma imagem total da valentia.

Esta imagem se viu nesse Oriente
Na vingança do sangue generoso:
Com esta foi então raio vivente,
Que empunhando o montante vigoroso,
As tropas acomete, rompe a gente;
Estremece o inimigo, e temeroso
Um morre, outro foge, e outro vago
Da sua espada sente o grande estrago.

Já não viste a voraz, cruel leoa,
Quando os filhos lhe roubam, que incendida
Sacode a juba, e com rugido atroa
O monte, o vale, a selva, e enfurecida
Com a garra afiada corre à toa,
Para tudo, que vê, tirar a vida?
Assim César discorre com o montante,
Melhor dissera raio de Tonante.

Se nos rasgos da pena peregrina
A César procurais; tão elevada
Se remonta na esfera da doutrina,
Que escreve, como corta a sua espada:
E tão iguais, que tudo quanto ensina
Uma, a outra, executa, e ajustada:
Ó César? Ó Herói! manda, e ordena
Que tua espada escreva a tua pena.

Não se vê neste César retratado
O valor, e a pena do Romano?
Porém não satisfeito o seu cuidado
De imitar tão-somente um Soberano;
Para modelo busca esses, que hão dado
No mundo brado; como foi Trajano,
Augusto, Aurélio, Carlos, Antonino,
Alexandre, Leopoldo, e Constantino.

De Antonino tomou a piedade:
De Aurélio a ciência: o generoso
Desse grande Alexandre: a Cristandade
De Leopoldo herdou: de majestoso
Espírito de Carlos a bondade:
Bebendo de Trajano o mais famoso
Estilo de governo, e todo justo
Nos dispêndios do dar do Grande Augusto.

Ó César, ó Herói! Só tu na terra
És todo universal, pois a ti atraíste
Para ti todo o bem, quanto se encerra
Em qualquer indivíduo, que hoje existe:
Quem a ti um te chama, mente, e erra;
Pois as prendas, de que te revestiste,
Te fazem singular, mas tão profundo,
Que tu só vales mais, que todo o Mundo.

Do mesmo Autor.

[Manuel Rebelo Pereira]

Assunto terceiro

Aos felicíssimos anos de Sua Excelência.

ROMANCE LÍRICO

A festejar vossos anos,
Ilustre César, eu venho
Com passo lento; porque
Estou no calçado velho.

Porém cheguei, e quisera
Fazer-vos este festejo
Quando vós com muito gosto
Contásseis os quatro contos.

Sonhou o Cego, que via,
Por mim digo; pois bem vejo,
Que para os poder contar
Já estou de mau cabelo.

Porém se os contares vós,
Eu me dou por satisfeito,
Inda que agora me leve
Meu grande Padre São Pedro.

Ah! Senhor, se eu lá me vira,
Com quanto contentamento
Pedira a Deus, que vos desse
O que agora irei dizendo:

Pediria que vos desse
Montes de ouro mui excelsos?
Não pedia tal, porque
Sei que não sois avarento.

Muitos isso quererão,
Porém os de humilde berço:
Que os que são da vossa esfera
Honra querem, não proveito.

Pediria que vos desse
Depois do vosso governo
Cidades, Praças, e Vilas,
Castelos, lugares, Reinos?

Porém não, Senhor, porque
No vosso genio conheceu
Um Caráter, que imprimiu
O mais delicado afeto.

E é que tendes tal amor
A vosso Monarca egrégio,
Que prezais mais o servi-lo,
Que ter Reinos, e Castelos.

E se já isso lá fez
Um Português (alto excesso!)
Melhor o deveis fazer
Pelo vosso nascimento.

Tão nobre, que o vosso Sangue
Correndo Mar, tem lá dentro
Uma Coroa, que faz
Ter muito de realengo

Tornemos ao peditório,
Pois agora é que conheço,
Que para ser Franciscano
Não tinha muito mau jeito.

Pediria, que vos desse
No Campo de Marte fero
As venturas, que tem dado
Aos Generais mais espertos?

Aquela, que em Lepanto
Deu ao Áustria guerreiro
Contra o poder numeroso
Desse Soberbo Agareno?

Que vos fizesse feliz,
Como fez no mesmo emprego
A Eugênio, e a Lourena,
Montecuculi, e Farnésio?

Isso é bem, isso é de honra;
Eu tudo isso vos confesso;
Mas para vós nada disso,
Pelo muito, que vos quero.

Deixemos brincos com Marte,
E com Belona folguedos,
Que dão Sentenças finais
Sem embargo, e sem apelo.

Que glórias não alcançou
Um Torema? Porém vejo
Caído estrago da morte
Por uma bala de ferro.

Ó se no Campo nos vira!
Formaria com bem medo
Em cada bala um horror,
Em cada seta um veneno.

Que temeroso é o amante,
Dos ricos do amado objeto!
É um, mar, que se inquieta
A qualquer sopro do vento.

Pedia, sim, vos livrasse
Em toda hora, e momento
De velhas impertinentes,
E de presumidos néscios.

E tende médico em casa;
Porque visitando é certo
O mandar-vos tirar sangue,
Ou levá-lo no dinheiro.

Ao menos a Mula à porta
Mudamente está dizendo
Saúde aqui não se vende,
Compra-a, sim, se pode o enfermo.

Calo aqui, porque não diga,
Algum Professor discreto,
É hoje em mim ressuscitou
Dom Francisco de Quevedo.

Pedia também vos não
Fizesse Senhor de Engenho,
Só porque não aturasses
Mentirosos dequadeiros.

E pedia finalmente
Coa maior farsa de empenho,
Que fôssemos vossos anos
Dos mais felizes modelo.

Mais largos, que os da Sibila,
Mais que os de Nestor extensos;
Que os da Fênix mais compridos,
E dos de Adão paralelo.

Cheios de honra, guapices,
Bizarrias, bons sucessos,
Abundâncias sem cuidados
Com saúde, e sem desvelos.

Sempre bem visto dos olhos
Do Rei Divino, modesto,
Virtuoso, sem desar
Na graça do Rei aceito.

Quereis mais? Ora lá vai
O meu último desejo:
Praza o Céu, que vos vejamos
Naquele Reino, que é Eterno.

Do mesmo Autor.

[Manuel Rebelo Pereira]

Ao mesmo assunto.

DÉCIMA

Viva César c'o Monarca
Tantos anos com aumento,
Quantos esse Firmamento
Lúcidos Astros abarca:

E prazam os Céus, que a Parca,
Que fia as nossas idades,
Sem meter fatalidades,
Quando o fuso for trocando,
Vá dilatando, e fazendo
Seus anos eternidades.

Do mesmo Autor.
[Manuel Rebelo Pereira]

Assunto primeiro

Mostra-se que mais se aumenta a glória de Pernambuco vendo-se governado pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses por ser natural do Brasil.

ROMANCE

Os júbilos, em que de sumo gosto
Enlaçado se vê todo o meu peito,
Sem prisões, que sufocam as palavras,
Sem laços, que me prendem os conceitos.

Falar quero, mas ai! Que em mim revivem
As imagens dos fúnebres sucessos,
Que passaram; e assim quase indeciso
Entre o gosto, e o pesar me considero.

Com efeito até agora ninguém via,
Por mais altos que fossem nossos feitos,
Ocuparmos lugares dos maiores,
Apenas se nos dava algum pequeno.

As luzidas ações se eclipsavam
Com a nuvem do grande esquecimento:
Só se via um luzir por entre nuvens,
Que fazia eclipsar nossos progressos.

Nos países, que são progenitores
Do ouro, não haviam (sic) luzimentos;
Ferrava-se a desdita de tal sorte,
Que os Sec'los para nós eram de ferro.

Só rodava a fortuna para os males,
Suas rodas para o bem não tinham eixos,
Andávamos em uma roda-viva
Para entrarmos na roda dos aumentos.

Tudo enfim para nós eram desgraças;
Mas eu com referi-las que pretendo,
Se as nossas pretensões já são logradas
Com tudo quanto nela pretendemos?

Puramente avivar o bem presente
Com o mal, que ainda em nós temos impresso,
Porque só bem toma o gosto à ventura
Quem bem sentiu do mal o triste efeito.

Eia pois é chegado o venturoso
Tempo, em que sem haver tempo adverso,
Queiramos todo o tempo dos trabalhos,
Sem que neles nos venham contratempos.

As varas, os bastões, também as Mitras
Das ações relevantes sem os prêmios:
Uma bispa, outro governa, alguns ministram,
E de todos se enche o Ministério.

É Pernambuco a terra venturosa,
Que se gaba de gozo tão seleto;
Do Brasil são os grandes Luminares,
Os menores também são Brasileiros.

Ó que glória! Mas ó quanto ela cresce,
Quanto sobe, e nos atrai só a respeito
De quem é da presente Academia
Respeitável termo, e famoso objeto.

Na verdade este Herói muito nos honra
Pelas honras do seu procedimento;
É afável, benigno, e nunca deixa
O ser de venerando, e circunspecto.

É patrício, que pela qualidade
Se distingue dos nobres Europeus,
Mas das mesmas distinções que o distinguem,
Nenhuma distinção faz por discreto.

O nome, que na Pia lhe foi dado,
Foi presságio dos seus grandes aumentos;
Mas ao muito, que cresce pelo nome,
Ajunta das virtudes o progresso.

Manifesta-o assim todo este povo
Da sua governança satisfeito,
Vendo-o na increpância dos delitos
Verdadeiro exemplar, pio, e modesto.

Por isso não inveja a mesma Roma
Dos Césares Augustos o governo;
As ações do seu César são conspícuas,
Servir podem aos outros de modelo.

Falta-lhe somente o seu de Augusto
Para ficar o **similis** perfeito;
Mas ele preza em mais a vassalagem
Do seu Rei, que de Roma a C'roa, e Cetro.

Motivo, porque logras tantas honras
Com este do seu nome em outro tempo,
Sendo aquele José vivo retrato
Do José, que presente vivo temos.

O que naquele faz o Rei do Egito,
Faz o nosso Monarca a este o mesmo;
O bastão é insígnia do Segundo,
O colar distintivo do primeiro.

E para ser em tudo o figurado,
Até dizem alguns requerimentos:
Ide a José, que lá em Pernambuco
É das minhas mercês o dispenseiro.

É ele quem governa, ele quem manda,
Ele quem executa os meus decretos;
Ele provê das tropas os lugares,
E de tudo eu me dou por satisfeito.

Esta honra, e este agrado do Monarca
Eleva de tal sorte o seu sujeito,
Que toda a voz é rouca em decantá-lo,
Que toda a pena é curta em descrevê-lo.

Mas como sua glória é transcendente
A todos os Patrícios, nunca cesso
De entoar o Herói, que tem ganhado
Honra à Pátria, e nome aos Brasileiros.

De Belquior de Campos Camelo:
Presbítero Secular.

Assunto segundo

Aos felizes anos de Sua Excelência.

SONETO

São os anos uns passos, em que a idade
Caminha aos desempenhos da esperança;
Mas só bem anos canta, quem alcança
Nos anos a maior felicidade.

O nosso César é quem na verdade
Anos pode contar com segurança,
Pois contando mais anos, mais avança
Nas honras, no poder, na dignidade.

Deste modo é mui justo que anos conte,
E mais anos, que todos os humanos,
A fim de que mais alto se remonte:

Apetecemo-lhe alguns, e Nestorcanos;
Porém eu, qual hidrópico na fonte,
Desejo que ela conte eternos anos.

Do mesmo Autor.
[Belquior de Campos Camelo]

Assunto terceiro

Louvam-se em comum as virtudes de Sua Excelência no seguinte

ROMANCE

Aos onze de fevereiro,
Que assim a Folhinha o dava
Que ser folha não mostrou,
Porque em verdade assim passa;

Me foi uma carta entregue,
Quando eu mais entregue estava
Ao bom jogo da fortuna,
Dando outro baralho às cartas.

Abri-a, e se da abertura
Mui pouco colhi, ou nada
Sempre a carta era de ganho,
Pois nenhuma perda dava.

Dizia, que me achasse
Nesta do Palácio sala
Para sala fazer hoje
Dia, que se me assinava.

Eu que tomei o recado,
Como lá dizem, na escada,
Para o Oficial de Ordens
Cuidei, que se me falava.

Porém sempre duvidei
Acerca do Soldo, ou paga,
Porque sempre o ter dinheiro
Com o ser poeta não casa.

Com efeito mais abaixo
A carta me convidava
Para fazer uma perna
No jogo da arrenegada.

É deste modo que o jogo
Da poesia se chama;
Pois eu sempre arreneguei
De jogo de tomar a carta.

Um jogo que de ordinário
Pobre me deixa, e sem nada,
Jogá-lo eu por meu gosto,
Quase de loucura passa.

Por isso é que dos Poetas
Lá se diz pela calada,
Que tendo muito juízo,
Muito juízo lhe falta.

Mas digam o que quiserem,
Este jogo não me escapa,
Posto que por não usá-lo,
Quase que nem sei dar cartas.

Cudilho não levarei,
Porque sempre bom jogo acha
Quem joga com os louvores
De um Herói de prendas altas.

Menos temo, que a mão seja
De resposta avaliada,
Pois respondo nada ponho,
Que seja da minha casa.

O César, a quem se louva,
Tudo tem, quanto me basta
Para no jogo dos versos
Fazer jogadilha larga.

Tem humor tão de virtudes,
E todas elas tão guapas,
Que escolha não sei fazer
Para bem elogiá-las.

E por isso viro folha
No belo jogo das cartas,
Porquanto se continuo,
Enchem-se folhas, e laudas.

Hipérbole não pareça
O que é só verdade clara;
Em jogo de tanto peso
Eu não sei fazer trapaça.

Cumpro a risca o Evangelho,
Que dar a risca me manda,
O que é de César a César,
E fora disto mais nada.

E posto que diga o adágio
Quem quem as cartas baralha,
Jogando-as com lisura,
Limpo vai, e nunca ganha:

No jogo, que aqui formei
Pelo contrário se passa,
Pois das virtudes é muito
O Cabedal, que separa.

E como já estou de ganho,
Seja a última parada
Dar-lhe vivas, e mais vivas,
Pois o romance se acaba.

É

Do mesmo Autor.

[Belquior de Campos Camelo]

Assunto primeiro

Mostra-se que a maior glória, que nos provém do estimável governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, é a sua respeitável presença no dia em que faz anos.

ROMANCE

Quem de César aplaude os faustos anos,
Numerando os seus dias por obséquios,
Deve fundamentar os seus discursos
Nos pasmos, na razão, e no respeito.

Ao Nosso General, que é substituto
De um Rei de Portugal Sábio, e Supremo,
Se deve ser o aplauso majestoso,
Devem ser Soberanos os conceitos.

Mas que muito se aumente a nossa glória
Neste dia feliz, se estamos vendo,
Que ele somente em si nos representa
José César, e Dom José Primeiro?

Que muito este festejo cresça a montes?
Que se espalhe por um e outro Hemisfério,
Se as estrelas, que viu José por sonhos,
Lhe prestam hoje tanto Luzimento?

Que muito este louvor se multiplique
Pelas bocas de um tão Sábio congresso,
Se no César um lustre contemplamos
Um fiel defensor do Augusto Cetro?

E suposto que toda a nossa glória
Do nome Augusto traga o fundamento,
Contudo este José mais acrescenta,
Por ser daquele Sol claro reflexo.

Se penso nas ações assinaladas
Por uma grande parte do Universo,
Além do Gânges vão os seus triunfos,
Lá das Índias nos vêm sonoros ecos.

Se passo a ponderar nas qualidades,
Que nos tem dado a vez o seu governo,
Descubro a retidão já por herança
De um Conde virtuoso, e circunspecto.

Todo o prazer enfim, que nos ocupa,
E que mais faz luzir o nome Egrégio,
Somente nos provém daquele César,
Que aos Césares Romanos leva excessos.

Deste modo se faz indubitável,
Que a boa aceitação deste festejo
É feliz produção, ardente influxo
De Régia Personagem, que ali vemos.

Sem ela não seria tão Augusto
Este, que se lhe rende, curto obséquio;
Pois nos influxos, que presente espalha,
Vai infundindo peregrinos estros.

Parabéns, Pernambuco, e tu Bahia,
Que és de tão grande Herói ditoso berço,
Tanta glória conserva, já que foste
A venturosa causa deste efeito.

E Vós, meu General, César invicto,
A quem constantemente obedecemos,
Aceitai em penhor da obediência
De uma vontade pura, um puro afeto.

E se pensar adiante já não posso,
Por ser um acadêmico preceito;
A liberdade tomo neste assunto
De tornar a falar neste Soneto

[Sem indicação de Autor]

SONETO

Ilustre General, César ditoso,
Substituto de um Rei Altipotente,
As glórias, que nos dais hoje presente,
Efeitos são do nome majestoso:

Os anos, que contais por venturoso
Neste dia, Senhor, fazem patente
Que a não serem das glórias acidente
São bem certos sinais de obséquio honroso:

Enfim estes louvores repetidos,
Em que o nosso Museu tanto se esmera,
São à Vossa Excelência dirigidos:

E se em Vós tal grandeza se pondera;
Elevado este obséquio a tais ouvidos,
Não podia subir mais alta Esfera.

Do Padre Mestre Doutorado.
Frei João Batista de Santa Ana:
Religioso de São Bento.

Assunto segundo

Será incomparável a felicidade de Pernambuco enquanto for governado pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses.

ROMANCE

É sem questão, que pode Pernambuco
Numerar tantos dias venturosos
Quantos anos contar Vossa Excelência
No governo e domínio destes Povos.

Eu não quero mostrar, que tanta dita
Nos provenha do tempo dos Afonsos
Que se me meto em tanta antigüidade
Entrarei a volver o mundo todo.

Do Ilustre César sim, que desde o berço
O Brasil nob'litou por muitos modos,
A Bahia proveio excelsa glória,
A Pernambuco o ser de venturoso.

Sei que foi da ventura favor grande
Ser a Bahia o seu preclaro tronco,
Porém enquanto vive dela ausente
Toda a glória, que tem, mora conosco.

É glória para a Pátria ter um filho,
Que inda em Parte remota ocupe o trono;
Porém mais venturosos são aqueles,
A quem sabe reger com tanto gosto.

Alguns Monarcas sei, que em outros Países
Tiveram nascimentos gloriosos;
E quem teve mais dita, foi Lisboa;
Porque a todos prestou o Cetro, e Sólio.

Assim mais que a Bahia afortunada
Vai Pernambuco erguendo alegre o rosto;
Porque César o reto da Justiça
Com a paz sabe unir: tudo em seu ponto.

Erguei a fronte, Soberanos Vates,
E vereis como aos mares sempre exposto
Valente vai buscando grande César
Dos Bárbaros a terra, da Índia os portos.

Nas mais ocupações, que altivo ocupa,
Ou por terra, ou por mares procelosos,
Reparai como intrépido, e constante
Imitador se mostra de si próprio.

Reparai que por mais ventura nossa
Pernambuco lhe clama o seu Patrono,
Quando de Astréia pesa na balança
A justiça que sabe dar a todos.

Vêde enfim quanto mais crescera a dita,
Se entre nós fossem seus anos sem conto;
Que se agora felizes nos chamamos,
Então seria eterno o nosso gozo.

Publique Pernambuco as grandes luzes,
Que nos sabe influir este Astro novo,
E sejam testemunhas dos seus feitos
As pessoas, que me ouvem sem suborno.

Publique tantas honras, que dispensa
O nosso General em seu abono;
Porque rompendo a Esfera do alto Olimpo
Passem seus ecos de um a outro pólo.

Publique... Mas, Senhor, vossa presença
Me tem causado respeitoso assombro;
Entre os confusos bosques do Silêncio,
Porque não fale mais, aqui me escondo.

Do mesmo Autor.

[Frei João Batista de Santa Ana]

20. **FESTEJOS COMEMORATIVOS DO ANIVERSÁRIO DE DIOGO DE TOLEDO LARA ORDONHES, REALIZADOS EM CUIABÁ, EM AGOSTO DE 1790,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR]. (Ed. 1790).

FESTEJOS COMEMORATIVOS DO ANIVERSÁRIO DE DIOGO DE TOLEDO LARA ORDONHES, REALIZADOS EM CUIABÁ, EM AGOSTO DE 1790

Lista das pessoas que entraram nas funções principais de agosto de 1790

FUNÇÃO DA EGRÉGIA NO DIA 6

Celebrante, o reverendo doutor vigário da igreja e vara Vicente da Gama Leal.

Diácono, o reverendo comissário subdelegado da Bula Antônio de Arruda Leite.

Subdiácono, o reverendo promotor Inácio de Albuquerque.

Pregador, o reverendo José Gomes da Silva.

Acólitos, Manuel de Barros Rodovalho, Jerônimo Ferreira e o sacristão José Alexandre.

BAILE NA MESMA NOITE — CINCO CONTRADANÇAS

Ajudante	Antônio Peixoto de Azevedo.
Estudante	José Duarte do Rego.
Alferes	Antônio Alves Torres.
Alferes	José Duarte do Rego. José Duarte do Rego Filho.
Estudante	José de Arruda Abreu.
Estudante	José Luís Monteiro.
Estudante	João Pedro de Jesus.
Estudante	Joaquim de Melo Vasconcelos. Joaquim Pinto de Morais.
Professor	José Zeferino Monteiro de Mendonça, regente das contradanças, vestido de saloio.

PESSOAS QUE DANÇARAM COM FARSAS:

Major Gabriel da Fonseca e Sousa.
Capitão Joaquim da Costa Siqueira.
Alferes Joaquim Geraldo Tavares.
Alferes Joaquim Rodrigues de Oliveira.
Tenente Antônio Gomes da Costa.
Tabelião Jacinto Gomes da Costa.
Tabelião de São Pedro de El-Rei Francisco Vieira da Silva Viana.
Professor régio de ler João Antônio.
Francisco Dias Pais.
João Francisco da Silva, de velho estudante.
Estudante José Silvério da Silva.
Estudante José Vieira.
José Poupino.

SÁBADO — DIA 7

Contradanças — As mesmas do dia antecedente.

DIA 8

Cavalhadas

Cavaleiros:

Apolinário de Oliveira Gago } Mantenedores
Jacinto Gomes da Costa } Mantenedores
Domingos Dias de Abreu.
Francisco Xavier Pinto.
José Colaço Nobre.
Leonardo Ferreira Albernaz.
Antônio Aranha.
Domingos Martins Fernandes.
José Rodrigues da Silva ou da Fonseca.
Manuel de Barros Rodovalho e Silva.
José Manuel.
Antônio José da Silva e Costa.

CONTRADANÇAS NA MESMA NOITE DAS CAVALHADAS

Os mesmos, exceto que em lugar de Joaquim de Melo entrou Silvério José da Silva.

DANÇA DOS PARDOS

O mulato do reverendo vigário, José Francisco Monteiro e Miguel Xavier.

BANDO NO DIA 9 — SEGUNDA-FEIRA

O professor régio, Peixoto, alferes Duarte e filho, Silvério, Manuel José, Inácio Alexandre, João Pedro e João Francisco.

Comédia — ASPÁSIA NA SÍRIA — no mesmo dia 9

Personagens:

José de Melo Vasconcelos	—	figurou de rei do Egito.
Alferes Bento de Toledo Pisa	—	Príncipe, filho.
Joaquim de Melo	—	Aspásia.
Tomás Pereira Jorge	—	Clearco, embaixador do Épiro.
Manuel de Barros Rodovalho	—	Turco.
Teodor de Brito Freire	—	
Francisco Xavier da Costa Vale	—	
Joaquim José de Azevedo	—	
Máximo José de Azevedo	—	

CAVALHADAS DO DIA 10 — TERÇA-FEIRA

Quatro máscaras muito asseados, que eram o Peixoto, Inácio, Alexandre, José Duarte e o filho, e os mesmos cavaleiros.

O mesmo rancho dos Pardos e outros de Capitães do Mato, com negros fugidos, etc.

NOITE DO DIA 11

Ourene perseguida e triunfante — Comédia

Personagens:

José de Melo Vasconcelos	— Rei Rosballes.
Bento de Toledo Pisa	— Rei Libares
Tomás Pereira Jorge	— Príncipe Astarbo.
Teodor de Brito	— Líbano, confidente.
Joaquim de Melo Vasconcelos	— Ourene, filha de Rosballes.
Francisco Xavier da Costa Vale	— Nirene, pretendente ao trono.
Manuel de Barros Rodovalho Joaquim José de Azevedo	— Graciosos de fora.
Xisto Pais	— Graciosa.

Danças que por três vezes saíram ao tablado na mesma noite, ensaiadas pelo mestre da capela e oferecidas pelo mesmo.

João da Silva Nogueira, filho da Corá e do defunto João da Silva Nogueira.

Francisco da Silva, filho do defunto dragão Luís da Silva.

Antônio Tomé, filho do defunto Pinheiro.

Antônio Alves Pereira, filho de José Alves Pereira.

José Ferreira da Silva, filho de Manuel Ferreira da Silva.

Higino José dos Reis, filho da Corá e irmão de João Nogueira.

José de Freitas Caldas.

CAVALHADAS NO DIA 12

Os mesmos cavaleiros e um rancho de treze máscaras muito asseados, sete homens e seis mulheres, entre os quais estavam Teodoro de Brito Freire, José Duarte do Rego e o filho.

SÁBADO — DIA 14

Entremez ou comédia do "SALOIO CIDADÃO", com outro entremez.

Personagens:

José Francisco da Silva	— Saloio cidadão.
Vitor Modesto	— Saloia, sua mulher.
Silvério José da Silva	— Saloia, criada.
José Francisco Monteiro	—

BAILE NA NOITE DO DIA 15 — DOMINGO

Galãs: — Capitão Joaquim da Costa Silveira, tenente Antônio Gomes, professor João Antônio, Inácio Alexandre, Teodoro de Brito e tabelião Jacinto Gomes.

Damas: — Major Gabriel, alferes Joaquim Rodrigues, Francisco Dias Pais e Silvério José da Silva.

Ermitão: — Alferes Joaquim Geraldo

Contradanças: — Ajudante Peixoto, Manuel José Pinto, José Duarte e filho, Antônio Alves, José de Arruda, José Luís Monteiro, João Pedro, Joaquim de Melo e Joaquim Pinto.

DIA 16 — SEGUNDA FEIRA

Personagens:

Comédia ou tragédia ZENÓBIA NO ORIENTE

José de Melo — Imperador Valeriano.

Joaquim Mariano — Zenóbia, rainha de Palmira.

Tomás Pereira Jorge — Príncipe de Palmira.

João Francisco — Décio.

Silvério José da Silva — Dama.

Joaquim José de Azevedo, Jerônimo Ferreira e doze soldados.

Entremez:

Personagens:

João Francisco, Silvério, Tomás, Jerônimo, Antônio Ferreira e Xisto Pais.

DIA 18

Tragédia de Dona INÊS DE CASTRO

Personagens:

Bento de Toledo Pisa — Rei Afonso IV.

Tomás Pereira Jorge — Príncipe Dom Pedro.

João Francisco — Dom Nuno Velho.

Jerônimo Ferreira — Álvares Gonçalves.

Joaquim José de Azevedo — Egas Coelho.

Silvério José da Silva — Dona Inês de Castro.

Xisto Pais — Dama.

Vários de capa e volta, soldados, filhos do príncipe Dom Pedro, etc.

Entremez: — João Francisco, Silvério, Tomás, Bento de Toledo, Joaquim de Azevedo, Xisto Pais, jogadores, mulheres e criadas.

DIA 20

Quatro Entremezes em que representaram: — Tomás Pereira, Bento de Toledo Pisa, João Francisco e Silvério nos quatro; Xisto Pais em três; Joaquim de Azevedo em dois, José Marques em dois e extraordinariamente em um, Bartolomeu Brandão e Jerônimo em um.

DIAS 22 E 23

Contradanças, oferecidas pelo alferes José Duarte do Rego.

Galãs: — Manuel Ribeiro, Antônio Dias Barbosa, Joaquim de Melo, José Marcelino, José Duarte do Rego Filho e Francisco Chagas.

Damas: — Alferes José Duarte do Rego, José de Sousa Ferraz, Manuel Fernandes Ferreira Braga, Antônio Tomé, o mestre Francisco Dias Pais e músicos.

NOITE DO DIA 23

Comédia AMOR E OBRIGAÇÃO

Personagens:

Tomás Pereira Jorge	—	Lidoro, príncipe de Albânia.
Bento de Toledo Pisa	—	Felipe, príncipe de Atenas.
José de Melo	—	Rei Segismundo.
Joaquim de Melo	—	Astréia, filha do rei Segismundo.
O mesmo José de Melo	—	Tibandro, general dos Citas.
Silvério José da Silva	—	Fênix, sobrinha de Segismundo.
Xisto Pais	—	Lacaia.
José de Oliveira	—	Lacaio.

João Francisco, Joaquim de Azevedo e dez meninos.

DIA 24

Comédia do CONDE ALARCOS, oferecida por Antônio José da Silva e Costa.

Personagens:

Antônio José da Silva e Costa	—	Rei.
Domingos Martins Fernandes	—	Conde Alarcos.
Silvério José da Silva	—	Branca.
Manuel de Sousa Brandão	—	Infanta.

NOITE DO DIA 25

Comédia de TAMERLÃO, oferecida pelos atores.

Personagens:

Davi Antônio	—	Tamerlão.
Vitoriano	—	Bajazet.
Cipriano Martins	—	Filha de Bajazet.

NOITE DO DIA 29

Tragédia de ZAÍRA, oferecida pelos atores:

Personagens:

João Francisco da Silva	—	Osmã, à turca.
Silvério José da Silva	—	Zaíra.
Manuel de Sousa Brandão	—	Fátima.
Alberto José Ribeiro	—	Orasmim, à turca.
José Francisco Monteiro	—	Nerestam, de militar.
Francisco da Costa Siqueira	—	Meledor, de militar.
João Rodrigues	—	Chatillon, à francesa.
O mesmo João Francisco da Silva	—	Lusignan.

Entremez — O TUTOR ENAMORADO

João Francisco	—	Tutor velho.
Silvério José da Silva	—	Dama, pupila.
Manuel de Sousa	—	Dona Brites, pupila.

José Francisco e João Rodrigues.

NOITE DO DIA 31

Ópera de ÉSIO EM ROMA, oferecida por Jacinto Ramalho Lisboa.

Personagens:

José Francisco Monteiro — César Valentiniano III.
Francisco da Silva Teixeira — Ésio.
Miguel Xavier de Lima — Máximo.
Joaquim José dos Santos Neri — Honória.
Joaquim Leme — Fúlvia.
Manuel Ferreira de Oliveira — Soquete gracioso.
Manuel José de Miranda — Alcaparra.
Francisco da Costa Siqueira e Joaquim Rocha.

CAVALHADAS A 31 DE AGOSTO E 2 E 4 DE SETEMBRO.

Vestidos de Verde — — Vestidos de Vermelho
Jacinto Gomes da Costa — Alferes José Antônio
Lourenço José Teixeira — Alferes Antônio Correia
Leonardo Ferreira Albernaz — Vítor de Morais
José Dias da Cruz — Manuel de Barros Rodovalho
Antônio Alves Torres — Domingos Dias de Abreu
Tomás Pereira, de máscara — Joaquim Rodrigues, de máscara

DIA 3 DE SETEMBRO

Tragédia de FOCAS.

Personagens:

Tomás Pereira Jorge — Focas, imperador.
Manuel de Barros — Rainha de...
João Francisco — Velho Astolfo.
Professor Régio — Leonino.
José de Melo — Heráclio.
Jerônimo Ferreira — Confidente da rainha.
Joaquim de Melo — Confidente do imperador.
Xisto Pais — Dama do palácio.

Entremez dos SGANARELLOS.

Personagens:

João Francisco	— Velho Sganarello.
Jerônimo Ferreira	— Compadre de Sganarello.
Silvério José da Silva	— Mulher de Sganarello.
Joaquim de Melo	— Pai da mesma.
Manuel de Barros	— Irmão da mesma.
Professor Régio	— Doutor Aristotélico.
Tomás Pereira	— Pirrônico.

Outro entremez, em que figuram:

João Francisco	— Velho que quer ir estudar.
Silvério	— Sua mulher.
Xisto Pais	— Cigana que lê a **buenadicha.**
Tomás	— Moço do velho.
Joaquim, almoxarife	— Estalajadeiro.
Joaquim de Melo Manuel de Barros Jerônimo Ferreira	— Estudantes.

NOITE DO DIA 8 DE SETEMBRO

Comédia e contradanças, em que tomaram parte doze cavaleiros e catorze máscaras, sendo a música da facção de Joaquim Mariano.

NOITE DE 11 DE SETEMBRO

Comédia . . . **oira em Susa.**

Personagens:

Nicolau da Mota, Victoriano da Costa Viana, Aniceto da Costa Viana, Manuel da Costa Viana, Cipriano Martins, Francisco Gonçalves, Joaquim do Rosário, Rafael de Lima, Davi Antônio Ribeiro e João da Costa.

— Documentos trazidos de Cuiabá pelo Dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes, encontrados entre os papéis do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e divulgados por A. de Toledo Pisa in **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,** vol. IV, de 1898-99, S. Paulo, Tip. Andrade, Melo & Comp., p. 219-229.

FESTEJOS COMEMORATIVOS DO ANIVERSÁRIO DE DIOGO DE TOLEDO LARA ORDONHES, REALIZADOS EM CUIABÁ, EM AGOSTO DE 1790

OBRAS POÉTICAS

que se recitaram nas noites de 6 e 15 de agosto de 1790, e são as únicas que se puderam haver das muitas que se ouviram nas noites sobreditas e em outras ocasiões próprias da presente festividade.

SONETO

Recitado por um sujeito de respeito e merecimento, trajado de rica farsa de dama.

Vós, senhor, cujo nome esclarecido
já gravastes em lâminas brilhantes,
tanto mais vossas glórias são constantes
tanto mais vos fazeis enobrecido.

O elemento se rompa, e divididos
lá do centro se arranquem diamantes;
diademas se fabriquem rutilantes
que porteis nessa fronte suspendidos.

Vossos anos as Musas aplaudindo
com Apolo que os rege em igualdade
hoje estão no Parnaso e sacro Pindo.

Com seu canto eternizam vossa idade,
as Musas brandos lances referindo,
Apolo só ações de heroicidade.

[S.I.A.]

SONETO

(Pelo mesmo)

Vosso nome será sempre lembrado
enquanto o Cuiabá tiver viventes,
passando de umas gentes a outras gentes
a fama do varão o mais honrado.

No foro tendes vós perpetuado
instruções sábias, justas e prudentes;
e nos pleitos deixais todos contentes,
Pois sabem que só a bem sois inclinado.

Os que das letras têm conhecimento
sem faltar a verdade bem dirão
que deixais aos vindouros documento;

Os mais todos, senhor, confessarão
que a justiça encontrou em vós assento
e as ciências acharam o seu Platão.

[S.I.A.]

SONETO

Recitado e oferecido por um sujeito de caráter e merecimento e de perto de oitenta anos de idade, num bem asseado papel, que dizia: — "No dia em que faz anos o senhor doutor ouvidor geral da comarca Diogo de Toledo Lara Ordonhes e lhe dedica

um muito amigo de ser seu criado".

Seja do meu amor esta fineza,
Inda que desvalida, inda que pobre;
O louvor por si mesmo não se encobre
Quando o objeto é sublime e de grandeza.

Eu não me arrependo, nem me pesa;
O dia em que fazeis anos é tão nobre
Que o meu fraco discurso não descobre
Modo com que bem saia desta empresa.

A igreja nos diz que a 6 de agosto
Se transfigurou Cristo no Tabor,
Banhado em luz o seu divino rosto;

Permitiu neste dia este SENHOR
Que em São Paulo nascêsseis **todo gosto,**
Ao Cuiabá viésseis **todo amor.**

[S.I.A.]

SONETO

Recitado por um sujeito de caráter e estimação, trajado à trágica.

Neste âmbito do orbe celebrado,
Vosso nome será sempre aplaudido,
Será por todo o mundo difundido;
Dele a fama dará o maior brado.

Desde o ocaso onde o Sol é sepultado
Até onde se levanta renascido,
Conservará o evo engrandecido.
O dia em que nasceste decantado.

Um estranho temor que n'alma tenho
Me embarga aplaudir mais; vosso respeito
É quem só embaraça o meu engenho.

A voz se congelou dentro do peito;
Não passo mais avante, eu me detenho
Por não faltar cumprir vosso preceito.

[S.I.A.]

ENDECHAS

Recitadas por um sujeito de caráter e merecimento, em farsa de uma rica saloia.

1

Entre ilustres concorrentes
em louvar-vos fervorosos,
Eu venho cantar, ó Lara,
Os teus anos venturosos.

2

E para tão nobre assunto
Dê-me Febo luminosos
Seus influxos, com que exalte
Os teus anos venturosos.

3

Anos felizes
Detende o vôo
Enquanto entôo
O rude canto.

3

Cantar não venho os heróis
Da antigüidade famosos,
Mas só de um sábio ministro
Os seus anos venturosos.

4

Presta-me, ó vate do Ponto,
Os teus versos amorosos
Inda que eles não fizeram
Os teus anos venturosos.

Vate melífluo
À doce lira
Sonora inspira
Som desusado.

5

Do Pindo desçam sagrados
Feros deuses majestosos,
Os cultos seus fazer venham
Dos teus anos venturosos.

6

Já surgem das cavas grutas
Leves sátiros vaidosos:
Vê, ó Lara, quanto podem
Os teus anos venturosos.

Desçam os deuses
Do seu império;
Todo o hemisfério
o prazer domina.

7

Netuno o tridente bate;
Eis surgem tumultuosos
Saltitantes delfins a ver
Os teus anos venturosos.

8

Amor inerme aparece
Sem os farpões horrorosos,
Por não turbar o sossego
Dos teus anos venturosos.

É porque vê
Que à tua virtude
Toda arte é rude
Para vencer.

9

Voam ligeiros prazeres
Pelos semblantes gostosos;
Correm apesar do tempo
Os teus anos venturosos.

10

À sombra da tua bondade
Fogem os males penosos;
Ações estas que mais fazem
Os teus anos venturosos.

De Orfeu a lira
Suspensa vejo,
Que justo pejo
A voz lhe impede.

11

A inveja a teus pés prostrada
Depõe seus timbres vaidosos.
Protestando que respeita
Os teus anos venturosos.

12

E vós, ó Ente Supremo,
Escutai os piedosos
Votos de quem deseja
Estes anos venturosos.

Fuja a tristeza,
Reine a alegria
Que neste dia
É sem igual.

13

Alegres todos me escutam,
Com desejos extremosos
De exaltar com louvores
Os teus anos venturosos.

14

É hoje o ditoso dia
Em que da Parca os irosos
Ecos soam triunfar, vendo
Os teus anos venturosos.

Em vão seus raios
Vibra, sacode;
Quem tudo pode
A mão lhe prende.

15

Neste festejo anual
Vejo-os todos, cuidados,
Com razão apetecerem
Os teus anos venturosos.

16

De São Paulo embora soem
Tristes suspiros, saudosos,
Se o Cuiabá lhe roubou
Os teus anos venturosos.

Cuiabá feliz,
Em tua história
Põe por memória,
Lara Ordonhes.

17

Velhas aras do respeito,
Corações obsequiosos
Que vêm aplaudir assíduos
Os teus anos venturosos.

18

Aos densos ares subindo
Vão meus cantos respeitosos
A aplaudir como podem
Os teus anos venturosos.

Podendo tanto,
Só na virtude
O tempo, rude,
Poder não tem.

19

Mas o peito já fraqueja;
Meus desejos ansiosos
Não bastam para cantar
Os teus anos venturosos.

20

Hoje à face dos altares
Ouvi cantos sonorosos,
Pedindo que sempre sejam
Os teus anos venturosos.

Todos desejam
Ver-vos ditoso.
Tão piedoso
O céu vos fez.

Cantai, comigo cantai
Doces liras afinadas.
Sejam sempre festejadas
As virtudes de Ordonhes.

[S. I. A.]

FESTEJOS COMEMORATIVOS DO ANIVERSÁRIO DE DIOGO DE TOLEDO LARA ORDONHES, REALIZADOS EM CUIABÁ, EM AGOSTO DE 1790

CRÍTICA DAS FESTAS [1]

. . . . . .

. . . . . .

Domingo, 15 de agosto de 1790: — Dia muito plausível pela magnificência de um segundo baile na mesma paragem. Ele foi delineado logo no dia seguinte ao primeiro. Na verdade foi extraordinário o asseio de todos os máscaras, principalmente de três damas, que eram o major Gabriel, o alferes Joaquim Rodrigues e Francisco Dias. Durou até uma hora da madrugada, tendo principiado cedo. Não houve tempo perdido; dançaram-se três contradanças pelo mesmo rancho de máscaras do primeiro dia e outras três pelos mesmos meninos que dançaram no teatro, o que acabou de dar o maior lustre e gosto a esta função. Dançaram-se **passapiés** de dois e a quatro, minuetes simples, a quatro e figurados, minuetes da Corte, samável, tudo com a maior perfeição possível.

O ato principiou por uma fala, seguiram-se repetidas obras poéticas, recitou o tenente Antônio Gomes outra fala ou elogio e, finalmente, parece que faltava o tempo para tanta coisa. A música foi mais completa em razão de se achar um bom músico novo recém-chegado pelos rios, e para ela se armou melhor acomodação do que na primeira noite. A iluminação foi mais delicada, o jardim estava guarnecido de estatuas no alto de cada um dos quatro arcos; a noite foi muito serena. O **desert** esteve armado com a mesma profusão e delicadeza, com muito pouca diferença; mas foram convidados para ele só os máscaras e os músicos, ainda que depois entraram várias famílias. As figuras que compunham o baile eram trinta e uma.

Notas tomadas do comentador do manuscrito, A. de Toledo Pisa:

(1) Esta crítica foi encontrada junto aos versos e à descrição dos festejos acima dados. Não é da pena de Diogo Ordonhes, porém parece ser de algum seu secretário ou companheiro; está truncada, faltando algumas páginas no começo; mas, ainda assim é interessante, apesar de não ter sido concluída. **(loc. cit.)**

Domingo, 22 de agosto: — Toda a semana se passou sem função alguma pública (2), não tendo sido possível adiantarem-se as representações das comédias que ainda faltavam. Mas ela toda foi ocupadíssima para os mesmos cômicos, a maior parte dos quais nunca subiram ao teatro, nem serviram em funções públicas, e por isso mesmo é tanto mais admirável o como executam os seus papéis. Tais são a habilidade dos filhos do Cuiabá, o gosto com que se empenham e a eficácia dos ensaiadores!

Na mesma semana se andou industriando um rancho de sujeitos totalmente bisonhos em coisas de danças e trajes próprios delas. À exceção de dois ou três que já tinham entrado nas primeiras contradanças, todos os mais nada sabiam e eram caixeiros de lojas, ou pequenos negociantes ou traficantes. Quem promoveu esta dança ou contradança (de ambas as coisas participava) foi José Duarte do Rego, que a ofereceu.

Apresentaram-se eles neste domingo, à tarde, em número de doze figuras; os galãs vestiam à maruja, mas tudo de chita, maquedum e calças, com gravatas vermelhas, barretes também vermelhos guarnecidos ou estufados de branco, todos com cintas largas, vermelhas, de seda guarnecida de espiguilhas. As damas vestiam todas de chita, bem armadas, com coifas e chapéus de volantes, preparados de flores e charões. Uma parte da dança era cem passos de minuete, a outra era uma contradança, comprida, bem sabida e trabalhosa pelos pulos ou quartos que faziam. Depois de comerem doces e frutas foram dançar a outras partes.

Segunda-feira, 23: — Dia de uma calma formidável. Assim mesmo saíram os dançantes do dia antecedente, repetiram aqui o mesmo e foram agasalhados igualmente com os mesmos regalos e boa vontade. A noite foi tempestuosa e serviu muito para refrigerar o ardor da estação. O mestre da dança foi Francisco Dias Pais.

Terça-feira, 24: — Dia de São Bartolomeu. Representou-se a comédia do **Conde Alarcos;** e ainda que a noite mostrou-se a princípio tenebrosa e caiu alguma água, contudo pôs-se perfeita com a saída da lua. Esta comédia é excelente e foi bem executada; as damas, além de bem trajadas, executaram otimamente o seu papel, sendo singular o que fazia o papel de Branca, que foi Silvério José da Silva. Até os criados foram bem adornados. Como não têm graciosos fizeram no fim dois entremezes, um composto aqui mesmo pelo capitão Joaquim Lopes Poupinho, bastantemente gracioso, e

---

(2) Esta afirmação não concorda com o programa dos festejos dado acima, no qual se diz que no dia 18 foi à cena a tragédia de **Inês de Castro** e no dia 20 foram representados quatro entremezes, sendo até dados os nomes dos atores que neles figuravam. **(loc. cit.)**

outro intitulado ....., (3) no qual entrou João Francisco de velho. Esta comédia foi oferecida por Antônio José da Silva e Costa ensaiada pelo Padre João José Gomes da Costa. A orquestra foi colocada fora do tablado e foi de músicos escolhidos. Admirou-me que, sendo todos os cômicos totalmente sem exercício algum de representação, nem ainda de outros atos públicos, se saíssem tão bem.

Quinta-feira, 26: — Esta noite saiu a público a comédia de **Tamerlão na Pérsia,** representada pelos crioulos. Quem ouvir falar neste nome dirá que foi função de negros, inculcando neste dito a idéia geral que justamente se tem que estes nunca fazem coisa perfeita e antes dão muito que rir e criticar. Porém não é assim a respeito de um certo número de crioulos que aqui há; bastava ver-se uma grande figura que eles têm; esta é um preto que há pouco se libertou, chamado Vitoriano. Ele talvez seja inimitável neste teatro nos papéis de caráter violento e altivo. Todos os mais companheiros são bons e já têm merecido aplausos nos anos passados. Eles, além da comédia, cantaram muitos recitados, árias e dueto, que aprenderam com grande trabalho, e como só o faziam por curiosidade causaram muito gosto. Apresentaram-se bem asseados e as damas de roupas inteiras. Quem lidou com eles e os ensaiou foi Francisco Dias Pais. Fez-lhes as despesas do teatro, luzes e música o major Gabriel; e todos eles me vieram oferecer a sua comédia. Num intervalo dela apareceu o **Camafeu,** a figura a célebre por si e pela extravagância com que o tinha trajado o capitão Joaquim Xavier da Costa Vale, sobre o qual tem recaído o cuidado e o trabalho de adornar várias figuras de damas em todas as comédias e mais funções, e depois de fazer várias celebreiras recitou o seu epílogo em meu elogio, respondendo-lhe a música; cantou a fazer morrer a todos com riso. A comédia findou com um epílogo recitado por todas as figuras. Em conclusão, até a orquestra, que foi fora do teatro, foi a mais numerosa que até então ali apareceu; e logo não faltou quem oferecesse fazer as despesas para haver segunda representação por isso mesmo que todos os atores são uns pobrezinhos, que já tinham feito muito e dispendido com as roupas e outras coisas.

Domingo, 29: — Representou-se a tragédia de **Zaíra,** acompanhada com o mais jocoso entremez jamais vi representado. Esta noite foi certamente muito plausível, a tragédia boa de si mesma por ser muito terna e comover muito os afetos, suposto que a versificação é um pouco frouxa por defeito do tradutor; os heróis escolhidos, pois representou o papel de Osmã o incomparável João Francisco e o de Zaíra Silvério José da Silva; o asseio e adorno dos damas; a pro-

(3) O título do entremez não foi dado aqui, estando o espaço, ocupado por pontinhos. (loc. cit.)

priedade, asseio e riqueza dos vestidos dos otomanos, distinguindo-se sobre todos os de Osmã, a quem até encarnaram a cara, braços e pernas; o asseio do que vestia à francesa; a abundância de árias e recitados, cantados com feliz execução pelo mesmo João Francisco, e alguns duetos por outros, com letra própria da tragédia (ainda que é imprópria nesta a cantoria); as belas sonatas que freqüentemente executou a orquestra, que teve de mais a mais a singularidade nunca vista, ao menos no meu tempo, em Cuiabá de possuir uma trompa, a boa iluminação, a bem executada ação das duas mortes e, finalmente, o sobredito entremez, que não fez um instante a toda a platéia cessar de rir e bater palmas (porque ali estava João Francisco de velho enamorado), tudo isto deu um lustre e gosto muito grande a esta função.

Os mesmos que a executaram foram os que ma ofereceram; o mestre régio foi quem os ensaiou e na sua casa se vestiram as duas damas, e o major Gabriel foi quem o protegeu. No princípio e no fim da tragédia cantaram uma letra em forma de coro em meu louvor, e no fim do entremês dançaram **A Tirana** em meu louvor, como dizia o velho, o qual fez maravilhas na mesma dança.

Terça-feira, 31: — Foi a ópera de **Ésio em Roma** representada pelos pardos e ensaiada pelo escrivão da ouvidoria, Manuel Leite Penteado. Tudo se fez com muito asseio, as damas bem armadas, asseadas e com riqueza sólida, como nas outras comédias; os galãs também com muito asseio e auréolas muito ricas. Cantaram muitas árias, que executaram bem, pois eles todos são curiosos na cantoria, além de que a dama que fazia o papel de Honória é músico de profissão, de voz e estilo. A orquestra foi numerosa e tocou muitas sonatas.

Principiou e acabou a ópera por um coro composto da mesma letra que a do outro dia. Em todas estas funções, quando são horas, vêm os caixas e trombetas e com eles os soldados que hão de servir na comédia, ópera ou tragédia, acompanhar-me na ida e na vinda, e então comem, bebem, etc. Quem me ofereceu esta ópera foi Jacinto Ramalho Lisboa, alfaiate, que fez também os gastos da função. Enfim, lustraram muito e para isso lidaram bastante há muito tempo.

Quarta-feira, 8 de Setembro: — Dia do nascimento de Nossa Senhora. A função ou comédia de hoje (4) pôs o selo a todas as

---

(4) Na descrição das festas, dada atrás, não se disse o nome da comédia representada neste dia. No original vinha "**Sesostris no Egito, tragédia ou comédia**", mas estava todo riscado a tinta de modo a indicar que houve engano ou mudança, sem se dizer qual a peça que o substituiu. (**loc. cit.**)

mais e foi em tudo digna dos maiores louvores. Já o dia inteiro retumbou com o quase não interrompido toque de caixas e clarins. É verdade que as outras funções também eram anunciadas com os mesmos instrumentos, mas não com tanta eficácia. Quando foram as horas competentes apareceram (sem eu saber) todas as figuras marchando ao som de instrumentos que haviam de servir na mesma comédia; precediam os soldados, que foram em maior número do que em outras vezes; seguiam-se os músicos, depois o rancho das donzelas que eram oito e logo as mais figuras da comédia, rodeados todos de archotes. Na minha saída deu o corpo militar uma descarga bem conforme. Fomos com este aparato para o lugar do teatro, que já estava todo iluminado com grande profusão de luzes de cera (em todas as mais comédias só apareceram velas de cera que neste tempo estão bastantemente caras), e tudo o mais pronto de sorte que apenas se postou a música quando logo rompeu a orquestra. A comédia é (à exceção de alguns poucos defeitos próprios do teatro português) uma das melhores que há. A bela versificação, a facilidade e energia das suas expressões, os continuados conceitos e sentenças em que abunda, os sentimentos nobres e sublimes que caracterizam os seus personagens, o bem encaminhado do enredo, tudo faz que ela seja boa e fez que a função ficasse mais lustrosa. Os atores, quer galãs, quer damas, apresentaram-se com o maior asseio, riqueza, luzimento e bom gosto que se podem imaginar. Eles sabiam bem os seus papéis, foram bem ensaiados e não tiveram um só defeito palpável, nem na representação, nem em tudo o mais. As batalhas, o rumor delas foi vivo e bem apropriado. A passagem de saírem as donzelas do tributo manietadas foi muito patética e pungente, e para ela, além das duas damas e graciosa da comédia, destinaram-se doze meninas, que foram as mesmas das contradanças da tragédia de **Irene.** (5) Saiu esta comitiva ao som de uma marcha muito triste de rabecos e flautas, marcharam pelo lado do teatro que frontcava com o camarote do nosso ministro (6) .....

.....

(5) Tragédia, ou comédia, a que atrás se deu o nome de **Ourene.** (loc. cit.)

(6) A crítica ficou aqui suspensa, não porque faltem folhas do manuscrito original, mas porque o crítico interrompeu aqui o seu trabalho e esqueceu-se de completá-lo depois. (loc. cit.)

21. **RELAÇÃO DAS FESTAS, QUE FEZ A CÂMARA DA VILA REAL DO SABARÁ NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS POR OCASIÃO DO FELIZ NASCIMENTO DA SERENÍSSIMA SENHORA PRINCESA DA BEIRA,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1794. (Ed. 1794).

RELAÇÃO DAS FESTAS, QUE FEZ A CÂMARA DA VILA REAL DO SABARÁ NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS

Por ocasião do feliz nascimento da Sereníssima Senhora Princesa da Beira

Havendo a Câmara da Vila Real do Sabará recebido a desejada notícia do feliz Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa da Beira, por Ofício, que lhe dirigiu o Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão General da Capitania, nos fins de outubro do ano passado de 1793, se passou logo a ajuntar nas Casas do Conselho para cordar sobre os festejos, que se deviam celebrar por motivo tão fausto; e porque a estação chuvosa não permitia por então as festas de rua, concordaram, com o parecer do Ouvidor da Comarca o Doutor Francisco de Sousa Guerra de Araújo Godinho, que se destinasse o dia 29 de abril que era o do aniversário da mesma Senhora, para se renderem nele as devidas ações de graças, arranjando-se entretanto as multiplicadas ofertas das principais Corporações da Vila, com que voluntariamente todo o Povo mostrava querer que ela se assinalasse no amor, que tem à Casa Reinante, e no contentamento de que se possuiu pela segurança da Real Sucessão.

Chegada pois a estação própria, se anunciaram as festas no dia 22 de abril por um Bando solene, a que concorreram 22 Pessoas da Governança, vestidas de Corte com capas bandadas de sedas ricas, cocares magníficos, e ricamente paramentadas, e montadas em soberbos cavalos elegantemente jaezados, acompanhando o Procurador da Câmara, que lia o Bando, repetindo em alta voz o Porteiro, que ia igualmente vestido de Corte, e o Alcaide da Vila, precedendo a todos este pomposo ato a figura da Fama ricamente vestida à trágica, com dois Andarilhos ao lado, que em salvas espalhavam pelo Povo em um Soneto o mesmo, que sobre as festas se anunciava no Bando; e rematava esta vistosa e solene ação uma Companhia de Auxiliares de Cavalo, que com seus uniformes ricos, e com a boa ordem, com

que se dirigiram, davam o maior brilhante a toda esta função, que com o fogo do ar, que se lançava nos diversos lugares, em que se lia o Bando, e com o instrumental de sopro, que precedia a tudo, desde logo infundiu a maior alegria no Povo, e uma idéia verdadeiramente magnífica de todo o festejo, que se destinava.

Nos dias 25, 26 e 27 se principiaram pois as festas com iluminações em todas as suas noites e repiques de sinos. Na noite do dia 28, houve o fogo da Câmara no largo da Igreja Matriz cujo frontispício também se iluminou; e este fogo, que foi disposto em um Castelo, principiou por uma muito bem feita iluminação dos seus pórticos, e se concluiu com outra de um dístico, que dizia:

Qual símbolo d'amor a ardente chama,
Do Luso Povo os corações inflama.

A maior parte da Vila nessa noite se iluminou por ter a ela chegado nessa tarde o Excelentíssimo Visconde de Barbacena, Governador e Capitão General da Capitania, que com todos os seus Filhos Varões concorreu a solenizar este ato por convite dos Magistrados dela, e a mostrar o amor que tem por tudo quanto se dirige a testemunhar, e assinalar a fidelidade daqueles Povos aos seus legítimos Soberanos.

No dia 29 se renderam em todo ele as ações de graças na Matriz, havendo de manhã Missa cantada e Oração, que com a sua costumada erudição, e eloqüência fez o Reverendo Padre José Maria Fajardo de Assis, bem conhecido em toda a Capitânia, pelos seus profundos conhecimentos na Oratória e Poética; e de tarde o mais solene **Te Deum** cantado todo pela Música a dois coros, assim como já havia sido a Missa de manhã; concluindo-se este dia com uma vistosa encamizada, que correu toda essa noite a Vila.

A toda esta ação de graças e as mais festas assistiram o Excelentíssimo Visconde General e seus Filhos, o Desembargador Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes o Doutor Luís Antônio Branco Bernardes; o Juiz de Fora de Mariana, que serve de Ouvidor da Comarca do Ouro Preto o Doutor Antônio Ramos da Silva Nogucira; o Doutor Paulo Fernandes Viana, e o dito Doutor Francisco de Sousa Guerra de Araújo Godinho, Intendentes e Ouvidor da mesma Comarca da Vila Real do Sabará; a Câmara, e Nobreza, todos vestidos ricamente de Corte e um numeroso concurso das Pessoas da terra e de fora que a ela concorreram; e a todas se serviu pelo Ouvidor da Comarca um magnífico jantar nesse dia de mais de 150 talheres nas casas da sua residência, onde se achava aposentado o Excelentíssimo General; competindo a abundância das iguarias com o asseio e delicadeza; e nele o mesmo Excelentíssimo Senhor Governador, para fazer mais brilhante esta ação e corresponder à

alegria e contentamento que observava em todos os Concorrentes, fez o primeiro brinde pela vida de Sua Majestade e Suas Altezas, e pela prosperidade da Casa Reinante, o que foi muito aplaudido por todos, e se assinalou logo fora com uma salva de 21 tiros, que se tinha disposto a este fim.

No dia seguinte se principiaram as festas de rua, que consistiram em três tardes de cavalhadas, que correram 21 Cavaleiros dos mais destros da Comarca em dois fios, um cor-de-rosa agaloado de prata, outro azul agaloado de ouro, todos ricamente vestidos de seda, e com chapéus, e topes de plumas correspondentes às cores dos seus respectivos fios, em soberbos cavalos ajaezados; interpolando-se com cinco tardes de touros corridos de pé, e com Óperas de noite também interpoladas com três iluminações, uma nas casas do Doutor Intendente daquela Vila, que foi logo no dia 30 aonde concorreram o Excelentíssimo General, e todas as Pessoas asseadas, que depois de serem ali recebidas com Música, e servidas de um profuso refresco de bebidas, assistiram a um Outeiro, que o dito Ministro tinha ali disposto por ocasião do Nascimento de Sua Alteza, onde por muitos Poetas da Vila, e Comarca, que ali concorreram, se recitaram, e glosaram com plausível acerto muitas obras alusivas a este faustíssimo motivo; e depois foram todos servidos em duas mesas de fiambres, rica e delicadamente guarnecidas, e que com a iluminação delas, e do pátio interior da mesma Intendência, onde se dispôs a maior mesa, faziam a mais aparatosa e magnífica vista que se pode considerar em um espetáculo deste gênero; e a iluminação estava toda guarnecida de emblemas alusivos ao motivo do festejo, e ao edifício, onde ele se fazia, como depois se verá na descrição dela.

O divertimento das outras duas noites se revezou com duas outras iluminações, que a Corporação do Comércio havia disposto na Praça pública da mesma Vila, onde o Doutor Ouvidor da Comarca fez igualmente iluminar a frente das casas, que ali tem para fazer as Praças e Leilões, e para o expediente do seu despacho, por ser mais no centro da Vila, o que dava maior alegria à iluminação, que o Comércio havia disposto naquela Praça em um passeio público, cujas ruas se figuravam com arvoredo transplantado a este fim, e cuja entrada se fazia por três magníficos pórticos, ao lado dos quais corriam varandas para receberem as Senhoras, que ali quisessem descansar; e no meio estava uma casa chinesa igualmente iluminada com assentos à roda, dentro da qual concorriam a dançar as vistosas farsas, que de tarde guarneciam a praça dos touros, mas já com diversas invenções; e mais adiante havia um lago com chafariz de repuxo, no qual nadavam diversas aves, e no fim um grande fogo preso, e armado em Castelo, que se queimou na primeira noite, rematando-se por uma letra, que se iluminou, e dizia:

O Comércio, que em torno o Mundo gira,
A novos planos com tal Bem aspira.

Na segunda noite se via em lugar dele a um lado um botequim, que servia gratuitamente a todas as Pessoas asseadas, com os refrescos, e licores que se pediam; e ao lado dele estava uma grande fala guarnecida de damascos, com uma mesa de delicados doces ainda mesmo da Europa, disposta com admirável gosto, que oferecia um esplêndido copo d'água a todos os Espectadores que ali concorreram até às duas horas da noite, que foi quando se retirou o Excelentíssimo General, e se acabou outro Outeiro, que ali fizeram os mesmos Poetas, que haviam concorrido ao precedente. As Corporações da Justiça, e da Intendência aprontaram por oferta voluntária duas riquíssimas farsas vestidas ao gosto mais delicado, todas de cetim, e cabaias, que apareceram nas tarde dos touros; executando com toda a perfeição as mais vistosas contradanças, diversas sempre, e particularmente ensaiadas a este fim. Os Estudantes fizeram uma esquisita farsa de largatos, os mais próprios, que se têm visto, com música e movimento bem imitados. Alguns Curiosos do Arraial de Santa Luzia ofertaram uma farsa de macacos, e uma Ópera; e outros Curiosos desta Vila aprontaram uma Ópera, que foi a primeira, que se representou por principiar por um Drama dos Deuses, feito para aparecer nesta ocasião pela primeira vez, e todo alusivo ao Nascimento de Sua Alteza; de forma que concorrendo assim todos para o complemento deste assinalado festejo, teve de retirar-se o Excelentíssimo General no último dia da festa, que foi a 7 de maio, com a satisfação de haver presenciado o mais completo regozijo, que ainda se fez nesta Capitania, e que foi mais plausível por não acontecer em todo ele, e no concurso de inumerável Povo, que de tantas partes concorreu, nem a menor desordem: o que prova bem, e sem deixar a menor dúvida, aquela era a alegria, e contentamento de todos, procedendo em grande parte do que tiveram em ver que o mesmo Excelentíssimo General concorrera a solenizar mais toda esta função com a sua presença, testemunhando ao mesmo tempo a fidelidade, com que aqueles Povos quiseram marcar mais o seu amor, e respeito pela Real Casa, e Família, que tão felizmente os governa.

Descrição das iluminações, que fizeram os Magistrados daquela Vila

A Do Doutor Intendente da Comarca na Casa da Intendência em que tem a sua residência, consistia em uma arcada, que fez erigir, sobre a qual corriam as quatro janelas do edifício, e sobre elas a cimalha, que por lhe dar maior elegância, fez levantar acima do

telhado, correndo sobre ela uma balaustrada; e no meio desta estavam como em remate as Armas Reais sobre troféus, e insígnias Militares, finalizando pelos lados com dois arcos grandes, no meio dos quais estavam as Armas de Portugal, e Castela unidas em um só escudo, pendendo por baixo de cada um deles dois grandes lustres. No painel do meio do frontispício se via o Retrato da Rainha nossa Senhora em pé, de Cetro, e Manto Real, e a seus Pés a figura da América de joelhos, ofertando-lhe os cofres, e mais preciosidades do País, com a seguinte letra

Com o ouro, com a fina pedraria
Recebe os votos, que o Brasil Te envia.

Ao lado direito deste painel estava o Retrato da Princesa em meio Corpo, com a letra seguinte

As Graças, as Virtudes, que a rodeiam
Mais que o Cetro, os peitos senhoreiam.

Ao lado esquerdo estava o do Príncipe, com a seguinte legenda

Herói, Prole de Heróis, Tua alta glória
Já orna os fastos da severa História.

Ao lado de cada um dos arcos estava a figura da Fama: a que olhava para o Nascente tinha esta legenda:

Até onde começa o mesmo dia
Se estenderá o Nome de Maria.

E a que olhava para o Poente tinha a seguinte

Onde acabam do Sol os resplendores,
Lá mesmo chegarão os seus louvores.

As cimalhas das janelas, o meio de cada um dos arcos da arcada, que corria por baixo do edifício, e os capitéis das colunas, sobre que se firmavam os mesmos arcos, estavam decorados dos emblemas seguintes, e suas respectivas legendas.

Uma Menina recém-nascida, com a letra

Ainda no berço já nos afiança
Paz, Proteção, Justiça, e Segurança.

Uma Oliveira, e uma pomba voando em ação de pousar nela; para explicar a paz, que nos segurava este Nascimento, com a seguinte letra

A Paz, Filha do Céu, nasce Contigo
E no Teu Régio Peito busca abrigo.

Uma Árvore viçosa com frutos pendentes, para explicar que o Nascimento da Princesa aumenta a esperança da nossa felicidade na Sucessão da Casa Reinante, com a seguinte letra

Não de outra sorte a Prole em nosso abono
Segurará da Lísia o Régio Trono.

O Sol com a seguinte letra

O Sol vencendo as trevas traz o dia:
Tu conduzes aos Povos a alegria.

Uma Estrela brilhante no horizonte iluminando o mar; para explicar que assim este Nascimento desterrou nossos pesares pela falta de sucessão, com esta letra

Desterrou nossos sustos, e pesares,
Bem como estrela, que ilumina os mares.

Um Navio navegando sobre o mar; para explicar as riquezas, que esperamos, e já gozamos na segurança da Sucessão da Real Família, com a seguinte letra

Voltarão de riquezas carregados
Por mares nunca d'antes navegados.

Um Leão a beber no Tejo, simbolizado num rio banhando Lisboa; para explicar a aliança das duas Cortes de Portugal, e Castela, com a seguinte letra

Dos dois Reis glória, e paz, grande amizade,
Fará esta aliança em toda a idade.

Um coração abrasado em chamas, simbolizando o amor dos Portugueses pelo feliz Desposório dos nossos Príncipes, com esta letra

Pela Vossa união em chama ardente
Se abrasa o coração da Lusa Gente.

Um sinete, e uma chave; para explicar a fidelidade da Nação pelos nossos Príncipes, com a seguinte legenda

Não pode praticar feia maldade
Quem por timbre só tem fidelidade.

As três Graças abraçadas, simbolizando o amor, e amizade dos nossos Príncipes, com a seguinte letra

Abraçadas se vêem, unindo o rosto,
Para expressar d'amor o eterno gosto.

Uma Águia passeando num prado a par de um Corvo, para expressar a benignidade dos nossos Príncipes, com esta letra

Quando o gosto do bem se faz geral,
Não há maior, menor, tudo é igual.

Um Pelicano em meio dos filhos rompendo o petisco com o bico para lhe dar o sustento no próprio sangue; simbolizando o amor, e vantagens, de que gozamos no Governo Monárquico, com que felizmente somos governados, e com esta letra

Se uma ave com seu sangue os filhos cria,
Isto mesmo nos faz a Monarquia.

O rio Sabará correndo turvo, como ele é, pela falda de dois montes, onde está situada a Vila, com a letra

Enquanto progredir sua corrente
Teus Nomes cantará a Lusa Gente.

O colorido das pinturas, as muitas luzes, de que estava revestida, a harmonia de instrumentos de sopro, que tocavam continuamente em todas as noites de luminárias, e o coreto de maior música, com que na quarta noite se interpolou o Outeiro, fez esta iluminação muito brilhante, e causou um completo entretenimento.

A iluminação, que fez o Doutor Ouvidor da Comarca nas casas, que tem na Praça desta Vila das duas noites, em que se iluminou o passeio, que ali havia construído a Corporação do Comércio, se segurou em um grande edifício, que à frente daquelas casas fez levantar aquele Magistrado por uma magnífica escadaria, que subia ao sobrado por um, e outro lado, rematando sobre o pórtico; e no painel, que ficava por cima dele se via o Retrato da nossa Soberana, e logo por baixo do dito Retrato os dos Príncipes nossos Senhores todos em medalhas, e cercados de ramagem verde; e por um, e outro lado se viam pendentes também em medalhas vários emblemas com dísticos, que se liam por luzes furtadas; rematando-se o edifício por uma varanda guarnecida de vasos de flores, em prospecto de uma casa de campo; por ser assim mais análogo, e correspondente ao passeio, que ali se figurou.

Por fim do pórtico se via a seguinte legenda

De Carlota, e João a bela Filha
Do Mundo faz a oitava maravilha.

Aos lados estavam os seguintes dísticos

I.

Renovada por Ti a idade d'ouro
Nos fará de mil bens feliz tesouro.

II.

Do nosso amor não louves o artifício,
Louva somente o mais sincero ofício.

Os emblemas, que guarneciam a iluminação, eram os seguintes:

A América, de arco, e flecha, adorando uma Estrela, com a seguinte letra

Nos dons, que o Céu com Portugal reparte,
Tem o Brasil igual ditosa parte.

Três Índias decrépitas às margem dos Rio das Velhas, com esta letra

A longa idade, que o símbolo figura
Do Teu Povo fará a alta Ventura.

Dois Corações passados de uma seta, com a letra

Dos peitos a união, o estreito laço
Dos anos seguirão o longo espaço.

As Pombas osculando-se sobre uma pira, com a letra

Não geram pombas rígidas serpentes,
Só nascem de Leões Leões valentes.

A Balança de Astréia, com a letra

Não tem mais preço, nem valor mais nobre
A justiça do Rico, que a do Pobre.

O Templo de Jano, com a letra

Fechado o Templo do feroz Mavorte,
Não nos assusta mais a crua morte.

A Cornucópia de Almatéia, cheia de flores, com a seguinte letra

As Ciências, as Artes a Teu Mundo
Se apressam novas luzes derramando.

Duas Cítaras unidas, com a letra

Da acorde Lira o som harmonioso
Da doce faz exprime o belo gozo.

A Fama, por baixo das Armas Reais, que estavam abaixo dos Retratos, com a seguinte letra

Aos mesmos Céus, ao Templo da Memória
Do Luso Império levarei a glória.

Esta Iluminação, que tinha cinco mil e tantos lumes, estava belissimamente desempenhada, e encheu de satisfação a todos os Circunstantes, até pelo ilustre, que dava a todo o passeio.

[S.I.A.]

L I S B O A,

NA RÉGIA OFICINA TIPOGRÁFICA,

Anno M.DCC.XCIV.

Com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

22. **RELAÇÃO DOS FESTEJOS REALIZADOS A 10 DE AGOSTO DE 1801, NO ARRAIAL DA CONCEIÇÃO, CAPITANIA DE MINAS GERAIS, EM HOMENAGEM A BERNARDO JOSÉ DE LORENA,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1801. (Ed. 1801).

RELAÇÃO DOS FESTEJOS REALIZADOS A 10 DE AGOSTO DE 1801, NO ARRAIAL DA CONCEIÇÃO, CAPITANIA DE MINAS GERAIS, EM HOMENAGEM A BERNARDO JOSÉ DE LORENA

Logo que entrou a fazer-se noite começaram a iluminar-se todas as casas do arraial, o qual em breve parecia todo arder-se com bastas luminárias, fogueiras, e grandes fachos formados de feixes inteiros de taquara, que se punham perpendiculares de distância em distância.

Da fronteira da casa da residência de sua excelência se descia por uma rua formada de duas fileiras de árvores muito bem iluminadas, a qual rua desembocava em uma larga praça, que era o lugar do festejo.

No meio desta praça construiu-se um grande círculo, todo embalaustrado em roda, e por cima dos peitoris colocaram-se numerosas luminárias. O povo formava uma densa coroa ao redor da balaustrada, ficando o mais livre e vazio para se representarem as farsas.

Por fora do círculo estava plantada uma alta e densa árvore, também muito bem iluminada, e a um lado um sortido botequim que repartia finos licores ao povo.

Logo que foram oito horas desceu sua excelência no meio de muitas salvas e seguido de grande número de povo, por entre as fileiras de árvores, que guiavam à praça; e aí chegando e tomando o lugar, que para ele e sua comitiva estava preparado, rompeu a orquestra em dois coros, tocando e cantando com arrebatadora harmonia certas letras, que diziam respeito à ação praticada por sua excelência em Tijuco, à paz que restituiu à terra desolada pelo despotismo, ao orgulho que abateu e fez desaparecer, e a outros conceitos semelhantes: os quais ao mesmo tempo que encantavam os ouvidos, davam que fazer ao entendimento.

Acabada a música, começaram a assomar por cima dos telhados, no meio de grande vozeria de marinheiros, as pontas de mastros de uma embarcação, que daí a um instante apresentou-se toda inteira defronte do círculo. Vinha muito airosa, navegando com garbo, com todas as velas desferidas, ornada de flâmulas de variadas cores, e com seus ricos pavezes em torno.

A um lado da praça levantava-se uma torre com as suas ameias, armada tão ao natural, que parecia um verdadeiro forte.

Da torre fizeram-se à nau, por meio de uma buzina, as perguntas do costume, as quais sendo respondidas, houve salvas de parte a parte; e depois a nau se foi chegando mais para junto de círculo, onde deu fundo.

Aqui depois de muita grita, que bem fingiu a amarração de um navio e a tomada de panos, e feitas outras cerimônias mais, que se praticam em tal ocasião, e com que se gastou muito tempo em divertimento dos espectadores, saltou repentinamente no círculo uma bem vistosa contradança de marujos, vestidos todos em uniforme com graça e propriedade.

Finda esta farsa principiou outra vez a música a tocar, acompanhando o canto, de que já se falou, com outras letras novas acomodadas ao assunto, que intermediavam de uma à outra farsa.

Não tardou muito tempo, quando por outro lado entrou no círculo um carro triunfal tirado por uma ema branca, de cujo pescoço pendiam para um e outro lado largas e longas fitas encarnadas, que eram levadas por quatro mancebos e quatro raparigas, todos ricamente trajados, e que serviam não só para abrilhantar o cortejo, como para guiar e subjugar o grande pássaro.

Em cima do carro vinha assentado com garbo e louçania, ricamente vestido na figura de Apolo, um lindo menino, filho do capitão Coura. O carro depois de ter feito um semi-círculo, em marcha pausada, postou-se bem defronte de sua excelência. Então o pequeno Apolo recitou de cor muitas peças de poesia, em voz sonora e inteligível; todas discretas, bem feitas e entendidas; concluídas as quais os guias da ema, tendo lançado de mão as fitas, começaram a dançar uma engraçada contradança ao redor do carro de triunfo, como em obséquio ao pequeno Apolo.

Esta dança ainda não era bem acabada, quando sentiu-se um grande reboliço do povo, e ao som de assobios vivos, curtos e fortes, e de tons ásperos tirados com repetidos embates de dois paus feridos um contra outro, apareceu sobre a cena uma tropa de pequenos caboclos. Eram todos crianças, muito vivos e ligeiros, pintados de urucu e bem ensaiados, de maneira que imitavam perfeitamente os verdadeiros caboclos.

Um monstruoso e conchado jacaré vinha no meio desta maloca, e servia de montada ao seu cacique.

De rebate começam suas danças ao som de ásperos, mas engraçados instrumentos. Ora com cipós, em cujas pontas seguram, dando saltos regulares, e fazendo mil evoluções, formam e tecem esteiras, em que suspendem o cacique; ora largam os cipós, tomam

os arcos, fingem guerras, avançadas, retiradas, morrem, ressuscitam por meio de seus mágicos; ora o jacaré também dança, e com a rasgada boca, onde branquejam agudos e alvos dentes, já faz rir o povo, já o intimida.

Assim brincava o povo da Conceição, e festejava a felicidade do povo do Tijuco, quando sua excelência o deixou, sendo já meia-noite e devendo no outro dia continuar sua viagem.

— Texto copiado do livro do Dr. Joaquim Felício dos Santos — **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio** (Província de Minas Gerais) pelo... — Nova edição, com um estudo biográfico de Nazaré Menezes. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1924. Págs. 246-248.

Observação — O A. diz possuir o manuscrito que é a descrição dos festejos de 10 de agosto de 1801, em Conceição, em homenagem a Bernardo José de Lorena, como vimos, mas não indica o autor nem declara se é anônimo.

23. **DESCRIÇÃO DA MANEIRA POR QUE FOI APLAUDIDO NA CAPITANIA DA PARAÍBA DO NORTE O MEMORÁVEL DIA 13 DE MAIO DE 1803, EM QUE FEZ ANOS O SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL NOSSO SENHOR,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1803. (Ed. 1803).

DESCRIÇÃO

Da maneira por que foi aplaudido na Capitania da Paraíba do Norte o memorável dia de 13 de maio de 1803, em que fez anos o sereníssimo *Príncipe Regente* de Portugal Nosso Senhor.

Logo que principiou o mês de maio, em que havia fazer anos **Sua Alteza Real o Príncipe Regente** nosso Senhor, por ordem do Governador da Capitania da Paraíba, o Chefe de Divisão Luís da Mota Feio, de inteligência com o Desembargador Ouvidor da Comarca Manuel Leocádio Rademaker, se começou a trabalhar com a maior atividade no largo da Igreja do Colégio, defronte das casas da Residência do Governo, a fim de se formar uma Praça regular, cuja obra se fez sem dispêndio algum da Real Fazenda, nem vexame dos Habitantes da Capitania, concorrendo o Governador com dinheiro para os gastos que se fizeram, e dispensando todos os dias, que durou a obra, os Soldados da sua guarda para faxinarem na mesma praia; o Ouvidor sustentando, e pagando a doze índios trabalhadores, enquanto durou a obra, e alguns Habitantes mais abastados, mandando voluntariamente nos últimos dias, que foi preciso finalizá-la, um grande número de seus escravos, até que finalmente no dia doze se deu por concluída a Praça, ficando plana com quatro entradas na embocadura de quatro ruas, com trezentos e cinquenta pés de fundo, e trezentos de frente. No dia 13 apareceu arvorado nesta Praça o Estandarte Real, e junto a ele uma sentinela, assestada três peças de parque, e um Tenente do Batalhão da Tropa paga com Soldados correspondentes para darem as salvas Reais; e sendo preciso desapensionar de todo o serviço da Praça, o Batalhão da Tropa paga, a fim de se achar na Parada em maior número, e por conseqüência mais brilhante, entrou de guarda neste Dia o Regimento Miliciano de Brancos; aparecendo com uma agradável Música, e fazendo em todo o dia o serviço das Guardas com muita regularidade, e luzimento[.] Às nove horas da manhã marchou o Batalhão da Tropa paga com o seu possível asseio, e se veio postar na nova Praça para executar as ordens, que ao seu Comandante se tinham dirigido; a esta hora já concorriam à casa do Governo todas as Pessoas públicas da Cidade, e seus Subúrbios; e chegando finalmente a Câmara formada com o seu Estandarte, aonde vinha incorporado o Ouvidor da Comarca, se

abriu pelo Oficial das ordens a porta da casa, onde se achava o Governador para receber as gostosas, e justas congratulações do Dia, e fazendo entrar a Câmara: a este ponto de principiar o cortejo em sinal do mútuo contentamento de todos, rompeu uma salva Real de Artilharia na nova Praça, e logo depois dela três descargas de mosquetaria dadas pelo Batalhão de Tropa postada na mesma Praça; imediatamente depois da Câmara entrou o Corpo Eclesiástico, e sucessivamente se seguiu o Intendente da Marinha, a Oficialidade dos Corpos Milicanos pela antigüidade dos seus Chefes, a dos Corpos das Ordenanças seguindo a mesma ordem, os Coronéis, e mais Oficiais reformados, e todas as mais Pessoas, que se achavam presentes pelas distinções dos seus empregos, e pelas qualidades pessoais. Finalizando assim este solene ato, saiu o Governador com a Câmara para outra sala imediata, aonde esperavam todas as Pessoas, que já o tinham cortejado, e aí fez o mesmo Governador uma fala dirigida aos Habitantes da Capitania, em que depois de mostrar a grandeza do Dia, e os aplausos que lhe eram devidos, fez ver a decadência da Capitania, procedida principalmente da desunião dos Habitantes, e persuadiu a todos a uma perfeita harmonia, com as obrigações de Católicos, com o apoio da festividade do Dia, e com a comemoração das Reais Ordens, concluindo ser este importantíssimo objeto muito da alta consideração, e agrado de **Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor:** seguiu-se outra fala feita pelo Ouvidor, em que mostrou os incomparáveis benefícios, que **Sua Alteza Real** tem liberalizado com todos os seus Vassalos, e peculiarmente com os Americanos, provando a estreita obrigação, que todos tinham de amar ao seu Soberano, que assim se fazia digno do mais puro amor, e fidelidade de todos. Concluída esta fala, desceu o Governador acompanhado da Câmara, e todo o mais concurso para a Igreja do Colégio, aonde concorreu também muito Povo, e aí se celebrou Missa solene, achando-se a Igreja ornada, e iluminada o melhor que foi possível: ao levantar a Deus rompeu outra salva Real da Artilharia, e sucessivamente outras três descargas de mosquetaria. Depois de celebrar a Missa retirou-se a Câmara, e vieram todos os mais acompanhar o Governador a sua casa, e ali ficaram as principais pessoas da Cidade, que jantaram com ele, em cujo jantar se fez com o mais profundo respeito a devida saúde a **Sua Alteza Real** com vivas ao mesmo Augusto Senhor, e as mais Pessoas Reais. Neste Dia se abriram as portas de uma horta ajardinada, que o Governador tem ao pé da casa da sua residência, e nela passearam de tarde todas as Pessoas do Povo, que quiseram entrar; e havendo dentro da mesma horta uma casa rústica, que o Governador tinha mandado fazer, aí se conservou tocando toda a tarde a melhor orquestra de Música, que tem a Terra, ao som da qual se divertia o Povo, tendo começado este concerto desde que principiou o jantar. Às cinco horas da tarde tornou a Câmara para

a Igreja, e a ela também se dirigiu o Governador com todo o mais acompanhamento, que tinha tido de manhã, e se celebrou com todo o aparato, e solenidade possível o **Te Deum** em ação de Graças pelos Felizes Anos do **Príncipe Regente Nosso Senhor.** Todo o ornato, e iluminação da Igreja neste Dia, assim como as despesas da Missa, e **Te Deum** foram feitas à custa do Governador. Ao acabar o **Te Deum** rompeu a última salva Real de Artilharia, e se seguiram as últimas três descargas de mosquetaria; e finalizado este Ato se retirou a Câmara, e o Governador voltou a sua residência com todo o concurso, que neste Dia o tinha acompanhado; a este tempo, que principiava a noite; se puseram luminárias nas casas do Governador, do Ouvidor, frontispício da Igreja do Colégio, e mais casas vizinhas, o que fizeram voluntariamente sem insinuação alguma. Nesta ocasião, estando todo o concurso na sala do Governo, recitou o Oficial da Secretaria Francisco Xavier Monteiro da França uma Oração Genetlíaca, em que tratou do muito que **Sua Alteza Real** se fazia digno do amor de todos pelo seu incomparável zelo da Religião Católica, e Beneficência para com o seu Povo: seguiram-se a algumas Poesias Heróicas avulsas, recitadas por várias Pessoas do mesmo concurso, todas em aplauso do Dia, e louvores do mesmo **Augusto Senhor.** Deitou-se depois disto bastante fogo do ar, e houve fogos de vista, aparecendo destes o Retrato de **Sua Alteza Real o Príncipe Regente** perfeitamente iluminado: a esta aparição o Povo, que se achava na Praça vendo o fogo, correu aproximando-se ao Retrato Real, e com repetidos vivas mostrou evidentemente a incomparável alegria, e satisfação; que causava a todos uma vista tão respeitável. Todo este fogo foi mandado vir de Pernambuco, e colocado na nova Praça à custa do Desembargador Ouvidor da Comarca. Acabado o fogo seguiu-se o refresco que deu o Governador geralmente a todas as pessoas, que formaram o concurso, e que com ele assistiu (sic) a todos os solenes Atos deste Dia, o que se finalizou pelas onze horas da noite, havendo sempre desde que anoiteceu até esta hora uma efetiva Música distribuída pela Praça nova, composta de Músicos da Tropa paga, e de todos os Regimentos de Milícia. Então se retiraram todos, depois de terem dado provas do maior contentamento em aplausos, que se tinham feito, e que tão justamente se deviam a este Faustíssimo Dia, pois que em todos os solenes Atos dele deram sempre as mais decisivas demonstrações do seu prazer, e fiel vassalagem.

Lisboa.

Ano MDCCCIII.

Na Impressão Régia.

Por Ordem Superior.

24. **RELAÇÃO DAS FESTAS QUE SE FIZERAM NO RIO DE JANEIRO, QUANDO O PRÍNCIPE REGENTE NOSSO SENHOR, E TODA A SUA REAL FAMÍLIA CHEGARAM PELA PRIMEIRA VEZ ÀQUELA CAPITAL.** [. . .], [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1810. (Ed. 1810).

RELAÇÃO

das Festas que se fizeram
no Rio de Janeiro, quando

o

PRÍNCIPE REGENTE NOSSO SENHOR,

e

Toda a Sua Real Família
chegaram pela primeira
vez àquela Capital.

Ajuntando-se algumas Particularidades igualmente curiosas, e que dizem respeito ao mesmo Objeto.

Lisboa

Na Impressão Régia.

Ano 1810.

Com Licença.

AO LEITOR

A Presente Relação, que damos à luz, deve desafiar a curiosidade do Público, tanto por ser a primeira que aparece, inda que tarde, como por se achar estreitamente ligada com a História de um sucesso, que em todos os tempos fará impressão nos corações dos Portugueses. Estes dois motivos foram os que particularmente nos determinaram a publicar a seguinte Carta, logo que veio a nossa mão. O seu Autor, cujo nome ignoramos, foi testemunha ocular do que refere; e podemos contar com a sua veracidade não só por esse motivo, mas também por escrever em particular a um seu Irmão residente neste Reino, a quem certamente não se propôs enganar. A familiaridade nestes Irmãos, e a pressa com que muitas vezes se escreve, principalmente uma Carta extensa, devem desculpar algumas negligências de estilo; a que damos à luz, algumas tinha, e por isso julgamos, que sem fazer injúria aos talentos do seu Autor, a podíamos retocar aqui, e ali, para aparecer mais correta, e asseada. Assim mesmo estamos longe de presumir que lhe havemos dado a última demão. Possam os nossos cuidados ser gratos ao Público!

[S.I.A.]

Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1809.

MEU CARO IRMÃO

Haverá um ano que te não tenho escrito, mas tu não ignoras os motivos que a isso me têm obrigado, pois bem sabes que desde outubro de 1807 não tem saído daqui embarcação para esse Reino; agora porém que sai uma, não quero perder a ocasião de te participar os sustos, e as alegrias que tem tido a nossa Pátria, como também esta nova Lusitânia.

Primeiro que tudo passo a contar-te os preparativos de defesa, que se fizeram em toda a Costa deste País, em consequência dos Avisos, que então chegaram de Lisboa, os quais nos anunciavam que estávamos a ponto de ter guerra com a Grã-Bretanha pela publicação do Decreto de 22 de outubro, em que o nosso Príncipe declarou os Portos fechados àquela Potência; por cuja causa foi

daí expedido um Brigue de guerra a Pernambuco, e à Bahia, para se tomarem medidas de defesa. O Brigue porém, que tinha sido despachado para essa Cidade com as mesmas Ordens, trazia por felicidade nossa perto de cem dias de viagem, quando chegou, que a ter chegado mais cedo, seria aqui de grande flagelo: contudo, quando ele chegou, já se andavam aqui a fortificar as praias, porque tinham vindo várias embarcações de Pernambuco, e da Bahia, que nos deram notícia dos preparativos, que pelo Norte deste Continente se estavam fazendo: porém com a chegada do Brigue que trouxe os Avisos, saiu o Edital seguinte, que mandou afizar o nosso Vice-Rei, que então era o Conde dos Arcos.

[S.I.A.]

EDITAL

Dom Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, do Conselho de Sua Alteza Real, Vice-Rei, e Capitão General de mar, e terra dos Estados do Brasil, etc.; etc.; etc.

Por quanto Sua Alteza Real, o nosso querido Príncipe tem ordenado, que desde já comece eu a cuidar na defesa das famílias, e pessoas dos seus Vassalos, habitantes desta Colônia, por isso, que apesar dos sacrifícios, e esforços que aquele Augusto Senhor tem feito para conservar a mais estreita neutralidade entre as Potências beligerantes, a situação da Europa para ameaçar hostibilidades contra as Colônias do Brasil, convém a fazer o seguinte.

O caráter Português, isto é, **Valor**, e **Lealdade**, afirma como infalível a glória da guerra, herança sagrada, e a mais respeitável de nossos Maiores. Desviando portanto quaisquer medidas de aspereza, que em conseqüência ficam sem lugar entre Portugueses, quando se trata da defesa do Soberano, e seus Domínios, lanço mão das que a honra, e o capricho inspiram sem dúvida as mais poderosas entre Vassalos, a quem a História conhece pela divisa = Fidelidade = Portanto mando criar um Corpo de Cavalaria, que será composto só de Voluntários, de que eu serei o Chefe, e com o uniforme que pode ver-se na Sala deste Palácio, onde deverão vir alistar-se os Voluntários desta Cidade, e seu Termo, que também podem ser Soldados militares de infantaria, no espaço de oito dias consecutivos, que principiarão a correr da data deste, e os de mais longe por maior espaço. Igualmente tenho ordenado, que se formem Companhias francas de infantaria de Voluntários, que não sejam já milicianos, os quais se agregarão aos Regimentos de Linha. Na Sala deste Palácio estará o modelo do uniforme das ditas Compa-

nhias, e também lá deverão alistar-se os Voluntários no tempo acima mencionado. Tais são os primeiros passos, que julgo dever dar em execução das Reais Ordens de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor, por serem aqueles, que com mais segurança guiam aonde nos espera a nossa obrigação, e a glória sempre inseparável das Armas Portuguesas. Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1808.

Assinado: **Conde dos Arcos.**

[RELAÇÃO]

Em virtude do Edital, foi todo o Povo desta Cidade assentar praça. Dava que admirar ver a multidão de gente de todas as classes, que concorria ao Palácio a oferecer-se para Soldados Voluntários (o que mesmo fizeram alguns Coronéis, Tenentes-Coronéis, e Capitães) uns na Cavalaria, outros na Infantaria, estes a comprar armas, aqueles a aprenderem o exercício, aqueles outros enfim a fardarem-se, e isto em menos dos oito dias que o Edital dava de prazo. Vendo eu tão patriótico ardor, e que o Corpo do Comércio já tinha ido quase todo, fui também assentar praça de ânimo pronto para tudo o que fosse em benefício da Pátria.

Entretanto, e quando faltavam só dois dias para acabarem os oito prescritos pelo Edital, eis que chega um Brigue destacado por Sua Alteza Real, com ordem de nos informar de como Ele já tinha saído de Lisboa, e se dirigia a esta Cidade. O mesmo Brigue nos disse, que fora destacado ao quarto dia de viagem, e trouxe-nos o Decreto de 26 de novembro de 1807, com as instruções que o acompanhavam, no qual Sua Alteza Real declara os motivos da sua retirada para o Brasil até a Paz Geral.

Com tão inesperada notícia, que nos encheu ao mesmo tempo de gosto, e consternação, tudo mudou aqui de face. O alistamento foi dissolvido, os alistados tornaram para suas casas, o nosso Vice-Rei mudou logo de residência, e o Palácio foi caiado, pintado, e forrado por dentro de seda de várias cores. Depois de estar pronto, eu mesmo, o fui ver: com efeito está digno dos nossos Monarcas! Sabes que o Palácio é quase quadrado: pelos seus quatro lados tudo são Salas, porque a Relação que nele estava foi mudada para outra parte, e os quartos que havia foram reduzidos a Salas. A cadeia que também é um edifício grande, pois tinha por cima a Casa do Senado, foi convertida em Palácio; tiraram-se-lhe as grades; abriram-se por baixo portões para seges, e por cima ampliou-se a casa do Senado, e se lhe meteram mais algumas janelas de sacada com suas grades de ferro. Tudo foi rebocado de novo, pintado, e ornado de forma que não faz diferença de um Palácio, pois do que já havia se fez um passadiço de arcada para a dita Casa do Senado. A cadeia foi mudada para o aljube, que se ampliou por este motivo, e é a mais

espaçosa que a que foi, e hoje tem a glória de fazer parte de um Palácio, em que habita um dos maiores Monarcas do Universo.

Entretanto que se preparava esta Cidade para a recepção dos seus Soberanos, apareceu na barra a 17 de janeiro de 1808 uma pequena Esquadra composta de duas Naus Portuguesas, uma Fragata, um Brigue, e quatro Naus Inglesas. Era a Sereníssima Senhora Princesa Viúva, com duas das Senhoras Infantinhas, filhas de Sua Alteza Real; e neste mesmo dia entrou na barra com quarenta e nove de viagem; porém não quis desembarcar enquanto não chegasse Sua Alteza Real; por cujo motivo esteve sempre a bordo, e toda a Fidalguia que vinha com Ela. Em todo este tempo corria o Povo desta Cidade a oferecer-lhe em multidão as frutas do País, e algumas da Europa, que então havia, como eram, figos, uvas, pêssegos, etc.

A chegada prematura da Senhora Princesa Viúva a esta Cidade, com o resto da Esquadra, foi motivada por um temporal, que nove dias de viagem caiu em toda ela, separando-a de tal modo, que nunca mais se pôde reunir, apesar de ter esperado três dias, em Cabo Verde, no fim dos quais vendo que não bordejava por ali Navio algum, levantou ferro, e fez de vela para este Porto; motivo por que chegou primeiro, a exceção do Brigue destacado ao quarto dia de viagem. É de advertir que apenas aqui chegou o dito Brigue com a notícia da vinda de Sua Alteza Real se tomaram muitas casas para os Fidalgos que o acompanhavam, os quais foram logo para elas assim que desembarcaram, pois sabia-se pelo Brigue o número dos que vinham.

A Senhora Princesa Viúva, depois que aqui chegou, esteve vinte e sete dias sem desembarcar, e em todo este tempo deu o Povo desta Cidade as maiores demonstrações de sentimento, pela incerteza do destino de Sua Alteza Real, por cujo motivo se começaram a fazer Preces em todas as Igrejas. Passados porém alguns dias, entrou aqui uma embarcação da Bahia, com a gostosa notícia de que Sua Alteza Real se achava naquela Cidade, com todo o resto da Esquadra, e que por aqueles quinze dias era de esperar que chegaria aqui. Uma tão agradável notícia alegrou infinito os habitantes desta Cidade, pois se divisava no semblante de todos um contentamento inexplicável, por saberem com certeza, que o seu desejado Príncipe se achava em salvo, e tinha já tocado num dos Portos deste vasto Império. Em conseqüência desta notícia desembarcou a Senhora Princesa Viúva, depois de estar vinte e sete dias a bordo, como já disse.

Descrever-te os extremos que fez a Cidade da Bahia ao seu Soberano, é empresa superior a minha pena, pois foram tais as alegrias, regosijos, e oferecimentos daquele Povo, que Sua Alteza Real se viu obrigado a dizer — Que não pensava ter Vassalos tão amantes; como eram os da Cidade da Bahia — Esta é a voz que

ainda hoje se ouve nesta Corte, e tem quase passado em provérbio os extremos de reconhecimento da Cidade da Bahia para com o seu Soberano. Mas vamos ao que se passou a minha vista.

No dia cinco de março de 1808, pelas dez da manhã, divisamos ao longe o resto da Esquadra, em que vinha Sua Alteza Real; e quando foram três da tarde, já tinham entrado todas as embarcações, na última das quais vinha o dito **Senhor,** e Sua Augusta Mãe. Foi esta uma das tardes mais aprazíveis que tem gozado esta Cidade. Todas as Naus, e Fortalezas se embandeiraram, e deram ao mesmo tempo uma Salva Real. A tropa, isto é, os Quatro Regimentos de Linha, e os Quatro de Milícias, marcharam formados para o largo do Palácio, onde se postaram. Ao mesmo tempo embarcou para bordo a Senhora Princesa Viúva, com as duas Senhoras Infantinhas, o nosso Vice-Rei Conde dos Arcos, todos os Fidalgos, que já cá estavam, a Câmara, etc. a fim de cumprimentarem as Pessoas Reais pela sua feliz chegada. Neste dia porém não quis desembarcar Sua Alteza Real, por cujo motivo se deu ordem para a tropa se recolher a quartéis. Eis aqui o que se passou no dia cinco de março; e à noite começaram os nove dias de luminárias, que esta Cidade pôs pela chegada do seu Soberano, assim como já tinha havido seis, quando aqui chegou a Senhora Princesa Viúva.

No segundo dia tornaram a embandeirar-se todas as Naus, e Fortalezas, e de tarde veio a tropa, como no primeiro dia, postar-se no largo do Palácio. Neste dia porém só veio à terra Sua Alteza Real, e às Ave-Marias saiu do Palácio a ver as luminárias, num coche tirado a quatro cavalos, com uma escolta de sessenta Soldados de Cavalaria, e acompanhado de uma inumerável multidão de Povo, tão ansioso de o ver, que embaraçava o coche, não se ouvindo de todas as partes outras vozes senão — Viva o nosso Príncipe, viva o Imperador do Brasil. — No meio de tantos vivas, passou Sua Alteza Real neste segundo dia pelas principais ruas da Cidade por espaço de três horas. Às nove da noite recolheu-se ao Palácio, e esteve quase sempre à janela para ver o seu Povo, que se não saciava de contemplar o semblante risonho, e afável, com que Ele recebia tantos, e tão sinceros aplausos. À meia-noite embarcou para bordo, por não ter ainda desembarcado a Rainha Nossa Senhora, e deste modo findou o segundo dia.

Devo dizer-te que houve luminárias de muito gosto: eis aqui o bosquejo de umas. Um quadro grande mostrando na parte superior o Retrato de Sua Alteza Real entre festões de rosas. De um lado a figura de Lísia com semblante lacrimoso, do outro África de joelhos oferecendo suas riquezas, e a América de manto Real, e borzeguins, oferecendo também o coração que tinha nas mãos. Por baixo a pintura da Nau em que veio Sua Alteza Real, e na parte inferior as quadras seguintes.

América feliz tens em teu seio,
Do novo Império o Fundador Sublime:
Será este o País das Santas Virtudes,
Quando o resto do Mundo é todo crime.

Do grande Afonso a Descendência Augusta,
Os Povos doutrinou do Mundo antigo:
Para a Glória esmaltar do novo Mundo
Manda o Sexto **João** o Céu amigo.

Dístico à figura de Lísia.

Não chores Lísia
Os nossos Soberanos:
Descansam entre
Os seus Americanos.

Dístico à Nau.

E depois de sulcares
Os mares largos,
Terás assento etéreo,
Como a d' Argos.

Este quadro era iluminado com luzes furtadas, mostrando a favor da sua transparência todas as letras, e figuras, que na obscuridade da noite faziam um prospecto encantador.

A Câmara fez a sua iluminação entre o chafariz, e o mar. Era esta um edifício de madeira, em que se gastaram mais de quatro contos de réis. Este edifício fazia vista de uma fachada de Palácio, toda iluminada, com seus coretos de música nas extremidades. Sobre o pórtico da fachada estava o Retrato de Sua Alteza Real, com vários dísticos, e emblemas, e por cima uma Esfera com as Armas Reais dentro, porque as Armas do senado desta Cidade são uma Esfera. As músicas dos Regimentos estavam dispostas em torno do edifício tocando harmoniosas sinfonias. O Povo era tanto nestes nove dias de luminárias, que cercava o Palácio em grande multidão. O nosso Príncipe estava continuamente à janela a ver o seu Povo, e a satisfazê-lo com a sua amável presença. As noites de luar, que então era o mais belo, convidavam todos a passá-las no largo do Palácio: uns iam assentar-se à borda do cais, a contemplar o prateado dos mares, outros se entretinham a ouvir a música; estes a gozar da iluminação, aqueles enfim a ver o seu Príncipe, único alvo dos votos de seus corações. Deste modo se passaram aqueles dias tão gostosos, como agradáveis.

Mas vamos ao terceiro dia, em que desembarcou a Rainha Nossa Senhora, e toda a Real Família. Eis aqui como foi. Postou-se a tropa em alas desde a rampa até a entrada do Palácio, e o resto cercava a praça. O Cabido, e a Câmara estavam em baixo no lugar do desembarque para receberem as Pessoas Reais. Armou-se um altar próximo ao mesmo lugar para a Adoração da Cruz. As corporações Religiosas, as Irmandades das Freguesias, e toda a Nobreza

desta Cidade estavam de espera juntos com o Senado. Pelas quatro horas da tarde do dia 10 de março de 1808, Sua Alteza Real, a Rainha Nossa Senhora, e toda a Real Família desceram da Naus para os escaleres. A este tempo todas as Naus, e Fortalezas deram três Salvas Reais, arvorando suas bandeiras, e flâmulas. A tripulação de todas as embarcações Portuguesas, e Inglesas subiu aos mastros e de todas as partes repetia amiudados vivas. No meio de tantos aplausos chegou à terra toda a Família Real, desembarcou, adorou a Santa Cruz, e se recolheu ao Palácio, em cuja frente estavam tocando as músicas dos Regimentos, que depois se retiraram a quartéis. À noite deu Sua Alteza Real beija-mão a todas as Corporações Eclesiásticas, e Seculares; e deste modo findou o terceiro dia.

No último dos nove de luminárias, foi Sua Alteza Real à Igreja Catedral desta Cidade, o que se fez da maneira seguinte. Postou-se a tropa desde o Palácio até a Catedral. As ruas estavam armadas de seda, e o chão alcatifado de folhas, e de flores. Saíram então do Palácio em diferentes coches a Sereníssima Senhora Princesa Viúva, a Senhora Infanta Dona Maria Ana, as Senhoras Infantinhas, Filhas de Sua Alteza Real, e o Senhor Dom Pedro Carlos, Infante de Espanha, dirigindo-se todos à Catedral por entre as alas da tropa. Passado um quarto de hora saíram do mesmo Palácio debaixo de um rico, e grandioso Pálio, o Príncipe Regente Nosso Senhor, e Sua Augusta Esposa a Senhora Dona Carlota Joaquina, o Senhor Dom Pedro de Alcântara, Príncipe da Beira, e a Senhora Princesa Dona Maria Teresa, e o Senhor Infante Dom Miguel. A ordem que seguia esta ação é a seguinte. Já diante o Corpo do Senado com o Estandarte Real arvorado; seguia-se depois o Corpo Diplomático, que era muito luzido, e numeroso, por entrar nele toda a Fidalguia; vinha depois o Pálio sustentado por dez Senadores; e atrás uma guarda de cento e vinte Soldados de Cavalaria, porém a pé ao tempo que Sua Alteza Real ia chegando à Catedral, saiu fora o Ilustre Cabido a recebê-lo, e entrou cantando o **Te Deum** com toda a pompa, e asseio possível, assistido de toda a Nobreza, e Oficiais Militares, que se achavam então nesta Cidade. Apenas Sua Alteza Real saiu do Palácio, foi ao ar uma girândola de foguetes, e ao mesmo tempo todas as Naus, e Fortalezas deram uma Salva Real. Em todas as Igrejas se repiracaram os sinos, e pelas ruas por onde passou Sua Alteza Real espalharam das janelas muitas rosas, cravos, e outras flores, que embalsamaram os ares com seu agradável cheiro.

Quando se acabou o **Te Deum,** voltou a Palácio a Família Real por uma Ordem diferente daquela em que tinha ido, pois veio toda em coches, muito devagar por entre as alas da tropa, tocando ao mesmo tempo as músicas dos Regimentos, cujas bandeiras estavam abatidas. A guarda de Cavalaria, que tinha ido a pé com as clavinas

somente, voltou a cavalo, tocando os clarins. A tropa, e o Povo davam de todas as partes repetidos vivas, que arrebatavam os ouvidos, e o coração. Diante dos coches vinha o Corpo Diplomático, e Senatório a pé, e nesta ordem se recolheu Sua Alteza Real, e toda a Real Família ao seu Palácio. Depois desfilou a tropa pela frente do mesmo, a que assistiu Sua Alteza Real, e toda a Corte que o acompanhava; e à noite deu beija-mão a todos os seus Vassalos. Tal foi a recepção que esta Cidade fez ao seu Augusto Soberano.

[S.I.A.]

Particularidades notáveis, e curiosas...

A primeira coisa notável que me lembra dizer-te, é a generosa oferta, que o Negociante e Cidadão desta Cidade, Elias Antônio Lopes, fez da sua Chácara (Quinta) a Sua Alteza Real, e que o mesmo **Senhor** se dignou aceitar. A dita Chácara é uma das melhores coisas que há para o Sul. Está situada na bela planície de São Cristovão, distante desta Cidade coisa de meia légua à beira mar. No meio dela se eleva uma colina de espaçosa grandeza, sobre a qual está edificado o mais soberbo Palácio, que há nas Américas; pois só as varandas que tem em roda, e são de arcaria, têm mais de trezentas janelas todas envidraçadas. Quando Sua Alteza Real entrou ali pela primeira vez, disse a Elias Antônio, que o acompanhava: **Fez aqui uma varanda Real. Eu não tinha em Portugal uma coisa assim.** Hoje, respondeu Elias, hoje é que Vossa Alteza a faz Real com a sua presença. No dia seguinte às nove da manhã foram levantadas as Armas Reais no pórtico do Palácio, e ao mesmo tempo subiu ao ar um girândola de foguetes, que anunciou a todos esta inauguração. Desde aquele dia começou a chamar-se a dita Chácara **Quinta de São Cristóvão.** Sua Alteza Real tem ido lá jantar muitas vezes, e até já conseguiu de Sua Augusta Mãe, que fizesse o mesmo por três vezes, e toda a Real Família por outras muitas. Umas vezes vai por terra, e outras por mar. Tem lá criados da Casa, e tudo o mais que lhe é necessário. Sua Alteza Real mandou fazer na mesma um belo jardim, que dois regatos de cristalinas águas podem regar abundantemente. A grandeza desta Quinta poderá ser de uma légua em circuito, tudo planície, à exceção da colina em que está edificado o Palácio. Sua Alteza Real querendo gratificar a Elias Antônio tão generosa oferta, que os mesmos Fidalgos avaliam em quatrocentos cruzados, houve por bem nomeá-lo Comendador da Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, e Administrador da mesma Quinta.

O Nosso Príncipe não tem deixado escapar nada à sua curiosidade. Já foi três vezes à sua Real Fazenda de Santa Cruz, distante

quatorze léguas desta Cidade. Santa Cruz foi em outro tempo dos Padres da Companhia, e pela extinção destes Regulares, ficou devoluta à Coroa. Não sei exatamente a sua grandeza, mas tenho ouvido dizer, que há nela um campo de oito léguas de comprido com pouco menos de largo, no meio do qual está edificado o Convento, Casa, e Igreja, que tinham ali os ditos Padres. Sua Alteza Real tem-se agradado tanto daquele sítio, que ainda a 3 deste mês partiu para lá com parte da sua Real Família. Ele mandou ampliar a dita Casa, e tem lá o necessário para o seu uso, e da sua Corte, vindo por este modo a ter duas Casas de Campo, a qual melhor. Da segunda vez que lá foi tiveram a honra de o acompanhar as Pessoas seguintes: Lord Strangford, Embaixador da Inglaterra, o Núncio de Sua Santidade, o Almirante Smith, os Secretários de Estado, e vários outros Titulares, e Comandantes Ingleses. Desta vez demorou-se lá quinze dias, e em todos eles partiam daqui dois Correios, um de manhã, outro de tarde com as notícias do dia. A estrada que daqui vai àquela Quinta é muito plana, espaçosa, e agradável.

Sua Alteza Real está muito contente, e satisfeito, e a Rainha Nossa Senhora muito nutrida, e melhor de sua moléstia. Toda a Família Real dá-se aqui muito bem.

Os Carmelitas foram mudados para o Hospício dos Barbadinhos, sito na rua da Ajuda, e estes para Senhora da Glória. A Igreja do Convento do Carmo, a melhor que tem esta Cidade, é agora Capela Real, e já se acha provida de alfaias, e paramentos à imitação das de Lisboa. A Sé foi mudada para esta Igreja, e tem presentemente vinte e seis Cônegos, contando neste número seis Monsenhores, dos quais três foram aqui nomeados. O nosso Bispo é Capelão-mor de Sua Alteza Real, como era o Patriarca de Lisboa.

O Convento do Carmo, que é muito grande, e tem frontaria para a praça, comunica por um passadiço com o palácio, e habita nele a Rainha Nossa Senhora. Tem uma guarda de sessenta Arqueiros, cujo uniforme ordinário é azul agaloado de prata, e nos dias de gala encarnado com galão de ouro.

Diz-se que em breve se dará princípio à fundação da primeira Universidade Brasiliense na Cidade de São Paulo.

Uma obra tão útil como necessária é o encanamento, que se anda fazendo para trazer água de Maracana a esta Cidade, que pelo aumento diário da sua População padece alguma falta neste artigo.

A nossa Alfândega tem chegado a render alguns meses para cima de trezentos cruzados, o que faz sua diferença do antigo.

Sua Alteza Real quando aqui chegou, deu de refresco a cada um dos Regimentos de Linha dez bois, e cinco pipas de vinho.

O fogo de artifício que houve no último dia da festa da restauração desse Reino, foi executado com tanto primor, e arte, que Sua Alteza Real mandou chamar o Artífice para lhe dizer, que o desejava conhecer; e passou ordem ao mesmo tempo, que lhe dessem seis cruzados, donativo que ele generosamente recusou aceitar. Este homem, que se chama Manuel da Luz, é um Boticário Português, que terá perto de sessenta anos de idade.

Um Patriota de Vila Rica ofereceu ao Nosso Príncipe cem cruzados, que entregou ao Erário desta Cidade. Sua Alteza Real desejando recompensar tão generoso donativo, fê-lo Comendador da Ordem de Cristo, Fidalgo da Sua Real Casa, etc., e a dois filhos que tinha Cadetes do Regimento de Cavalaria da mesma Vila deu a patente de Alferes do dito Regimento.

[S.I.A.]

FIM

25. **ELOGIO, QUE AO SEMPRE FAUSTO ANIVERSÁRIO DE SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA A RAINHA DONA MARIA I NOSSA SENHORA O.D.C. O SEU MAIS HUMILDE VASSALO** BERNARDO AVELINO FERREIRA E SOUSA, 1815. (Ed. 1815).

ELOGIO,

QUE AO SEMPRE FAUSTO

ANIVERSÁRIO

DE

SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA

A

RAINHA DONA MARIA I.

NOSSA SENHORA

O.D.C.

O SEU MAIS HUMILDE VASSALO

BERNARDO AVELINO FERREIRA E SOUSA

RIO DE JANEIRO

NA IMPRESSÃO RÉGIA.

M.DCCC.XV.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ELOGIO

Mentre umile m'inchino al Tuo gran Nume,
. . . . . e di divoti
Incensi io spargo il riverito altare,
De l'innocente cor le non avare
Peghiere, e i casti voti
Seconda Tu . . . . . .

Fulv. Test. Od. IX.

Volve ainda, e oxalá sempre volvesses
A despeito da Lei, que a Humana Raça
Conduz ao marco da vital carreira;
Volve, ó Dia gentil, rival daqueles,
Que é fama que nas fachas do Universo
Cópia d'almos encantos mostravam
Inocentes prazeres deslizados
Pelas mãos dadivosas de Saturno
Sobre a recém-criada Natureza;
Quando a mesma Sazão, uma só Quadra
Amadurava os pomos saborosos,
Que no colmado alvergue aos Homens juntos
Eram convívio salutor, primevo;
Quando espontâneo mel davam rochedos,
De que os homens depois dureza houveram
Na partilha infeliz da ferrea Idade;
Volve, ó Dia gentil, que a glória ostentas
Por lustros dezesseis de haver trazido
A Lísia alto prazer, durável, firme;
Volve, ó Dia imortar fadado aos Lusos
Mais do que todos, que em lustroso esmalte
Na Série de seus Reis brilharão sempre.
Ah! se é dado que a mão do eterno Jove
Se a aguarente a abastança de seus mimos,
Que igualado não sejas eu te fico
Té que a roda dos Tempos vá quebrar-se,

Por choque universal, que o Mundo abisme,
Nas vastas regiões da Eternidade!
Que vaidosa surgindo a Aurora tua,
(Que se foi sempre bela, então mais pulchra,)
Dourou propícia o majestoso Empório
Na língua, nos Heróis, e até nos montes
Simil dessoutro, que já vira outrora
O Universo acatar-lhe as Leis, e os ferros!
Ao vê-la despontar, do imenso Alcaçar
Sorrir-se Jove, e a Natureza inteira
Ao sorriso de Jove é remoçada.
Então assomas, Ínclita MARIA,
Que tanto o Teu Natal aos Céus foi caro!

Glória da Pátria, do Universo assombro,
Primeiro que empunhasse o Cetro Augusto,
Virtudes Paternais Lhe foram dote:
Nem é prole do lírio o goivo insulso,
Nem força dos leões pertence às pombas.
Em paz descança, Respeitável Sombra,
Ó Rei digno de o ser, ó Semi-Nume,
Que inda não satisfeito, inda não pago
Dos bens, com que Ulisses enriqueceste,
Lhe transmitis às póstumas Idades
A filha Excelsa, que os Teus Dons copia,
O Neto Augusto de mil Tronos Digno,
E quantos Deles hão de herdar Seguros
Trono, e Virtudes sempre inseparáveis!

Sis Lhe fulge nas Mãos o Cetro Avito,
E dupla glória sente ao sustentá-lo,
Porque no Povo mais honrado Impera,
Porque após de seis Evos, em que Lísia
C'o Título de Reis seus Pais olhara,
Primeiras as rédeas toma do Governo.
Precede-Lhe a Clemência os justos passos,
E sisuda Razão Lhe rege o Mando.
Vós o dizei, é míseros Banidos,
Que a prima vez, que o NOME Lhe adorastes
Foi sancionando o suspirado indulto!
Confessa-o tu, América ditosa,
Até então por Carlos perturbada!
Que Lhe não deves, Arte destemida,
Que as raias da Ambição, ao Homem alongas!
Que não Lhes deves tu, Arte expressiva,
Que envergonhas a própria Natureza!

Quantos bens ... Mas deliro? Acaso intento
Recolher o Oceano em concha estreita?
Não, Rainha Imortal, Tuas Virtudes
Não pedem narração, cultos só pedem.
Que Tas soube outorgar, que Tas premia!
Assim Temida sempre, e Respeitada,
(Respeito cabe aos Teus, Temos aos outros)
Salva Te viste na geral tormenta,
Em que foi Teu Santelmo o DEUS d'Ourique;
Assim, depois que em mais de quatro Lustros
Erinis sacudiu a Europa o facho,
Risonha vês surgir Teu Sol Nativo,
Em Teus Domínios santa Paz brilhando:
Porque sem ver opressos os Teus Povos,
Porque sem que os desastres seus Te doam,
Voltes Contente ao Céu, donde baixaste.
Longe, e bem longe esteja um tal momento:
Nem nós tenhamos de tocá-lo, ó Numes!
Antes aos Lusos todos sobreviva
A já Octagenária, a Santa, a Diva.

26. **RELAÇÃO CIRCUNSTANCIADA DO QUE SE PRATICOU NA PROVÍNCIA DO PARÁ COM A INFAUSTA NOTÍCIA DO FALECIMENTO DA RAINHA FIDELÍSSIMA A SENHORA DONA MARIA I., A QUAL PARTICIPAÇÃO CHEGOU A ESTA PROVÍNCIA EM O DIA PRIMEIRO DE AGOSTO DO CORRENTE ANO.** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1816. (Ed. 1816).

RELAÇÃO CIRCUNSTANCIADA DO QUE SE PRATICOU NA PROVÍNCIA DO PARÁ COM A INFAUSTA NOTÍCIA DO FALECIMENTO DA RAINHA FIDELÍSSIMA A SENHORA DONA MARIA I, A QUAL PARTICIPAÇÃO CHEGOU A ESTA PROVÍNCIA EM O DIA PRIMEIRO DE AGOSTO DO CORRENTE ANO

Logo que o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo D. Manuel de Almeida recebeu as participações da Corte do Rio de Janeiro, de haver falecido da vida presente a Nossa Augusta Soberana, mandou que todos os Sinos dessem as demonstrações de sentimento, cujo toque fúnebre durou até às seis e um quarto da tarde. A esta mesma hora ordenou o Governo de Sucessão que as Fortalezas da Cidade atirassem um tiro de quarto em quarto, e que o Forte da Barra repetisse o mesmo, o que tudo durou até a meia-noite.

No dia 2 pelas 6 horas da manhã puseram os Navios as Bandeiras a meio-pau, e as guardas da Praça passaram as armas a funeral. Às 8 horas se renderam as guardas, levando a Bandeira da Guarda Principal fumo pendente. Ao meio-dia dobraram os Sinos, por ordem de Sua Excelência Reverendíssima, conservando-se neste exercício até às 6 da tarde; a cuja hora salvaram as Fortalezas com 21 tiros por ordem do Governo, e a cuja hora mandou o Senado da Câmara publicar o luto por um Edital. Às 8 horas da noite tocaram os tabores a recolher pela Cidade com as caixas destemperadas por ordem do Governo.

No dia 3 continuou o funeral da mesma forma, com a diferença de que fazendo o Serviço da Praça o 1.º Regimento de Infantaria, saíram as guardas do quartel, levando os Oficiais fumo na espada, e no braço, e as caixas cobertas de preto. Às 10 horas da manhã, por ordem do Governo, foram cobertas as Armas Reais, que estão na frente do Palácio; e ao meio-dia, por ordem de Sua Excelência Reverendíssima, continuaram os Sinos a avivar os nossos sentimentos, cujo toque durou até às 6 da tarde. A esta hora deram cada uma das Fortalezas uma Salva de 21 tiros por ordem do Governo. Às 4 horas da tarde foram cobertas as Armas Reais, que estão na frente do Senado; e às 8 tocaram os tambores a recolher com as caixas destemperadas.

No dia 4 continuou o funeral da mesma maneira, concluindo neste dia com o toque fúnebre de recolher pelas 6 da noite, por ordem do Governo.

No dia 5, depois do toque de alvorada, se desmanchou o funeral nas guardas da Praça; e pelas 8 da manhã finalizou igualmente em todos os Navios surtos no Porto.

No dia primeiro de Setembro, pelas 3 horas e meia da tarde, se puseram as Bandeiras a meio-pau, tanto nas Fortalezas, como nos Navios; e às 4 principiaram as Vésperas, que Oficiou Sua Excelência Reverendíssima, a cujo ato assistiram a Oficialidade de todos os Corpos Militares, o Senado da Câmara, Comunidades, e o Ouvidor como Membro do Governo. Ao principiarem as Vésperas, salvaram as Fortalezas com 5 tiros por ordem do Governo, e ficaram atirando um tiro no intervalo de quarto, por espaço de meia-hora: os Sinos principiaram os toques antes do Ofício, e finalizaram às 8, a cuja hora se tocou a recolher com as caixas destemperadas.

No dia 2, pelas 4 e meia da manhã, se renderam as guardas da Praça sem que as caixas tocassem; porém às 5 tocaram alvorada com as caixas no seu tom natural, e os Pífanos com a sua voz inteligível. A esta hora, por ordem de Sua Excelência Reverendíssima, principiou o toque fúnebre nos Sinos; e por ordem do Governo tomaram as Armas o funeral. Pelas 6 horas se postou à porta do Senado da Câmara uma guarda de Capitão, Tenente, e Alferes, com quarenta homens, e música, para acompanhar a Procissão de quebra dos Escudos, a qual marchou da maneira seguinte:

Marchava um Oficial inferior da referida guarda com 8 Soldados, e atrás destes iam os dois Porteiros vestidos de preto com capas compridas, chapéus desabados, fumos pendentes: seguia-se o Procurador da Câmara a cavalo, coberto de preto com cauda arrasto, levando uma Bandeira preta com as Armas Reais, a qual ia inclinada de maneira que tocavam as pontas no chão. Seguia-se o Alcaide, o Escrivão das Armas, e o Meirinho da Almoteceria, e a estes todos os Procuradores dos Auditórios; e depois todos os Escrivãos, os dois Tabeliões, e atrás destes os Letrados, os dois Almotacéis atuais, e os que têm servido de Almotacéis: a estes seguiam-se os que têm servido de Procuradores da Câmara, e depois os que têm servido de Vereadores; e em seguimento de tudo ia o Senado da Câmara, fechando este ato a referida Guarda. Marchou a Procissão pela Rua dos Mercadores, encaminhando-se ao Largo das Mercês, aonde estava uma Tarimba de três degraus, coberta de preto, e guarnecida de três peças de artilharia, comandadas por um Oficial, a qual subiu o terceiro Vereador com o Escudo, e disse: — Chorai Nobres, chorai Povo, que é morta a nossa Rainha, a Senhora D. MARIA I., estas são as suas Armas, e quebrando-as se deram três tiros. Seguiu a mesma Procissão

pela Rua Formosa, encaminhando-se ao largo de Palácio, aonde estava outra Tarimba, sobre a qual se repetiu a mesma cerimônia, proferindo as palavras acima referidas o segundo Vereador. Este ato foi presidido pelo Ouvidor Membro do Governo, que se achava no Palácio com toda a sua família, e mais Senhoras suas convidadas. Encaminhou-se a mesma Procissão para o Largo da Sé, aonde estava outra Tarimba, à qual subiu o primeiro Vereador; e referindo as mesmas palavras, quebraram todos a um tempo as suas Varas, e dirigiram-se para a Catedral, aonde se celebrou o Ofício, ao princípio do qual deu cada um dos Regimentos uma descarga cerrada, e após desta salvou o Corpo de Artilharia com 21 tiros. A elevação da Missa, e ao finalizar todo o funeral, se repetiu o mesmo fogo. No fim da missa recitou o Muito Reverendo Vigário Geral uma Oração fúnebre, que mereceu aplauso geral; tendo Oficiado o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Manuel de Almeida, Bispo desta Diocese.

F I M.

L I S B O A

NA IMPRESSÃO RÉGIA. **Ano 1816**

Com Licença.

27. **RELAÇÃO DO QUE SE FEZ NA CORTE DO RIO DE JANEIRO PELA MORTE DA NOSSA AUGUSTA RAINHA, A SENHORA DONA MARIA I., E DO QUE TAMBÉM SE EXECUTOU NESTA CIDADE DE LISBOA NO DIA SÁBADO 20 DO CORRENTE, PELA AÇÃO DE QUEBRAR OS ESCUDOS,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1816. (Ed. 1816).

RELAÇÃO

Do que se fez na Corte do Rio de Janeiro pela morte da nossa Augusta Rainha, a Senhora Dona Maria I; e do que também se executou nesta Cidade de Lisboa no dia Sábado 20 do corrente, pela Ação de quebrar os Escudos.

Havendo Deus chamado à sua Santa Glória a Rainha Fidelíssima, a Senhora Dona Maria I, de Saudosa Memória, no dia 20 de Março do corrente ano, pelas 11 horas e um quarto, puseram imediatamente as Fortalezas, e Navios de guerra, Bandeiras a meio-pau, e deram uma salva de 21 tiros, e de dez em dez minutos continuaram os tiros de peça, até a meia-noite, em que se suspenderam, começando ao nascer do dia seguinte, e seguindo a mesma ordem nos dias 21, 22 e 23.

No dia 21 à uma hora da tarde, em presença de S. M. Real Família, e Corte, começou o solene beija-mão, a quem concorreu imenso número de pessoas; às 11 para a meia-noite foi trasladado o Corpo do seu leito para o cofre, e caixões de estilo, e embalsamado com aromas.

No dia 22 às 11 horas da noite foi colocado na Sala do Depósito, onde foi assistido pelos Excelentíssimos Mordomo Mor e Estribeiro Mor, por duas Excelentíssimas Damas do Paço, dois Moços da Câmara, e Porteiros da Câmara de cavalo do número, oficiando sucessivamente os Clérigos da Real Capela em ternos de seis por toda a noite. Armaram-se oito Altares nas Salas contíguas à do Depósito.

No dia 23, desde o amanhecer, começou o Clero Secular e Regular a celebrar nos mencionados Altares, continuando este sufrágio até depois do meio-dia. Às 11 horas da manhã entrou o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Capelão-Mor, paramentado, e acompanhado do seu Cabido; e tendo feito na passagem do Túmulo as reverências do costume, se dirigiu ao seu Sólio; e começou então o Coro o Ofício de Defuntos, sendo os Responsórios cantados pelos melhores Músicos da Real Capela.

Acabadas as Matinas, depôs sua Excelência Reverendíssima o pluvial, e recebendo os paramentos Missais, se dirigiu ao Altar, no qual se principiou a Missa Pontifical, concluída a qual tornou para

o seu Sólio, onde recebendo outra vez o pluvial, entraram os quatro Monsenhores absolventes os Ilustríssimos Cunhas, Pizarro, Perdigão, e Azeredo: feitas as vênias e cerimônias do estilo, e descendo Sua Excelência para o seu faldistório, começaram as absolvições, sendo Assistente o Ilustríssimo Monsenhor Deão.

À tarde concorreram ao Paço as Comunidades Religiosas, Irmandades e Colegiadas, para exercerem o triste dever de encomendar o Real Corpo, concluindo-se este ato com a encomendação da Real Capela.

Às 8 horas o Excelentíssimo Conde de Cavaleiros, como Reposteiro Mor, levantou o pano de veludo preto, que cobria o Real Corpo, e o entregou ao Guarda Tapeçarias; e pegando na Coroa e Cetro, deu ao Moço da Câmara, que os devia conduzir ao Coche, em que devia ir. Precedia ao Corpo de Sua Majestade a Sua Dama Camarista, a Excelentíssima Dona Francisca Teles da Silva, e era seguido pelas Excelentíssimas Camareira Mor, e Damas do Paço, que o acompanharam até entrar no Coche; e fizeram as vênias da etiqueta. El-Rei Nosso Senhor acompanhou o mesmo Real Corpo, até os degraus, que precedem a porta principal do Paço. Então pegaram no caixão dez Grandes do Reino, que para isso foram nomeados; a saber: os Excelentíssimos Duques de Cadaval, Marquês de Lavradio, Marquês de Torres Novas, Marquês D. Sigismundo, Marquês de Campo Maior, Marquês de Valada, Conde da Lousa, Conde da Ribeira Grande, Visconde de Asseca, e Conde da Ponte.

Às 9 horas e meia saiu o Real Corpo na seguinte ordem. Na frente da comitiva ia um Corpo de Cavalaria com carabinas na mão; seguiam-se em distância de 40 passos os Porteiros da Câmara de cavalo do número. Vinha depois o Tenente da Real Guarda, e Corregedor do Crime da Corte e Casa, e o Corregedor do Crime da Corte, seguidamente a Corte, formando os Grandes a ala direita, e os Oficiais da Casa e Conselheiros a esquerda; todos com capas pretas compridas, montados a cavalo cobertos de mantas pretas, e aluminados pelos seus criados de libré, que levavam pelizes com as suas respectivas armas. Seguiam a estes o Cabido em cavalcata, presidido pelo Cônego mais antigo, Vigário deste Bispado, com Estofa preta. Próxima ao grande Coche, que conduzia o Real Corpo, vinham à direita, como Mordomo Mor, o Excelentíssimo Marquês de Angeja, e à Esquerda, como Reposteiro Mor, o Excelentíssimo Conde dos Cavaleiros, e no meio um pouco mais atrás o Estribeiro Menor, seguindo-se imediatamente o Coche, puxado por 8 machos, cobertos de mantas pretas. Este era forrado por dentro e fora de preto, e vinha coberto com um grande pano de veludo também preto. Alumiavam ao Real Corpo os Moços da Real Câmara. Pela parte de fora vinha a Guarda Real dos Tudescos, cujo Capitão (o Excelentíssimo Marquês de Belas) seguia o Coche, e à direita, o Excelen-

tíssimo Conde de Belmonte, como Estribeiro Mor. Seguiam-se depois mais três Coches puxados a 6; o 1.º levava a Coroa e o Cetro, o 2.º era de Estado, e o 3.º conduzia o Reverendo Cura da Real Capela. Logo atrás do último Coche ia o Excelentíssimo Tenente General Vicente Antônio de Oliveira, Encarregado do Governo das Armas desta Corte, acompanhado dos Ilustríssimos Marechais de Campo Luís Inácio Xavier Palmeirim, Comandante da Infantaria e Artilharia, tendo imediatamente às suas Ordens o Coronel José Maria Rebelo de Andrade Vasconcelos e Sousa, e Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho, Comandante de Cavalaria, tendo imediatamente às suas Ordens o Coronel Antônio Lopes de Barros. Seguia-se o Estado-Maior do Quartel General, e depois disto o Regimento de Cavalaria de Linha, e a Cavalaria da Polícia em coluna com as espadas em funeral.

Esta fúnebre procissão, começando do Paço, dirigiu-se pela Rua direita dos Pescadores, entrando na da Quitanda, e voltando para a do Ouvidor, daí a dos Ourives, da Ajuda, até a Igreja do Convento daquele nome: por todas as ruas haviam elas formadas pelos quatro Regimentos de Infantaria, de Milícias, Caçadores dos Henriques, e Infantaria da Polícia.

No largo da Ajuda estava postado um Parque de Artilharia; defronte da Igreja se achava uma brigada de Infantaria, composta do 1.º e 2.º Regimentos de Infantaria de Linha.

Eram 10 horas e um quarto, quando o Real Corpo chegou ao Convento da Ajuda. Estava no Adro a Irmandade da Misericórdia, que para isso havia sido avisada; e tirando os Grandes do Reino o Caixão do Coche, o puseram sobre o esquife, e a referida Irmandade o conduziu até o primeiro pouso que se achava na Igreja. Ali foi encomendado o Corpo por uma Colegiada de Clérigos, Capitulando o Reverendo Capelão das Religiosas, e finda a encomendação, se retiraram. Então levaram os Grandes o Caixão para o segundo pouso, e depois a Eça. Chegado a esta o Corpo foi encomendado pelo Excelentíssimo Bispo Capelo Mor, acompanhado do seu Cabido. Findo este ato fúnebre, foi trasladado em ordem inversa até ser depositado em um pouso junto a grade do Coro, onde o Excelentíssimo Marquês de Aguiar lavrou dois termos de entrega do Real Corpo, um para ser depositado em a Torre do Tombo, e outro para ficar em poder do Mordomo Mor.

Nele se declarava, que nos três Caixões existia o Corpo da Rainha Fidelíssima, assinando todos os Grandes os mesmos termos, e com eles a Abadessa do Convento da Ajuda.

Acabada esta cerimônia civil, a Colegiada, que encomendara no 1.º pouso, foi adiante da Corte e do Corpo Real, e concluiu aquele ato religioso com os Ofícios ordenados pela Igreja.

Posto o Corpo no seu depósito, se deram três salvas de artilharia do parque, postado no campo da Ajuda, de 21 tiros cada uma, alternadas com 3 descargas de Infantaria, que estava defronte da Igreja, à última das quais se seguiu uma salva de 21 tiros das Fortalezas, e Navios surtos neste Porto.

Tais foram as cerimônias e pompa fúnebre, com que foi depositado o Corpo da Rainha Fidelíssima a Senhora D. Maria I, enquanto Sua Alma recebeu na morada dos justos o bem merecido prêmio de suas virtudes.

Esta Fidelíssima Rainha faleceu das conseqüências de uma extrema debilidade, em o dia 20 de março do corrente ano, pelas 11 horas e um quarto da manhã, com 81 anos, 3 meses e 3 dias de idade.

Esta Augusta Soberana, que parecia somente sustentar o Cetro, que empunharam as Mafaldas e as Isabéis, para imitar suas virtudes, será sempre numerada nas páginas da História como o epílogo de todas as excelentes qualidades, que em diversas épocas tem honrado os Tronos. Podemos com ufania gabar-nos de havermos sido governados por uma Mãe carinhosa, que procurava desvelada a prosperidade de seus filhos, e que teve a fortuna de consegui-la em um reinado prudente e dilatado. Se atentamos a profunda sabedoria, com que meneou o leme do Governo entre as horríveis convulsões, que abalavam a Europa; se admiramos a constância, com que apesar dos anos e das enfermidades se expôs às fúrias dos ventos, e aos contínuos perigos do mar; se finalmente nos edifica a exemplar paciência, exercida em tantos anos de sofrimento; estes poderosos motivos nos dão a plena confiança, de que o Justo Juiz, pondo termo à carreira dos seus padecimentos, a chamou para restituir-lhe a coroa de justiça, em prêmio de uma luta tão continuada. Se nos não incumbe o árduo emprego de recordarmos a Sua Piedade, Justiça, Resignação, e todas as outras virtudes, que habitavam no seu Real Coração (o que todavia faríamos do melhor agrado), o nosso silêncio será suprido pelos monumentos, que transmitirão à Posteridade o seu Ilustre Nome.

O Céu, que derramou liberalmente sobre Sua Majestade tantas bênçãos, não podia negar-lhe o dote mais precioso, um Filho Sábio, que faz a alegria de seus Pais. Para amaciar a nossa dor, aliás inconsolável, para reparar uma perda tão sensível, a Providência nos enriqueceu com um Digno Sucessor, que seguindo as pegadas da melhor das Mães, herdou primeiro que o Trono dos Afonsos e Dinizes a imitação das suas sublimes qualidades. Tantos anos de uma experiência afortunada, as doçuras de um Governo paternal, que havemos constantemente saboreado, são os únicos motivos, que podem mitigar a nossa amarga saudade, afiançando-nos os bens, de que temos gozado, ainda no centro das calamidades das outras Nações. Enquanto

às angústias, que rasgam o seu Magnânimo Coração, se manifestam pelas mais expressivas demonstrações de amor filial mais fino, e mais bem merecido, fora temeridade lembrar aquelas mesmas virtudes, que avivariam a sua dor pela falta do Seu Augusto Exemplar. Portanto suspendendo a nossa pena, deixamos à mágoa e à saudade dos Portugueses um mudo, porém o mais eloqüente elogio, que a lisonja não mareia, e que os tempos não podem apagar.

Portanto tendo-se destinado o dia Sábado 20 do corrente mês de julho, para se praticar o Solene e fúnebre Ato de quebrar, os Escudos pelo falecimento da nossa Augusta Soberana a Senhora D. Maria I: Congregaram-se logo pela manhã na Sala do Senado da Câmara desta Cidade, tantos os Membros do mesmo Tribunal, como os Ministros dos Bairros a eles aditos, e as mais pessoas que deviam fazer parte do Cortejo, vestidos de carregado luto, com Capas compridas, Chapéus desabados, e Fumos caídos.

Nas Praças do Terreiro do Paço e Rocio, e no Largo da Igreja de Santo Antônio da Sé, se haviam erigidos tablados, e sobre eles um escabelo cobertos de pano preto; e ao pé de cada um destes três tablados se havia postado uma Guarda de Infantaria, e um Piquete de Cavalaria do Corpo da Polícia.

Pelas nove horas e meia desceu o cortejo ao Terreiro do Paço, encaminhando-se ao sítio em que se achava o tablado, que era no espaço entre a Estátua eqüestre e a boca da Rua Augusta, pela seguinte ordem: Abria o passo um Piquete de Cavalaria da Polícia, e imediatamente seguiam-se primeiro um dos Procuradores da Cidade, montado em um bem ajaezado ginete acobertado de preto, levando na mão direita desenrolado o Estandarte da Cidade, nesta ocasião, todo preto caminhando a pé (como todo o mais Cortejo) de um lado dele um Meirinho da Cidade, e do outro o seu Escrivão; em segundo lugar, quatorze Alcaides dos Bairros da Cidade com as suas Varas brancas; em terceiro lugar os Escrivães da Almotaceria das Execuções, e Limpeza; em quarto lugar, trinta e dois Cidadãos com Varas pretas; em quinto lugar, os três Ministros, que deviam fazer a cerimônia de quebrar os Escudos, levando cada um deles na mão um Escudo preto para esse fim; em sexto lugar o Tribunal do Senado, precedido pelo Guarda Mor, Contínuos e mais Oficiais, e todos os Conselheiros Vedores, seguidos dos Procuradores dos Mestres, e do Juiz do Povo, e Deputados da Casa dos Vinte e Quatro. Escoltava este Cortejo uma Guarda de Infantaria da Polícia com as armas em funeral, caixas destemperadas, e música fúnebre. Chegando o Cortejo ao tablado do terreiro do Paço, subiu acima o Desembargador Juiz dos Órfãos da Repartição do Termo, e levantando a voz, disse para o Povo, que se achava apinhado naquela praça: Chorai, Nobres; chorai, Povo, que é morta a vossa Rainha D. Maria I. E acabadas estas

palavras quebrou nas mãos o frágil Escudo que levava, e o arremessou ao tablado, descendo a incorporar-se no Cortejo.

Pôs-se este pela mesma ordem a caminho, dirigindo-se pela Rua Áurea à Praça do Rocio, e ali praticou o mesmo Ato, precedido das mesmas palavras o Desembargador Juiz do Crime do Bairro de Santa Catarina. Dali se encaminhou o Cortejo pela Rua Augusta até ao largo sobredito da Igreja de Santo Antônio, onde cumpriu a mesma formalidade o Desembargador Juiz do Crime do Bairro do Castelo. Concluído isso, entrou todo o respeitável Corpo na mesma Igreja, e assistiu à Missa, terminando este religioso Ato uma solenidade, que de tempo imemorial se costuma praticar no falecimento dos nossos Augustos Monarcas. Por toda a parte era imenso o concurso do Povo, e em todos os semblantes se via, por esta fúnebre cerimônia, avivada a saudade que em nossos corações deixou a virtuosa Rainha, que Deus chamou à Sua Santa Glória.

O Senado Ordena, que todos usem de Luto, por tempo de um ano, seis meses carregado, e seis aliviado. E também Ordena, que as pessoas pobres, que não podem com estas despesas, usem os homens de uma gorra, e as mulheres de uma toalha sem crespo.

LISBOA: Na Impressão Régia. 1816.

Com Licença.

28. **RELAÇÃO DO FESTIM QUE AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOM MARCOS DE NORONHA E BRITO, VIII CONDE DOS ARCOS,** [. . .], [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1817, (Ed. 1817).

RELAÇÃO
DO FESTIM
QUE

ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor

DOM MARCOS DE NORONHA
E BRITO,

VIII Conde dos Arcos,

Marechal de Campo dos Reais

Exércitos,

Grão-Cruz da Ordem de São Bento

de Aviz,

Governador e Capitão-General

da

Província da Bahia,

Gentil Homem da Câmara

de

Sua Alteza Sereníssima

O PRÍNCIPE REAL,

Do Conselho de Estado,
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da
Marinha e Ultramarinos, etc. etc. etc.

Deram os Subscritores da Praça do Comércio, aos 6 de setembro de 1817, por ocasião de colocarem nela o Retrato do mesmo Excelentíssimo CONDE, seu Fundador, e mormente em consideração de seus Ilustres Feitos nos próximos passados meses de março, e abril.

BAHIA:

NA TIPOGRAFIA DE MANUEL DA SILVA SERVA.

Com as Licenças Necessárias.

RELAÇÃO

Sob os auspícios do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS, Governador e Capitão General da Província da Bahia, construíram os Negociantes desta Cidade suntuoso Edifício para servir-lhes de Praça, e tencionavam, em conseqüência deste favor, que vinha após de muitos outros, colocar nela o Retrato do seu Exímio Protetor: eis que, concluída apenas a obra, aparece eterno assunto de geral reconhecimento ao Excelentíssimo CONDE, na memorável redução de Pernambuco; o que, asservorando ânimos agradecidos, determina os Administradores da Praça a convocar imediatamente os Subscritores, que, reunindo-se no dia 27 de junho, resolveram o conteúdo no seguinte

TERMO

Aos 27 de junho de 1817, sendo convocados os Subscritores da Praça do Comércio da Muito Nobre, e sempre Leal Cidade da Bahia abaixo assinados pelos Administradores da mesma Praça Manuel José de Melo, Manuel Ferreira da Silva, e Francisco Alves Guimarães, por motivo de anunciar aos ditos Subscritores a chegada das Estampas, que se haviam mandado fazer, ou abrir em Londres com o Retrato do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS, e consultar a vontade, e opinião dos mesmos Subscritores sobre o que convinha presentemente fazer-se a este respeito; foi por todos reconhecido, que tendo sido o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS em todo o tempo do seu Justíssimo, e Iluminado Governo Credor do Reconhecimento Público, maior, e mais eminentemente o era nesta ocasião pelos **Ilustres Feitos de março, e abril,** em conseqüência dos quais salvara Pernambuco do furor revolucionário, elevando esta Província à Categoria de Honra, em que se acha constituída: pelo que, seguindo o exemplo das Nações Civilizadas para com os seus Heróis, pareceu a todos, que se devia dar ao Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS, um Público Testemunho de Gratidão e Respeito; e depois da mais séria discussão sobre as diferentes Opiniões, que a este respeito ocorreram, foram unanimemente aprovadas as seguintes Resoluções.

1ª Que na Praça do Comércio desta Cidade no dia 15 de agosto se desse uma Festa ao Excelentíssimo senhor CONDE DOS ARCOS,

convidando-se para a mesma todas as Pessoas da Cidade, e Recôncavo, que estão nas circunstâncias de merecer tão honrosa distinção.

2.ª Que no referido dia fosse colocado no grande Salão da Praça o Retrato do Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS, dando-se um Exemplar a cada Convidado; para que em todo o tempo sejam as Casas desta Província honradas com a Efígie do Restaurador de Pernambuco, e Herói da Bahia.

3.ª Que em Ações da Caixa de Desconto desta Cidade se instituísse um Vínculo no valor de cem contos de réis, cujo rendimento anual ficaria à disposição do Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS, e seus Descendentes, como Monumento eterno da Gratidão dos Governados, e da Justiça do Excelentíssimo Governador.

4.ª Que a disposição, e direção da Festa fosse encarregada aos Senhores Administradores da Praça do Comércio, assim como a arrecadação dos fundos, e mais diligências, relativas à instituição do Vínculo, aos Ilustríssimos Senhores Pedro Rodrigues Bandeira, José Inácio Acciaivoli de Vasconcelos Brandão, Antônio da Silva Paranhos, e Francisco Martins da Costa.

5.ª Que estas Resoluções ficarão guardadas no Arquivo da Praça, fazendo-se outro igual exemplar para ser oferecido ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS no dia 15 de agosto.

E por serem estas as Resoluções, que por fim se tomaram, para maior firmeza assinaram comigo Manuel Ferreira da Silva, Administrador da Praça, que fiz vezes de Secretário.

Manuel Ferreira da Silva.
Manuel José de Melo.
Francisco Martins da Costa Guimarães.
Francisco Alves Guimarães.
Pedro Rodrigues Bandeira.
Manuel José Vilela de Carvalho.
João Gonçalves Cezimbra.
Tomé Afonso de Moura.
João José da Silva Neto.
Carvalho e Siqueira.
João Batista de Araújo Braga.
Antônio da Silva Paranhos.
Pedro Alexandrino de Sousa Portugal.
Domingos Borges de Barros.
Manuel José Machado.
Felipe Justiniano Costa Ferreira.
Francisco de Sousa Paraiso.
José Inácio Acciaivoli de Vasconcelos Brandão.

Manuel José Dias Costa.
José Antônio Ribeiro de Oliveira.
João José de Freitas.
Lino José Gomes.
Felisberto Caldeira Brandt.
João Miguel Dias de Faria.
Luís Antônio Viana.
Francisco Pedro Cardoso.
José Lopes da Costa Soares.
Antônio Marques de Sousa.
Antônio Pinheiro de Abreu.
Antônio José Pinto.
Vital Prudêncio.
Domingos José de Almeida Lima.
Antônio Ferreira Coelho.
Pedro Antônio Cardoso.
João Peixoto de Miranda e Veras.
Custódio José Leite.
Francisco Belens.
Manuel de Castro Neves.
Domingos José Antônio Rabello.
Venceslau Miguel de Almeida.
Joaquim José Maria de Campos.
Luís da Costa Guimarães.
José Duarte Coelho.
Luís José Pereira Rocha.
Adão José de Azevedo.
Custódio José da Silva.
Manuel João dos Reis.
José Joaquim Machado.
Antônio Moreira da Silva.
Pedro Barbosa Madureira.
Pedro Pires Gomes.
José Alves da Cruz Rios.
José Antônio Gaspar.
Antônio Moreira Serra.
José Antônio de Sousa Severo.
Sebastião José Coelho.
Antônio José de Sousa Lôbo e Companhia.
Manuel José Ferreira de Carvalho.
José Luís Rodrigues Valadares.
José Barbosa Madureira.
Domingos Pereira de Aguiar Castro e seu Pai.
Antônio de Sousa Vieira.
Alexandre Gomes Ferrão Castel Branco.

Manuel Ferreira de Araújo.
José Tomás Rodrigues de Miranda.
Manuel Joaquim Coelho Travessa.
Antônio Gonçalves Macieira.
Antônio Dias Soares.
Francisco Antônio Pinto.
Agostinho da Silva Paranhos.
Serafim José Pereira.
Joaquim da Costa Dourado.
João da Mata Pinto e Companhia.
Maximiano Antônio Vieira.

Deixada, pois, a direção do Festim ao arbítrio dos Administradores, assentaram eles proporcionar, quanto estivesse em si, a grandeza da Função a do Objeto e Herói; e para o desempenhar, lembrar-se-ão não só de Salva geral dos navios mercantes, surtos no porto, Baile, Refresco, e Ceia lauta; mas até de convidar Pessoas conspícuas, que se dizia privar com as Musas, a fim de que celebrassem em metro as Virtudes guerreiras, e cívicas do Preclaríssimo Delegado do MELHOR dos SOBERANOS. Não cumprindo dar a Ceia no Salão da Praça, menos por breve, que por acatamento ao Retrato do Excelentíssimo CONDE, consagraram-no à recitação dos Versos, Concertos, Cantoria, e Dança: antes, porém, que passemos a outras coisas, releva falar das dimensões, ornato, e arranjo desta magnífica peça. Estende o salão em comprimento a 90 palmos; sua largura abrange 60 e sobe em pé direito a 40. O teto é plano, terminado na vizinhança da cimalha, e em torno, por uma cinta verde, que serve de campo a florões de talha dourados. Por 26 janelas, em duas ordens, recebe luz e ar o Salão. O pavimento é de tábuas estreitas, e alternadas, Petia, e Pau roxo, duas preciosas madeiras deste País, formando diversas figuras geométricas: custou contos de réis. Do centro do mostrador de um relógio, que está bem no meio do teto, pendia rico lustre de 24 lumes. As paredes estavam cobertas de bogias, postas em cirandelas de metal amarelo, e distribuídas com elegante simetria. Em um dos topos do Salão (lado do Norte) está colocado o Retrato do Excelentíssimo Senhor CONDE (cuja descrição daremos em lugar competente) coberto com uma cortina azul-celeste, recamada de estrelas e guarnecida de lindas e custosas flores francesas: no topo fronteiro estava um Piano forte. Havia quatro ordens de cadeiras em cada um dos dois lados do comprimento do Salão, ficando no centro mui folgado espaço para dança. Estava finalmente por baixo do Retrato um pequeno estrado alcatifado, e sobre ele cinco cadeiras para os cinco Poetas, cujos nomes, e ordem, porque recitaram os Poemas, irá em seu lugar: o Excelentíssimo CONDE, cuja urbanidade é reconhecida, não consentiu assento distinto para Si. Os quartos

imediatos, que servem as operações das três Companhias dos Seguradores, estavam adereçados com excelente gosto, e destinados para jogo: os opostos para Orquestra, e Copa. Do lado da fachada da Praça, que olha para o Mar, levantaram mui solidamente um Salão do tamanho do Edifício inteiro, que não ficou com menos de 200 palmos de comprido, abraçando 60 em largura, aqui puseram a Ceia, de cuja magnificência, e esquisito primor daremos conta adiante. Por causa de copiosas chuvas, próprias da Estação, não foi possível acabar a obra, e por conseqüência dar o Festim no dia 15 de agosto, como se resolvera; transferindo-se Função tão plausível para os 6 do imediato setembro, em que teve lugar.

Amanheceu enfim o dia, que (à exceção de saudosa memória em que esta Cidade foi beaventurada com a Presença Augusta do seu Adorado SOBERANO, e REAL FAMÍLIA) nenhum outro viu a Bahia tão alegre. O ancoradouro estava coberto de um engraçado matiz de várias bandeiras; o alvoroço da Cidade espertava os mais apáticos temperamentos; e o júbilo dos corações aparecia fielmente retratado nos semblantes.

Às 5 da tarde era a hora dada nas cartas de convite; as ruas estavam guarnecidas de Tropa, a fim de regular o trânsito das carruagens. O terreiro, ou área em frente da Praça, via-se alastrado de juncos; as escadas do Edifício tapizadas de variegadas flores; e não distante vasto Coreto de escolhida Música Militar, que anunciava a Chegada dos Convidados. À porta da Sala de espera estavam os três Administradores para o recebimento; dois Mestres de Cerimônias conduziam a Senhora, ou Homem, que chegava, até a porta do Salão, onde se achavam três Senhoras, e oito Mestres de Cerimônias, que faziam as honras da Casa. Pelas cinco e meia desceu do Palácio o Excelentíssimo CONDE GOVERNADOR, montou soberbo e ricamente jaezado cavalo, e picou em direção da Praça. O garbo, e inteligência, com que o Excelentíssimo CONDE mandava o ginete, denunciava (quando o não conhecessem) um Cavaleiro Marialva, o que, dito entre Portugueses, é acabado elogio na Arte da Cavalaria. Aos lados do Excelentíssimo CONDE ia todo o seu Estado-Maior; marchava na frente um Piquete de Cavalo, e na retaguarda a Companhia de Voluntário de SUA ALTEZA, o SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REAL. De todas as janelas lançavam flores sobre o Excelentíssimo CONDE, e seu luzido Cortejo; por vezes se espantou o cavalo; mas sem susto de alguém, por que enfim o Cavaleiro não o consentia: não se recorda a Bahia de Espetáculo tão pomposo. Apenas entrou o Excelentíssimo CONDE na grande área em frente da Praça, soou Marcial Concerto; desceram em continente os Administradores, e Mestres de Cerimônias; e, mal o Herói pôs pé no Salão, rompeu a Orquestra uma Sinfonia do insigne Bom-tempo: feitas as devidas

reverências ao Excelentíssimo CONDE por toda a Companhia, que constava de 566 Homens, e 45 Senhoras, vestidos de grande gala, dirigiu o 1.º Administrador da Praça, Manuel José de Melo, atual Tesoureiro da Junta a seguinte fala a Sua Excelência.

"Desejando os Negociantes desta Cidade dar solene testemunho de reconhecimento a Vossa Excelência pelos muitos bens, de que lhe são devedores, convocaram, pela administração da Praça, todos os seus Subscritores; eis que no dia 27 de junho, em vez de uma Corporação, viram concorrer a esta mesma Sala Cidadãos de todas as Classes, anelando-se ser quinhoeiros nos devidos Obséquios, que se meditavam talhar a Vossa Excelência; o que converteu a devoção de alguns em verdadeiro negócio de gratidão de todos: e se a expressão do sincero afeto de um Povo agradecido é, para as Almas Grandes, a mais lisonjeira recompensa, certo que Vossa Excelência a obtém do Povo da Bahia. Outras línguas, Excelentíssimo Senhor, farão o Elogio de Vossa Excelência; que eu, sem talentos próprios para tamanha tarefa (mas obrigado todavia a falar primeiro pela natureza de meu emprego) posso apenas preencher a primeira parte das tomadas Resoluções, que fielmente deposito nas Benignas Mãos de Vossa Excelência (a): Digne-se Vossa Excelência aceitá-las, como monumento da gratidão dos Baianos; e sejam suas pousadas, e públicos edifícios (começando por este) condecorados de hoje em diante com a saudosa Efígie do seu Prestantíssimo Amigo, com a Efígie de Vossa Excelência."

A estas últimas palavras, José Inácio Acciaivoli de Vasconcelos Brandão, Brigadeiro dos Reais Exércitos, Comendador da Ordem de Cristo, Pedro Rodrigues Bandeira, Fidalgo Cavaleiro da Casa de SUA MAJESTADE, Comendador da Ordem de Cristo, Francisco Martins, e Antônio da Silva Paranhos, Tenente-Coronel de Milícias, puxaram os cordões da cortina, que cobria o retrato, e o desencerraram. Imediatamente muitas girândolas soltaram infinidade de foguetes do ar, salvaram todas as embarcações de Comércio, repetidos vivas atroaram o salão, e a Orquestra entoou um Hino, cuja Letra é Filha do Estro do mesmo Excelentíssimo CONDE GOVERNADOR, e a solfa do insigne Marcos Antônio Portugal.

Ao discurso do Administrador da Praça, dignou-se Sua Excelência dar a seguinte resposta:

"A observância exata das Ordens de SUA MAJESTADE ELREI NOSSO SENHOR é quem me procurou todas estas tanto prezadas provas de estimação geral: Eu as agradeço da maneira mais reconhecida. Falta porém, para que delas me faça pessoalmente digno, declrar em presença de todo este distinto Ajuntamento que

(a) Entregou o papel das Resoluções.

brevemente vou ter a honra de constituir-me junto ao Trono o Fiador, bem como sou o testemunha, da Fidelidade, que vi ser, para continuado lustre da Nação, a base do Caráter dos Habitantes da Bahia."

Dito isto, tomou Sua Excelência uma cadeira vizinha ao Piano, sentou-se a Companhia, e começaram os Mestres de Cerimônias a distribuir por ela Retratos do Excelentíssimo Governador, atados por fitas azul-encarnado, cores que são as do Excelentíssimo CONDE: ofereceram também os Administradores um Retrato a Sua Excelência em mui formosa moldura: cabe agora o ocupar-nos com a prometida descrição do Painel, por cujas dimensões começarei. Tem o Quadro 12 palmos de alto sobre 6 de largo, e representa majestoso gabinete. O Excelentíssimo CONDE está tirado ao natural, em pé e no primeiro plano do Quadro. O Corpo é visto de perfil, e a Cabeça voltada um tanto para o lado esquerdo: a postura é feliz, e fielmente apanhada. Está vestido em uniforme de Marechal de Campo, lançando mão de uma soberba espada, que o mesmo Corpo do Comércio lhe oferecera, e que o Artista pôs sobre uma mesa de estilo Grego coberta, em parte, por um pano de seda verde, cujas dobras produzem completa ilusão pela arte, com que são pintadas: vê-se mais sobre a mesa um chapéu de plumas, e livros; e debaixo alguns outros se descobrem na sombra. À esquerda, e no segundo plano, está uma cadeira no mesmo gosto da mesa, pintada na meia tinta, de cuja cor tirou o habilíssimo Artista indisível partido; conseguindo assim que a figura se destaque perfeitamente do fundo. É este decorado com quatro colunas de Ordem Dórica, e uma cortina tomada por cordões, a favor do que se descobre uma parte do Horizonte.

Este quadro, cujo assunto pedia todos os recursos de um talento não vulgar, e ao qual o Artista deu quantos desvelos estavam em si, mostra uma composição nobre, pureza de gosto, engraçado e correto desenho, e uma seleção de cores brilhantes, postas em harmonia com arte peculiar: é obra de Antônio Joaquim Velasco, natural desta Cidade, e Tenente de Milícias. Se o segredo de agradar não consistisse na arte de não dizer tudo, mais miúdo fora eu na análise deste Monumento; porém, adotando a máxima, atarei o fio à narrativa. Concluída a distribuição dos Retratos, levantou-se o 1.º Mestre de Cerimônias Felisberto Caldeira Brant, Brigadeiro Inspetor Geral, Comendador da Ordem de Cristo etc. e, dirigindo-se aos Poetas, deu sinal para a abertura do Parnaso: era então já noite; porém tão iluminado estava o Salão, que mal se sentia a ausência do dia. Desceu do estrado o Reverendo Inácio José de Macedo, Lente de Filosofia, Cavaleiro da Ordem de Cristo, etc., e depois de cortejar a Sua Excelência, e a Companhia, fez a seguinte:

[S. I. A.]

INVOCAÇÃO

Cantor da Trácia, ó Gênio tão querido
Do Louro Numen, que bafeja os Vates;
Temperada por ti manda-me a Lira,
Que na Grécia deu alma a Brutos, Pedras,
Que Bosques, Montes, quais ligeiros raios,
Mandava aquém, além com leve toque.

Orfeu ouviu-me; Orfeu mandou-me a Lira!
Ei-la que desce de Mercúrio aos Paços,
Ressoando milagres d'harmonia.

Com pressuroso, Divinal Mandado
Ordena que Mercúrio, alçando o vôo,
Ao bipartido, fulgurante Monte,
Vá chamar as Irmãs (que a Poesia,
E o Comércio também nasceu de Jove.)

Alvíssaras, Brasil, nas tuas Praias
Assoma o Pindo, e a Fonte Sacrossanta
Dessa Água doutrinal, que o Canto inspira;
As viçosas Donzelas vem talhando
Com peitos de alabastro o azul Império.
Ant'a Tropa gentil Febo desposa
A voz co'a Lira. Abrindo airosa boca
As Filhas da Memória, agradecidas
Tiram do peito nunca ouvido Canto.
Apronta, ó Clio, teu clarim sonoro;
Doce Talia, espalha as brandas graças
No douto Coro, que afinando as cordas
Faz que troem nos Pólos assombrados
O Nome, os Feitos da Bahia Excelsa,
Rendida agora na Presença Amável
Do Sábio Benfeitor, a Quem Apolo,
Devia só cantar, e a Quem só Clio
Devia retratar com buril d'oiro
Em Lâmina fulgente, que voasse
Por entre os Astros ao Olimpo eterno.

Mas ó que vejo! O Coro já se acende
Na chama imperiosa: as Musas sobem
Ao verde Pindo sobre acesas nuvens;
Em fogo pondo os olhos rutilantes,
Trajadas d'esplendor, já principiam
A ferir instrumentos milagrosos.

Que doce Canto, ó Céu! eu me retiro...
Ó sempre verdes Délficos Loureiros,
As folhas desprendei, vergai os troncos
De Sacro acatamento; e tu, Homero,
Píndaro, Horácio, e tu, Camões Divino
Larga estrada arredai às novas Musas,
Que querem celebrar em honra e glória
Os Feitos, que são dignos de Memória.

[Inácio José de Macedo]

Instalado assim o Parnaso, tornou ele ao seu assento, visto que a ordem estabelecida para a recitação dos Poemas havia sido a das iniciais dos nomes, o que o punha em 3.º lugar. Ergueu-se então Antônio José Osório de Pina Leitão, Desembargador da Casa da Bahia, Professor na Ordem de Cristo, etc., e feito o cortejo, recitou a seguinte:

ODE PINDÁRICA

ESTROFE 1.ª

Filhas de Apolo, vós, quando invocadas
Éreis pelo Tebano,
Para que asservoradas
Grinaldas enramásseis,

E com elas no Campo Eleo c'roásseis
O que era então no Alfeu primeiro humano:
Não voáveis velozes,
E tão velozes, que inda bem a meta,
Intilados do vulgo pelas vozes,
Não dobravam os bravos Corredores,
Já bradando a trombeta,
Passeavam de C'roa os vencedores?

ANTISTROFE 1.ª

Sim: vós nunca daquele imortal Grego
Faltastes ao chamado:
Largáveis ao sossego,
Que a Solidão respira,
Do umbroso Monte; e aos doces sons da Lira
Entoáveis com ele o assunto dado:
E dormitais agora!

Não sabeis que Senhor estou do Plectro,
Que Píndaro de Apolo houve n'outrora,
Que este legou ao Claro Venuzino,
E deste, com seu Estro,
Veio aos poderes do Dinis Divíno?

EPODO 1.º

Ó não vos recuseis!... Musas!... Cantemos
Aquele dos guerreiros,
Que hoje com glória vemos
Unir a dos Loureiros,
De Minerva a Coroa;
O Varão, de quem Fama audaz pregoa
O quanto cuidadoso
Se esmera em ser ditoso
O dócil Povo, entregue ao seu Comando
Pelo Mais Sábio REI, QUE está Reinando.

ESTROFE 2.ª

O Grande MARCOS... Nome, Cuja glória
Voa à roda do Mundo,
E que já da Memória
Brilha no Templo Augusto!
Padrões merece: o seu louvor é justo;
O seu Gênio em recursos é fecundo:
Dize-o tu, ó Bahia:
Digam-no esses pomposos Monumentos
De Civilização, que, de harmonia
Com o que é de deleite, e utilidade,
Te servem de ornamentos,
Te enchem de glória, e dão perpetuidade.

ANTISTROFE

Embora de Alexandre ostente o Nume
Famosa Alexandria; (1)
Tempo, que tudo come,
Que com tudo anda em guerra,

(1) Alexandria, Cidade do Egito, fundada por Alexandre Magno, com vistas de a fazer a primeira Cidade Comercial do seu vasto Império.

Cedo da face a riscará da terra.
Igual sorte não temos, ó Bahia:
Sentada na eminência,
Talvez maos beça que oferece o Mundo,
Nem te oprime de Déspota a insolência,
Nem braços te desolam vis e avaros
De Vizir furibundo:
Falem de MARCOS os desvelos raros.

EPODO 2.º

Se elevado Padrão (2) mostra ao Vindoiro
A tua lealdade
Gravada em Letras d'Oiro
Prazer, amenidade,
Sossego, e honesto giro
Lá te oferece umbrifero Retiro: (3)
Se aqui Montes (4) se aplanam,
Mares além se encanam
Ciência (5) aos Gênios se faculta, e modos (6)
De Sábias produções já levem todos.

ESTROFE 3.ª

Em nenhum Clima a nobre Agricultura,
Das Artes a primeira,
Desde que a estância pura
Dos Céus voara Astréia:
De tantas honras mereceu ser cheia
Por quem comanda, quem na mão guerreira
Bastão dourado empunha.

---

(2) A Pirâmide levantada pela Bahia no Passeio Público, para perpetuar a memória do desembarque de EL-REI NOSSO SENHOR e mais FAMÍLIA REAL nesta Cidade.

(3) O Passeio Público.

(4) As estradas, que se têm aberto, e o encanamento de Mar na Giquitaia.

(5) A Biblioteca Pública.

(6) A Tipografia.

Aonde, ó tu Comércio, (tão ilustre,
Que até desse, que mil Nações dispunha,
Davas nas vistas, decantado Grego) (7)
Brilhaste com mais lustre?
Onde planos traçastes em mais sossego?

ANTISTROFE 3.ª

Tiro..! (8) Cartago..! (9) outr'ora vaidosas
Por leis nos Mares dardes,
E as Nações, mais ciosas
De existir sem desdouro,
Ligadas terdes com Cadeias de ouro;
Que vos serviu tal honra alardeadas,
Se o túmulo vos cobre?
Não será da Bahia igual a sorte:
Por mais que o Tempo seu furor desdobre,
O Soberano Alcáçar, (10) que hoje remata,
Desarma o braço à Morte,
E do Tempo fará que viva intacta.

EPODO 3.ª

Já se não teme o despenhado Monte,
Que, em suores banhado,
Curvada a triste fronte,
Trepava afadigado,
Tantas vezes no dia,
Quem de Comércio transações fazia;
Nem já de escura Praia
No labirinto ensaia
Incertos passos o que ver deseja,
Se com quem trata de palavra seja.

---

(7) Alexandre Magno.

(8) Tiro, na Fenícia, foi Senhora do Comércio por muitos séculos.

(9) Cartago, Colônia de Tiro, foi também a primeira Cidade Comerciante, levando as suas especulações ainda mais longe do que Tiro, até a sua destruição pelos Romanos.

(10) A Praça do Comércio da Bahia; primeira, que viu o Brasil.

ESTROFE 4.ª

N'um só ponto (e que ponto belo! ufano,
Já porque o fluxo undoso
O beija do Oceano;
Já por que fronteiros
Contempla os lenhos Pátrios, e Estrangeiros!)
Une o que há de mais rico, e mais lustroso
Recíproco Interesse.
Ali os junta a mútua utilidade:
Ali sentada a Honra resplandece;
Dá leis a boa Fé, leis a Candura,
Leis a gentil Verdade...
Essa Filha do Céu tão bela, e pura!

ANTISTROFE 4.ª

Ali se admira tanto do Tâmisa
Os frios gelos criam:
Quanto em seu fertiliza
Frugífero terreno
O Sena insigne; quanto o Tejo ameno,
O Indo, o Gânges de sobejo enviam.
Ali, a par do Hispano,
Já, como Irmãos, se escutam discorrendo
O Francês, o Sueco, o Americano,
E o, que os Mares subjuga, Inglês preclaro:
Ó quanto estás, devendo
Ao Mais Sábio dos REIS, ao REI Mais Caro!

EPODO 4.ª

Ó graças rende, graças, ó Bahia,
Ao MONARCA Mais Justo!
D'alta Sabedoria
De tão Querido AUGUSTO
Nos vem a glória toda:
Tarde o sono da Morte adeje em roda
Do seu plácido leito:
REI à virtude afeito,
REI dos Povos ao Bem pelo Céus dado
Não devera nascer sujeito ao Fado.

Acabada a recitação desta peça, aplaudiu a Companhia, e soou o instrumental da Orquestra: a mesma coisa se praticou no fim de cada um dos Poemas, o que convém advertir para evitar repetições. Seguiu-se Domingos Borges de Barros, Bacharel Formado, Cavaleiro da Ordem de Cristo etc., o qual, depois dos cumprimentos, recitou o seguinte

ELOGIO

Vale mais do que um Reino um tal Vassalo,
Graças ao Grande REI que soube achá-lo.

José Basílio.

Quando a Revolução, punhais buindo,
Os of'recia à Guerra, o Luso Povo
Mal escutava a Mavórcia tuba
Roncar longe o clangor: Suaves hinos,
Louvores do BOM REI só repetiam
Ecos de Lísia, Brasileiras Ecos.
Tão invejados, tão serenos dias
Tu perturbaste, refalsada Córsega,
Do, qu'em teus antros, lodo impuro, encharca,
Entornaste na terra horrores novos.

Poupa-se a punição, vedando o vício;
JOÃO, afastando o mal, previne os crimes.

Vós, que em paz desfrutais do Esposo afagos,
E o inocente sorrir gostais de um filho,
Carinhosas Baianas; vós não vistes,
Unir pranto da tumba ao rir do berço;
O Esposo, o filhinho!... e vós Donzelas,
Se d'Himeneu gozardes a doçura,
Sabereis quanto pranto enxuga um filho.
De rosas coroadas, vós não vistes
No dia d'Himeneu, nas Sacras Aras,
O Cipreste surgir, secando o mirto,
Eu vi... e tremo ainda, o tempo, os sítios,
Onde a série de avós formava culpa,
E dos Romanos os Heróis louvando,
Castigarem por nome, que honra a História:
Té do Sábio o silêncio era delito,
Da doce confidência o meigo alívio
Fugido havia aos homens: eu vi dar-se
Carrasco ao bronze, ao mármore assassino,
Tudo vil ou cruel, verdugo ou vítima.

Ó JOÃO! mais Pai que REI! JOÃO, Deus Te salve
Salve! clame o Brasil: adornou sempre,
A Clemência, Virtude só dos Tronos,
O Teu Sagrado Trono: no teu Povo,
Mais Filhos, que Vassalos achar Deves.
Tudo por nós Fizeste; não bastavam
Bens tamanhos: Brasil, és Nação hoje;
JOÃO do Sangue, e do amor nos laços prende
Em dois Mundos três Reinos, e um só Povo;
No da fidelidade vasto abraço,
Quantos no Orbe existem Portugueses,
Formam, ligados, uma só família,
As línguas mostram das Nações os gênios,
De bom agouro no idioma Luso
Revolução nome era; só fizemos
Para a Braganças dar o Cetro avito.

Ó caso novo, e estranho, a Portugueses!
Mostra a Revolta os aleijados membros,
Em contorções a torva catadura,
No estômago danado engulha males,
E no Recife alija o tetro vômito;
No Recife! D'Heróis outr'ora ninho!...
(No Templo da Memória, oh! nunca o saibam,
Camerão e Vieira) como a lava
Que d'Etna, ou Vesúvio em fúria lavra,
Tal a viçosa Olinda os prados cresta.
Já da má Fama as cem trombetas grasnam,
O Monstro léguas cem n'um passo abrange,
Já da leal Bahia apalpa as portas.
Noronha n'um olhar as forças lhe orça.
Conhece os seus, a EL-REI marca a vitória;
E o tempo, que a medir se gasta o espaço,
Para vingá-lo é quanto basta ao gênio:
Essa de Deus emanação sublime,
D'alma do Herói, se espalha nos Baianos,
Cada soldado seu, qual se ele fora,
Um novo Aquiles, triunfando, voa;
E de Melo ao aspecto o monstro tomba.
Não é menos gentil cumprir o mando,
Do que bem comandar: Baianos Martes!
No templo da Memória vossos nomes
Lá grava a História com buril dourado.

És verdadeiro Herói, NORONHA, és Grande;
Calcas o crime, e o criminoso choras!

Da Vitória o Herói consigo geme;
Co'a mão, que o sangue entorna, enxuga o pranto:
Só quem nunca venceu pisa o vencido.
Cubra tais quadros olvidoso manto,
Cores alegres meus pincéis sorteiem.
Herói, filho de Heróis, sofre meus gabos,
Faltara à Gratidão se T'os não desse;
A Lira, que por Ti vaidoso firo,
Pura Febo me deu, pura a conservo;
Não tem meus versos da lisonja o bafo,
Neles nunca cheirou comprado incenso;
Íntima convicção meu estro incita,
Vate digo a verdade em tom de Nume;
Dest'arte, honrando a Poesia, se honra,
E os pios sons da Cítara septissona
São da terra o prazer, dos Céus as vozes.
Vós, a quem o Universo é tributário,
Que ides nos gelos a buscar dos Pólos,
A vossa audácia prometidos frutos;
Dos dois Mundos Correio, nó de Estados,
Qu'em praias várias, pelo mar cortadas,
Povos, que existem nus, rudes, selvagens,
Tornais polidos: vós, que tendes a arte
D'unir co'as precisões os homens todos,
E o Comércio as distâncias encurtando,
D'um pólo a outro estende os longos braços,
Da fértil Jemen se recolha o néctar,
D'onda de Malabar brilhante espólio,
De Chipre, e Naxos o licor cheiroso,
De Tirapurpr'a, d'Iduméa o incenso,
E o Japão das cavernas dos rochedos,
De frágil luxo adorne os festins nossos;
Por quem surgem Cidades, e florescem,
Leis recebe o deserto, artes, virtudes,...
Ilustres Comerciantes, que a NORONHA
Este do prazer nosso hoje recinto,
Gerador de porvir, fortunas tantas,
E tantos bens deveis; que os vossos vasos
Levem de porto em porto, pelo Orbe,
A vossa gratidão, e os seus louvores.

Ama a Virtude quem dos Campos gosta,
Do Solo, que plantou defensor nato,
Mais preso à Pátria e ao REI, que os mais do Povo,
Do Estado base, do Comércio vida.
O Lavrador de sãos costumes guarda,

Submete à Natureza às leis da indústria,
Da madre terra os frutos corrigindo,
Da Criação à obra põem remate:
Propaga, aumenta as rústicas riquezas,
E a antigos lusos teu exemplo junta;
Ao peito a paz tornou, torna a teus Campos,
Belona os não talou; os teus rebanhos
Vem fazer cabritar ao som da gaita:
Tens segura a colheita, a choça existe,
Marte do arado não roubou teus filhos;
Vem ver sorrir-se o prado a teu aspecto,
Desabrochar a flor, curvar-se o arbusto;
Fala com tuas árvores, são elas
Os teus discretos, teus fiéis amigos;
Elas cumprem melhor quanto prometem
Goza do que perdido ontem julgavas.
Ah! Seja a cantilena, com que tanges
Do Boi pesado o vagaroso passo,
Gostoso meio de pedir ao ETERNO,
Que de NORONHA os dias felicite:
Seja Religião dizê-los aos filhos.
Contai-lhes, ternas Mães, ante o Retrato,
Que vai de vossas Casas ser o adorno,
(Justo penhor da gratidão Baiana)
Quem seu amparo foi, quando no berço,
Quem das letras o curso obstou cortar-lhes:
Sexo que ousei cantar, Sexo mimoso,
A qual de vós o Herói não poupou lágrimas?
Ou vos guardou o Irmão, o Pai, o Esposo,
Ou no Campo da Glória o ornou de louros.
Subam, quais vós, aos Céus cândidos votos;
É como vós a gratidão formosa.
Humanas, mentirosas alegrias!
Da Saudade o antegosto, o prazer turba,
Ilusão! da Esperança filha, amiga,
Vem, engana a saudade ao menos hoje.
Junto ao Trono, SENHOR, de que és esteio,
Pinta ao MELHOR dos REIS, o amor, os votos
Da sua Ilustre, e mui Leal Bahia;
Vê, que os feitos Baianos são teus feitos;
Dize-lhe que não é mais excelente,
O ser do Mundo REI, que de tal gente.
AMIGO da Bahia, a fama é tua;
Ganhaste os Corações, vingaste os Evos.

Apareceu de novo em cena o Reverendo Inácio José de Macedo, cumprimentou de novo o Excelentíssimo Conde, e toda a Assembléia e recitou o seguinte:

ELOGIO AO COMÉRCIO

Tocando a Lira d'ouro Orfeu Divino,
Cantou da Natureza a origem prima:
Do Deus, dos Mortais, o Ser, e a Prole
Deu vasto assunto ao Canto, que inda soa
Nas águas soberanas d'Hipocrene.
Ao sussuro das límpidas correntes,
Que espumam pela encosta do Parnaso,
O Sol recente, as nítidas Estrelas,
A Terra, o Mar, o Céu das Mãos de Jove
Cair parecem pela primeira vez.

Tal Gênio, e Lira tal, oh s'eu tivesse!
Rompendo a sombra aos Tempos, que fugiram
Sobre Tiro, Sidônia, e sobr'o Golfo
Da antiga Pérsia, cantaria ousado
Primeira origem, rápidos galopes
Do Genio Mercantil, que da Cabana
O Mundo fez subir às altas torres
De Roma, e sobre os muros de Cartago,
Da prisca Babilônia ergueu triunfos
D'Indústria, e d'Opulência criadora
Da vida, do prazer, da Sapiência,
Qu'homens em Numes, brenhas em Cidades
Transforma; e mostra a Jove novos Seres,
Inda mais dignos do Cantor da Trácia

Destemido apalpando as auréas cordas
Da Lira virgem, ao Comércio dada,
Canto o Comércio teu, ó Lísia Pátria,
Bafejando no berço, até que os Fados
(Cansando de esconder Brasil ingente)
Erguendo-lhe os bracinhos boliçosos,
Por abraços lhe deram Mundo ignoto,
Tão virgem, tão fecundo, que inculcava
Rebentado de fresco sobre as ondas,
Quando a Sorte o mostrou ao Nauta absorto,
Que beija as áureas Praias, abrigadas
Da tormenta feliz, que vai um Mundo.

Incertos Feitos, Eras tenebrosas
Do Luso Egípcio, do facundo Ulisses,
Fugi, dai campo a mais luzidas Cenas!
De Tempos Ordem nova, e nova Musa,
Mais alto Canto além da Eternidade
Vai levar em triunfo o Gênio Luso.

(*) Infante velador, de Urânia Aluno,
Que n'alta serra do Mourisco Algarve
Dos Astros faladores o alto arcano
Soubeste conhecer; e o azul Tridente
Arrancaste a Netuno enfurecido!
Ah quanta glória te não cobre o Nome!
Sem ti calcando o Gama insanos medos
Não vira os berços, onde nasce o dia,
Nem Cabral o Brasil, que não buscava.

Maior, que o Mundo antigo, a Ulissea Prole
Novos Orbes procura sobr'as ondas:
Ao teu farol guiada s'arremessa
Por entre invejas de Tritões irados,
De raivosas Nereidas, que mal sofrem
Da Portuguesa audácia os golpes, feitos
Nas veias de Anfertite, que estremece
Ant'a Gente sem medo, que lh'arranca
Ricos tesouros, que ninguém gozava.

Comedia ambição de honestos lucros
Pela estrada de Tétis desfazendo
De Eolo ao rijo sopro inchadas gáveas,
Insulta o Adamastor, quebra os segredos
Do Cerúleo Tirano; e a Indústria Lusa
Nos cofres da Riqueza acha a virtude
De polir, doutrinar a Europa inteira.

Famosa Alexandria, e tu, Veneza,
Sois em Comércio nada ant'Ulissea,
Onde Netuno do Brasil, e d'Áia
As raras produções leva nas ondas.

Muda a Europa de face; altas Ciências,
A Política, a História, as Artes todas
Sobem de ponto: o Trono é mais luzido:
Mais doces Corações, e Leis mais doces
Restauram de Saturno antigas Eras.

(*) Infante D. Henrique.

Em Florença o Comércio sobe ao Trono (*)
Dá Reis à França, e Roma; e alta Nobreza
Qual das Armas saiu, sai do Comércio.

Mercúrio, e Pluto, valem mais que Marte.
Por eles, Albion, venceste a França
Na horrenda Quadra, na fatal tormenta,
Em que Povos e Reis ludíbrio foram
Do Corso, que em Milão, Berlim lançara
Ao gênio Mercantil grilhões pesados.

Filha do Céu, ó Paz serena, e Santa!
Nas asas do Comércio quantas vezes,
Almos risos ao Mundo dando, voas
De Pólo a Pólo! E tu, ó Sexo amável,
Glória dos olhos, dor dos nossos peitos,
Maior graça, e primor, mais belo encanto
Em ti reflete dos ornatos lindos,
Que mercantil amor por entre serras
De bravas ondas vai buscar ao longe,
E rendido a teus pés pedir teus mimos;
Mimos, que abrandam a Mavorte irado!
Que mais tratável, mais polido tornam
O Sexo Varonil; e que mais doce
A vida fazem, que sem ti é morte.
O Comércio te enfeita, e tu o alentas,
Variando a miúdo as leis da Moda;
Lucrosas leis, que sorvem mil tesouros
Que mil tesouros geram, que formentam
Artes, Lavoura, e que famintas bocas
Fartam; do abismo da Preguiça horrenda
Quando lhes faltam lidadoras horas.

É dos vícios Liceu a mole Inércia;
É liceu do Saber, e dos Costumes
O trabalho, que tu, Amor, inspiras
De Lucrécio na voz, mostrando aos Povos
Os Céus, a Terra no seu giro eterno;
Ora atraindo, repulsando agora
Luzentes corpos pelo espaço imenso,
Inculcando aos Mortais lições de indústria.

A mais rica Nação é mais valente:
Sapiência, e Virtude ao lado correm
Da risonha Abundância: e o negro Crime,

(*) A Família dos Médicis.

Atroz Revolução é sempre filha
Da magra Inveja, carrancuda, e louca.

Nasce o Prazer no seio da Riqueza,
Nascem as Musas, nascem ledos Brincos;
Contentes Cidadãos, sisudos Sábios
São Astros de harmonia compassados,
Que, na esfera Celeste os olhos fitos,
Como se anda no Céu, no Mundo vivem.

Se estala ao longe da Discórdia o raio,
Se feia aleivosia insulta o Trono
O rico Cidadão franqueia o Cofre.
Voa por terra o rábido Ginete,
E o Bronze atroador nas águas frias
Imita incêndios d'alma, vomitando
Sobre infames Facções estrago e morte.

Briosos Cidadãos, que atentos hoje
Ouvis meu Canto: vós PADRÃO Excelso,
Que o Templo roedor não estragasse,
Nestas praias plantado merecíeis
Escrita em letras d'ouro alta Memória
Da sôfrega ansiosa Lealdade
Votada à Pátria, ao REI no caso infando
Da Cidade infiel, qual Samaria,
Que já sente do Céu ligeiro raio,
Aceso ao sopro da Bahia irada;
Sopro valente, que desfez Coortes
Traidoras, assombradas, quais outr'ora
Da antiga Jericó soberbos muros
Arrassado ao sopro da trombeta
Do Levita Sagrado, que sem lança,
Nem sangue conquistou rebelde a Gente
Do além Jordão, que as águas de medroso
Arrepiando, abriu segura estrada
À Tropa, que do Céu marchava às ordens.

Esquecidos de vós, do REI lembrados,
Parar fizestes da Fortuna as rodas
Tão queridas, Navios, Ouro, Sangue
Lançando aos pés do Trono, onde ressoa
De tais Vassalos o louvor perene;
Vassalos? Antes Filhos, que não temem,
Que adoram por amor o PAI, QUE os Rege,
Que por degraus do Trono tem seus Peitos,
Por fortes Legiões seus Sentimentos.

Ó Gênio Mercantil da Nação Lusa!
Ó farol das Nações hoje opulentas,
Quanto o Mundo te deve! E a ti, Bahia,
Princesa do Brasil, qual Honra, e Glória
Te devem do Parnaso as doutas Liras!...

Em Marmóreos montões embora o Egito
Afronte os Sec'los com vaidade inútil
D'Obeliscos, Colunos, que só prestam
Prá jazigo dos mortos, tu só curas
Dar aos Vivos prazer, palestra, e lucro
Neste novo Edifício, que consagras
Ao Comércio geral do Mundo inteiro.

Aquelas Massas de grandeza enorme,
Que fizeram gemer do Nilo as margens,
São monumentos de Nações opressas
Do louco Despotismo, que a si próprio
Se abrasa, e se destrói, enquanto intenta
Abrasar, destruir a miseranda
Gente forçada. Aqui não houve força,
Briosa liberdade ergue aos ares
Amena habitação de Gente livre. (*)

Nova Hamburgo, na América fecunda
Em teu seio verás imensos Povos
Fagueiros implorar tua aliança;
E tu então afável, generosa
Lançarás aos seu colo o Colar d'ouro
De lucrosa Amizade, e lá d'Arcangel
Até Cádiz verás que independência
Não pode haver de ti no vasto giro
Da troca mercantil. E que mais doces,
Mais briosos serão teus Habitantes!

Eras futuras, Dias venturosos,
Apressai a carreira, e melhor Gosto,
Mais Arte, Mais Saber, maior Riqueza
Fazei resplandecer nestes serenos
Climas, que o Céu bafeja: e vós, vindouras
Musas, cantai o Ínclito NORONHA,
Que tais Cenas na acesa Fantasia
Traçou, impulsos dando a perra inércia
Do Tempo vagaroso em polir Povos;
E só ligeiro p'rá levar aos Letes

(*) Praça do Comércio.

Nações, e Reinos, Vidas, Honras, tudo,
Menos a Glória d'Almas benfazejas.
Quais de Ciro, e de Júlio é fama antiga,
Que rutilam na Abóbada Celeste
As Almas luminosas, que esclarecem
O Mundo, que as adora de saudade;
Tal brilhará Teu Nome, ó Sábio CONDE
Dos Arcos Triunfais, que ergueste em honra
Da Gente generosa, a quem mereces
Eterna gratidão, que leve aos Astros
O Teu Retrato não, tua Alma inteira;
Que de lá vivos Lumes fulgurando
Inda aclare a Bahia, que T'adora.

Não mais, ó Musa, que a modéstia ofendes...!
Alto silêncio...! quebra a Lira ousada
(Que a tanto se atreveu) nestas paredes;
Falem por ti as pedras, que sensíveis
Eloqüentes serão neste Edifício,
Onde Peitos, e Mão d'amor, e brio
Teu Retrato, ó Virtude, hoje colocam:
Retrato n'alma da Bahia impresso,
Retrato, que dos lábios da Bahia
Pendente, como em Templo de Memória,
Ficará, enquanto Tétis respeitosa
Estas Praias beijar. Não mais, ó Musa,
A voz sufoca no inflamado peito;
Vale mais, do que a Musa, um Alto FEITO.

Alguns minutos depois levantou-se José Procópio de Castro, atual Escrivão da Junta, Cavaleiro da Ordem de Cristo, etc. e feito o cortejo, recitou o Elogio, que se segue:

ELOGIO

... Sans m'aveugler d'une vaine manie,
Je mesure mon vol à mon foible genie.

Boileau.

Nuvens d'incenso ao Deus eu Of'recia
Da mágica Harmonia Rei potente, (11)
Para Amor decantar, em áureos Hinos.

(11) Este verso é dum Píndaro Nacional.

Não acabadas eram minhas preces,
Repentino clarão me ofusca a vista,
E a meus olhos um Nume se apresenta.
Fulgente luz na frente lhe cintila,
O caduceu na sacra destra empunha,
O Gênio do Comércio reconheço.

"Basta, me diz, não mais invoques Febo,
Para louros te dar das mesmas selvas,
Onde renome eterno tem ganhado
Do Tejo ameno mil brilhantes Cisnes
Maior empresa, campo assaz mais vasto
Vou neste Ilustre Dia apresentar-te."
Então me eleva nas douradas asas,
Cruza ligeiro as regiões etéreas,
As portas abre enfim dum Edifício,
Cujas áureas paredes realçava
Quadro dum véu de estrelas encoberto.
A finíssima teia o Divo erguendo,
Outra vez jubiloso assim me fala:
"Reconhece as feições do CONDE Egrégio,
Aos Habitantes deste Céu tão Caro!
Tu sabes, que depois d'haver cegado
Lá nos campos de Iberina, em márcias lides,
As palmas de Iduméia, nestas Plagas
Quiseram doces Fados que viesse
Derramar os tesouros da Ventura.
As Ciências, as Artes, que jazido
Por muito longo tempo tem no berço,
Do Grande Gênio Seu hoje animadas,
Disputar querem co'as de Grécia, e Roma!
Sagrada Liberdade aqui tu reinas!
Não essa Liberdade, que sem freio
Os mais santos direitos atropela,
E os homens põem enfim a par das feras.
Quando o letal contágio (ó dor!) grassava
Entre os de Pernambuco filhos reprobos,
Veloz, qual raio; o meu Herói tu viste,
Banhando-se da Pátria em Santo fogo,
Uma barreira opor-lhe impenetrável,
Repentinas Falanges levantando,
Qual Guerreiro Cadino n'outra idade,
Lá na famosa Tebas, que fundara.
De Minerva, d'Astréia presididos

Os seus trabalhos foram; leda a Glória
Os coroou c'os louros de Gradivo;
O pavoroso aspecto da Anarquia,
Vai no Averno sumir-se para sempre!
Pois de mim, que direi, para término
Das preclaras Ações, que estou narrando?
A quem devo, senão a seus cuidados,
Neste empório a freqüência de meus cultos,
Tanto afamados, tanto preciosos,
Quanto são esses tronos, em que impero,
Entre as grandes Nações do Mundo antigo?
Aqui tens explanado o digno Tema,
Em que o calor Febeo empregar deves;
Do Grande Nome de NORONHA à sombra
Do escuro Letes podes libertar-te,
Ó Gênio, então lhe torno, essa alta empresa
É muito além das faculdades minhas:
Aos Camões, aos Homeros só compete
Tais Varões decantar nas Harpas d'ouro:
Mas se na grã carreira, que me apontas,
Da lide as palmas não ganhar meu canto,
O doce galardão terei ao menos
D'intentar minha Musa Ação tão grande!

Desceu enfim do estrado Paulo José de Melo Azevedo e Brito, Fidalgo Cavaleiro da Casa de Sua MAJESTADE, e depois de cumprimentar a Sua EXCELÊNCIA, e toda a Companhia, recitou o seguinte e último

ELOGIO POÉTICO

Qui n'est que juste, est dur; qui n'est que sage, est triste:
Dans d'autres sentiments l'heroisme consiste.
Le conquérant est craint, le sage est estimé;
Mais le bienfaisant charme, et lui seul est aimé.

Volt. Epit. 49 au Roi de Prusse Freder. le Grand

D'Esmirna o Vate as bélicas façanhas
Da Prole de Peleu embora leve
De evo em evo pelo largo mundo;
Que sob os muros Dardanos o corpo
Do magnânimo Heitor **vencido,** e extinto,
Lá vai de rojo (abuso da vitória!)
Por entre o pó traçando rubra esteira,
Que aos brutos Aquileus o rasto apaga:
Admiro, mas não amo, o Herói de Homero.

Embora o Mantuano a tuba fértil
Em milagres harmônicos envoque;
Co'a magia dos sons transponha as eras,
E mande, embora, aos assombrados Pólos
As proezas, e os trabalhos piedosos
Do Pirgio Capitão, que ao Lácio trouxe
D'Ilion as relíquias: Turno, ante ele,
Súplice, e inerme, generoso abraço
Impunha ao vencedor que lhe estendesse?
Mas o Teucro esquecendo o Márcio brio,
Co'a lâmina **triunfante** o peito rasga
Do **rendido** Latino: rompe o sangue,
Roxa espadana da ferida salta,
Os Louros lhe salpica, e os emurchece
De Virgílio também o Herói não amo.

Amo da Gália o Rei, de Reis modelo
Que Liga, e seus furores confundindo,
Da obstinada Paris as Portas entra:
Treme o rebelde Chefe, os sócios tremem,
Vinganças cuidam ver... que mal conhecem.
O Pai da Pátria, o sobre-humano Henrique!
Se a heróica fronte verde c'roa cinge,
A destra empunha da Oliveira o ramo:
Mayenne o diga, (12) atestem-no os Ligados.

Amo o Triunvir, a quem deu Belona,
Nos de Farsália memorandos Campos,
C'os destinos de Roma os do Universo:
Que uso nobre que fazes da vitória, (13)
Portentoso Guerreiro, invicto César!
Roma os experimentou, amou-te Roma,
O Mundo o sabe, e há de amar-te o Mundo.

Amo NORONHA, que parelhas corre
C'os Júlios, c'os Bourbons, NORONHA o nosso (14)

---

(12) Tendo Henrique 4.º fatigado, certo dia, o Duque de Mayenne com um longo passeio = Meu Primo, lhe disse ele, eis o único mal, que vos farei em toda a minha vida = Henrique 4.º cumpriu a palavra.

(13) Todos sabem que César perdoou generosamente aos da facção de Pompeu, seus inimigos mortais; todavia não posso vencer o desejo de referir as palavras sublimes deste herói, mandando queimar os papéis de Pompeu, que apreendera depois da batalha de Farsália=Quero antes, disse ele, ignorar crimes, que ser obrigado a castigá-los. = Quem deixará de amar, e admirar César?

(14) O nosso Júlio, o nosso Bourbon.

Musa da gratidão, de Jove ó Filha,
O etéreo Assento por um pouco esquece:
Vem Celeste Polímnia, e no recinto
Dos Paços do Irmão teu a voz desata;
De Atlante o Neto, e as Filhas da Memória,
O mesmo Pai tiveram; vem que MARCOS,
Que os Paços lhe fundou, ora se digna
Perpétuo morador ver habitá-los;
Contigo baixem, pudibunda Virgem,
Harmonia e verdade; uma conserte
Do Verso os atavios, cure a outra
De honrar o Herói, não desonrando o Canto.

Vezes três à Bahia prometido,
E só dado à Bahia a vez terceira (15)
Pisa NORONHA, enfim, (altos arcanos!)
As reverentes praias, que pisaram
NORONHAS dois, (16) seus ínclitos Maiores.
Não foi debalde, não, que a sapiência
Do inexcrutável REGEDOR dos Orbes,
O prestante Varão guardado havia!
Cena medonha, tenebrosos Fados
Tinham de abrir desta Província as portas:
Ai do país, que Argólide semelha,
Que infecto Lago encerra, e monstro infecto!
Ai do país, em que pulula a Hidra,
Se não lhe acode o Céu com algum Alcides!
Ai do Brasil, se no Imortal NORONHA
(Do Semideus JOÃO Mimo à nos dado
Hércules novo não tivera há pouco!

Mas oh! pesada lei! falar da Pátria,
Da Pátria num desar! oh! lei pesada
Porque não foi acaso o duro Ibero,
Que do caudal Argento as águas bebe,
O que provou, NORONHA, a força ingente
De Teu ingente braço? Então a Musa,
Vestindo gala extreme, hinos cantara,

---

(15) É um fato. A Providência que vela na conversação da Coroa Bragantina, parece (nem m'o tomem a superstição) que reservou adrede o Excelentíssimo CONDE DOS ARCOS para quadra tão melindrosa.

(16) O Excelentíssimo Marquês de Angeja D. Pedro Antônio de Noronha, 3.º Vice-Rei da Bahia pelos anos de 1714; e o Excelentíssimo Conde dos Arcos D. Marcos de Noronha, 7.º Vice-Rei nesta mesma Cidade pelos anos de 1755.

Sem que o tom Elegíaco os mesclasse:
Mas não sabe, por certo, a mágoa minha,
A glória de NORONHA trazer quebra;
Nem demérito alheio pode nunca,
Da Pátria ao Benemérito dar míngua.

Na terra, em que Vieira, em que Negreiros
Camarão, e Henrique, as Régias QUINAS
Alçaram triunfantes (crime horrendo!!)
Desacatadas são as Régias QUINAS.
Dos quatro Heróis os já mirrados ossos,
De indignados, sob a Campa fremem:
É voz, que os Manes seus, pela alta noite,
Em torno dos Sepulcros suspiraram;
A Fama os viu, trajando longas roupas
De escuríssimo dó: ah! consolai-vos,
Manes ilustres, que NORONHA existe;
Que Baianos leais NORONHA rege;
Baianos, cuja fé, perante o SÓLIO,
NORONHA, que não mente, assela, e abona; (17)
Consolai-vos, oh! Sombras venerandas,
Que vingadas vereis em breve as QUINAS.

Surge a funesta nova, e mal que surge,
De MARCOS fere o Português ouvido:
Ei-lo de um súbito, ordenando a guerra. (18)

Já de Anfertite pelos salsos Campos,
Voando eis vão alígeros Castelos,
Que os mal-obedientes portos cerrem:
Exímia providência! Eis já vão outros,
Que as Costas de guerreiras enxamem.
Sobre as duras espáduas de Cibele,
Simultâneos se arrojam, relinchando,
Os Márcios, velocípedes Centauros:
Novas armas se aprestam; novos Corpos
O sangue seu na defensão das QUINAS
Juram verter não só, vingá-las juram.
Ao Austro voam, correm ao Arcturo,
Os que do Cileneo o ofício fazem;

---

(17) É de constante notoriedade que o Excelentíssimo CONDE DOS ARCOS honrara, e fizera justiça à fidelidade dos Baianos abandonando-a diante do SOBERANO com as mais enérgicas expressões.

(18) É indizível, e parece incombinável a atividade serena, que o Excelentíssimo CONDE DOS ARCOS empregou na disposição das causas, que tendiam a sufocar a rebelião no nascedouro.

Tudo recebe de NORONHA o impulso;
Nada a NORONHA esquece, nada escapa.
Tudo prevê NORONHA (Genio raro!)
E vem a execução após a idéia:
Gemei, insanas! resistir a MARCOS
Quase que as raias do impossível toca.

Como ao som clangoroso das trombetas,
Perante o Povo do SENHOR, baqueiam
Da Idólatra Cidade os altos muros;
Ou como, de improviso, cai sem vida
O temerário O'Za que impusera
Mãos profanadas d'Aliança n'Arca;
Assim diante das Reais Falanges,
Que de MARCOS, no peito, o Esp'rito levam.
De si mesmas desabam as nefandas
Empinadas muralhas da soberba.

Já lá tremula sobre o solo infido,
Por Baianas Coortes arvorado,
O Penhor Sacrossanto, que em Ourique
Das Vitórias o Deus a Afonso dera:
Triunfaste, NORONHA, e co teu nome
C'o Nome de JOÃO, que aos astros sobem,
Lá sobe o incenso, que os Altares fumam:

Exulta, berço meu, Bahia exulta;
Que os Louros que ora cinges tem de honrar-te
Enquanto à Lealdade houver cultores!
Teu júbilo pintar quem há que possa?
Onde as cores estão, os pincéis onde?
Língua não há, que dignamente o exprima!
Peitos leais de puros Portugueses,
Que o concebam, que o sintam, qual sentiram
Nossos peitos leais, E tu, NORONHA,
Tu, moderno Cabral, maior que o antigo,
Tu perene Renome hás grangeado:
Se ao feliz MANUEL, outrora aquele
Encontrando o Brasil, deu novo Império
Tu agora o Brasil ao NETO salvas.
O feito de Cabral do Acaso cego
Parto é somente, que a intenção foi nula;
Mas o feito, NORONHA, que ora acabas,
De raro Engenho teu somente é parto.
Já do Volume seu em áurea folha
Com buril diamantino escreveu Clio,

Teu nome, ó Grão NORONHA! Embora a Inveja
No imundo Averno se remorda, e escume;
Tu maior do que o monstro viperino,
Zombas de seus furores impotentes,
E entanto que se arrastra, e que esbraveja,
Pela estrelada Abóbada te embebes,
E vás, NORONHA, da Memória ao Templo
Tomar assento entre os Heróis de Lísia:
Eis, SENHOR, ao assombro, e acatamento
Dos Povos naturais, e estranhos Povos,
Teus Direitos, teus Títulos Sagrados;
Mas ao Amor teus Títulos são outros.

Musa, que à Lira, as cordas me afinaste,
Sobe-lhe os tons agora, que NORONHA
A mor esfera sobe; se de César
Rival viste no Mavórcio jogo,
Ei-lo rival de César no Senado (19)
Com mal seguro passo, olhos demissos,
Bebendo, d'antemão, o fel da morte,
(E mais amargo que ele o do remorso)
Eis comparecem delinqüentes cinco,
Ante o Juízo, a que Preside MARCOS.
Pedia a Lei, o Público pedia,
Vindicta salutar: à Lei, ao Público,
Rende-se MARCOS, obedece, e geme.
Mas que engenhosa que és Humanidade!
Tu descobres a traça, folga MARCOS,
E d'entre os cinco, a dois as vidas salva:
Dura necessidade que com tudo,
Que a pena capital aos três se imponha.
Ao firmá-lo, do Herói o forte braço
Convulsivo se torna, e os olhos soltam
Lágrimas, que vertidas vêm do peito:
Tão comovido está, tão magoado,
Que num transporte d'alma o Herói de Lísia
Exclama enternecido: "Se não posso
Perdoar, de mim mesmo, aos que hão pecado,
Posso ao menos tentar salvar-lhe os dias;
Té onde meus serviços valer podem,
Porei serviços meus aos pés do TRONO;
JOÃO é PAI, e conservar-lhe filhos,

(19) Alude-se à salvação dos dois delinqüentes d'entre os cinco que foram à Juízo — Caldas, e Portugal —: todos sabem que no Senado perdoara César a Marcelo.

Posto que ingratos, é também servi-lo:
Ah! não mais se derrame, mais não corra
No solo Português Português sangue."
Desassombrai-vos, Vítimas da culpa;
Que o ofendido NORONHA vos segura,
Os mal seguros dias; confortai-vos
Porque tudo com REIS acabar podem
Os que nas veias tem de REIS o sangue:

Basta, Musa, não mais, não mais prossigas;
Que o ápice da glória atinge MARCOS,
As balizas transpondo à humanidade.

De ações irmãs a vista, em priscos tempos,
Maravilhada a opressa humana raça,
Ao Mortal, que as obrou, ergueu Altares.

Agora transcreverei também aqui (por alusivo) um Poema Latino dedicado a EL-REI NOSSO SENHOR, e composto por José Francisco Cardoso de Morais, Deputado Secretário da Mesa da Inspeção Cavaleiro da Ordem de Cristo, etc., o qual, por ser em língua morta se não recitou; ei-lo.

EPINICIUM

Custo de rerum Caesare, non furor
Ciuilis, aut uis eximet otium:
Non ira, quae procudit enses,
Et miseras inimicat urbes.
Horat. L.4.Od.15.

Iam Fides, et Pax, et Honor, Pudorque
Priscus, et neglecta redire Virtus
Audet, apparetque beata pleno
Copia cornu.

Id. Carm. Secul.

Tolle, Bahia, caput; contractae nubila frontis
Discute nunc tandem: retro fugit ecce malorum
Dira cohors, rerumque subit faustissimus ordo.
Quae modo deiecto languebas territa uultu,
Affictis merito in rebus lacrymansque gemensque,
Mox iam circumdas uictricia tempora lauro.

Musa, tuos animo uatis diffunde calores:
Te duce, nil bifido superantem uertice nubes,
Concessum haud multis, timeam peruadere montem.

Brasiliae (quis crediderit, misi facta loquantur?)
Vrbe tot heroum madefacta sanguine in ipsa,
Pro DOMINO certauit ubi triginta per annos
Non Mauorte Vieira (20) minor, Vitalis (21), et alter
Memnon (22), indigenas et qui dux acer agebat (23)
Quae uiolare Fidem sacrato Iure locatam
Ausa, PATREM potius, quam REGEM ingrata negauit
Atque huc (horresco refens) insania mentis
Iuit, eo infandus peruasit criminis ardor,
Ut uelut Iapeti soboles tentarat Olympum,
IOANNEM Sceptris longe lareque potitum,
CUIUS ad Occasum Sol Regna inuisit ab Ortu,
QUEM Tagus obseruat, Gangesque, Nigerque ueretur,
Subditus immensas ressonantia in aequora gurges
Voluit Amazonius, nec non Argenteus undas;
TERROREM simul Externis, CURAM que Suorum;
Lenaeo, credo, stimulata Elacesserit armis.
Heu peruersae hominum mentes! heu sacra cupido
Imperii! heu nos degeneres! nos lege soluti!

Ar, quamquam indignans in ferrea secula, nondum
Deseruit terras omnino candida Virtus.
Si prauos inter genus execrabile mores
Brasilicos tanta conspersit labe colonos
Si semel exitiale nefas erupit in oras,
Sempre ubi intemerata Fides resplenduit olim,
Sique nefasta dies tercentos perdidit annos,
En Soteropolis uicina accingitur ultrix.
Nec mora, cuncta rapi cernas uelocius Euro:
Undique certatim accurrunt iuuenesque senesque,
Quisque cupit praeferri, una omnes arma requirunt.

Tum patuit, notumque etiam rationis egenti,
Qua ui consilii quo mentis acumine, quanta
Et cordis bonitate animique NORONHA ualeret.
Instruitur classis, magno quasi Numine agente;
Procedunt extemplo acies terraque marique,
Et COMES Egregius tot munia fronte serena
Indefessus obit, non sanus corpore, sano

---

(20) João Fernandes Vieira, principal instrumento da Restauração de Pernambuco do poder dos holandeses no Século 17.

(21) André Vidal de Negreiros, famoso cooperador da mesma.

(22) Henrique Dias, honra da gente de cor preta, cujo nome passou por excelência a todos os Regimentos da mesma cor.

(23) D. Antônio Felipe Camarão, Chefe dos Índios, célebre naquela guerra por suas grandes qualidades e serviços.

Mente tamen. Nec quod quereretur, quodue timeret
Quisquam habuit: clauso tanquam Iano omnia fiunt,
Et medio in bello (mirum!) pax undique regnat.
De more officium quisque implet; publica prostant;
Exercet solitas tranquilla Minerua palaestras;
Nun cimul et Pallas studiis, et praesidet armis.
Cumque silere solente leges quoque Marte furenti,
Arma silente contra; sapientibus otia nunquam
Vir conturbari patitur, sapientior Ipse.
Nil sub NORONHA officiat doctisque docendisque
Exoriare aliquis Bahiano ex sanguine uates,
Aonidum numeris docesas qui sec'la NORONHAM,
Aonidum, merito cognomine, MECOENATREM.

Nulla uiris obstant discrimina, flumina, montes;
Siue fames, febriumque cohors; siue aequora, uenti;
Perueniunt alacres, ferroque armatus et igne,
Tartareis signis fulgentia Vulnera CHRISTI,
Tradita in Imperii pignus Vexilla salutis,
Opponens, sese trepidis exercitus offert.

Iam tonat, ó miseri! crebro iam fulgurat aether,
Iamque rubet torto indignati dextra Tonantis
Fulmine: nulla datur poenae mora; uindice flamma
Insonuere poli, montesque fragore resultant.
Momento eternunt lacerata cadauera campum?
Sanguine terra madet, spumanti plena cruore
Flumina transcenduunt ripas, atque aequora tingunt.
Haud sufferre ualent oculi spectac'la, perhorret
Natura adspectans uariae tot stragis aceruos.
Ille cadit mutilus, uitam efflat et alter anhelus,
Hic cuput auulsum, iacet illic truncus, oberrant,
Quo uisus cumque intendas, uaga crura, lacerti.

Praecipites fugiunt, Martis quibus ira pepercit;
Sel fuga quam raros perduxit in antra ferarum!
Victores minim fallit pars magna sequentes.
Tum tremit ad uultus infida caterua fideles,
Tum piget, et palmas ad sidera tendit inermes,
Tum confessa nefas, sinuato poplite uitam
Implorat, longisque aures ulutatibus implet.
Paenituit sero; ueniae iam tempus abiuit.
Nam quida paenituisse ualet, cum saeuit Erinnys,
Barbara eum feruet Nemesis praecordia circum?
Non tamen irasci in miseros, pacemque rogantes
Mos est magnanimis: captos in uincula mittunt,
Postea supplicio insanis documenta daturos.

O preclara dies, niueo signanda lapillo
Non tantum, fuluo sed quae scribatur in auro!
Alma dies, populus Bahiensis pignus amoris
Qua DOMINO extremum posuit, dubitabile nulli,
Inuiolata Fides qua splenduit illa uetustis
A proauis accepta, aepotibus ipsa remotis
Accipienda nitens, atque omnes casta per annos.
Qui fratres dudum, fiunt iam protinus hostes,
Ut scelus attonitas horrendum perculit aures.
Erubuere nefas immane; fidelia corda
Vindictae duplicis furibunda incendia torrent.
Ulciscenda uenit Maiestas Regia primum,
Tum decus ipse suum unusquisque ulciscier ardet
Hinc uis, hinc animus uigor insuperabilis ille,
Qui pugna hostiles acies prostrauit in una,
Ut nihil auderet gens detestabilis ultra.
Dux quisquam euasit miles, proque agmine pollet.
Grandia quisque dedit, nullus non magna patrauit.
Quod uero minime credas, pro testibus hostes
Ni quoque sint ipsi, caesa inter millia, quinque
Vix nostro quinque ex numero Mors inuida legit.
Hunc modo uictores poscit Bellona cruorem,
Tot luitura uiris quodcumque perire necesse est,
Ac uitam aetares hinc deductura per omnes.
Inde gradu celerans inuadit secula Ioseph (24)
Inde uirens decorat Lodoico (25) laurea frontem,
Nescius inde mori perstat Salvator (26), et inde
Formidare, nequit Stygias Gordilius (27) undas
Qui rebus, Rufine (28), praees naualibus acer,
Cui Caput infandum, Antoni (29), Caussamque malorum
Pertraxisse datum est manicis et compede uinctum,
Clara dies peperit memorabile nomem utrique
Tu simul, Hermogenes (30), coniungens Martis honores
Palladis pulchre, nil hinc a morte timebis.

---

(24) José Carlos da Silva, Sargento de Milícias da Vila do Penedo, promovido a Alferes em prêmio da alfoiteza, com que introduziu as Proclamações deste Governo por mais de 30 léguas na Capitania de Pernambuco.

(25) O Major da Legião D. Luís Baltazar da Silveira.

(26) O Major Engenheiro Salvador José Maciel.

(27) O Major Ajudante de Ordens José Egídio Gordilho de Barbuda.

(28) O Capitão-Tenente, hoje Capitão de Fragata graduado, Rufino Peres Batista, Comandante do Bloqueio.

(29) O Capitão de Milicias do Penedo Antônio José dos Santos, que aprisionou o Martins, graduado por isso em Major pelo Marechal Mello.

(30) O Capitão da Legião Hermógenes Francisco de Aguilar.

Iam clarus Rodericus (31) auis, Iosephus est alter (32)
Innumerosque alios Paula (33) ducente, perenni
Cum laude, existet dum Martia gloria, uiuent.
Mascula sic ridet uirtus obliuia Lethes.

Ancipitem interea cito Fama uolauit ad urbem.
Tollitur in coelum clamor, fit ubique tumultus,
Oppositis uoces miscentur uocibus, una
Omnes in medium prorumpunt, multa loquuntur
Una omnes, auris neque percipit ulla loquentes
Iam spe animisque cadit, qua sit iam nescit eundum
Sordida grex, foedeque opprobria mutua iactant.
Iam subit in mentem facinus, gelidus quatit artus
Iam timor: in diuersa capit, quasi sumeret alas,
Quisque fugam, strepitumque putat sentire sequentum.

Quantus io! ter io! perfundat pectora, quantus
Laetitiae fluuius, quis erit, qui dicere tentet?
Omne genus, seuus, dominusue, puerue, senexue,
Seu de plebe satus, seu nobilis, atque Sacerdos,
Exultant cuncti, Nomenque IOANNIS ad astra,
Augustum Nomen, Sanctum, Ingens omne per aeuum,
Viuat io! uiuat geminatis plausibus edunt.
Quina Solutiferi nulla non arce mouentur
Signa DEI; crebro tormenta hinc inde tonabant.

Ac ueluti qui Algerinis in moenibus annos
Seruitium durum per longos hausit, amaras
Et tulit aerumnas, exantlauitque labores
Ultra, quam uires, aut quam patientia ferret;
Si forte incautus, tribuentibus aera propinquis,
Siue ope Regali subito est, aliaue redemptus,
Denique cum caram uxorem, ac sua tecta reuisit,
Et dulces nato, carptosque aetate parentes,
Laetitia insanit, clamata, salit, omnia motat,
Arque oculi lacrymis etiam humectantur obortis:
Aut eum iactatur nimbosa per aequora nauis,
Huc illuc fertur, rabidis ludibria uentis,
Praecepti impatiens prora, indoclisque magistro,
Donec ad ignotas pelagi detruditur oras,

(31) O Capitão do 1.º Regimento de Linha Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses.

(32) O Capitão graduado de Cavalaria José Félix Machado.

(33) O Capitão de Artilharia Francisco de Paula de Miranda Chaves.

Nescia quo currat, coelique ignara marisque;
Iam sitis exurit, cogit penuria uictus
Exiguam in Cererem miseros, tandem omnia desunt,
Praesentemque uiris intentat omnia mortem;
Si uero, fractis animis, nullaque salutis
Spe reliqua, **terra** auditur, **terra,** undique nautae
Exiliunt, nemo segnis, studioque uidendi
Incursant aliis alii, clamoribus aether
Personat, amplexu inter se gratantur ouantes:
Haud decus urbs opressa diu laetatur, et inde
Per loca continuo praestantia gaudia serpunt.

Iam Rodericus (34) adest, portumque uocatus et urbem
Ingreditur, populi circum plaudente corona.
Respondente arces, iterumque iterumque IOANNEN,
IOANNEN, Patriae PATREM, super aethera tollunt.

Nic piger aduentat redimitus tempora lauro,
Victrices ducens legiones Mellius (35) heros,
Qui ueteri quondam dicendus Martis Alumnus,
Ipse nouo Martis nunc dicitur Aemulus Orbe:
Cuius ad ingenium Victoria oarta refertur;
Sed potiore quidem fuerit qui laude ferendus,
Quod, cum uincendo patefecit limina primus,
Quotquot sunt, licet ipse gradu supereminet omnes,
Milite frendenti, tamen haud parere recusat,
Et prius Ingresso summas permittit habenas:
Sic uir dissoluit quidquid Discordia texit,
Sic primas fama partes agit ille secundus,

At QUI prima fuit gestorum Caussa, nihilque,
Ut mala quam primum penitus marcesceret arbor,
Praeteriit, me etiam tacito, non nesciet ullus.
Nam TIBI Ductorem nunc gens Bahiana supremum
QUEM colit, antiquo Sanguis de Sanguine REGUM,
Sed magis Ingenio, magis a Virtutis honore,
MARCE potens, uenisse TIBI hinc praeconia laudum
Maxima quem lateat, quisue improbus edere nolit?
Talia suscipiens, Pubes TIBI paruit arudax,
Nil bene fit, cuius fias non prouidus auctor.

---

(34) O Chefe de Divisão, hoje Chefe de Esquadra graduado, Rodrigo José Ferreira Lobo, que sucedeu ao Comandante do Bloqueio Rufino Peres Batista.

(35) O marechal de Campo Joaquim de Melo Leite Cogominho de Lacerda, Comandante em Chefe da nossa Expedição.

Hic sis, apparet, quantus VIR, miraque late
Egressa humanis opibus Sapientia fulget.
Protinus emissis turmis, quasi fulminis alis,
Aequoreaque uia interclusa, Marte peritis
Sub ducibus, belli tum nutrimenta uetantur
Hostibus afferri, facies inopina Virorum
Tum quoque perterret mentes pauuo ante feroces
Ancipitesque metu penitus contundit acerbo,
Ne dein auscultent umquam periura monentes;
Quin Bahiana Fides innubila clairis ipsa
Luce nitet, quidquid celerata calumnia finxit (36)
Sic temestiuo praecidis uulnere nodum,
Non ducis Aemathii gladio quoque rescindendum.

Quicumque assiduus ueterum monumenta reuoluis.
Num tibi post homines natos, mortalibus unus
Profuerit tanto qui munere, pagina monstrat?
Quis neget? historia clarissima sidera lucent,
Qui cicures reddunt homines, qui moenia condunt
Qui ponunt Leges, qui Mores, proque salute
Qui patriae, pro Rege uouent, pro Numine uitam.
At qui operam, quae homini contingere maxima possit.
Tam paruo peragat pretio nolentis ad instar,
NORONHAM praeter ualeat meminisse quis ullum ?
Hucusque haud Proaui memorant annalibus ullis,
Par nulla exemplum referent aetate Minores.

Te sine de nobis, IVR praestantissime, factum
Quid foret? heu! heu! series quam longa malorum
Et nos, et natos, genitosque subinde manebat!
Quot gemitus, quantum luctus, quantumque cruoris
Auerti ratio admirabilis illa gerendi
Res animosque, silens, quasi nil agat, omnia curans!
Dum sub corde gemis, dum pectore grandia uoluis,
Laetitia, in uultus remanet, spes fronte renidet,
Moestitiae nubes hilari nil pingitur ore,
Ut solus doleas, nos et formidine soluas.
Gens Bahiana TIBI praesens, seu rure uagaris,
Siue domi restas, capiunt seu membra quietem;

(36) Os malvados insurgentes na esperança de ganhar prosélitos e a fim de animar os da sua vergonhosa facção, publicaram que obravam de comum acordo com a Bahia, calúnia mais atroz, que se tem proferido à face do Mundo; mas prontamente desmentida pelo fato, e até depois pela confissão pública de um dos justiçados nesta Cidade poucos momentos antes da execução.

In somnis etiam Bahianae gentis imago
Ante oculos errat: parcendi prima cruoris
Cura TIBI, oblitusque TUI huic, huic totus inhacres,
Sanguinis humani, sicut perpenditur arurum,
Tu quoque perpendis, VIR Clementissime, guttam.
Hostia (37) pro cunctis fuit una atque una cruore,
Per TE si fieri posset, pecata luisset.
Tres (38) capitis damnas duro si munere Judex,
Id quanti steterit cordi, pro testibus adstant
Obsignatus in ore dolor, lacrymaeque decorae.

Inueniatur ubi Te laus, Clarissime Iudex,
Digna satis? Cuius tanta est facundia, tantum
Ingenii flumen, non dicam ornare, sed apte
Haec TUA complecti uerbis qui cogitet audax?
Quanta TIBI obligerint nato Decora alta Parentum
Queis noua quotidie adiungis bellique domique;
Quanta accepta diu referat TIBI Brasila tellus;
Quantaque non cessas profundere munera nobis;
Nemo non norit, iamdudum sparsa per Orbem:
Haec maiora tamen, TIBI uel superanda nec IPSI.
Haec TE sublimem rapuere ad culmina montis,
Ardua regnat ubi splendenti Gloria templo,
Sceptra tenens, signis magnorum cincta Virorum,
Quos apud aeternum spiranti in marmore uiues.

Non ea sola VIRO merces; pretiosior exstat
Eximiae Virtutis honos: haud Nomem ubique
NORONHAE tantum resonat, sed corde sub imo
Cuique manet, gratisque animis non excidet unquam
Nec tam difficilis dubia haec censere quis ausit,
Mequaquam ambiguis factis cum uera probantur.
Totius numquid populi mulcere putentur
Ora VIRUM? Numquid mendacia dicere pugnes,
Millia cum tot idem fremitu testantur eodem?
Vix genus indignum truculenta caede subactum
Fama refert, subito plebes, mirabile uisu!
Laeta ruit latebris ex omnibus ocyor aura;
Et magna quoties appellat uoce IOANNEM,
Non toties grata obliuiscitur ipsa NORONHAM;

---

(37) O Insigne facínoro José Inácio de Roma, cuja pronta condenação, e execução cortou a raiz a infindos males.

(38) Foram espingardeados nesta Cidade mais três dos principais Chefes da ignominiosa Revolução, remetidos de Pernambuco.

Maxima nullum inter Regalia Munera Munus
NORONHA maius toties clamosa fatetur.

Quam Bahiana dies Pietas innotuit illo!
Moerorem adffictis quae iubila tanta rependun!
Nox erat, optatus nostras cum uenit ad aunes
Nuntius, ac tanquam festo solemnia sacro
Praemeditata forent, tum templa repente coruscant
Luminibus, reboantque altis e turribus aera,
Versicoloratis rutilant tum lucibus aedes,
Diues ubi luxu tumidus fastuque superbit,
Tum, qua palpertas latitat, quoque ianua lucet,
Hinc ignis crepitu creber petit astra sonoro,
Sollicitat Musas illinc, et carmina fundit,
Pierides qui nondum alias a limine nouit,
Haud tamen inuito modulatus Appolline uersus,
Elicit hic blandas agilis testundine uoces,
Illi dulciosono permulcent aera cantu,
Semideique audent IOANNIS texere laudes,
Obliti nunquam, coetu acclamante, NORONHAM.
Pars pedibus gestit faciles agitare choreas,
Plaudentes alli circumdare gaudia gaudent.
Nemo sedet, nil non hominis tota urbe mouetur.
Non secus ac Troia Danais abeuntibus olim,
Cum tandem **longo soluit se Teucria luctu,**
Ferreus est adeo nemo, cui pectus hebescat,
Que non ire iuuet, non cuncta relicta uidere,
Qui suamet solus non gaudia publica norit.

Proxima lux cunctos sacras conduxit ad aras.
Et plebs, et proceres, claro comitante Senatu,
Cultu atque ore simul praestans COMES inclytus omnes,
Incendunt, flexoque genu, pro munere tanto
Festinat meritas pia turba exsoluere grates,
Cordaque sidereas cum thure feruntur ad arces.
Pro IOANNIS Ibi Regno, pro CONIUGE Celsa,
Pro SOBOLE Augusta, uigeat QUAE tempus in omne
Vota precesque uolant ad TE, radiantis Olympi
Terrarumque tenes QUI Sceptra, et Numine comples
Non modo quidquid adest, sed quidquid eritque, fuitque.
Da Patriae PATRI annorum, PATER Optime, cursu
Quantum non Natura dedit mortalibus usquam;
Da, quod fortuna Maior tot tantaque Passus,
Promerito famulos inter REX cultus amore,
Nunc Placidus reliquum diuturni transigat aeui;
Ut quae Munificus nobis noua regna creauit,

IPSE Colombiadae (39) primus Diademate cinctus,
Quodque Opus exorsus Legum est, Morumque Lycurgo
Doctior, absoluat, perque omnia secula ducat.

Brasilis, exulta: tibi nil, nisi magna parantur.
Grandibus inceptis, multo maiora sequentur
Ex quo cum gemitu septem de montibus orba
Prospectat magna Urbs abeuntia PEIGNORA, moestos
Et Tagus auriferas in luctus uertit arenas;
Ex quo Brasilicos, uentosa per aequora uecti
BRAGANTINA solum Patriae GENS dulce relinquens
Ore beat fines, prima et uestigia Gaudens
Ad decus aeternum Bahiano in littore firmat;
Fata exinde tibi procedunt aurea, nullis
Obscuranda quidem ueteris fulgoribus Orbis.

Principio Lex alma, uberrima, codicis instar,
Unde comas arbor uestitur, brachia, fructus,
Mercibus areta diu rescindens uinc'la, bonorum,
Quotquot proueniunt tibi, fundamenta locauit,
Iam reserata patent hic gentibus osta, nobis
Pandit uterque polus commercia lata uicissim.
Non portum hunc dicas, potius pineta uidentur.
Huc inhians opibus dat turgida uela Britannus;
Huc facilis Gallus nugis accurrit onustus;
Huc Itali, quos et Germania nutriit uber,
Quique bibunt Volgam, Baetis qui flumina potant;
Nauta uenit Batauus, Dania ortus, et Upsale natus;
Argento celebres populi, Anglia terracolonos
Quos misti, quosquos Occasus gignit, et Ortus.
Tot uarias hominum facies cum Doride natae
Mirantur, circum nudantes corpora saltu,
Hospitibusque manu, choreis, etc carmine plaudunt.
Quas inter fundo Nereus emersus ab imo,
Haec pater ipse uolens oracula spoendida soluit;
Turba uenusta silet, pendetque loquentis ab ore.

"Temporibus tandem exactis, uenit ecce refulgens,
Ab Ioue quanta fuit demissa haud hactenus, aetas.
Nescia terroris, Lusi generosa Propago,
Abstrusus quis erit spatiosi terminus Orbis,
Ignoretur ubi? Quem nomina magna Virorum,
Quem fugit ALPHONSUS factis et tempore Primus?

(39) A América, que com escandalosa injustiça tirou o seu nome de Américo Vespúcio, e não de Cristóvão Colombo, seu 1.º descobridor.

QUI Mauro postquam exundauit sanguine terras
Fine carens, firmante DEO, superabile nulli
Constituit Regnum? Cui SANCTIUS (40), atque
[Ioannes (41)
ALPHONSI que alii Maurusia in arua ruentes,
Haud noti? Iusto Felix agnomine dictus
EMMANUEL, Regem Reges QUEM sponte legebant,
QUI noua perfecit, pulcherrima Coepta (42) peregit,
Nonne hominum, dum homine existent, mentibus ad sit?
Strauit iter QUORUM Rebus DIONISIUS ante,
Cum Bonus instituit doctarum Sacra Sororum;
Namque parumue nihilue feras, absente Minerua.
Visus et ablatus, tamen haude EDUARDUS obiuit,
Emicat, ut sidus, QUI Sceptra extorta redemit,
Praetermittendi ne csunt PETRUS Unus, et Alter.
Haud Quinti IOANNIS edit monumenta uetustas (43)
Pectoribus munquam IOSEPHI Tempora cedent.
Non animis aberunt Excelsae Gesta MARIAE
Arcte ferratas, nobis sat cognitus, ille
Vascus, nil curans Adamastora saeua minantem,
Aurorae portas effringit, Iasone maior,
Nec iam cum sociis Rhadamanti iura ueretur.
Castrius insignis bello, uirtutibus ingens;
Magnus qui meruit dici, Mars ipse uocatus
Lysius (44), et numerare foret quot longius aequo,
Dudum immortales Famae centum ora fatigant,
Cum Mundo pariter uicturi, Acheronta perosi.
At licet humanas Gens imperterrita metas
Artibus et belli, et pacis tetigisse uidetur,
Nunc potiora dabit, Sexto Regnante IOANNE.
Signatum fatis quintum extremumque propinquat
Imperium, Medos, Persas, Graiosque potentes,
Romanos rerum dominos quod prorsus abumbret.
Partibus ex magnis, in quas haec terra secatur,
Tres, dum quarta latet, dominantur quaeque uicissim,

---

(40) El-Rei D. Sancho 1.º, que acrescentou à Coroa de Portugal a do Algarve.

(41) Está no plural, compreendendo os 3 primeiros Monarcas deste nome; porque do 4.º e 5.º se faz abaixo especial menção.

(42) A expressão = **pulcherrima Coepta** = resume as brilhantes Disposições do Sábio Reinado D'El-Rei D. João 2.º, que prepararam a Glória do seu Augusto e Felicíssimo Sucessor.

(43) Alude-se ao ruinoso terremoto de 1755, o qual respeitou todas as fundações deste Piíssimo Monarca.

(44) Afonso de Albuquerque, que além do epíteto de Grande mereceu a antonomásia de Marte Lusitano.

Inque uicem huic uni nunc tres parere necesse est,
Lysiadaeque mare et terras ditione tenebunt.
Non frustra Natura sinus (45) hos ampla tetendit,
Semper ubi simul omni ex Orbe tributa ferentes,
Perfugia inueniant una tutissima puppes.
Sic ait, et fundum remeat domersus ad ipsum."

O nos felices, o terque quaterque beati!
Sub IOANNE quibus prodire ad dulcia uitae
Lumina, tantorumque datum et consortibus esse.
Regis ad exemplum uitales uenit ad auras
IOANNES, SIBI non Regnans, sed fata Suroum
Nocte dieque PARENS magno sub CORDE uolutans
Accipit HINC certam mercator, nauita, miles,
Cultor opem, Effugium uiduae HIC, HIC fida misellis
Tutela, orbatis caro genitore, patescit.
Quem premit iniustus, index quem laesit iniquus,
Non alibi citius capiunt solatia damni.
Utile siquis agit, siquis laudabile promit,
Deficiunt nunquam seu laus, seu praemia, nullum
Pro meritis Augusta MANUS sine munere mittit;
Saepe etiam uotis donum praeuertitur ultro.

His tantis, uere Regali Pectore dignis,
Dignius excellens Pietas fundamina iecit.
A prima rerum CUASSA REX omnia coepit,
Nil SIBI confidens, uires deposcit ab alto,
Subque DEO Ductore Piissimus Omnia ducit.
Consiliis fluit inde uigil Prudentia, uiuax
Inde acies Mentis, qua Solers optima cernit,
Inde etiam imprimis propior Clementia Diuis,
Qua non ulla magis Regem decet aurea Virtus.
Quaque praeit, fruitur quicumque hac luce IOANNES.
Cum largiturus sit alacrior omnibus, IPSE
Ad poenas trahitur sumendas Tardior ullo,
Vertitur at tantum SUA si iactura, remittit.
Ianua quanta TIBI, REX Maxime, panditur amplis
Muneribus! Quantum Pietati extenditur aequor!
Dumque his ignoscis, dum munera spargis et illis;
Dum Bahiana Fides, et Amor, Sponsore NORONHA,
Tam sine labe micat, quam perfida turba nigrescit;
Quae TIBI Magnanimum noua gaudia PECTUS [inundant!

(45) Indica-se a vastíssima baía, de que esta Cidade tirou o nome, a qual parece talhada pela Natureza para escoadouro de todos os Vasos do Universo.

Non soteropolis tatutum, quod fida, quod armis
Agmina tetra suis perfregit sola, regressis
Serius auxilio missis molimine casso (46)
Non modo ceruices DUX praeclarissimus ictu,
Alcide melius, resecans septemplicis hydrae;
Non modo magnificis donis et honore redundant;
Regius infidam Fauor et complectitur urbem.
Culpane paucorum innocuis tot millibus obsit?
Numquam non populo in magno PATER Aequus ines
Agnoscit scelerum nonnullos mole grauatos,
Cum Iudam, Petrumque Ipsum DEUS inuenit IPSE
In turba ingrato duodena; quippe negare
Non hic erubuit, non horruit ille MAGISTRUM
Prodere, Apostolici haud laesa Pietate Senatus (47)

Tolle, Bahia, caput: quid non sperare licebit
Talibus, Auspiciis? Tibi plaude, ó Lysia, plaude;
Brasilis, exulta; prorumpite grudia quidquid
Lysiadum Gentis toto diffunditur Orbe.
Os taceat nullum, modulatis Orbe.
Os taceat nullum, modulatis uocibus omnes
CONIUGE cum Magna, Cara eum PROLE IOANNEM
IOANNEM, Patriae PATREM, super astra feramus.
Totius in Solo Mundi stant Fata IOANNE.

[RELAÇÃO]

Aqui temos toda a parte, que no Festim tomaram as Musas: prossigamos. Concluída a recitação do último Elogio, começaram 50 Criados (a que 24 Mestres de Cerimônias dirigiram com a melhor vontade e acerto) a servir profusa e delicadamente a Companhia de quanto Copeiros preparam de melhor em refrescos, bolos, etc. etc. Algum tempo depois (seriam então 10 horas) o 1.º Mestre de Cerimônias convidou para o Piano a Ilustríssima Senhora D. Maria Joana Jourdam mulher de Antônio Jourdam, Professor na Ordem de Cristo, e atual Juiz de Fora desta Cidade, e conduzindo-o ela tocou um concerto de grande execução, que foi geral e devidamente aplaudido. A este seguiu-se outro de Flauta, tocado por Felisberto Caldeira filho,

(46) Sabem todos que a Expedição do Rio de Janeiro chegou depois da total ruína dos Sediciosos pelas tropas da Bahia mas não é nossa intenção censurar a demora daquela, aliás necessária; e só sim louvar a celeridade destas.

(47) Consta que esta Comparação sai da própria Boca de El-REI, Nosso Senhor.

Alferes do 1.º Regimento, e Comendador da Ordem de Cristo, etc. a que a Companhia festejou igualmente: após isto rompeu o Baile propriamente dito. Começou por uma Gavote dançada pela Ilustríssima Senhora D. Carlota Joaquina da Silva, mulher de José Tomás Boccacciari, Coronel-Ajudante de Ordens etc., que o fez desempenhando todos os preceitos da mais castigada Escola de Dança: foi seu par o já citado Comendador Felisberto Caldeira, filho, o qual, entre as palmas com que retumbava o Salão, acompanhou a Senhora té sua cadeira. Seguiu-se uma Valsa dançada pelo Capitão da Guarda Balduino Caetano da Silva, filho de Joaquim Caetano da Silva, Tenente-Coronel Ajudante de Ordens etc., e a Ilustríssima Senhora D. Ana Caldeira, filha do Brigadeiro Inspetor-Geral Felisberto Caldeira, menina de 5 anos, que parecia um Anjo, e que foi grandemente aplaudida. Finda a Valsa, os Mestres de Cerimônias convidaram Senhoras para contradançar, apresentaram-lhes pares, e travou-se o brilhante enredo das Contradanças, que durou té pouco depois da meia-noite. Então ao som de numerosos e acordes instrumentos Militares, que em dois gabinete e uma varanda interposta nos Salões tocavam eletrizadora marcha, passou a Companhia, em Coluna de dois de frente, da do Baile para o da Ceia; fez um giro em torno da mesa, a fim de que todos gozassem de tudo: e quando o Excelentíssimo CONDE chegou à cabeceira do lado do Norte, tomou cadeira; imitaram-no todos, ficando (à exceção dos Administradores, que tomaram a cabeceira oposta) nos lugares, que o acaso ofereceu.

Vem agora a propósito a descrição dos ornatos desta vastíssima Sala, aparto de mesa, etc. etc. O teto era dividido em três como artesãos emborcados; desciam dele cinco formosos lustres. As paredes forravam-nas lindíssimos e vairados papéis Franceses, empregados com tanta arte, que se dissera mandandos vir expressamente para determinados lugares; o soalho estava vestido de pano azul-claro; o desenho, e execução dos ornatos, tanto deste, como do Salão do Baile, foi devido ao gosto e desvelo de Cosme Damião da Cunha Fidié, Coronel Ajudante de Ordens etc. A circunferência de todo o Salão era um Aparador contínuo; no meio se estendia a grande mesa, que era partida na metade do comprimento formando a figura de dois = Us = de letra de molde, ou redonda, com os topos um para o outro, como se aqui representa. ⊂ ⊃ Havia cadeiras por dentro e fora da figura; 256 bugias estavam sobre a mesa, 150 nos Lustres, e Serpentinas dos Aparadores. Guarneciam o centro da mesa 18 riquíssimos Plateaux de sete palmos de comprido, 36 Vasos de alabastro, e 52 de Sèvres: ajunte-se a isto, duas baixelas de prata, um completo serviço de louça também de Sèvres, cada prato do qual tinha uma flor diferente: e enfim, por não ser prolixo, e dar ao mesmo

tempo uma idéia aproximada da grandeza do banquete, rematarei com dizer, que a mesa constava de 320 talheres.

Um quarto de hora depois de sentados, pediu silêncio o 1.º Mestre de Cerimônias, os demais Mestres de Cerimônias, que dirigiam os criados, fizeram encher os copos, e o 1.º Administrador da Praça, Manuel José de Melo, pondo-se de pé, deu o seguinte Brinde:

= À Saúde D'EL-REI NOSSO SENHOR, E SUA AUGUSTA FAMÍLIA. =

A estas palavras levantou-se a Companhia, e ouviu-se um Viva geral; bebeu-se, e soaram depois três outros Vivas com religioso entusiasmo: a música, que havia descido para a Varanda contígua, entoou a seguinte Letra do Hino:

= Voem no MONARCA
A Divindade;
E o REI vê nele
Fidelidade. =

Passado outro quarto de hora, e feita as mesmas advertências, ergueu-se o 2.º Administrador Manuel Ferreira da Silva, Capitão de Milícias, e deu este outro Brinde:

= À Saúde de Sua Alteza Sereníssima
o PRÍNCIPE REAL. =

Não foi menor o entusiasmo da Companhia que em tudo precedeu como no Brinde antecedente: a música tocou, e cantou a mesma Letra do Hino. Com intervalo de outro quarto de hora, levantou-se o 3.º Administrador, Francisco Alves Guimarães, Coronel de Milícias, e deu o Brinde seguinte:

= À Saúde do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor CONDE DOS ARCOS, Governador e Capitão General desta Província. =

Pôs-se a Companhia de pé, bebeu com agradecida satisfação, deu três Vivas ao Excelentíssimo CONDE, e a Orquestra cantou a seguinte Letra do Hino, tão lisonjeira a esta terra:

Bravos Baianos,
Em toda a Idade
Tereis por mote:
= Fidelidade. =

Meia hora depois rogaram os Administradores a Sua Excelência que houvesse de honra mais a mesa dando algum Brinde; e o Excelentíssimo CONDE dignou-se dar os dois seguintes:

1.º À Saúde das Senhoras da Bahia, que vieram estrelar esta função =

2.º À prosperidade do Comércio da Bahia. =

Foram ambas estas Saúdes mui festejadas, e nenhumas outras circulares se fizeram. Depois destes Brindes de etiqueta, entrou a Companhia a governar-se a si mesma, e, na maior alegria, esteve a mesa, té muito além das três da madrugada, dando pasto não só ao paladar, senão mormente aos olhos, e ouvidos já no esplêndido do banquete, já na harmonia dos instrumentos músicos, que não cessavam de tocar. Perto das quatro levantou-se o Excelentíssimo Conde, passou para o salão do Baile, e após ele toda a Companhia. Travou-se nova Contradança, que só acabou com o albor matutino, que da proximidade do Sol veio advertir a Companhia, a qual não sabe ainda hoje como correra aquela noite: tal era o enlevo!

Eis aqui, quanto se passou com pequenas diferenças em Festim tão suntuoso, cujo alto, e principal objeto (**os Ilustres Feitos de Março e Abril** = veja-se o Termo) despertou no agradecido povo da Bahia para o Excelentíssimo Conde dos Arcos, e neste para com o povo da Bahia sentimentos irmãos dos que a Vitória de Dio despertou outrora no povo de Goa para com o imortal D. João de Castro, e em D. João de Castro para com o povo de Goa, o que foi parte para que este dispusesse triunfo, e aquele o não enjeitasse: como a passagem frisa, justo é acabar esta narrativa transcrevendo-a, palavra, por palavra, do nosso numeroso, e puritano Jacinto Freire: diz assim "Por que não reputasse o Mundo aquele povo por bárbaro, ou ingrato; que triunfo tão merecido, não era ambição da pessoa, mas sim glória do Estado; que das Vitórias levam os Reis o fruto, os vassalos a fama; que bem podia desprezar o prêmio, sem enjeitar a memória."

"Deixou-se o Governador vencer deste agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triunfo, sem injúria dos que lho ajudaram a merecer; nem pôr limites às alegrias populares em ódio da prosperidade de todos, de cujas demonstrações festivas tinham na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo."

Vida de D. João de Castro — 4.º Viso — Rei da Índia: Livro 3.º — p. 323 — da 3.ª impressão.

F I M.

29. **RELAÇÃO DOS FESTEJOS, QUE A FELIZ ACLAMAÇÃO DO MUITO ALTO, MUITO PODEROSO, E FIDELÍSSIMO SENHOR DOM JOÃO VI REI DO REINO UNIDO DE PORTUGAL, BRASIL, E ALGARVES,** [...] COLIGIDAS POR BERNARDO AVELINO FERREIRA E SOUSA, 1818. (Ed. 1818).

RELAÇÃO

Dos festejos, que à

FELIZ ACLAMAÇÃO
DO
Muito alto, muito poderoso,
e fidelíssimo

SENHOR DOM JOÃO VI REI
DO REINO UNIDO

de

PORTUGAL, BRASIL, E ALGARVES

Na Noite Indelével, e Faustíssimo Dia 6 de fevereiro, e nas duas subseqüentes, com tanta cordialidade, como respeito votam os

HABITANTES DO RIO DE JANEIRO;

Seguida das Poesias dedicadas ao mesmo Venerando OBJETO, colegiadas por

BERNARDO AVELINO FERREIRA E SOUSA,

Oficial Supranumerário da Secretaria
da Intendência Geral da Polícia,

E dada ao Prelo, e gratuitamente distribuída pela mesma INTENDÊNCIA, a de perpetuar a

MEMÓRIA DO PLAUSÍVEL SUCESSO, DE QUE MAIS SE GLORIAM OS FASTOS PORTUGUESES

* *

RIO DE JANEIRO, 1818:

Na Tipografia Real.
Por Ordem de Sua Majestade.

[DEDICATÓRIA]

Praesenti Tibi maturos largimur honores,
Iurandasque Tuum per nomen poninus aras,
Nil oriturum alias, nil ortum tale fatentes.

Horat., **Epist.**, Lib. II.

Em presença tens honras sazonadas:
Altares a TEU NOME consagramos:
Que das coisas por vir, nem das passadas
Nenhuma há de igualar-TE confessamos.

Todas as embarcações de Guerra existentes neste Porto surgiram ao longo dele, e estiveram copiosamente iluminadas.

A iluminação, com que o Senado da Câmara assinalou o seu regozijo, figurava um majestoso Templo consagrado a **Minerva,** no centro do qual estava a estátua desta Deusa, abrigando com a Égide o Busto de **SUA MAJESTADE,** e no teto escrita com grandes caracteres esta Cifra — J. VI — [.] O Templo era superior a uma grande escada com dois pedestais, sobre que apareciam as Figuras da **História,** e **Poesia.** Doze colunas da Ordem Dórica sustentavam este elegante artefato, que tinha oitenta palmos de alto, e duzentos e noventa de fachada, e mostrava no friso da cimalha esta legenda:

A EL-REI O SENADO, E O POVO.

A Junta do Comércio iluminou um grande arco triunfal de sessenta palmos de alto, e setenta de largo, que sobressaía às colunas, que de um, e de outro lado o acompanhavam, tendo em seus capitéis a Cifra — J. VI. —, e sendo enlaçadas por grinaldas presas aos pedestais, que eram base dos mastros, de que pendia a Bandeira do Reino Unido. Cada face do arco continha quatro colunas da ordem Coríntia, e entre estas as estátuas de **Minerva,** e **Ceres.** Ao lado direito entre a imposta, e a cimalha se representava em baixo relevo **SUA MAJESTADE** na ocasião de desembarcar; a **Cidade do Rio de Janeiro** entregando-lhe as chaves, e sustentada pela **América,** e mais Capitanias; e à esquerda o Mesmo Augusto **MONARCA**

acolhendo as homenagens das Artes, e Comércio. Na cimalha do meio se mostravam os Rios **Tejo,** e **Janeiro** com Armas do Reino Unido, sustentadas numa Coroa, e no friso esta Inscrição:

AO LIBERTADOR DO COMÉCIO.

O risco deste monumento é de Mr. Grandjean de Montigny, e a pintura de Mr. Debret, artistas Pensionados de **Sua Majestade.**

No meio do Terreiro do Paço erguia-se uma altíssima Pirâmide, toda com profusão de luzes dispostas na melhor ordem.

Na rua Direita o Tenente Coronel **Antônio José da Costa Braga** apresentava uma iluminação arranjada com delicado gosto, e na qual havia três Quadros compostos desta maneira. No centro estava o Retrato d'El-Rei Nosso Senhor de Coroa, e Manto Real, três Gênios com uma faixa, em que se lia: — **Non plus,** — a Figura da Cidade de **Braga,** oferecendo um Coração a **SUA MAJESTADE,** e este letreiro em semicírculo:

BRACARA AUGUSTA.

A este Quadro estavam sotopostos os seguintes versos:

"Fiel Bracara Augusta ao Seu Senhor
Oferta o coração, e um puro amor,
Os seus antigos votos renovando,
Que dos Sec'los além irão durando."

E mais abaixo:

"IONANNES SEXTUS Rex nobis uenit ab alto:
Semper honos, nomemque tuum, laudesque manebunt."

À direita estava o escudo das Armas Portuguesas, debaixo destas sentados **Marte,** e a **Fama,** e seguiam-se estes versos:

"Em círculos d'estrelas engastados
A Fama eleve aos Orbes arredados
De **JOÃO SEXTO** os Feitos assombrosos,
Dominando com glória, e sem rival
Todo o Brasil, Algarve, e Portugal.

Pregoa a Fama em seu clarim rotundo
JOÃO Primeiro Rei no Novo Mundo,
Nos Astros fixa a época ditosa,
Que no Solo, que banha o grão Janeiro,
As santas leis dará ao Mundo inteiro,

Extasia-se a Europa vendo erguida
Na Plaga do Brasil o Reino Unido."

À esquerda conheciam-se por suas árvores distintivas os três Rios mencionados no primeiro dos seguintes versos:

"Ó Tejo, ó Amazonas, e Guadiana,
Cigindo a Régia C'rôa Lusitana
Ao Heróico, e Piedoso **JOÃO** Sexto,
Fazem votos ao Céu de leais serem,
Enquanto os Rios para o mar correrem."

Seguiam-se estes:

"Eles alçam as frentes majestosas,
E, pondo as mãos nas urnas preciosas,
Ao Rei juram constante, e puro amor,
Soltando todos três vivas jocundos;
Que transportam de gosto ambos os Mundos."

E depois:

"Debaixo de um tal **REI** que imenso Império
Se verá florescer neste Hemisfério!"

Havia na porta da Alfândega uma Iluminação, tendo do lado do Paço um Quadro com três coroas circulando estas letras — J. VI., — e por baixo delas escrito:

GLÓRIA DOS REINOS UNIDOS DE PORTUGAL BRASIL, E ALGARVES.

Estavam na frente as Armas dos três Reinos noutro Quadro, em que se lia:

**O MELHOR
DOS
SOBERANOS.**

O Comendador **Luís de Sousa Dias** iluminou as janelas da sua Casa na rua Direita, pôs na do centro em transparente as Armas dos três Reinos, na de um dos lados estes dois versos:

"Herdaste o Cetro, e Coroa,
Nós valor, e lealdade."

E na do outro:

"Reinar sobre corações
É duas vezes reinar."

Dois dos magníficos arcos triunfais, erectos para receber a Sereníssima Senhora **PRINCESA REAL,** achavam-se também iluminados, recomendando-se o da rua do Sabão por sua altura, e profusão de luzes, e o dos Pescadores pelo bom gosto, e riqueza, que respirava. Foi este iluminado tão somente a expensas dos Negociantes **Joaquim José Pereira de Faro,** e **Francisco Pereira de Mesquita,** e o primeiro por várias pessoas do Comércio, debaixo da direção de **Francisco Pinheiro Guimarães,** e **Francisco José Guimarães.** Era do risco de **Luís Xavier Pereira,** Maquinista do Real Teatro de São João; tinha quarenta palmos de largo, e oitenta de alto, sustido sobre oito colunas da ordem Coríntia, entre as quais apareciam figuradas as quatro partes do Mundo; e por cima avarandado, e com três pedestais, em que havia outras tantas figuras; a saber, a **Fama,** a **União,** e a **Glória.** Para o da rua dos Pescadores deu o risco Mr. de Montigny. O arco sustinha-se sobre oito colunas da ordem Dórica Romana, de vinte e seis palmos de altura, sendo a geral deste monumento de cinqüenta, e a largura a de todo o espaço da rua. Em ambos se inverteram os emblemas, acomodando-os ao novo **OBJETO;** e do último, de que tratamos, pendiam entre as colunas seis medalhões cobertos de seda azul com estas letras douradas — D. J. VI —, e cruzava-o esta legenda:

AO VI, AO GRANDE, AO IMORTAL JOÃO.

Havia uma simples, mas bem disposta Iluminação na porta do Arsenal Real da Marinha, e do lado direito organizadas de luzes estas letras:

D. J. VI.

E do esquerdo:

R. P. B. A.

Via-se nas janelas de um primeiro andar na rua da Quitanda n. 64 bem iluminado o Busto de **SUA MAJESTADE,** a que era eminente um Gênio com uma Coroa Real, e outra de flores, e embaixo a **História** em ação de haver escrito os seguintes versos:

"Glória da Pátria, do Universo assombro,
Virtudes Paternais lhe foram dote."

Fora do Quadro se liam estes:

"Em lâmina d'ouro
Deste dia a glória
Grava luminosa
Imortal História."

O desembargador do Paço **Luís José de Carvalho e Melo** iluminou com grandeza toda a frente da sua Casa, e colocou-lhe este letreiro:

O

RECONHECIMENTO

e

VASSALAGEM.

Na rua da Ajuda havia nas janelas do Desembargador **Luís Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça** um transparente, no meio do qual esta legenda — J. VI. — era sustentada por cinco Figuras que em outras tantas Bandeiras deixavam ler — **Europa** — **África** — **América** — **Austrália** — **Ásia** — [.] No cimo esta inscrição:

"Nas cinco partes todas campos ara,
E se mais mundo houvera lá chegara."

O Tenente General **José D'Oliveira Barbosa** fez iluminar um grande Quadro, que, tendo no meio uma Coroa Real, e estas letras — J. VI. — mostrava debaixo delas estas palavras:

DEUS

E

MEU REI.

Em toda a fretne das Casas do Comendador **José Marcelino Gonçalves** havia uma vistosa iluminação, e em cada uma das janelas esta Cifra — J. VI.

Ao Passeio nas Casas do Conselheiro **João Antônio de Araújo** apareceu num Quadro o Busto de El-Rei Nosso Senhor; à Sua direita **Netuno**, e **Minerva,** e à esquerda **Mercúrio,** e **Ceres;** bom pensamento realçado por estes ótimos versos:

"Do Mar Netuno as chaves Te promete,
Mercúrio a indústria, Ceres a abundância;
E a Deusa do Saber, que os Gênios pule,
Toma a seu cargo deste Reino a infância."

O Portão, jardim, e toda frente da Casa do Brigadeiro **Manuel Alves da Fonseca Costa** na rua da Glória achavam-se iluminados com abundância, e artificiosa simetria.

A **Baronesa de São Salvador** mandou iluminar delicada, e ricamente toda a fachada da sua Casa, e ali como que tocava os corações a doce simplicidade deste letreiro colocado no centro:

AO NOSSO
BOM REI
O SENHOR
D. JOÃO VI
GRATIDÃO.

Lia-se igualmente do lado direito — **Amor — Reconhecimento — Veneração** —, e do esquerdo: — **Obediência — Fidelidade — Respeito** — [.]

Logo adiante brilhava a suntuosa iluminação do Conselheiro **Amaro Velho da Silva,** ordenada por esta maneira: representava a frente de um grande Palácio iluminado, na qual havia três Quadros desempenhados com apuro da Arte. No do centro, que figurava o Templo da Imortalidade, viam-se os três Gênios dos Reinos Unidos, que, tendo por cima a inscrição — **Fidelidade** — a estavam jurando sobre uma pira. No cimo do Templo ao lado direito se via a Figura da **Justiça,** ao esquerdo a da **Verdade,** no centro se lia — JOÃO VI —, e debaixo do Quadro estes versos:

"Com doçura, saber, amor, justiça
JOÃO antes de Rei nos tem regido:
Sustentando fiéis **JOÃO** no Trono,
Juramos sempre ser quais temos sido."

O Quadro da parte direita apresentava a figura da **Memória** no Templo da **Eternidade** com um Livro aberto, em que se via esta legenda

O IMORTAL JOÃO VI.

Aludia-lhe este belíssimo Quarteto:

"Indelével Caráter o coloca
Além do termo que designa a Morte:
Tal o destino, que lhe outorga o Fado.
Dos Reis como **JOÃO** é esta a Sorte."

No da esquerda estava a **América** largando o cocar, e em ação de pôr a Coroa Real na cabeça, no Horizonte a **Aurora** conduzindo pelo lado direito a Figura da **Razão,** e pelo esquerdo a da **Abundância,** e ali se viam os seguintes versos:

"Se a que o berço lhe deu persegue o imigo,
E a deixar com pesar surcando os mares,
Remoto clima Lhe franqueia abrigo,
E onde abrigo busca encontra Aliares."

O Negociante **Manuel Guedes Pinto** iluminou toda a frente das Casas, em que reside na sua Chácara ao Catete.

O frontispício da Casa do Cirurgião-Mor dos Exércitos **Teodoro Ferreira de Aguiar** foi artificiosamente iluminado, apresentando num grande painel uma Lira, e esta legenda: — **Gratidão,** e **reconhecimento.**

Na rua dos Inválidos estava grandemente iluminado o portão da Chácara do Conselheiro **Manuel Vieira da Silva,** Barão de Alvaiazere.

Com uma decente iluminação colocou numa das suas janelas na rua do Lavradio o Negociante **Francisco José da Cunha** um grande Retrato do Nosso **AUGUSTO SOBERANO.**

Toda a frente do Erário Régio estava iluminado com delicadeza, e profusão, e sobre a porta principal simbolizados os três Reinos.

No Largo do Rocio fez erigir o Coronel **Fernando José de Almeida** um soberbo peristílio da ordem Toscana, composto de dezesseis colunas, e todo copiosamente iluminado. Mostravam-se no centro quatro grandes Quadros; dois com as Efígies de **SUAS MAJESTADES,** outro com a do Sereníssimo Senhor **PRÍNCIPE REAL** extasiado para o Retrato de Sua Augusta **ESPOSA,** que Lhe apresentavam dois Gênios, e o último com a do Sereníssimo Senhor Infante **DOM MIGUEL,** a que era eminente esta legenda — Tem a glória, e virtudes de Bragança. — Em quadros menores se divisavam emblemas das quatro partes do Mundo. O risco, e direção foram do Maquinista **Luís Xavier Pereira.**

Em todo o grande Quadrado do novo Passeio do Campo de Santa Ana houve uma bem dirigida, e copiosíssima Iluminação feita pela Intendência Geral da Polícia. A entrada era franca a todas as pessoas; em cada ângulo estava um Forte mui bem iluminado, em que havia escolhida música instrumental, e que salvara sempre à Chegada, e Saída de **SUA MAJESTADE,** e em cada um deles um Botequim sortido de toda a qualidade de bebidas, que se administravam pronta, e gratuitamente a todas as pessoas, que as procuraram. A disposição, e multiplicidade das luzes apresentavam o labirinto mais agradável. Todas as ruas se dirigiam ao centro do Quadrado, em que estava uma Cascata vistosíssima lançando água incessantemente. No Palacete Chinês destinado para **EL-REI** Nosso Senhor reconhecia-se a melhor direção, bom gosto, e suntuosidade;

e dali foi que **SUA MAJESTADE** gozou o divertimento das Danças na noite do dia 7, e na de 8 o belíssimo fogo artificial mandado fazer pela mesma Intendência, e onde numa, e noutra **SUAS MAJESTADES,** e **ALTEZAS** fizeram a honra de servir-se de um explêndido "desert" prontificado todo em baixela de ouro, e prata.

O Conselheiro Intendente Geral da Polícia ornou toda a frente da sua Casa com uma majestosa Iluminação dirigida por Mr. Bouch; se recomendável pela exuberância das luzes, não menos pelo variado matiz dos copos, em que resplandeciam. Sobrestavam-lhe as Armas Reais, e em grandes caracteres se divisava na frente esta Inscrição:

"A' Indelével Memória da Feliz Coroação
Do Augusto Senhor **DOM JOÃO SEXTO.**"

Aparecia no meio num grande Quadro o Busto de **SUA MAJESTADE** Coroado pelos Gênios dos três Reinos Unidos delicadamente figurados, e embaixo este letreiro: — BRASIL. — Viam-se aos lados do Quadro na parte superior estes dois quartetos Hendecassílabos:

"Lísia, Brasil, Algarve, ao Orbe imenso
Vão ser de dia em dia assombros novos;
Triplicado alicerce ao Sólio extenso:
Graças ao Semi-Deus Pai de tais Povos!

Dinastia, Saber, Valor, Clemência
Contendem qual ao Trono Te há subido:
Exulta, que na honrosa competência
Nenhum é vencedor, nenhum vencido."

A uma, e outra parte do Quadro estava pintada uma Lira com estas letras no centro:

P.B.A.

E estas palavras — **UNIÃO** — **HARMONIA** — [.] Viam-se em mais dois transparentes três Coroas rodeando esta Cifra — J. VI —. Realçava esta Iluminação a música instrumental, e de vozes, em que a espaços soavam os Hinos **Patriótico,** e **Real,** sendo este último distribuído impresso a todas as pessoas, que desfrutavam este espetáculo encantador.

Defronte do Quartel do Segundo Regimento de Infantaria de Linha havia sete grandes arcos bem iluminados.

José da Costa Barros mandou iluminar o frontispício do seu Trapiche da Gamboa, e pôs-lhe este letreiro: — Viva El-Rei Nosso Senhor.

Em toda a frente da Chácara do Corregedor do Crime da Corte, e Casa **José Albano Fragoso,** e no extenso muro que a guarnece da parte da estrada, houve uma vistosa Iluminação, e ali foram nos dias 7 e 8 mui celebrada com foguetes do ar a Saída e Volta de SUA MAJESTADE para a Real Quinta da Boa Vista.

Atravessava esta mesma estrada um magnífico arco colocado à porta da Chácara do Comendador **Joaquim José de Sequeira,** do risco de **Mr. Bouch,** mui ricamente iluminado. Havia no mais eminente dele um globo diáfano, sustentado por três **Hércules,** simbolizando os Reinos Unidos, a **Fama** em cada um dos lados, e no centro esta inscrição:

AO PAI DO POVO, AO MELHOR DOS REIS.

Outras muitas, e mui vistosas iluminações brilharam em diversos lugares desta Cidade, e mesmo nos subúrbios, das quais não fazemos prolixa descrição, porque somente nos propusemos a mencionar as que se recomendaram por sua grandeza, esplendor, emblemas, ou poesia. Semelhantes demonstrações de regozijo porém se dificultaram a imensas pessoas pela tenuidade dos haveres: não assim aquelas, que unicamente dependem do coração. O júbilo manifestava-se em toda a gente de todas as condições. É inexplicável o entusiasmo, com que o Povo ambicionava a Amabilíssima Presença de SUA MAJESTADE, e de toda a FAMÍLIA REAL, formigando para Lhes ocorrer nas diferentes ruas, por onde passavam, e mandado-lhes os votos mais fiéis nos expressivos, e amiudados — Vivas — que ressoavam de toda a parte. Ranchos numerosos giravam até amanhecer; e foi então que a tranqüilidade deixou de mostrar-se repugnante à concorrência. Apesar de encontros freqüentíssimos, não houve um só, que respirasse falta de boa ordem: como que os corações estavam cerrados a quaisquer afetos, que não fossem — **Respeito, Contentamento, Vassalagem,** e **Afabilidade!** —

Assim testemunhou o Povo do Rio de Janeiro a unanimidade dos seus leais sentimentos para com o mais QUERIDO dos Soberanos. Todo o Vassalo fiel se regozije ao ver este procedimento, e

* Vós PRÍNCIPE Prestante,
* Deveis olhá-lo com sereno aspecto,
* Como padrão constante
* Da fé, da gratidão, do terno afeto
* De um povo, a quem amais, que VOS adora.

ODE

ESTROFE I.

Enquanto sobre a lira altissonante
Ousado gênio as asas despregando
Vai do braço tonante
Os raios arrancar, e põem os raios
Na destra de um Herói, que audaz forçando

Da Fama as portas, pelo mundo errante
Faz da Parca cruel fatais ensaios,
Musa ditosa, que a razão domina
Conta só versos que a razão lhe ensina.

ANTISTROFE I.

Eis, vagando na escura antigüidade,
Acha prodígios mil Vate fogoso,
Com estro majestoso
Erige em Divindade
Heróis que os Fébeos raios nunca viram,
E, se acaso existiram,
Ou por sangue expargido, ou por enganos,
Com que o mundo aterraram, e iludiram
Ainda duram apesar dos anos.

EPODO I.

Não há grandeza só no Márcio jogo,
Nas portas do Heroísmo
Não entram tão somente o ferro e o fogo,
Nem eu que em prejuízos não me abismo
Marco à Sublime Musa uma vareda,
Mas deixo-a livre e leda
A Virtude abraçar que mais lhe agrade,
E roubando-a do tempo ao rigorismo
Dar-lhe em Canto imortal a Eternidade.

ESTROFE II.

Roma, apenas nascente se enxovalha
Do fratricídio no horroroso crime;
Da irrisória muralha
Eis depois o autor, qual sacro Nume,
Das leis da morte o fingimento exime;
O que fez a impostura a fama espalha,
E Rômulo dos astros sobe ao cume;
A Tiberina Gente o julgou Santo;
Tanto é doce nos mortais mágico encanto!

ANTISTROFE II.

Gênio Ousado e Sublime, que os arcanos
Figura prescrutar entre o futuro,
Tem império seguro
Nos crédulos humanos:
Trajam de cor brilhante as maravilhas,
E se de Febo as Filhas
As acompanham de melífluo Canto;
Qual sobre os outros astros: Febo brilhas
Brilhas é da ilusão suave encanto.

EPODO II.

Porém tu Musa minha, que campeias
Ao lado da verdade,
Não teces de ficções brilhantes teias,
Dá-te a Razão vigor e majestade;
Dos brilhos da virtude te revestes,
E dos Hinos Celestes
Na harmonia Divina a voz levantas,
Honras o justo, e a bem da humanidade
Queimas incensos sobre as Aras Santas.

ESTROFE III.

Honras que os Titos e Solons gozaram
Anuveiam as honras, que ao Tonante
Os mortais dedicaram,
Quando ignívomo braço fulminava
Sobre um gigante ousado, e outro gigante;
Dias áureos os dias se chamaram
Do piedoso Herói que o povo amava,
E além do Letes paga-lhe em Saudade
Tributo eterno a grata humanidade.

ANTISTROFE III.

Oh! de ricos ornatos que riqueza
Achas para adornar-te Oh! Musa minha!
Eia ao Trono caminha,
Prosta-te ate a Grandeza,
Nas Virtudes d'**EL-REI** tempera a lira,
Ar celeste respira,
Eleva-te em Divino entusiasmo,
A tua voz canora os astros fira,
E encha o mundo de respeito, e pasmo.

EPODO III.

Numa, e Tito, que às leis do esquecimento
Não ficaram sujeitos,
No Elísio saberão, que mor portento
Surgiu do centro de piedosos feitos:
Cultas Nações do mundo, e povos rudes
Do meu **REI** nas Virtudes
Das Virtudes verão altos exemplos,
E dos Vassalos seus verão nos peitos,
Onde o adoram, respeitosos Templos.

ESTROFE IV.

Do crime entre os baldões, em sangue envolta,
Geme a Europa infeliz, e o mundo geme;
Plutão as Fúrias solta;
Enluta-se a razão, e a Natureza
Adulterada de si mesma treme;
São intriga, e furor pais da revolta;
Da Discórdia fatal a tocha acesa
Faíscas infernais ao mundo lança
Da ígnea fonte, que borbulha em França.

ANTISTROFE IV.

Cetro leve e suave os Lusos rege
No meio da tormenta do Universo,
Do sistema perverso
As vítimas protege,
Benigno acolhe o Príncipe Piedoso;
E a bando lastimoso
De infelizes deu vida a seu tesouro:
Filhos do Sena acharam doce gozo
No Tejo ameno, no espumante Douro.

EPODO IV.

E Vós ó Armas Lusas, que noutr'hora,
Punido o feroz Mouro,
Fostes palmas colher junto d'Aurora,
Não deixásteis murchar o honrado louro;
Abriu-vos Campo honroso a justa liga,
E se enganosa intriga
Pôs termo à guerra e os Pirineus deixásteis,
Não vos tocou contágio de desdouro,
Leal mostrou-se, e bravos vos mostráteis.

ESTROFE V.

Em vão ferve a ambição, e o susto embora
Cingidas de diademas curva as frentes,
Que JOÃO se penhora
Constante à sua fé, e adornam-lhe a alma
Pensamentos Reais, e as eminentes
As Sãs Virtudes só respeita, e adora:
A constante razão e a dor lhe acalma;
É sempre digno, é digno o seu decoro
De ser cantado no Apolíneo Coro.

ANTISTROFE V.

Lusa Nação Leal, e Venturosa,
Destinada a adornar Heróica história,
Tu guardas na memória
Da sua alma amorosa
Os extremos que fez para salvar-te,
Sem jamais enlaçar-te
Da baixa intriga no aviltante crime,
Que quem busca por vil arte,
Quando o útil obtém, perde o sublime.

EPODO V.

Eis já a Espanha inunda, e nos alaga
Horrível traição fera;
A tocha da discórdia não se apaga
Por mais esforços, que a razão fizera:
Eis sujeito ao tridente de Netuno,
E de Eolo importuno
Entregue às inconstâncias, mundo novo
Busca o Piedoso Herói, que assim espera
Salvar as vidas do querido Povo.

ESTROFE VI.

E tu que unes lembrança, dor, desejo
Em um afeto d'alma, tu saudade
Desde as margens do Tejo
D'alma, e do coração se lhe apossaste,
Empunhaste atro cetro d'anciedade,
Que eu querendo pintar tremo, e fraquejo,
Ao amor paternal te associaste,
Ao da Pátria também, e assim te apuras,
Que o tempo passa embora, e sempre duras.

ANTISTROFE VI.

Sobre o fértil Brasil voa a ventura
Abraçada no Herói, dele prezada;
A Plaga afortunada
De efeitos de ternura
De efeitos paternais as provas sente;
Surge Império Potente
Do seio da grandeza e bom governo;
Segura-se a ventura à Lusa Gente,
Unida à força de um poder superno.

EPODO VI

Vassalos, que fiéis entre os horrores
D'opressão Sangüinosa
Soubesteis consolar vossos maiores,
Ou descendo ao Sepulcro em marcha honrosa,
Ou a vida arrancando às mãos da morte,
Contra o fero Mavorte
Se ensinasteis da Pátria a erguer-se o muro,
Alma Sábia de um Rei, Alma Piedosa
Nos abrilhanta as portas do futuro.

ESTROFE VII.

Com o Seu brando cetro reverdece
D'áureas veias tecido Alto Hemisfério;
O que o Mundo carece,
E o que do fausto a pompa mais sublima
Tudo se encontra no Potente Império;
E Portugal fiel, que s'enobrece
D'ações que da expressão vão muito acima,
Do Mundo Novo, que ao Monarca dera
Ventura eterna, e segurança espera.

ANTISTROFE VII.

Sucessos antevendo o Grã Monarca
Ao través dos futuros mais remotos,
Enlaça Sacros Votos,
E firmemente os marca
Com o Selo da Honra e Majestade,
Com que à Eternidade
Voando, mostrarão com firme abono,
Que honra sublime, e pura lealdade
Tem nobre assento junto ao Luso Trono.

EPODO VII.

Sulcando d'Anfitrite o Campo imenso
Fortaleza boiante,
Que troveja envolvida em fumo denso,
Manda ao Estreito Mar além do Atlante:
Real Penhor da Cândida Aliança
Nossa grata esperança
Recebe a Nau potente, e as velas larga,
As tormentas enfreia Eolo bramante,
E o Mar se curva à Majestosa Carga.

ESTROFE VIII.

Mas já dourado dia rompe as vestes
Que de rosas teceu mimosa Aurora,
E quais Cines Celestes
Branquejam sobre a barra as Naus ovantes:
O prazer salta dos limites fora:
Nunca houve afetos que igualassem estes:
De Um Tal Rei os Vassalos, anelantes
Da Glória Nacional, com dom pressago
Salvam Seu Nome do Estígio Lago.

ANTISTROFE VIII.

No Hiperbóreo Mar, no Mar estreito
Onde morre o Danúbio, e lá no Nilo,
E no Eufrates tranqüilo
Altares ao respeito
Nos há de levantar vindoura gente,
O Galo, o China ingente,
E tu também Nação, que, o Mar dominas,
Verás por todo o Império do Tridente
Dentro da Esfera as Lusitanas Quinas.

EPODO VIII.

Frutos desta aliança um Céu ao Mundo
De novas maravilhas
Trarão nas mãos do bem, certo e fecundo;
Trarão... porém de Febo ousadas Filhas,
Temerosas do mar em que navego,
No espantoso pego
Me abandonam, em noite a luz se torna:
Não fendem ondas tais audazes quilhas;
Rasgam-se as velas, e o baixel adorna.

[S.I.A.]

À FELIZ ACLAMAÇÃO DO MUITO ALTO E PODEROSO REI O SENHOR DOM JOÃO VI

ODE

Ó dia mais que todos venturoso!
Ó dia de prazer, d'entusiasmo!
Dos três Reinos Unidos REI potente
Hoje JOÃO se aclama.

Se é o Sexto no Nome, em nada cede
Ao Primeiro, e Segundo, que fizeram
Na arte de reinar tais maravilhas,
Que muito os sublimaram.

O teu Trono Real, Monarca Augusto,
Não é esse que vemos rutilando
De metal precioso, tíria sedas,
E gemas cintilantes.

Nos fiéis corações de teus Vassalos
É onde reconheço estar firmado
Esse Trono, que firme permanece,
Zomba da mão do tempo.

Do bronze, até do pórfiro luzente
Estátuas, Obeliscos se consomem;
Mas nunca a tradição, que sempre existe
Dos homens na memória.

De intrépidas falanges só precisas,
Para seguros conservar teus povos
Dos audazes projetos inimigos,
Quando invadi-los queiram.

Dos pais aos filhos, destes a seus netos
Irão de mão em mão sempre passando
Tuas Altas Virtudes, que fizeram
O bem de teus Vassalos.

"Que tempos tão felizes, que Monarca
(Uns aos outros dirão de glória cheios)
'Não foi JOÃO o Sexto, que nos perigos
"Nunca mudou de rosto!

"Foi Ele o Rei primeiro, que arrostando
"Os procelosos mares nunca dantes
"Por outro navegados fundou Reino
"No seu Brasil tão vasto.

"Tranqüilo em Portugal, onde nascera,
"Da sua Monarquia antigo berço
"Insidiosa Fera de repente
"O Cetro quis roubar-lhe.

"Com os seus delibera; e firme assenta,
"Que retirar-se deve, procurando
"Um seguro país, donde esperasse
'Das armas o sucesso.

"Este povo de heróis sofrer não pôde
"Um intruso Governo: no seu peito
"Da liberdade arderam vivas chamas,
"Que heróico conquistaram:

"As armas, Portuguesas, vamos todos:
(Soavam as Cidades, as Aldeias)
"Viva somente o Príncipe adorado,
"Que os Céus nos concederam.

"Ou vencer, ou morrer: às armas, armas.
"A esta simples voz todos corriam,
"Era a Bandeira elétrica, que atraía
"Os grande, e os pequenos.

Isto dirão, Senhor, e mais ainda,
Quando os Netos dos Netos recordarem
Que é só dever em ti fazer justiça,
Clemência a natureza.

Se o teu povo Europeu duras algemas
Quebrou do Usurpador envergonhado,
Não lhe cede o brioso Brasileiro
Em amor, e lealdade.

E qual não foi o paternal transporte,
Com que viste os Baienses exultando
Abençoar o dia, em que te viram
Saltar nas suas praias!

As provas evidentes, que eles deram,
Do quanto o seu bom Príncipe adoravam,
Tu as viste, Senhor: teus próprios olhos,
Dão fiel testemunho.

O tempo as confirmou: neles existe
Aquela mesma heróica lealdade,
Com que souberam rebater ativos
Projetos celerados.

Fujam, fujam de mim neste momento
Idéias assombrosas esses monstros
Foram por certo maus; mas eram loucos,
Soubejamente ingratos.

Dia feliz! Ó dia triunfante!
No qual solenemente o Rei se liga
A sei Pai do seu Povo; e em que este Povo
Fidelidade jura.

É aclamado Rei JOÃO o Sexto.
O Rei vertendo lágrimas de gosto
Ao povo se apresenta: o Povo clama =
Viva o Nosso Monarca!

Grandes, pequenos, homens, e mulheres
Pelas ruas, janelas, pela praça
Com esta voz somente os ares fendem =
Viva El-Rei, viva, viva!

Á vista desta Cena, que transporta,
Quem deixou de verter lágrimas ternas?
És tu ó Lealdade, quem excita
Afetos tão suaves.

Se vistes algum dia o que hoje vedes
Vós, Estrangeiros, confessai sinceros.
Qual Soberano, qual ditoso Povo
Comparais com este?

Torna-se a noite em dia: é a Cidade
Luminoso clarão de imensas luzes:
Troam nos ares fogos crepitantes:
Tudo prazer respira.

Não podem as palavras dizer tudo:
Tu o viste, Senhor, isto nos basta.
Transborde de prazer Teu Régio Peito
No meio do teu Povo.

Céus Piedosos, prolongai a vida
Do nosso Rei, que faz nossa fortuna.
Sejam teus dias, dias de ventura;
Seja feliz seu Povo.

[S.I.A.]

POR OCASIÃO DA FAUSTÍSSIMA ACLAMAÇÃO D'EL-REI

Nosso Senhor

ODE

Oh! quel riche avenir a mes yeux se revele!
La Patrie va briller d'une splendeur nouvelle!
Je vois dans tous nos ports la fortune accourir,
L'abondance, les arts, le commerce fleurir.

. . . . . .

Et pour couronner tout, un vœu naif, et tendre,
Que le vers ne dit point, que l'âme doit entendre,
Ce vœu, (1) qu'un bon Monarque avait jadis formé,
S'accomplir sous le toit du laboureur charmé.
Digne Sant de **HENRI,** puis-je te meconnaître?

[S. I. A.]

---

(1) Personne n'ignore ces dernieres paroles d'HENRI IV:
Si Dieu me donne encore de la vie, je ferai
Tant de biens, qu'il n'y aura point de laboureur dans
mon royaume, qui n'ait le moyen d'avoir une poule
dans son pot."

Mr. Lebrum., Disc. á l'occas. de l'Assemb. des Not.

ODE

Cabral exulta nos Elísios Campos,
E a o grupo fulgurante d'Heróis Lusos,
Que, assombrando o Universo, a Pátria alçaram,
  Assim falou contente:

"Venturosa procela, que do trilho
"Do ousado Gama a Esquadra desvairaste,
"E sobre as praias de não visto Mundo
  "Me arrojaste pressaga.

"Da augusta Providência sobre as asas
"No pélago agitado as Naus voavam,
"E Netuno invejoso mal sofria
"Minha futura glória.

"Ah! quem diria no afanoso ensejo,
"Que em vez da morte, que ante nos surgia,
"**Porto-seguro** numa ignota plaga
  "Encontrássemos ledos!

"Que indígenas pacíficos sem dolo
"Um simples agasalho nos prestassem,
"Repouso apetecido aos lassos nautas
  "Nas lidas temerosas?

"Que sem ir afrontar em Cabo iroso
"De novo Adamastor bravosas fúrias,
"Num mundo mais risonho, rico, extenso
  "As Quinas tremulassem!

"Em Livro anoso de indeléveis letras
"Pelo Destino estava assim gravado:
"Abriu-me o Céu tão venturosa estrada
  "Para fins insondáveis.

"Que sagaz Previdência, penetrando
"Por entre sombras de afastados evos,
"Época miseranda avistaria,
  "Em que Lísia tremesse?

"Em que as Águias altivas turbulentas,
"Que os pacíficos Lises revezaram,
"Vôos assoladores desprendessem
  "Sobre o País da Glória?

"E, a carniceira fúria acumulando
"Negra perfídia, insidiosas tramas,
"Empolgar intentassem, orguolhosas,
"A **PROLE** DO **ALTO HENRIQUE?**

"Quem diria, que nesta plaga nova
"Onde os risos do Céu se desabrocham,
"O REI Luso coa **ESTIRPE** inteira fosse
"Sentar Seu Trono um dia?

"Que a C'roa dos **AFONSOS,** e dos **SANCHOS**
"DINIS, JOÃES, SEBASTIÃO, DUARTE,
"De **Fernando, MANUEL, JOSÉ, HENRIQUE,**
"E **PEDROS,** e **MARIA!**

"Ornando a Fronte Majestosa, Augusta
"Do Sublime **JOÃO,** Sexto no Nome,
"Neste Clima ditoso entornar fosse
"Torrentes de Ventura?

"E ali de perto Paternais Cuidados
"Votasse à dita de Vassalos tantos,
"Que os saudosos braços estendiam
"De longe ao **REI,** que amavam.

"Que lente perspicaz avistaria
"No sombrio Horizonte dos Sucessos
"Fulgurar esta plaga majestosa
"Dos Impérios na lista?

"E ao benéfico influxo do alto Trono
"As Artes, o Comércio, a Agricultura,
"Tenros arbustos, vegetarem prestes,
"Prestes vingarem frutos?

"Que imensa perspectiva de ventura
"No dourado porvir se descortina!
"A Paz, a Glória, a Indústria, foragidas
"De um mundo em desavença,

"Batendo as brancas benfazejas asas,
"Transpõem o fundo Atlântico, lá pousam
"No abundoso País, que largo abraçam
"O Amazonas, e o Prata.

"**BRAGANÇA,** abrindo não trilhada via
"Por Européia Augusta Potestade,
"Dispõem-lhes a guarida, e afoita, e acolhe
"Do Céu as claras Filhas.

"A C'roa, e Cetro, que alto fulguravam
"Por evos sete na saudosa Lísia,
"A rica terra, que pisei primeiro,
"Hoje ilustram, e aditam.

"A Excelsa **NETA** do Ínclito **RODOLFO,**
"Impávida afrontando os riscos todos,
"Do Trono avito, e Paternais Virtudes
"Foi unir-se ao **HERDEIRO.**

"De Nobres **TRONCOS** mortais Vergônteas
"Da Europa ao Novo Mundo transplantadas,
"Prestes vegetar hão de, e coa alta Copa
"Topetar nas Estrelas.

"D'América feliz está selada
"Para sempre a fortuna, e eu gratifico
"O benéfico Céu, que quis abrir-me
"Caminho a tanta glória.

"Eia pois, Companheiros nas fagidas,
"Cujas lidas, e feitos extremados,
"Têm de durar, enquanto dure o mundo,
"De prazer exultemos."

Disse: e abraçando-se um a um três vezes,
Três vezes ressoou na Estância Augusta —
— Viva o **SEXTO JOÃO,** o **LUSO TITO,**
"Que hoje cinge o Diadema.

[S. I. A.]

CANTO ÉPICO

À

ACLAMAÇÃO FAUSTÍSSIMA

DO

Muito alto, e muito poderoso

SENHOR

DOM JOÃO VI

O LIBERALÍSSIMO

REI DO REINO UNIDO

DE

PORTUGAL, E DO BRASIL, E ALGARVES,

Composto, e Oferecido

EM SUAS REAIS MÃOS

Por seu Vassalo Fiel

ESTANISLAU VIEIRA CARDOSO

Segundo Escriturário do Banco do Brasil,
e Secretário do Primeiro Regimento de
Cavalaria de Milícias da Corte.

SENHOR, eis ante o Tríplice-Áureo Sólio
Medidos sons de Patriotismo filhos:
Digna-Te, ó GRANDE REI, prestar-lhe abrigo;
Esta a só Glória, que me quadra, e anhelo.

O Autor.

CANTO ÉPICO

O Magnânimo Esforço, e os Claros Feitos
Com que o Excelso **JOÃO,** o Sexto em Lísia,
Do ímprobo, Corso às tramas evadido,
Deu novo Realce à Quarta Parte Nova:
A Pátria salva em portentosas Lides,
E o Zênite da Realeza ufano canto.
Musa que inspiras Épica Poesia,
Pois que é digno do Pindo o Objeto Augusto,
Possantes Versos em meu estro infunde,
Digno de ti, Calíope, e da Empresa.

Feroz de Gália o Purpurado Cabo
No, em que folgava, universal exício,
Surpresa infame à Bragantina Estirpe
Imprudente ditou em seus delírios,
E o projeto impeliu com as fúrias todas.
Já na mente falaz ávido, e louco
Julga a Presa empolgar o Açor bravio.
Mas vê, perverso, atende como os Numes
Teu arrojo fatal prescientes frustam!
Perseguiste a Virtude? Eis teu despenho!

Nímio ofendida co atentado infando
Cerúlea Potestade iras só nutre!
Nutre vinganças, gravitando apenas
No dorso equório os Claros Sóis de Lísia!
Escasseado o equilíbrio à gravidade,
Treme nos quícios a nutante Terra!
Convulso o Tejo o leito sobrepuja,
E hórrido ameaça as últimas ruínas!

Já do Pinhal undívago alvejando
Sobre os Mares de Lísia inchadas velas,
Da alta Ulisséia os corações se oprimem,
A Alma se oprime aos Régios Argonautas;
E entre mútuos Emboras, e suspiros
Lísia se esconde quanto o Mar se alonga.

Dos ventos a favor, possantes Proas
Ruidosa espuma sobre si quebrando,
Às ribas correm da Região opima,
Que o Valor Português com fausto agouro
Adiu ao Luso inabalável Trono.

Assim da Rota vai dobrando o estame
Progênie Divinal, Mimo do Eterno;
E na idéia trazendo a Pátria aflita,
E nas fadigas do porvir cuidosa,
Entra de Atlante as prominentes águas.

Afetos, e Política ocupavam
No entanto a Mente do Monarca egrégio,
Quando uma clara, e silenciosa noite
Eis dois Anciões d'imensurável força
Em visão lhe aparecem! Gotejante
Longa melena, e barba denegrida,
E cor tostada, à vista formidável
O da destra tornavam, quanto grave
Pela argêntea presença o da sinistra.
Quem sois! Quem sois! (Pergunta espavorido)
Cujos aspectos meus sentidos turvam?

Eu sou, se humano na expressão, na forma,
Diz o da destra, o Amazonas Rio,
Que profícuo, e fiel sempre às Leis Tuas
Venho render-Te Vassalagem ingênua.

O Prata eu sou, lhe diz o da sinistra,
Que assaz do Nome Teu maravilhado,
Submisso, e respeitoso Te saúdo.

Ó Tu, prossegue, a Quem o Mundo admira,
Tu, dos que a Fronte a Régia C'roa exorna,
O Primeiro, o Magnânimo que forças
A Atlântica amplitude em débil Pinho,
Tu, de cuja Alta, e Enobrecida Frente
Longos raios divergem, vem Benigno

Difundir almas Luzes na áurea Plaga,
Que ver presume em Laço eterno unidos
O Amazonas fiel, e o rico Prata.
Disse, e escondeu-se; e súbito o Amazonas,
Num grave tom, fatídico estas vozes
Extrai do íntimo peito. Eis, ó Grão Luso,
A que buscas, e aponta, ingente Plaga.
Escrito está dos Fados, que de Lísia,
Metas transpondo priscas, um Dinasta,
Da Política Sede a grande Base,
Há de firmar no Empório, cujo Rio
O Período tem que o deu aos Lusos.

Mas qual prisma a Bahia outrora fora,
Que hasteadas viu as venturosas Quinas,
Escrito está, que ali primeiro imperes (1)

A aura Brasília respirando apenas,
E o Cunho pondo ao grande pavimento,
Vassalagem real, se até li dúbia,
O jus, fará ao Nacional Caráter.

Ali constante querer-Te-ão os Povos, (2)
Que um Serviço conspícuo hão de prestar-Te: (3)
Urge porém Política Sublime, (4)
Que prossigas a Rota. Ó que alvoroço
Do fluminense Povo ao Teu Ingresso!
Dos grandes Propugnáculos obumbram, (5)
Bronzi-férreos Trovões, os leves ares.
Inúmeros Baixéis as Ondas cruzam.
Ribas, Colinas súbito se apinham
De gente absorta, que forceja inútil
Por ver Aquele que na mente goza.

---

(1) Carta de Lei dirigida ao Excelentíssimo Conde da Ponte, Governador, e Capitão General da Bahia, primeiro Diploma assinado pelo Punho Régio no Brasil.

(2) Freqüente é no imortal Francisco Manuel do Nascimento o desuso dos advérbios em ente, tão enfadonhos quanto monótonos, como ele diz. Seguindo a sua opinião, eu omitirei sempre a composição — mente — em todos eles.

(3) Alude-se aos esforços da Praça da Bahia para a rendição de Pernambuco.

(4) Sirva-me de argumento o Decreto pelo qual **Sua Majestade** anunciou às Nações, que transferia o Assento do Governo para o Rio de Janeiro.

(5) Ora no presente, ora no futuro vai promiscuamente profetizando o Amazonas: assim Tétis em Camões, **Lusíadas,** Canto último.

Some-se a noite em públicos festejos:
Magnífico aparato o sono rouba.
E do terceiro mês o dia oitavo,
Depois que o Sol dezoito vezes cento,
E vezes sete houver tocado as Metas,
À Tua recepção está marcado.

Das Naus em Ordem festival se arreiam
Cos fortes Nautas as pesadas vergas;
E apenas entras o Baixel dourado,
Com medonho estampido o Bronze cospe:
Robustos vivas pelos Nautas soam,
E com vivas responde o Mar, e a Terra
Em alti-longo-harmônico rimbombo.

E enquanto ao Tabernáculo caminhas,
Por entre muros d'ínclitas Coortes,
A render Culto a Aquele, que Uno, e Trino
Simbolizado está no Pelicano,
De um prodigioso popular concurso,
Que as Praças peja, e cimos de edifícios
D'elegante matiz aformoseados,
Grato é dizê-lo! E mais experimentá-lo!
Crebos Vivas retinem, chovem flores...
Cena tocante! Enérgico entusiasmo
Ali no maior grau se patenteia!

Do público prazer provas expressas
Terás de Povos, que ante Ti submissos
Levem a paz os corações, nos lábios,
Quais Celículas pulcros ante Jove.

Ponto central do círculo que abrange
As Plagas quatro em que Teu Sólio afirmas,
Divergirás fulgor almo e Divino,
E a Ti convergirá do espaço imenso
Espontânea homenagem igual aos Evos.

Ali do Corso infesto o atroz desígnio
Noto será! Qual represada enchente,
Que os Diques, rompe e prostra em ermo Empório,
Do novo Gengiskan tais as Falanges
Hão de a seu mando na perplexa Lísia (6)
Infrenes perpetrar milhões de crimes.

---

(6) **Sua Majestade**, ou fosse por adesão aos Seus Tratados (visto não haver precedido uma declaração de guerra) ou por querer vencer inimigos com generosidades, determinou que os Portugueses fizessem bom agasalhado

Da degradante sanha horrorizado,
Jove deplora a Humanidade aflita;
E urgindo um móvel amplo com que em breve
Prostre o Colosso, que o Universo assombra,
Lembram-lhe os fortes Lusos, que adorando
Nos fidos corações os seus Monarcas,
Verão primeiro as últimas ruínas,
Que os agressores seus deixar inultos.

Então dos antros pavorosos surge
Com hórrido estridor a torva Erinis;
E ao Déspota inspirando o ímpio divórcio
Da Bragantina Estirpe, e Império Luso,
Eis o Tirano, decretando o agita.

Não sofre alheio jugo a Nação Lusa,
E como! Se de si surgindo opressa,
Ao Leão Ibero rugidor, e ousado
Pôde altiva silêncio impor eterno,
Quando dos Jovens seus a aflita Hespéria
Luto arrastando contas lhe pedia!

Brio heróico que inflama os Lusos peitos
Em fogos de vingança se reascende!
E probos quais hão sido os seus maiores
Lustros doze calando alto projeto,
Só para a Empresa idôneo tempo aguardam.

Agravada em seu auge a Sob'rania
Ao fedifrago Corso a Guerra envias;
E o desforço deixando afeto a Lusos
Hás de em êxito pôr plausíveis Planos.

Triângulo equilat'ro descrevendo,
E Tu no centro, qual Luzeiro excelso,
A Motriz Diplomática regulas. (7)

---

aos Franceses, e os Portugueses, obedientes sempre aos Decretos do seu Monarca, não hesitaram em fazê-lo. Entretanto o seu êxito, e o comportamento dos Franceses chocavam com o Brio Nacional: Se neste dilema uma respeitosa perplexidade se apoderou dos Portugueses, não aconteceu assim na pretendida supressão dos Direitos do seu Rei! Tanto pode o amor, e o entusiasmo!

(7) Inauguração das Três Secretarias de Estado no Brasil. Não levo em ordem Cronológica os objetos que se seguem, em razão de querer aformosentar a teia com a união de alguns, que diferindo em épocas têm tendência entre si.

À Força Nacional se elevam Diques. (8)
Vigor moral do Público adquirido
Um verterá em física energia:
E Emissões bem aceitas de ouro em frase,
E o sonante, farão espanto no Orbe.

Eis lá se instaura a Distinção honrosa.
Ao valor, e Lealdade consagrada (9)
Monumentos Marciais lugar ocupam (10)
Erigem-se d'Astréia os que em grau sumo
Resumem do Imperante o Nome, e a Força. (11)
Avultam [a] alapar os dois Telônios. (12)
Dá-se energia ao Público sossego. (13)
Duros braços rompendo incultas serras
Hão de afanosos vizinhar Países. (14)

Verás por Saber Teu de novo unidas
A Bourbônica Prole, e a Bragantina.
Pomposos Espetáculos grão tempo
Darão calor à Pública ufania.
Dos Troncos dois Vergôntea vecejante
Do Expectador Brasil será benquista,
E o Nome tomará do Régio Moço,
Que o extremo alento n'África exalara.

A entornada cervis da raça infanda,
Que em longes mares se espaneja impune,
Dobras, e glória a Humanidade colhe. (15)

Com roçagante adorno, e Régia Mursa
Hás de exaltar O que em grandezas fértil
Só desta glória ingente carecia: (16)

---

(8) Criação do Real Erário, e Banco do Brasil.

(9) Instauração da Ordem da Torre e Espada.

(10) Arsenais Reais do Exército, e Marinha, Supremo Conselho Militar, Academia Real Militar, Real Fábrica da Pólvora, etc.

(11) Mesa da Consciência e Ordens, Desembargo do Paço, e Casa da Suplicação.

(12) Conselho da Fazenda, e Real Junta do Comércio.

(13) Intendência Geral, e Divisão Militar da Guarda Real da Polícia.

(14) Grandes Estradas que **Sua Majestade** tem mandado abrir em diversos pontos do Brasil.

(15) Alude-se à Paz ajustada entre Portugal, e a Regência de Argel, Objeto por si mesmo grande, e maior ainda por ser efetuado na ocasião mais crítica, arriscada, e laboriosa da Nação.

(16) A elevação do Brasil a Reino.

E o Brasílico Gênio, e o Gênio Luso,
Progenitor, e Prole germanando,
Hão de invejas cravar ao Mundo inteiro.

Do Angélico Painel duas Essências
Laços d'Hímen atrai ao Solo Hispano.
D'Hímen os Laços de Germânia ao Centro
Do Império Triplo, Divinal Princesa
Hão de atrair. Eis anuncia o Bronze.

O Grato assomo. Súbito a Cidade
Coa Posse Augusta se alvoroça, e exulta.
O Brasílio Torrão já leda pisa
A Amável **Carolina.** Eis Régia Pompa,
Nunca vista até'li, lhe outorga o passo.
Cívico ardor, Sublime Arquitetura
Triunfais Monumentos lhe preparam.
Um Íris perenal a vista encanta;
E os ares ferem públicos Aplausos.

Lá vejo, e em tom mais alto se arrebata,
Lá vejo em Portugal o Pátrio Brio,
Qual oculto brasido entre madeiros,
Que impelido do vento a flama alteia,
Desenvolto entre vivas instaurando
O Governo Real, e as Lusas Quinas!
Roja por terra a tricolor Bandeira!
Águias que ocultam condição milvina
De bosque em bosque vão girando a medo!

Despontada em Vimeiro acesa Aurora
Do grande Dia, que em Tolouse acaba
Coas márcias Horas do Amarante, e Douro,
Bussaco, e Torres Vedras, e Rodrigo,
Badajoz, Arápiles, e Vitória (17)
Reação augura à forte Nação Lusa!
Os Lusos jovens cos valentes peitos
Mais terríveis que o bronze ardendo em raios,
Hão de empurrar imigas Baionetas,
E ao País, que as forjou, levar a Guerra!
Hão de em despreso arremessar ao Corso,
Em fragmentos sutis espedaçados,

---

(17) Por brevidade menciono só as Batalhas que mais cooperaram para a liberdade da Península.

Ferros, que a Fraude em Proteção crismara! (18)
E o sobrolho, que o Galo embrutecido
Em menoscabro lhe mostrara outrora,
Em duros prélios verteram, e em árduos
Feros assaltos, mortes, que mal possam
Trânsito obter os bravos Hosticidas!

Do feroz sangue o bárbaro ruído,
E alta fama da série de Triunfos
Hão de a apatia despertar do Arctôo. (19)

Abrasada Moscou, Smolensko em cinzas,
E Leipsig humilhada, as ênias portas
Abrem, de há pouco, formidável Gália.
E, pelos dois Vesúvios sufocada
Paris sucumbe, e após o seu Tirano.
E enquanto lá no coração da Europa
As serpes nas Eumênides ressonam;
E nos vergéis do Argento os Louros colhe (20)
Dos Hemisférios dois Marcial Progênie,
E for girando na extensão do Império
Núncia da Glória prima, com que os Fados
Hão de rivalizar Janeiro e Tejo,
Há de ferver Política Revolta
Cá onde contra o Batavo sisudo,
Em Teatro de Valor, crisol de zelo,
Foram Vieiras, Camarões, e Dias
Rivais d'Epaminondas, e Aristides!

Mas não te penes, Príncipe! Um momento
De perfídia, e desdouro não faz vulto
No quociente de séculos de Glória.
Troveja o Claro Céu; benigno é sempre.

---

(18) Têm lá **crismado** com tanto nome francês, as coisas, que no meu tempo eram **batizadas** com nome Português, que...

Felinto Elísio., Tomo 3.º.

(19) Tomado pelas Potências do Norte.

(20) Conhecida a Anarquia em que se debulhava a margem oriental do Rio da Prata, e Bandos que infestavam com ousadia o Território do Rio Grande, **Sua Majestade** tinha dois partidos a tomar; o abandono daquele Continente (celeiro de grande parte do Brasil) por ser quase um impossível sustentar-se, em tais circunstâncias, e extensão, uma neutralidade, ou defesa; ou fazer a todo o custo a aquisição daquele Território. Mas graças ao nosso Governo, que, ou sejam médias Políticas, ou puramente Militares, se esforça por ir cortando o mal pela raiz. Oxalá que esta poderosa Deliberação seja acompanhada da energia que ela exige!

Cumpre porém olhar atento a Esfera:
São das exalações os raios prole.
Enunciada esta insólita ousadia,
Tua Alma nobre por extremo aflita,
Mais pelo que urge o Nacional Decoro,
Que pelo que é de Ti, que enfim és Grande,
Há de nadar de júbilo em torrentes,
Quando à porfia em turmas acorrerem
Povos fiéis ingênuos a of'recer-Te
Os mais prezados bens — Fortunas — Vidas —. (21)

Das Falanges o férvido entusiasmo
Patenteia-se já, e se disputa
A preferência de arrostar perigos.

Faz-se resenha de açodados jovens,
Martes na essência, no caráter Lusos;
E por Timbre tomando — Glória — ou Morte —,
Virão sulcando o túmido Elemento.

Entretanto, qual Argos, vigilante
Um Brito, (22) esmalte da Baiense Estirpe,
Pela Pátria abrasado em nobre zelo,
Há de, emulando a rapidez do raio,
Mandar a Paz à miseranda Olinda.
Melo (23) sobre Armas, sobre as Ondas Lobo (24)
Que as Palmas colhe que encetou Rufino, (25)

Treme confusa da Traição a Fúria;
E já no p'erigo, e punição cuidosa,
Bem como em receptáculo a luz frouxa,
Que unindo forças se incendeia, e expira,
Ela se arroja a acometer o Brio,
E cai surpresa sepultada em sombras.

---

(21) Não é fácil descrever o entusiasmo que por todas as partes se desenvolveu para rendição de Pernambuco.

(22) O Excelentíssimo Conde dos Arcos, ex-Governador e Capitão General da Bahia, ora Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, e Domínios Ultramarinos, Varão prestante, a quem a Nação é devedora de muito! Ele atalhou um incêndio Político tão perigoso, quanto útil o elemental de Moscou.

(23) O Tenente General Joaquim de Melo Leite Cogominho de Lacerda Comandante da Expedição da Bahia sobre Pernambuco.

(24) O Chefe de Esquadra Rodrigo José Ferreira Lobo, Comandante das Forças do Bloqueio expedidas do Rio de Janeiro.

(25) O Capitão de Fragata Rufino Peres Batista, Comandante das Forças Marítimas expedidas da Bahia, e o primeiro que bloqueou Pernambuco.

Força extraindo do propício ensejo,
Dos feros Nautas reforçada apenas
Pernambuco infeliz irá na pista
Dos seus três imortais Campeões valentes;
E desavinda co filial desdouro,
Do dever no conspecto único atenta,
A mesma ela será, que ser soía. (26)

Da recente Babel não dúbio excídio
Há de ante Ti um símile agourá-lo (27)
A' sasão mesmo do lidado evento;
E a jucúndia que aos Lusos sobressalta,
Sendo-lhe os corações curto recinto,
Nas faces, e olhos se fará patente,
Que mal exprimem prazer tanto os lábios!

O Sol de Ourique no Brasil fulgura.
E Tu, preclaro Lusitano Alcides,
Príncipe excelso, Glória do Teu Povo,
Força extrairás de quem pugnar Contigo,
Duplo arraigando o Bem-fadado Sólio.
Mais dissera o fatídico Amazonas;
Mas celeuma terrível o interrompe,
E súbito reverte ao Leito ingente.

Dos Altos Feitos que encetaste em Lísia,
E grávidos de afã hoje rematam,
Eis, **SENHOR,** em bosquejo a grã Cadeia.
Precursores opíparos da Glória,
Que respira este Quadro Majestoso,
Vem, como Estrelas matizar-lhe o brilho.

Qual Jove no alto Teito se mostrara,
Hás tocado, **SENHOR,** a Suma Altura
Que Etiqueta Política prescreve:
Noutra porém mais sólida baseias

---

(26) Nada há mais fácil, que à força da Impostura, e Terrorismo fazerem partido os [perversos] que ousam tentar as rédeas do Governo; e estas circunstâncias talvez fossem, senão a motriz máxima da revolta de Pernambuco, pelo menos a do seu progresso.

(27) No mesmo dia em que Pernambuco foi restaurado, assomou à barra do Rio de Janeiro (sem que então entrasse) uma Embarcação com os mesmos sinais que **SUA MAJESTADE** havia indicado ao Comandante da expedição para o Correio no caso de bom anúncio. Em conseqüência, e enquanto não foi conhecido que a analogia dos sinais não correspondia ao objeto, iluminou-se a Cidade espontaneamente; e o Povo deu outras muitas, e não equívocas demonstrações de júbilo.

Do Trono Avito a Força — em Peitos Lusos —.
Ao Amplo Cetro, que na Destra empunhas,
Já franqueados de há muito o jus Te deram,
Exultam com a Glória do Teu Mando:
Eis só quando são Reis os Reis do Mundo.

Da Potente Nação Penhor, e Esmalte,
César nos Feitos, na Clemência Tito,
Que esmerado excogitas, dás Impulso
A' próspera Carreira de Teus Povos
Que sensíveis, e ufanos Te contemplam
Ó Grande, ó Pai da Pátria, ó Pio, ó Justo;
Ah! Possas tu de tais Remeiros Digno,
Escoltado de destros Palinuros,
Soltando Rumos a Tri-Návia Frota,
Que a um Sopro só em Mares três navega,
Sulcar o Pego, e as Produções Nativas
Reconcentrar com Artes, e Ciências.
Possas, dando energia ao Novo Mundo,
Inda sobrepujar Britânia, e Gália.
Áureas veias, e entranhas diamantinas
Não limitam os Dons a O que decoram
Indígenas fiéis porções de Lísia:
Eles à Glória Nacional aspiram;
E aos Íncolas unindo altos Projetos,
A glória Tua hão de fazer perene.

Possas Grato alongar os Teus Desvelos
Ao fortíssimo Ancião, jamais esconso
Na Fé, no Brio, no Valor guerreiro:
Contempla-o com firmeza e alacridade,
Legiões hostis terrível profligando!
Contempla-o mascerado, e quase exangüe
Por sustentar a C'roa que Te exorna!
Esse, que, menos aguerrido, e culto,
Já a Roma Universal cobriu de opróbios!
Que devastou as Turbas Agarenas,
E a Guerra lhes levou ao pátrio ninho!
Esse, que em seus limites não cabendo,
Audaz forçando horrísonas procelas,
Superando Estações, Guerras, a morte,
Fez, com assombro, e sôfrego de Glória,
Gratas a Ti as Africanas Ribas,
Tremer as Portas do vedado Oriente,
E profícuo, e sublime este Hemisfério!

Tanto Te outorguem os propícios Fados,
Que no seio da paz amplo se diga:
A quem do Mar de Atlante um Astro Novo
Atraído, refulge, e permanece;
Com centrífuga Força ao Reino Unido
Novo ser comunica, avulta, e exalta.

SONETO

Pobre feudo de incógnito regato.
Din.,**Od**. 1.

O Prazer, que **TEU** fido Povo encanta,
As vozes, **GRANDE REI,** mandou sonoras
Das quatro partes, em que o Trono escoras,
A' Estância dos Heróis serena, e santa.

Ao som a Turba, em êxtase, alevanta
As majestosas frentes criadoras:
Inveja, se vedada ali não foras,
Fora-lhe inveja então virtude tanta.

Enche o Alcáçar **TEU NOME,** e nele é onde
Numa **TE** cede, em festivais extremos,
O Sólio, que imortal **TE** corresponde:

"Eis louvores, que nós jamais tivemos"
Aurélio exclama; e Tito lhe responde:
"E com razão; que nós menos fizemos."

[S. I. A.]

FIM.

30. **PARÁ: RELAÇÃO DAS FESTAS, QUE SE FIZERAM NESTA CIDADE DE NOSSA SENHORA DO BELÉM, DE ORDEM DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR CONDE DE VILA FLOR, [...] PELA FELIZ OCASIÃO DO GLORIOSO CASAMENTO DE SUA ALTEZA O PRÍNCIPE REAL DO REINO UNIDO DE PORTUGAL** [...] [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1818. (Ed. 1818).

PARÁ:

RELAÇÃO das Festas, que se fizeram nesta Cidade de Nossa Senhora de Belém, de ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Flor, Governador e Capitão General desta Capitania pela feliz Ocasião do glorioso Casamento de Sua Alteza o Príncipe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarve, com a Sereníssima Senhora Arquiduquesa da Áustria CAROLINA JOSEFA LEOPOLDINA.

Noticioso o Povo da Cidade do Pará das disposições magníficas que fazia o seu Excelentíssimo General para festejar o Casamento de Sua Alteza Real, esperava impaciente o dia em que se declarasse a solenidade de tão fausto e lisonjeiro motivo, para incessante significar aquelas marcas, e constantes votos de Amor, aderência, e fidelidade, que sempre o têm distinguido para com o seu Soberano, unindo as suas demonstrações públicas de prazer às do seu General, que nelas pretendia atrair a mais geral satisfação, e o mais amável respeito.

No dia 22 do corrente mês de abril, às nove horas da manhã, o Senado da Câmara, em conseqüência das ordens de Sua Excelência, fez publicar um bando, no qual anunciava os dias sucessivos 23, 24, e 25 dias de grande gala; e ordenava, que a Cidade nestas noites se iluminasse pela feliz chegada ao Rio de Janeiro da Sereníssima Senhora Arquiduquesa da Áustria, e do seu Casamento com Sua Alteza o Príncipe Real.

O agradável alvoroço dos Habitantes não lhes deu tempo a enlevarem-se da magnificência, do capricho, e da ordem com que apareceu este ato público de convite, e determinação; pois que congratulando-se reciprocamente apenas concordavam, que a pompa do bando correspondia à sua expectação.

Vinte e dois Músicos fardados ricamente com fardas encarnadas, guarnecidas de galão, e cordão de ouro, e montados em bons cavalos, que conduziam a cada um, Criados decentemente vestidos; marchavam na frente do bando, noticiando dias de glória e alegria, com bem concertadas marchas e diferentes alegros. Seguiam-se os Alcaides, Meirinhos, e Escrivãos conforme o estilo; e após eles os dois Almotacéis todos dignamente preparados, deixando ver bem a caprichosa riqueza e pompa com que celebravam aquele dever, e oferecendo o espetáculo o mais aparatoso, e a representação a mais delei-

tosa, que em tais atos se pode esperar; porquanto, é certamente além da comum expressão, referir o como haviam enfeitado de elegantes matizes, e variadas plumas, os seus belamente ajaezados cavalos.

Havia meditado o grande gênio do Excelentíssimo Conde General não perder um só dos meios possíveis de tornar quanto mais maravilhosa esta solenidade; e por isso tinham mandado preparar para a iluminação de Palácio um grande quadro em transparente mui bem guarnecido, que se colocou na janela grande do centro da fachada de Palácio no qual se via um Templo majestoso com os emblemas da Religião; e no fundo junto ao Altar um venerando Bispo com vestes Pontificiais dando a Bênção Nupcial aos Dois Augustos Contraentes, que eram assistidos de Suas Majestades El-Rei Nosso Senhor, e a Rainha Fidelíssima em grande gala.

Na arquitetura do Templo, se liam os seguintes versos:

EM SACRO HIMENEU, VEM PRINCESA ILUSTRE
UNIR-SE A PEDRO, PRÍNCIPE AUGUSTO
GLORIOSA ALIANÇA PREPARA HOJE
SÉCULOS DE PRAZER AOS DOIS IMPÉRIOS.

E em uma aformoseada elípse, que servia quase de pedestal, com outros emblemas de alusiva conveniência, se liam a seguinte quadra e versos:

EM LAÇO ETERNO, ÁUSTRIA E LÍSIA
VAIDOSAS CONTAM ANTIGAS GLÓRIAS
FALA O DANÚBIO; CANTA O TEJO, O GÂNGES
O AMAZONAS DIZ LARGAS HISTÓRIAS
ÁUSTRIA E LÍSIA, HOJE REUNIDAS
SERÃO DITOSAS, FORTES E TEMIDAS.

Um grupo de caixas de guerra em que descansavam Duas Bandeiras Militares, parecia esconder o resto do Quadro, e do Templo. Estava este coberto de uma cortina de damasco encarnado desde a manhã do dia 23.

Em este dia, ao meio-dia, com rico uniforme entrou em grande parada a Tropa da 1.ª e 2.ª linha desta Guarnição, e se postou na praça de Palácio formando um perfeito retângulo; e com pequeno intervalo à voz de sentido, apareceu ricamente a cavalo o Excelentíssimo General com farda de Husas, acompanhado de um respeitável e luzido Estado-Maior; e correndo as fileiras, tomou a posição do centro, e empunhou a espada. Ao sinal determinado, correu-se a cortina, que escondia o glorioso motivo da parada; e então Sua Excelência que havia tomado o comando da Tropa, ordenou a con-

tinência a Suas Majestades e Altezas; e marchando a galope, se demorou na frente da janela, onde estavam os Soberanos Retratos, com a espada abatida.

Deu-se depois o fogo de alegria, alternando a Infantaria e Artilharia, e tocando as Músicas respectivas o Hino Nacional. Acabado este, Sua Excelência mandou tirar barretinas, e deram-se três Vivas a Suas Majestades, a que não só correspondeu a Tropa, mas o imenso Povo, que guarnecia a Praça; e desfilando a Tropa pela frente do Quadro, Sua Excelência marchou em continência até o lugar conveniente.

Começaram a salvar as Fortalezas, e os Navios, que todos se achavam embandeirados. Seguiu-se o Cortejo, recebendo o Excelentíssimo General, com farda de Governador e Capitão General na casa do Docel em que havia colocado um perfeito Busto de El-Rei Nosso Senhor, do parabéns da Câmara, dos Corpos Militares, e da Nobreza de todas as Classes mais distintas.

Às quatro horas da tarde Sua Excelência jantou com os Comandantes dos Regimentos, e Autoridades Civis, e outras Pessoas da 1.ª Ordem, e depois de um lauto jantar, bem servido, e determinado para semelhante dia; fez a saúde a Suas Majestades e Altezas; e uma salva de artilharia demonstrou este ato do mais devido respeito.

À noite deu Sua Excelência um grande baile, que tinha feito anunciar por convites públicos a toda a Nobreza e Comércio, fazendo as honras a Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Vila Flor, que com a mais fina, e apurada polidez, e com a mais cordial, e sensível alegria, acariciava, e atendia aos Convidados, inculcando uma vivíssima satisfação. Será inacreditável talvez a exposição do brilhantismo, asseio, luxo, e mesmo riqueza, com que por a primeira vez viu o Pará reunido um tão grande número de Senhoras, e a Sociedade a mais luzida em uma Ordem, e Etiqueta não só correspondentes a tão alto Objeto, como devidas ao bom gosto, e política do Excelentíssimo General. Foi o baile alegremente entretido até às duas horas da noite, em que o festejo deste dia se concluiu com uma decente ceia, na qual, como durante o baile Sua Excelência não cansava de mostrar o mor esmero, e atenções.

Logo ao começar a noite se acendeu a iluminação; e Sua Excelência descendo com os Convidados a escada de Palácio, iluminado que foi o Quadro, deu três vivas a Suas Majestades e Altezas, acusando ao Público esta homenagem uma grande girândola, que nos ares fez ressoar outros tantos sinais de verdadeiro prazer.

Achava-se a sala de espera do Palácio ornada de um modo puramente novo, e de um gosto tão singelo, mas ao mesmo tempo tão aparatoso, que tudo respirava Majestade: porquanto, as portas e

janelas eram guarnecidas de graciosas grinaldas de murta entrelaçadas com festões de flores; e a porta por a qual se devia entrar à casa do jantar e ceia, era uma barraca de mura, ornada de Bandeiras Militares, e de diferentes outros emblemas, que fazendo novidade, desafia logo entusiasmo, e amor.

Tem o Palácio dezoito janelas na frente; e nestas ardiam mil e duzentos lumes em vidros de cores, cuja simetria e diversidade apresentava uma linda perspectiva, e supria bem na Praça a falta da luz do dia; porque é sem a menor exageração, que oferecia o Palácio a mais rica e admirável vista, e impunha decididamente ser obra de um desvelo, e excessiva complacência. No dia 24, conservaram-se embandeirados os navios: salvaram a uma hora da tarde, e igualmente as fortalezas; e Suas Excelências foram à noite ao teatro, no qual se recitaram dois concetuosos Elogios ao mesmo Objeto, iluminando-se da mesma sorte o Palácio, e a Cidade, e restando descoberto o Quadro, a cuja vista concorria o Povo apunhoado, torjando-se por isso a Praça um aprazível passeio.

O Dia 25, Feliz Aniversário Natalício de Sua Majestade Sereníssima a Rainha Nossa Senhora, duplicou a alegria de uma tão extremada Função, convertendo estes aplausos em maior cerimônia. Ao meio-dia a Tropa entrou do mesmo modo que no dia 23, em grande parada debaixo do mais asseado e rigoroso uniforme. Sua Excelência com o seu Estado-Maior imediatamente correu à frente toda do retângulo, que a tropa formava; e empunhando a espada, tomou o comando, e fez a continência a Suas Majestades e Altezas portando-se, como no primeiro dia; na frente do Quadro com a espada abatida: deu depois a voz para o fogo de alegria que se alternou da mesma sorte tocando as Músicas e Hino nos intervalos; e ordenando, que desfilasse a Tropa por a Frente dos Augustos Retratos; Sua Excelência à testa da coluna marchou em continência até a lugar próprio.

Às nove horas havia-se cantado um Solene **Te Deum** na Catedral, entoado pelo Reverendíssimo Bispo, a que assistiram o Excelentíssimo General e a Excelentíssima Condessa, e muita parte da Nobreza. À uma hora salvaram as fortalezas, e os navios. Seguiu-se às duas da tarde o cortejo a que concorreram todas as Classes as mais nobres das Pessoas desta Cidade, e todos os Oficiais dos Corpos Militares para terem a honra de cumprimentarem a Sua Excelência pelo Dia agradável, que nos corações dos Vassalos Portugueses renova a mais gloriosa sensação das atas, e eminentes Virtudes de Sua Majestade a Rainha Fidelíssima Nossa Senhora.

Sua Excelência vestido de Farda de Governador, e Capitão General todo o dia; deu a uma grande parte das Pessoas da primeira

distinção um bem servido jantar; e quando se bebeu à saúde de Suas Majestades uma grande salva aplaudiu este dever.

À noite, a iluminação conitnuou como em os outros dias; e Sua Excelência, logo, que se iluminou o Quadro, desceu à sua Frente, e deu três vivas a Suas Majestades no meio de numerosa multidão de Povo, que o seguiu verdadeiramente alegre, e satisfeito, indo ao ar uma forte girândola, que as nuvens por um grande espaço, e por meio de estrondosos ecos, foi levar puros votos da mais fiel vassalagem. A este tempo estava já iluminado o teatro, e Suas Excelências assistiram com muitos Convidados a uma peça análoga ao Dia; e antes de começar se cantou o Hino Nacional pelos Cômicos, sendo respondido pelas Senhoras, e mais Pessoas, que se achavam presentes.

Assim se concluiu o mais maravilhoso, e o mais apurado festejo que o Pará tem visto, e que na verdade fará uma época notável nesta Capitania, concorrendo essencialmente para uma pompa tão grande as presenças do Excelentíssimo General, e da Excelentíssima Condessa, Sua Esposa, que com um não sei que de amabilidade, davam uma nova formalidade, e uma estranheza agradável de Ordem a uma Função, e Ajuntamento, que por três dias inculcava ao primeiro golpe de vista um Objeto todo Grande, todo AUGUSTO.

Pará, 25 de abril de 1818.

31. **DESCRIÇÃO DA ILUMINAÇÃO SIMBÓLICA, QUE NA NOITE DO FAUSTÍSSIMO DIA 4 D'ABRIL DE 1819, [...] FELIZ NASCIMENTO DA SERENÍSSIMA SENHORA PRINCESA RECÉM-NASCIDA,** [...], ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA BRAGA, 1819. (Ed. 1819).

DESCRIÇÃO
DA
ILUMINAÇÃO SIMBÓLICA,
QUE
NA NOITE DO FAUSTÍSSIMO DIA
4 D'ABRIL DE 1819,
UM DOS MAIS PLAUSÍVEIS
PARA A NAÇÃO PORTUGUESA,
POR OCASIÃO DO FELIZ NASCIMENTO
DA
SERENÍSSIMA SENHORA
PRINCESA RECÉM-NASCIDA

Apresentou ao Público na Frente da
Casa de sua Residência, e Nas
Duas Noites Subseqüentes

O CORONEL
ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA BRAGA,
EM SINAL DA SUA GRATIDÃO, AMOR,
E LEALDADE, QUE TRIBUTA AO
SEU SOBERANO

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO RÉGIA, 1819.
Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Formou-se na frente da Casa da sua habitação uma fachada de diverso colorido, em que se apresentou com todo o primor d'arte três grandes pórticos unidos em forma d'arcada na frente de países, e um emaranhado e profundo bosque, formando por cima uma galeria de três janelas sutidas em colunas, firmadas em seus pedestais, e coroadas com seus competentes Capitéis, rematando toda esta perspectiva uma Cornija, que representava uma variedade de molduras d'um esquisito gosto, como obra que é de pincel Francês.

Por toda a sobredita fachada estava distribuída com uma exata, e bem regular simetria uma grande variedade de luzes de cera em globos de cristal, placas e espelhos, cujo brilho, aumentado pela reverberação, deslumbrava inteiramente a vista do atento espectador, e ao mesmo tempo encantava concorrendo até para maior realce a serenidade do tempo, parecendo que o mesmo Céu tomou parte no público regozijo.

No meio da galeria aparecia um Quadro de sete palmos d'altura, e seis de largura, em que se representava com vivo colorido de pintura transparente o Gênio tutelar da Nação em cima d'uma nuvem, como descido a pouco do Céu, em ação de conduzir nos braços a Sereníssima Senhora Princesa ao Templo da Glória, como para denotar, que pelos Seus heróicos Feitos há de ocupar nele um lugar distinto a par dos abalizados Heróis, que formavam os Troncos donde descende Esta brilhante Vergontea, e com que por tantos lustros se tem esclarecido as Sereníssimas Casas de Bragança, e Áustria, já enlaçadas por três felizes Consórcios: O Templo da Glória achava-se colocado em uma escarpada, e alcantilada montanha, como designando quanto é árdua, trabalhosa e cheia d'abrolhos a estrada, que pisam os que nele chegam a entrar.

Por cima do Templo aparecia o Sol claro, e puro despedindo um dos seus raios com direitura ao Escudo das Reais Armas Portuguesas, que estava fronteiro, como designando o especial favor com que o Céu tem sempre tratado a Monarquia Portuguesa desde o ponto em que foi garantida a sua duração por JESUS CRISTO Redentor, e Senhor Nosso ao Magnânimo Afonso Henriques no Campo d'Ourique, em que ficou por uma vez selada a nossa independência com o sangue Português contra o furor Mauritano que por tantos anos teve sopeados.

Ao lado do Gênio, aparecia a figura da Justiça, como querendo com o braço abraçar e afagar a Sereníssima Senhora Princesa,

mostrando desta sorte, que ela é a principal virtude por onde os Soberanos caminham com segurança para alcançar uma sólida Glória.

No alto do Quadro estava a Fama embocando o seu Clarim, que sustentava com a mão direita, trazendo na esquerda um ramo d'Oliveira para mostrar que tinha de apregoar os altos e gloriosos Feitos da Nação Portuguesa obtidos em paz, e na guerra pelas virtudes e esforços dos seus Príncipes, que tanta emulação têm causado às demais Nações do Universo a ponto de ser proposta como modelo de valor para estimular e acender os brios gelados e quase extintos dos Povos do Norte por causa do terror da colossal grandeza da França.

No baixo do Quadro aparecia a barra do Rio de Janeiro, por onde no memorável dia 7 de março de 1808 felizmente surgiu a Esquadra, que salvou da fúria dos mares, e da influência do mais cruel dos Tiranos ao melhor dos Soberanos, que faz as delícias da Nação, cujo venturoso sucesso assegurou a paz, e tranqüilidade deste vasto Continente.

As duas Janelas d'um e outro lado do Quadro já indicado estavam ornadas de delicadas pinturas, embelezando a perspectiva.

Nos espaços claros da sobredita fachada estavam colocados os Dísticos seguintes alusivos ao grande e alto favor que a Nação Portuguesa obteve do Céu com o Nascimento da Sereníssima Princesa, perpetuando com este sucesso a sua duração debaixo do suave e benéfico Governo da Augusta Dinastia de Bragança.

No claro do lado direito estava o seguinte Epigrama:

Brilhante estrela dardejando desce,
Ao seu fulgor o Orbe s'estremece.
Todos os dois n'um dom a sorte apura,
Forma dos Lusos imortal ventura.

Por baixo do Quadro estava outro:

D'ambas Estirpes nova Semi-Deusa
O Gênio tutelar da Lusa Glória
Entre os aplausos da Nação, que exulta
Guia do Berço ao Templo da Memória.

No claro do lado direito estava o seguinte:

Esta que vês, se bem qu'inda Menina,
É da Nação penhor, prenda Divina.
Enquanto se volver do tempo a roda
Teu nome cantará a terra toda.

Da base do dito Edifício para a rua se estendia um proporcionado recinto, dentro do qual estava um Instrumental de sopro, que

executando em Música excelentemente escolhidos Concertos, Overturas, Sinfonias, Sonatas etc. tornava o objeto mais brilhante, e pela sua harmonia atraía também inumerável concurso d'Espectadores.

Na noite do Festival e Alegre Dia em que a Sereníssima Senhora Princesa recém-nascida for apresentada nas Sagradas Fontes Batismais para receber a Graça Regenerativa acrescentar-se-ão mais dois Obeliscos imitando o mais agradável mármore, levantados nos ângulos do mencionado recinto, recamados de luzes também de cera, que tornará ainda mais delicada e garbos a toda a perspectiva; e ao lado dela se formará um Coreto para melhor realçar o Instrumental.

32. **RELAÇÃO DAS FESTAS COM QUE O SENADO DA CÂMARA COM TODA A NOBREZA DA VILA DE SÃO JOÃO DA PARNAÍBA CELEBROU NO DIA 13 DE MAIO DE 1820 O ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DE SUA MAJESTADE EL-REI NOSSO SENHOR.** [...], JOÃO CÂNDIDO DE DEUS E SILVA, 1820. (Ed. 1820).

RELAÇÃO DAS FESTAS
COM QUE
O SENADO DA CÂMARA
COM TODA A NOBREZA DA VILA
DE
SÃO JOÃO DA PARNAÍBA

CELEBROU NO DIA 13 DE MAIO DE 1820
O ANIVERSÁRIO NATALÍCIO
DE
SUA MAJESTADE
EL-REI NOSSO SENHOR.

A que se junta a Oração, que no mesmo dia recitou em Câmara, o Doutor Juiz de Fora

Presidente do mesmo Senado,
João Cândido de Deus e Silva

LISBOA,

NA NOVA IMPRESSÃO DA VIÚVA NEVES E FILHOS.
ANO DE 1820.

Com licença da Comissão de Censura.

O dia 13 de maio célebre nos anais da Monarquia Portuguesa, e aquele que mais enche de prazer, e alegria os corações dos Portugueses, foi o dia escolhido e destinado pelo Senado da Câmara, e Nobres da Vila de São João da Parnaíba na Capitania do Piauí para darem um público, e autêntico testemunho da sua honra, vassalagem, amor, e lealdade ao Augusto Soberano Reinante o Senhor Rei Dom João VI e recomendarem assim à posteridade nos fastos desta Vila dia tão notável rendendo a Deus as graças pela feliz conservação e prosperidade da Preciosa vida e Saúde de Sua Majestade, e pela estabilidade, e firmeza do Trono Lusitano fazendo por isso celebrar Missa Solene, Sermão, bênção do Novo Estandarte na Igreja Matriz na manhã do referido dia, e de tarde Oração gratulatória na casa da Câmara com assistência da Nobreza de todas as Classes. O que se praticou com o aparato que vamos referir.

Convidados por Cartas da Câmara todos os Nobres da Vila e suas famílias, e dispostos todos os preparativos necessários; no dia 12 à noite ao som de alegres repiques de sinos, salvas de artilharia, e fogos de artifício se iluminou espontaneamente toda a Vila, destinguindo-se a casa que serve às Sessões da Câmara por estarem todas as suas janelas com castiçais de prata e cera; à porta da mesma casa estava postada uma banda de mais de vinte Músicos asseadamente vestidos do Coronel Simplício Dias da Silva Comandante da Vila, que em semelhantes ocasiões é incansável em patentear os nobres afetos de honra e amor ao Nosso Monarca, e especialmente neste dia tomando generosamente a seu Cargo, e despesa o fazer abrilhantar a Solenidade do melhor modo possível; tocavam pois os Músicos ao som de vários instrumentos diversas peças bem executadas, e depois de o terem feito por muito tempo, discorreram pelas principais ruas da Vila formados em boa ordem, e seguidos de grande concurso de povo que acompanhava o harmonioso concerto, até que de novo se vieram colocar à porta da Câmara tocando até que os repiques dos sinos, e fogos de artifício fizeram sinal de extinguir a iluminação.

No dia seguinte apenas a aurora começava a brilhar logo os repiques dos Sinos, as Clarinetas do Regimento da Cavalaria Miliciana, as Caixas de guerra do destacamento de Linha da guarnição da Vila, as salvas de artilharia, os fogos do ar, e a Música anunciaram com a mais terna comoção a grandeza e a magnificência do festejo que devia encher de júbilo os corações. Das nove horas da manhã em diante se puseram todos em movimento, começando os

Sacerdotes a reunir-se no templo ricamente aformoseado, o trono armado todo com castiçais de prata, a Capela-mor coberta de tapetes, as tribunas com cortinados de seda, o pavimento todo juncado e coberto de ervas e e flores odorífera, as duas torres da Matriz se avistavam cheias de bandeiras e flâmulas de diferentes cores, que ostentavam as Reais Quinas tremulando nos ares. A Cavalaria Miliciana magnificamente asseada de ricos uniformes com calças brancas começou a formar e a tomar posto na Praça maior da Vila em frente da Matriz, o destacamento de Linha começou também a desfilar do seu quartel, e a buscar o mesmo posto; os Vereadores, Almotacés, e Oficiais de Justiça todos de capas e voltas com grande asseio e luzimento se foram reunindo na casa da Câmara fazendo o mesmo toda a Nobreza Civil, Advogados e Escrivães em grande gala; estava a Casa do Senado toda juncada de flores. Assim prontos todos, pelas dez horas mandou o Coronel Comandante aviso à Câmara que era ocasião de sair, o que se fez da maneira seguinte: adiante iam a par as bandeiras dos diferentes ofícios mecânicos levadas pelos Escrivães com seus Juízes aos lados, que todos neste pomposo dia apareceram com bandeiras novas de seda encarnada, seguiam-se três Oficiais de Justiça, de capas e voltas, e Varas brancas, logo se descobria o novo Estandarte conduzido numa grande bandeja de prata coberta de uma fina toalha de renda toda bordada e coberta de flores; pegavam nela da parte direita o Capitão-mor da Vila João Rodrigues Falcão, e da esquerda o Tenente Coronel Reformado Francisco José da Silva, ambos vestidos de grande gala, e ricamente fardados com seus uniformes militares, e ambos da Governança da Vila, onde já serviam por vezes de Vereadores e Juízes; depois se descobria o estandarte antigo, ainda com as armas de Portugal, e Algarves, levado pelo Alferes das Ordenanças Manuel Antônio de Faria, também em grande gala com seus uniformes, o que foi deliberadamente feito para renovar o antigo uso, de que fala Camões na Estância 27 do Canto quarto dos **Lusíadas** = Alfereses volteiam as bandeiras = a um lado e outro do Estandarte iam os dois Juízes Almotacés, de capas e voltas, e varas vermelhas, ocupando o mais velho a direita, e o mais novo a esquerda; fechava todo este luzido ajuntamento o Senado da Câmara acompanhado da Nobreza Civil. Nesta ordem pois, se dirigiram à Igreja Matriz; as ruas estavam todas juncadas, e com a devida limpeza; apenas se avistou na rua o Real Estandarte, uma girândola de fogo atroou os ares, e se repicaram os sinos; chegados à Praça onde esperava a tropa e a Música, fez aquela a sua continência, e esta deleitou os ouvidos com harmoniosos acentos: entrando a Câmara na Igreja, e tomando todos os seus lugares se colocou o novo Estandarte num altar lateral da parte do Evangelho diante da Imagem de São João o Padroeiro da Vila, tendo ao lado duas Salvas de prata

com flores: logo saiu o Alferes com o estandarte velho no meio dos dois Almotacés precedidos dos três Oficiais de Justiça, e foi colocá-lo numa das janelas da casa da Câmara desenrolado, o que feito se recolheram ao templo; e destroçada a tropa, entrando também a Oficialidade com os quatro estandartes do Regimento de Cavalaria, se deu princípio à função, expondo no trono o Sacramento, e procedendo à bênção do novo Estandarte, para o que se colocou na Capela-mor uma Credência coberta de toalhas finas de renda junto das grades, a Câmara subiu à Capela-mor, e ocupou o lado da Epístola com o Coronel Comandante; ao lado do Evangelho estava o Muito Reverendo Vigário com dois Sacerdotes paramentados de pluviais brancos, então foi tirado do altar de São João, e depositado sobre a Credência o Estandarte, o qual depois de bento, se arvorou no mesmo lugar, e foi levado pelo Capitão-mor, e Tenente Coronel ao altar maior, onde entoadas orações à Padroeira do Reino, e ao Anjo Custódio do mesmo, voltou a ser posto defronte da Câmara com o Capitão-mor sentado junto dele; durante a bênção tocava a Música, repicavam os sinos, e se lançava fogo ao ar: as tribunas se viam ornadas das Damas da primeira Nobreza da Vila custosamente ataviadas em grande gala; terminada esta cerimônia, se procedeu à Missa Solene, que cantou o Reverendo Henrique José da Silva; orou ao Evangelho o Muito Reverendo Pároco Frei Domingos da Conceição, Religioso egresso, o qual tomando por tema as palavras do Evangelho = **Redite ergo quae sunt Caesaris, Caesari, et quae sunt Dei, Deo** = mostrou em eloqüente discurso, que assim a Câmara satisfazia àquele preceito, dando público testemunho de seus mais sagrados deveres de amor, e reconhecimento à Augusta Pessoa do Nosso Legítimo Soberano e Senhor, ao subir, e descer do púlpito: o Reverendo Orador foi acompanhado por todos os Oficiais Militares com toda a civilidade: na ocasião do lavatório subiu ao Altar-mor o Doutor Presidente com o Vereador primeiro, e feitas as devidas genuflexões ao Sacramento, tomou aquele um jarro e bacia de prata de cima da Credência da parte do Evangelho, e este (o Coronel Manuel Antônio da Silva Henriques, Negociante da Vila, e um dos honrados membros da Câmara, que concorreu com o necessário de sua casa para esta esplêndida festividade) uma finíssima toalha de renda, e ambos ministraram o lavatório ao Celebrante. À elevação da Hóstia, e Cálice se distribuíram tochas a todos os Nobres assistentes, se repicaram os sinos, tocou a Música, se deram salvas de artilharia, e fogo do ar. Concluída a Missa saiu a tropa a formar na Praça, e ao depois o Senado pelo mesmo modo que tinha entrado, trazendo arvorado o Real Estandarte, em que se viam com singular e maravilhosa arte bordadas de ouro as armas do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves com duas grandes palmas de louro do

mesmo metal, todo guarnecido de galões, e franjas do mesmo, com borlas de seda e ouro, a hástea de prata com uma grande esfera armilar na extremidade superior também de prata, os dois Juízes Almotacés conduziram as duas Salvas com flores, que tinham sido postas nos lados do Altar de São João. A este tempo já toda a tropa de Cavalaria, a Infantaria formada na Praça estava pronta, e logo postando-se a Câmara em frente ds tropas, fizeram aquelas a continência Real com fileiras abertas, e Estandartes abatidos, o Juiz de Fora Presidente, levantando a voz, bradou por três vezes = Viva El-Rei Nosso Senhor = o que foi respondido por toda a tropa, e povo circunstante com o maior entusiasmo, e alvoroço, manifestando-se em todos os semblantes a alegria de que abundavam os corações; ao mesmo passo o Presidente, e o Vereador mais antigo, tomando punhados de flores das Salvas dos Almotacés, as lançavam ao ar sobre o Real Estandarte, os repiques dos sinos, as Clarinetas, a Música, as Salvas, as Girândolas redobravam o prazer, terminando este aparatoso espetáculo com três descargas da Infantaria; depois do que desfilaram as tropas, e se retirou o Senado.

De tarde pelas cinco horas já toda a Nobreza Militar, e Civil à porta da residência do Juiz de Fora esperavam que este saísse, e o acompanharam à casa da Câmara onde o Senado embaixo fez subir todos os convidados à sala luzida e ricamente preparada com tapetes, as janelas com cortinados de seda, em cima da porta da rua se divisavam as Reais armas: estava a sala ornada de um docel de seda encarnada, debaixo do qual se oferecia Majestosa a Augusta Efígie de El-Rei Nosso Senhor representado de Farda azul bordada de ouro com as Comendas e Grã Cruzes de todas as Ordens Militares do Reino, e da do Tosão de ouro, a seu lado direito tinha o Real Estandarte; a Câmara ocupou o lado esquerdo do Real Retrato, seguiam-se o Coronel Comandante, o Capitão-mor, o Tenente Coronel, Capitães, Tenentes, e Alferes: do outro lado o Muito Reverendo Vigário, e mais Sacerdotes por sua Ordem, depois dos quais os Advogados, Escrivães, e mais Empregados; no fundo da sala numa tribuna as Damas, e Senhoras Nobres; no lugar do Presidente estava uma pequena banca coberta de seda com serpentinas de prata, e bugias, então saindo o Senado com o Coronel Comandante ao meio da Sala defronte do Retrato de Sua Majestade, se inclinaram profundamente, e foram a seus lugares, seguindo-se os mais assistentes à mesma vênia a dois e dois, vindo um de cada lado; depois do que recitou o Presidente um breve discurso análogo ao objeto, cujo fim foi persuadir o amor, e reconhecimento, e gratidão aos benefícios liberalizados pelo Soberano, tocando a Música posta embaixo em frente da porta da rua antes e depois do discurso; acabado o qual, chegou o Orador ao meio da Sala, e fazendo uma profunda e respei-

tosa Vênia a Sua Majestade, bradou = Viva El-Rei Nosso Senhor = o que foi repetido pelo Coronel Comandante da janela abaixo à tropa, e povo que fizeram ressoar à mesma voz em alternados ecos, tocando a Música o Hino Nacional; chegada a noite, se iluminou profusamente a sala com grande lustre pendente, e toda a Vila, como na antecedente noite o havia praticado. Desta sala se passou à outra, em que estava com grande riqueza, simetria, e asseio uma profusa mesa de doces, e licores, de que todos se serviram: foi esta apresentada pelo Juiz de Fora Presidente, ali fez o Presidente da Câmara o primeiro brinde a Sua Majestade gritando, Viva El-Rei Nosso Senhor, a que todos corresponderam tocando e cantando a Música o Hino Patriótico = Eis ó Rei Excelso etc. dando-se salvas; seguiu-se o segundo ao Excelentíssimo Governador da Capitania Elias José Ribeiro de Carvalho; o terceiro ao Coronel Comandante, que respondeu com outro à Câmara etc.; houve depois da refeição um baile dos Oficiais da Cavalaria, findo este, discorreu a Música as ruas como na noite do dia doze, tocando e cantando o Hino Nacional. Depois de finda a iluminação o Coronel Comandante soltou, e fez elevar aos ares ufano um grande balão, que sereno e majestoso subiu entre as aclamações e vivas de todo o povo, e na região das nuvens se ocultou aos olhos dos espectadores admirados; numa das suas quatro faces se lia = Viva El-Rei Nosso Senhor = em outra por baixo das armas do Reino Unido = Às estrelas o vou levar = na terceira = Viva o segundo Regimento de Cavalaria = e na última = Viva a Câmara da Parnaíba = acompanhou a subida do balão muito fogo do ar; assim terminou, e se deu fim aos cultos de veneração, e respeito, que este povo tão honrado como fiel tributou a Seu Augusto nestes memoráveis dias, reinando sempre entre todos a melhor ordem e harmonia que se pode desejar.

Ainda na noite do dia quatorze o Coronel Comandante, cheio de maior satisfação, brindou com esplêndida ceia, baile, e música a toda a Oficialidade do seu Regimento pelo fervor e generoso entusiasmo, com que se haviam portado nos antecedentes dias.

Fim.

33. **RELAÇÃO FIEL DA AÇÃO DE PATRIOTISMO, E FIDELIDADE, QUE A CÂMARA E O POVO DA CIDADE DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO PRATICOU, EM OBSÉQUIO DO MUITO ALTO E PODEROSO REI, O SENHOR DOM JOÃO VI.,** [. . .], ISIDORO RODRIGUES PEREIRA, 1820. (Ed. 1820).

RELAÇÃO FIEL
DA
AÇÃO DE PATRIOTISMO,
E FIDELIDADE,
QUE A CÂMARA E POVO DA CIDADE
DE
SÃO LUÍS DO MARANHÃO PRATICOU,

em obséquio do muito alto

e

PODEROSO REI, O SENHOR
DOM JOÃO VI
QUE DEUS O GUARDE,

ESCRITO PELO PRIMEIRO VEREADOR
DA CÂMARA
ISIDORO RODRIGUES PEREIRA,
Coronel Reformado do Regimento
da
VILA DE CAXIAS DE ALDEIAS ALTAS
NO ANO DE 1820.

LISBOA:
Na impressão de João Batista Morando. Ano 1822.

RELAÇÃO

Fiel da Ação de Patriotismo, e Fidelidade, que a Câmara e Povo da Cidade de São Luís do Maranhão praticou, em obséquio do Muito Alto e Poderoso Rei, O Senhor Dom João VI, que Deus guarde.

Tomando posse de Vereadores da Câmara para servirem no ano de 1820, o Tenente Coronel Isidoro Rodrigues; o Capitão Manuel Bernardes Lamagner; o Capitão Fernando Antônio da Silva, e de Procurador o Capitão Manuel Antônio Xavier; vieram no conhecimento que a Câmara que serviu no ano de 1816, havia pedido a El-Rei Nosso Senhor Beneplácito Régio, para colocar na Casa da Mesma Câmara o Seu Augusto Retrato, e que sendo-lhe concedida a licença pelo Régio Aviso de sete de julho de 1817, se não havia executado por inconvenientes que houve; e não podendo eles tolerar por mais tempo a demora, tomaram o seguinte Acórdão "Aos vinte e nove dias do mês de abril de 1820 nesta Cidade de São Luís do Maranhão, e Casa da Câmara na Sessão que se fez, e a que presidiu o primeiro Vereador o Tenente Coronel Isidoro Rodrigues Pereira, estando presentes todos os mais Vereadores o Capitão Manuel Bernardes Lamagner, o Capitão Fernando Antônio da Silva, e o Procurador da mesma Câmara o Capitão Manuel Antônio Xavier; foi lembrado pelo primeiro Vereador o Tenente Coronel Isidoro Rodrigues Pereira, que o Juiz Presidente e mais Oficiais, que serviram na Câmara o ano de 1816 na representação que fizeram em 9 de outubro do dito ano haviam pedido a Sua Majestade Fidelíssima, Beneplácito Régio para colocar na mesma Casa da Câmara o Seu Augusto Retrato, como Fundador do Reino do Brasil, para servir de Monumento à Posteridade, e testemunhar a fidelidade e gratidão, dos Povos desta Capitania, ao Nosso Augusto, e Amável Soberano; e que este Régio Indulto lhes fora concedido pelo Aviso da Secretaria de Estado de sete de julho de 1817; mas que até o presente lhe não consta se pusesse em excução, pelo que era de parecer, que sem a mínima demora se devia executar aquela Régia Determinação.

E pelos sobreditos Vereadores e Procurador do Conselho uniformemente foi acordado, que se não devia tolerar por mais tempo a demora, e que sem perda de tempo se mandasse vir o Retrato de Sua Majestade para se colocar na forma que se havia suplicado, e Sua Majestade manda; e atendendo eles aos poucos rendimentos da Câmara, e às muitas obras e reparos da Cidade que está fazendo: acordaram, que o primeiro Vereador o Tenente Coronel Isidoro Rodrigues Pereira se incubisse de mandar vir o dito Retrato com toda a decência de vida para um ato tão solene, que os mesmos Vereadores e Procurador do Conselho com muito gosto pretendem colocar à sua custa, ainda mesmo quando esteja servindo outra Câmara."

Muitas dificuldades se ofereceram, que podiam obstar o exito da pretensão dos sobreditos Vereadores e Procurador do Conselho no tempo do seu governo; mas o grande desejo que eles tinham de mostrar a Sua Majestade Fidelíssima a sua gratidão, e a fidelidade que lhe tributam os Povos desta Capitania, confiados na proteção do Excelentíssimo Governador e Capitão General, pelo zelo e Patriotismo que publicamente tem mostrado no Serviço de Sua Majestade; venceram todos os obstáculos, e não se poupando trabalho, nem olhando para despesas à custa da fazenda dos referidos Vereadores e Procurador da Câmara, determinaram colocar na Casa da mesma a Real Efígie do Nosso Augusto e Amável Soberano no dia 30 de dezembro por Acórdão tomado em Câmara de 28 do mesmo mês; escrevendo para esse fim ao Excelentíssimo Governador e Capitão General desta Capitania o seguinte Ofício — "Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor. Tendo nós tomado em consideração a Representação que fez a Sua Majestade El-Rei Nosso Senhor, a Câmara que serviu no ano de 1816 em data de 9 de outubro do mesmo ano, e querendo executar o Régio Beneplácito de 7 de julho de 1817, que concedeu licença para colocar na Casa da mesma Câmara a Real Efígie do mesmo Augusto Senhor; temos assentado celebrar este solene ato no dia 30 do corrente mês pelas nove horas da manhã com a pompa e grandeza, que é devida ao Nosso Augusto e Amável Soberano. Este ato sublime, deve servir de monumento à Posteridade, e testemunhar a fidelidade e gratidão dos Povos desta Capitania à sagrada Pessoa de Sua Majestade, de quem Vossa Excelência é digno Representante nesta Província; e como tal a Câmara o convida para com a sua assistência fazer mais solene este ato; e ao **Te Deum Laudamus,** que em ação de graças se há de celebrar depois, na Catedral desta Cidade; e rogamos a Vossa Excelência, queira dar as providências necessárias para que o mesmo ato seja também solenizado com as continências Militares, e demonstrações de alegria, que Vossa Excelência julgar mais adequadas a este objeto. Deus guarde a Vossa Excelência Maranhão em Câmara 28 de

dezembro de 1820 — Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo da Silveira Pinto, Governador e Capitão General desta Província. — O Juiz de Fora José Bento da Rocha e Melo — O primeiro Vereador Isidoro Rodrigues Pereira — Manuel Bernardes Lamagner — Fernando Antônio da Silva — O Procurador Manuel Antônio Xavier." — Também se escreveu ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Diocesano Dom Frei Joaquim de Nazaré, o Ofício que se segue: "Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor. Havendo nós (sic) determinado colocar na Casa da Câmara a Real Efígie de El-Rei Nosso Senhor no dia 30 do corrente, com a pompa e grandeza devida a tão sublime ato, para servir de monumento à Posteridade, e testemunhar a fidelidade, e amor dos Povos desta Província à Real Pessoa. Para este ato se fazer mais brilhante deve ser solenizado com a presença de Vossa Excelência, que esperamos às nove horas da manhã, e ao mesmo tempo rogamos a Vossa Excelência Reverendíssima se digne mandar passar as ordens competentes ao Clero, assim Regular como Secular, para assistirem ao **Te Deum Laudamus,** que em ação de graças rogamos a Vossa Excelência faça celebrar no fim da função na Catedral desta Cidade, tudo à custa dos Vereadores, e Procurador da Câmara. Deus guarde a Vossa Excelência Reverendíssima. Maranhão em Câmara de 28 de dezembro de 1820. — Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Joaquim de Nazaré, Bispo desta Diocese — O Juiz de Fora José Bento da Rocha e Melo — O primeiro Vereador Isidoro Rodrigues Pereira — Manuel Bernardes Lamagner — Fernando Antônio da Silva — o Procurador Manuel Antônio Xavier." Depois se escreveu aos Membros da Câmara, que serviu no ano de 1816 para se incorporarem com esta na Conformidade da Ordem Régia, os quais não compareceram por ausência de uns e moléstia de outros. Fizeram-se todas as mais participações necessárias, para que o dito ato fosse feito com a pompa mais brilhante, e com a maior solenidade, que a terra permitisse.

O Ilustríssimo e Excelentíssimo Governador e Capitão General Bernardo da Silveira Pinto, e o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Diocesano Dom Frei Joaquim de Nazaré, exultando de alegria, contentes concorreram ambos à Casa da Câmara pelas nove horas do dia 30 de dezembro, como a Câmara lhes havia suplicado, e esta incorporada com o seu Presidente o Doutor Juiz de Fora José Bento da Rocha e Melo, os veio receber com o Estandarte Real fora da porta da rua: concorreu também o Corpo da Nobreza Sacerdotal, e Militar; os Membros da Relação; grande número de Cidadãos, e muito Povo desta Cidade, que todos se congregaram na dita Casa da Câmara.

As Tropas regulares de Infantaria, e Artilharia, se formaram na Praça defronte da mesma Casa da Câmara, que se achava ornada,

e o Real Retrato coberto com cortinas, debaixo de um docel, tudo de Damasco Carmesim com a sua competente guarnição. Estando tudo assim disposto, o Juiz de Fora Presidente da Câmara, correu o cortinado, pondo patente a Real Efígie de Sua Majestade; à qual todos fizeram as devidas genuflexões, e o Ilustríssimo e Excelentíssimo Governador e Capitão General levantando a voz disse: Viva El-Rei Nosso Senhor — o que repetiu por três vezes findas as quais disse: Viva toda a Família Real — ao que o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Diocesano, a Câmara, e todo o concurso corresponderam da mesma forma. Depois chegou um dos Ajudantes das Ordens do Ilustríssimo e Excelentíssimo General a uma das janelas, e olhando para a Tropa disse em voz alta: Viva El-Rei Nosso Senhor e toda a Família Real. — Então o Brigadeiro Manuel Antônio Falcão Comandante das Tropas de Linha, igualmente levantou a voz para as mesmas dizendo por três vezes: Viva El-Rei Nosso Senhor, e uma vez Viva toda a Real Família — ao que correspondeu toda a Tropa, e ao som de Instrumentos Bélicos manifestaram o seu contentamento, dando uma Salva de vinte e um tiros de Artilharia, à qual se seguiram três descargas de Infantaria, tudo por disposição do Ilustríssimo e Excelentíssimo Governador e Capitão General, ao arbítrio do qual a Câmara deixou as ditas demonstrações, e continências. Depois disto o Procurador da Câmara recitou um breve discurso de Elogio a Sua Majestade no qual repetiu em Português a seguinte Inscrição: "João Sexto, O Ornamento da Natureza, Pio, Augusto, Pai da Pátria, o qual à semelhança do Salvador mandado pelo Céu, mostrou-se máxima felicidade; porque num período turbulentíssimo, prostradas as bandeiras dos Inimigos com o valor de Hércules, obtida a tranqüilidade pública, promulgadas boas Leis, firme o Poder Régio, erigido o Reino do Brasil, promovida a Agricultura, a Indústria, a Navegação, propagado o Comércio, solidou a Dignidade Real, restaurou os Domínios da Coroa, e constituiu-se Imortal. E também nos tumultos, em que gemeu o Mundo todo, dissolvidos os laços da Comunicação, e dos Tratados, desfigurada toda a Europa, quando as Nações a ferro e fogo, eram infielmente pelos Ímpios terrorizadas, espoliadas, e oprimidas; então o Restaurador da Lusitânia, proposto aos Reis para dever ser imitado, sempre dirigiu os seus projetos a fim de restituir entre as Potências a paz, (a) os Direitos Cívicos, Políticos, Religiosos, a Harmonia, Prosperidade, cômodos recíprocos, e a ordem estabelecida das coisas. Estes atos magníficos; que vencem muito além os fatos dos Gregos, e dos Romanos, serão eternamente os mais claros exemplos das virtudes heróicas, e enquanto o Império da razão existir são e salvo, trará por companheira na série dos tempos, o louvor do Herói da

---

Observação: Ver notas (a) e (b) no final, como consta da "relação".

Casa de Bragança, e o gênero humano decairá com a glória de João. Esta Real Efígie foi colocada por Beneplácito Régio na Casa da Câmara da Cidade do Maranhão no ano de 1820, sendo os concorrentes o Governador e Capitão General do Estado; o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Diocesano, o Corpo da Nobreza Sacerdotal, e Militar, a Relação, e grande número de Cidadãos honoríficos."

Cuja Inscrição, se acha gravada no Quadro do Real Retrato, na forma que se segue: **Ioannes Sextus, Naturae Ornamentum, Pius, Augustus, Pater Patriae, qui tanquam Seruator de Caelo Missus, nobis felicitatem maximam attulit; quod, in periodo turbulentissimo, hostium Signis ualore Herculeo prostratis, tranquilitate publica obtenta, bonis legibus promulgatis, Potestate Regia ad serta, Regno Brasiliensi Erecto, Agricultura, Industria, Nauigatione permota, Commercio propagato, Regalem Dignitatem firmauit, Coronae Dominia reparauit, atque se Immortalem constituit. Etiam et intumultibus, in quibus totus Orbis terrarum ingemuit, Solutis communicationibus, faederumque unculis, deformata Europa Uniuersa, cum Nationes ferro, et flama ab Impiis insidianter essent perterritae, Spoliatae, oppresae, tunc Lusitaniae Reparator, Regibus ad imitandum prepositus, sua iogiter proiecta direxit, ut pacem inter gentes, iura Ciuica, Politica, Religiosa, harmoniam, prosperitatem, commoda reciproca, rerumque ordinem Stabilitam restituerat. Acta haec Splendida, longe Graecorum Romanorumque facta Superantia, erunt in aeternum clarissima uirtutum Heroicarum exempla: ac dum rationis Imperium manebit, incolume, comitem aeuisui Laudem Heroes Brigantini trahit, genusque humanum cum Ioannis gloria cadet."**

"Haec Realis Effigies, in Concilii ciuilis Brasilica Ciuitatis Marannomensis, Beneplacito Regio fuit Collocata, Anno MDCCXQ concurrentibus Praeconsule, Episcopo Diocesis, Corpore Nobiliarchico, Sacerdotali, et Militari, Conuentu Iuridico, multisque Ciuibus honorificis."

Concluído o dito Elogio ou Discurso, saiu o Ilustríssimo e Excelentíssimo Governador e Capitão General, com o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Diocesano, o concurso de Povo que se achavam na Casa da Câmara, com a Corporação da mesma, e foram em direitura para a Igreja Catedral, a dar graças ao Todo Poderoso. Na Catedral entoou um Solene **Te Deum Laudamus,** com assistência do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo, que foi quem o levantou, e oficiou, sendo em Música a mais bem executada, que até o presente se tem visto nesta Cidade, composta para o dito efeito; assistindo o mesmo Excelentíssimo Governador e Capitão General, e todas as pessoas de representação com tochas e velas acesas, enquanto durou a função na Igreja, à custa dos Vereadores atuais, e do Procurador da Câmara.

Concluído tudo como fica expressado, saíram os Excelentíssimos General, e Bispo para os seus Palácios, e as Fortalezas salvaram. O Excelentíssimo General no seu Palácio, recebeu o cortejo público de todas as Hierarquias, e a Câmara lhe deu os seus agradecimentos: Em obséquio a um tão grande dia mandaram os Vereadores, e Procurador do Conselho, dar de esmola a cada um dos presos, que se achavam nas cadeias seiscentos e quarenta réis, e um fiel Vassalo de Sua Majestade (b) lhe mandou dar de jantar no mesmo dia. À noite iluminou-se a Casa da Câmara, e os Vereadores e Procurador do Conselho também iluminaram as suas casas.

N.B.

(a) Espírito da Régia Inscrição reduzido por seu Autor o Doutor Manuel Antônio Leitão Bandeira, aos três seguintes princípios. Primeiro: envolve os atos valorosos, Heróicos, Iluminados, que serviram de restaurar os Domínios da Coroa: de conservar ilesa a Grandeza colossal da Soberania: de promover a prosperidade da Nação. O segundo: mostra-se, que nos tempos de horror, e de carnagem, o nosso Amável Soberano, dirigiu sempre as Reais vistas, a fazer inclinar os movimentos da balança do poder, à parte favorável, em vantagem de todas as Potências da Europa. O terceiro: propõem-se a dar a preferência nos Anais do Mundo Civil, a estes esforços sublimes: por serem os mais edificantes, memoráveis, e extraordinários. **Non sunt Longa, quibus nihil est, quod demere possis**...

Espírito da demonstração competente

Primeiro: Sua Majestade concedendo as Datas do Real Nome; admitindo Colônias Estrangeiras em aumento da população e interesses, isentando de Direitos, as Máquinas úteis aos trabalhos Nacionais: abrindo os Portos do Brasil; estabelecendo as Cadeiras de Letras necessárias à educação; e regulando com boas Leis, os artigos da prosperidade pública; além de outras instituições, tem promovido com Sabedoria, e prudência, a Agricultura, Indústria, Navegação, Comércio, Artes e Ciências. Segundo: o mesmo Augustíssimo Senhor, auxiliando como Aliado com os seus Exércitos as forças do Equilíbrio até a conclusão da paz, tem uma parte igual nos Planos adotados a que tem a Grã-Bretanha, a Rússia, Alemanha, e quaisquer outras Potências confederadas. Terceiro: as ações heróicas, praticadas nesta sediosa revolução sobem a um grau de elevação proporcionado à grandeza das Combinações, e Projetos executados, o que deve designar a sua própria, e devida estimação.

(b) O Coronel Comendador Honório José Teixeira.

Fim.

34. **RELAÇÃO DOS SUCESSOS DO DIA 26 DE FEVEREIRO DE 1821. NA CORTE DO RIO DE JANEIRO,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1821. (Ed. 1821).

RELAÇÃO
DOS SUCESSOS
DO
DIA 26 DE FEVEREIRO DE 1821

NA CORTE
DO
RIO DE JANEIRO.

BAHIA:

Na Tipografia da Viúva Serva, e Carvalho.
Com licença da Comissão da Censura.

RELAÇÃO

Dos acontecimentos do sempre memorável, e glorioso dia 26 de fevereiro de 1821, nesta Cidade, e Corte do Rio de Janeiro, e de algumas circunstâncias que os precederam, e produziram.

Apenas foram legitimamente conhecidos, nesta Cidade, e Corte do Rio de Janeiro, os memoráveis acontecimentos dos dias vinte e quatro de agosto, e quinze de setembro de 1820, no Reino de Portugal, todos os bons Portugueses, tanto Brasileiros, como Europeus, que já haviam acordado do sono da sua paciência, deram demonstrações do mais vivo júbilo, e possuídos de um santo entusiasmo, que despertava em seus elevados ânimos o amor da Sagrada Causa da Independência Nacional, não se fartavam de bendizer aos Imortais Autores da nossa Regeneração; e desejavam soltar desde logo as mesmas vozes, que haviam ressoado em todo aquele Reino: continha-os porém a extremosa dedicação, e o máximo respeito devido à Real Pessoa de Sua Majestade, de cuja Bondade, e Virtudes Ilimitadas pedia a prudência, que tudo esperassem, para não parecerem nimiamente pressurosos; mas inúteis esperanças! Ministros maus, Conselheiros pérfidos, e Cortesãos desmoralizados, em lugar de sincera, e respeitosamente fazerem ver a Sua Majestade qual era a vontade geral da Nação, procuraram sugerir-lhe medidas de terror, e de repressão à mesma vontade nacional, aumentando assim a multidão dos males, que nos afligiam.

Um folheto, que aqui se imprimiu no idioma francês, e que foi espalhado pelo Ministério, serviu de aumentar o descontentamento geral, e o seu autor, ou autores, verdadeiros apóstolos da desorganização social, avançando, de envolta com algumas verdades, os mais absurdos paradoxos, foram votados à pública execração. O Ministério reconhecendo, que o dito folheto não fizera a impressão correspondente às suas intenções, e planos insidiosos, fez solicitamente cassar todos os exemplares; mas mui tarde, porque o mal, que ele havia produzido, já se não curava com tão inútil medida. Seguiu-se a publicação do Decreto de 18 de fevereiro do corrente ano de 1821, (1) pelo qual Sua Majestade, entre outras providências, era servido

---

(1) Veja-se o Decreto de 18 de fevereiro de 1821.

criar uma Comissão, de pessoas nomeadas à sua escolha, para preparar as matérias, que se haviam tratar numa Junta de Cortes, presidida por pessoa também da eleição de Sua Majestade: este Decreto, verdadeiramente oposto à conservação da nossa unidade política, até se dirigia, contra os puros, e luminosos princípios do Direito Público, a excluir aos habitantes das terras, que não tivessem juízes letrados, dos nauferíveis direitos, que a Natureza deu a todos os homens! Foi então que o descontentamento geral subiu ao maior auge, desde então onze indivíduos, verdadeiros Portugueses, a cujo número temos a honra de pertencer, os quais tinham os maiores desejos de aderirem à Causa comum de Portugal, e que premeditavam o apressarem o momento, em que se pudessem declarar com segurança os nobres sentimentos, que animavam os habitantes desta Corte, começaram a dar-se, com um ardor verdadeiramente Constitucional, ao desenvolvimento dos seus expressados desejos, meditando, e combinando entre si tudo quanto lhes ocorria, para poderem chegar ao termo de tão gloriosa resolução. Os seus nomes são os seguintes:

Antônio Cotrim de Vasconcelos.

Antônio Duarte Pimenta.

Antônio de Pádua da Costa e Almeida.

Cipriano José Soares.

Francisco Romão de Góis.

João Luís Ferreira Durmont.

José Cupertino de Jesus.

Luís de Sousa Gama.

Manuel Lopes da Costa Dias.

Manuel dos Santos Portugal.

Marcelino José Alves Macamboa.

O Decreto de 23 do referido mês de fevereiro (2) que incluía a Relação (3) das Pessoas, que compunham a Comissão, criada pelo outro citado Decreto de 18 do mesmo mês, e que ordenava, que, sem dependência de outro título, deviam entrar em exercício, pôs de todo termo ao sofrimento, já apurado por multiplicados males, e pelas inquisições políticas, que existiam contra os que eram afetos ao sistema Constitucional, e dos quais havia listas formadas, para se pro-

(2) Veja-se o Decreto de 23 de fevereiro de 1821.

(3) Pessoas nomeadas para a Comissão da Junta criada pelo Decreto de 18 de fevereiro de 1821.

ceder à sua prisão. Crescia pois a tormenta, e com ela o perigo, e sendo certo que o Despotismo, não tentando coisa alguma em prol comum obrava tudo em proveito dos Ministros, e das suas criaturas, as quais com escandalosa imprudência chamavam rebelião ao amor da Pátria; magoados profundamente de tão insidiosos planos, e animados todos da intrepidez necessária, resolvemo-nos a destruir por uma vez os fatais embaraços, que tolhiam a explicação da vontade geral.

A Comissão, de que acima falamos, juntou-se pela primeira, e última vez, no dia 25 do mesmo mês, em casa do Conde de Palmela, com o único fim, ao que nos parece, de sondar os ânimos dos seus respectivos membros, pois não consta, que aí se resolvesse coisa alguma. Fomos porém informados, com indisível pesar nosso, de que ali se fez bastante injúria aos nobres, e generosos habitantes de Portugal, tratando-os de rebeldes, por quererem recuperar os seus Direitos, e a sua Representação; e em lugar de procurarem estreitar cada vez mais em feliz concórdia os preciosos vínculos, que nos unem, teimaram em se opor obstinadamente à torrente da opinião geral, talvez pensando que as suas maquinações seriam apoiadas pela força armada; mas mais esse ultraje fariam também aos bravos, e honrados Militares da guarnição desta Corte, que muito bem sabem, que o primeiro dever de todo o homem, seja qual for a profissão a que pertença, é procurar a verdadeira felicidade da Nação, de que é membro, e disso deram a mais convincente prova pela prontidão, com que se prestaram a coadjuvar a vontade geral deste Povo.

Um dos membros daquela Comissão até ousou proferir, que se devia bloquear Portugal, e obrigá-lo à força de armas a submeter-se aos antigos estabelecimentos políticos: porém em oposição a tão abominável parecer dois ilustres varões, também membros da mesma Comissão, se mostraram, com um nobre entusiasmo, só próprio de verdadeiros Portugueses, ardentes defensores dos direitos do Homem; sem contudo faltarem àquele sumo respeito que é devido à Majestade da Soberania Real.

Enquanto tudo isto se passava, crescendo sobremaneira a indisposição geral, cinco dos nossos amigos, e companheiros nesta tão arriscada, quão gloriosa empresa, que primeiramente se reuniram na tarde do mesmo dia 25 em casa do Bacharel, Marcelino José Alves Macamboa, aonde costumávamos concorrer todos os dias, cheios de um furor verdadeiramente Constitucional, assentaram em que, ainda mesmo a custo das próprias vidas, se deveria fazer jurar a Constituição de Portugal no seguinte dia 26, e assim o juraram, o que sendo proposto aos mais, à medida que foram comparecendo, foi por eles igualmente aprovado, e também jurado, sendo a fórmula do jura-

mento a seguinte: **Constituição de Portugal, ou morte.** O entusiasmo, com que isto se praticou, é superior a toda a expressão, e desde logo passamos a executar tudo quanto existia em plano, começando por fazer naquela noite aviso aos diferentes Corpos da Guarnição desta Corte do que pretendíamos obrar, já de antemão seguros da boa vontade de muitos Oficiais.

O Major de Cavalaria, Antônio de Pádua da Costa e Almeida, adido ao Estado-Maior do Exército do Brasil, foi encarregado de fazer o preciso aviso ao Batalhão de Infantaria n.º 11 do Exército de Portugal, e se dirigiu para esse fim ao Major, e mais Oficiais daquele Corpo, que mui prontamente se prestaram a tão justo convite. Aquele mesmo Oficial, conhecendo os sentimentos liberais de Francisco de Paula e Vasconcelos, Major Graduado do Regimento de Artilharia da guarnição desta Corte, lhe deu parte da resolução tomada, e este benemérito Militar, que não tinha bocas de fogo à sua disposição, comprometeu-se a reunir os Soldados, que pudesse, e a marchar com eles, o que fielmente executou, e serviram para reforçar os dois Corpos de Artilharia montada, de que falaremos em seu lugar.

O Tenente Cipriano José Soares, Comandante do Destacamento de Artífices, pertencente à Divisão de Portugal, foi incumbido de convidar o Batalhão de Caçadores n.º 3, da mesma Divisão, e como sabia dos patrióticos sentimentos, de que eram animados os Majores Graduados, Francisco Peixoto de Magalhães Portugal, e João Crisóstimo Correia Guedes; os Capitães Joaquim Franciseo de Sá e Vasconcelos, e Júlio César Feio de Figueiredo; e os Tenentes Antônio Alves de Sá Carneiro, e José Maria de Sales Pereira, dirigiu-se a todos estes, os quais unanimemente prometeram de cooperar para tão justa, e honrada deliberação, e disseram mais que respondiam pela boa vontade dos mais Camaradas seus. Igualmente sabedor o mesmo Tenente Cipriano José Soares de aderirem ao sistema Constitucional os Capitães da Artilharia montada desta Corte, João Carlos Pardal, e José Joaquim Januário Lapa, e o Ajudante, Luís Antônio Bugalho, participou-lhes também a tenção que se havia tomado; e eles protestaram logo, que haviam tomar parte em tão santa Causa.

O Major do Batalhão de Infantaria n.º 11 da Divisão de Portugal, José Maria da Costa, sabendo que eram igualmente Constitucionais os sentimentos do Major, José da Silva Reis, Comandante do Corpo de Artilharia montada do Exército de Portugal, tomou sobre si o fazer saber a este Oficial o projeto meditado, o qual, apesar de estar gravemente enfermo, apenas foi de tudo instruído, passou a tomar as mais acauteladas medidas, para enviar o dito Corpo do seu comando, à hora indicada, como fielmente executou.

Ao Tenente do Batalhão de Caçadores desta Corte, Luís de Sousa Gama, foi cometido o convidar os Oficiais do seu respectivo Corpo, para cujo fim se dirigiu aos Capitães, Luís Antônio do Rego, José Soares da Costa, e José Neto de Carvalho; ao Ajudante João Crisóstimo da Silva, e aos Tenentes Francisco José Mascarenhas, Pedro de Bittencourt Vasconcelos, e José Pereira dos Santos, e teve a mui particular satisfação de encontrar a todos estes briosos Oficiais unanimemente possuídos do melhor ânimo para a coadjuvação de tão gloriosa empresa, que protestaram seguir, e assim o cumpriram. O mesmo Tenente Luís de Sousa Gama, sendo-lhe conhecidos os honrados, e liberais sentimentos do Ajudante do Batalhão de Infantaria n.º 3, da guarnição desta Corte, João Henriques de Amorim, foi igualmente exigir a sua cooperação para o nosso projeto, o qual também se prestou com a melhor vontade, e bom efeito.

O Major Graduado de Cavalaria da Polícia, desta Corte, Manuel dos Santos Portugal, cujas idéias esclarecidas pela luz da liberdade civil, o haviam intimamente ligado às nossas intenções comprometeu-se solenemente a apresentar-se com os Soldados do seu Corpo, que lhe fosse possível reunir, o que desempenhou com notável dignidade, e risco; pois sendo encontrado pelo seu respectivo Chefe, o Brigadeiro, José Maria Rebelo, que era do partido avesso, este lhe estranhou o seu procedimento, e se enfureceu contra os Soldados; mas o intrépido, e Constitucional Major, firme na sua resolução, soltou animoso a seguinte voz: **Soldados, sigam-me os que quiserem:** e com parte deles se apresentou à hora, e no lugar convencionado.

O Major Graduado, Antônio Duarte Pimenta, foi igualmente encarregado de convidar o Regimento de Cavalaria desta Corte, o que supomos faria com todo o zelo; porém é certo que aquele Regimento não se reuniu à mais Tropa, senão depois de postada a Primeira e Segunda Linha na Praça do Rocio.

Depois de tudo assim disposto, os nossos amigos, e companheiros nesta gloriosa empresa, que anciosamente esperávamos, voltaram a dar-nos parte do bom êxito de sua comissões, o que nos encheu de tão excessivo júbilo, que todos parecíamos inteiramente esquecidos da terrível sorte, que nos aguardava, caso abortasse o nosso plano; mas a Providência manifestamente encaminhava, e protegia todas as nossas operações.

Entre as medidas, que se tomaram com a mais meditada circunspecção, a fim de prevenir qualquer acontecimento triste, que pudesse sobrevir, foi a principal a de precaver, que a Sereníssima Princesa Real, que pelo seu estado de gravidação nos merecia o maior, e mais justo cuidado, e por cujo bom sucesso fazíamos incessantemente os mais fervorosos votos, tivesse o menor incômodo, ou susto, quando

soubesse do repentino movimento das Tropas, e para esse fim assentamos que a mesma Sereníssima Senhora e Seu Augusto Esposo, o Príncipe Real, fossem preventivamente informados do nosso projeto, e passou a ser encarregado de tão importante Comissão o Padre Francisco Romão de Góis, o qual, na madrugada do sempre memorável, e faustoso dia 26, montou a cavalo, e partiu para a Real Quinta da Boa Vista, aonde executou mui bem, o que lhe havia sido incumbido; e chegou tanto a tempo que Suas Altezas Reais, ainda gozavam da suavidade do sono. Não sucedia porém o mesmo a El-Rei, que já havia sido informado da marcha da Artilharia montada desta Corte, e da do Batalhão de Caçadores n.º 3 do Exército de Portugal, pelo Comandante deste Corpo, o Tenente Coronel, Tomás Joaquim Pereira Valente, e pelo Alferes, Francisco Avelino, os quais à glória de acompanharem aos seus Irmãos de armas em tão nobre deliberação, antepuseram o ir denunciá-lo, talvez no intuito de empecerem ainda o seu honrado projeto! Que lástima! Que delírio!

Passemos agora à junção das Tropas: o sinal dado para a sua reunião foi o tiro de peça do Navio do Registro do porto, e apenas ouvido, o bravo batalhão de Caçadores n.º 3 do Exército de Portugal, comandado pelo seu Major, Antão Garcez Pinto de Madureira; e a Artilharia a cavalo desta Corte, com seis peças, comandada pelo Capitão, João Carlos Pardal, foram os primeiros Corpos, que, no silêncio da madrugada, entraram na praça do Rocio, que era o lugar convencionado e logo se puseram ambos em estado de defesa. Após estes foram chegando sucessivamente o Batalhão de Caçadores da Corte, comandado pelo Capitão, Luís Antônio do Rego; o de Infantaria n.º 3, também da Corte, comandado pelo Ajudante, Joaquim Henriques de Amorim; a Brigada de Artilharia da Divisão de Portugal, com três bocas de fogo, comandada, pelo Tenente do mesmo Corpo, Luís Alexandre Ferreira Nobre, o Batalhão de Infantaria n.º 11, da mesma Divisão; comandado pelo Tenente Coronel, João Correia Guedes Pinto; e com este Batalhão o Destacamento de Artífices Engenheiros, também de Portugal, comandado pelo Tenente, Cipriano José Soares. A parte do Batalhão de Infantaria n.º 15, que não estava de guarda, comandada pelo seu Coronel, Antônio José Soares Borges, também veio unir-se à mais Tropa, devendo-se a este Batalhão a mui distinta cooperação de se conservar sempre em armas, e desde o referido tiro de peça, até que a Tropa recolheu a quartéis. O Regimento de Artilharia da Corte, e o Destacamento de Pernambuco, adido à mesma, veio comandado pelo Major Graduado, Francisco de Paula e Vasconcelos, que, como já se disse, foi também convidado; e com a gente do seu comando reforçou os dois Corpos de Artilharia montada. Os mais Corpos, aos quais não se havia feito participação alguma, foram consecutivamente apresentando-se; e de

toda esta exposição é prova o Suplemento à Gazeta desta Corte n.º 17. (4)

Ainda não estava inteiramente reunida a Tropa, quando se apresentou o Brigadeiro, Francisco Joaquim Carretti, e sendo-lhe oferecido o comando da mesma Tropa, o aceitou prontamente, dando assim uma prova nada equívoca da adesão, que professava à Causa comum da Nação. Poucos momentos depois apareceu Sua Alteza Real, o Príncipe Real, e logo que entrou na praça vazia, que a Tropa havia formado, estando as embocaduras das ruas guarnecidas com peças de Artilharia, mostrou um papel, que se dignou de ler (era um Decreto datado de 24 de fevereiro) e disse depois ao Povo, e Tropa, que ali se achava: **tudo está feito: a Tropa pode ir já a quartéis, e os Oficiais vão beijar a Mão a meu Augusto Pai:** então o Bacharel, Marcelino José Alves Macamboa, que foi presente a todo o referido, vendo que o dito Decreto não era terminantemente concebido nos termos desejados, possuído do mais profundo respeito, e pedindo venia, passou a representar ao mesmo Sereníssimo Senhor, que a vontade unânime do Povo, e Tropa era, que Sua Majestade jurasse a Constituição, que se estava organizando no Reino de Portugal, sem outras restrições mais do que as que houvessem de ser feitas nas mesmas Cortes, com os Deputados deste Reino do Brasil, vindo por esta forma o mesmo Augusto Senhor a jurar a Constituição tal, qual se fizesse em Portugal; ao que Sua Alteza Real com uma Bondade, e Docilidade inimitáveis se dignou de anuir, encarregando-se de ser na Real Presença de Seu Augusto Pai o Intérprete da vontade geral do Povo, e Tropa, e recebendo a lista dos novos Ministros, escolhidos para sucederem aos então existentes, partiu imediatamente para a Real Quinta da Boa Vista.

Passou-se no entretanto a convocar o Senado da Câmara, que imediatamente se juntou na grande sala do Real Teatro de São João. Sua Alteza Real voltou, com pouca diferença, pelas sete horas da manhã, e no meio do Povo, e Tropa novamente se dignou de ler o Decreto, (5) e cuja data de 24 atribuímos a puro engano, se nisso não houve ocultas intenções. Subiu depois para a mesma sala do referido Real Teatro, e aparecendo na varanda contígua, leu ali pela segunda vez o mencionado Decreto, e a Lista dos novos Empregados, (6) também assinada por Sua Majestade, o que tudo foi ouvido com extraordinário prazer, e entre inumeráveis aplausos, e repetidos

---

(4) Veja-se o Suplemento à Gazeta do Rio n.º 17.

(5) Veja-se a Decreto de 24 de fevereiro de 1821.

(6) Veja-se a Lista das Pessoas que foram nomeadas para os empregos Públicos.

Vivas à Religião [,] a El-Rei, ao Príncipe Real, e à Constituição. Seguiu-se consecutivamente o solene Juramento, prestado pelo Príncipe Real, em mãos do Excelentíssimo Bispo, Capelão-Mor, primeiramente em Nome, e como Procurador de Seu Augusto Pai, e depois em Seu Próprio Nome. Seguiram-se a jurar os novos Ministros, e Funcionários Públicos, as Autoridades Eclesiásticas, Civis, e Militares, e um concurso numeroso de pessoas de todas as Hierarquias, que se foram sucessiva, e espontaneamente apresentando, o que bem comprova o documento n.º 7. (7)

Depois de tão solene ato o Povo, e Tropa impacientes por gozarem da Augusta Presença de Sua Majestade, clamavam ansiosos, e em plena efusão do mais vivo júbilo, por tão grande ventura, a fim de tributarem a tão Magnânimo Monarca as mais puras demonstrações de submissão, de amor, e de sua exaltada gratidão, tão justamente devida ao incomparável Benefício, que acabava de conceder-nos. O Príncipe Real, que foi verdadeiramente naquele dia um Anjo de Paz, que veio tranqüilizar os ânimos perturbados; desvelado pela pública felicidade, e sem atender ao rigor de um Sol ardente, tornou a regressar à Real Quinta da Boa Vista, aonde foi novamente representar a Seu Augusto Pai os nobres, e fiéis sentimentos, que animavam a todos os habitantes desta Corte. Seriam onze horas, quando Sua Majestade chegou à Praça do Rocio, aonde foi recebido entre os maiores aplausos, filhos do mais puro amor, do mais santo entusiasmo, e da mais sincera gratidão. Então o Povo, num transporte de prazer inexplicável, cercando o coche de Sua Majestade, e possuído daquela alta veneração, e respeitoso amor, que tanto caracteriza os Portugueses para com os seus Augustos Imperantes, deu sinais de aspirar à suave consolação de conduzir em seus braços a Sua Majestade, para o Seu Real Paço: a Serenidade, e aquele sorriso de Bondade Paternal, que sempre resplandecem no Augusto Semblante do mesmo Senhor, fez ressoar novos Vivas e num momento, soltos os tiros, foi o mais adorado dos Soberanos, o Imortal Senhor Dom João VI transportado, como em triunfo, ao largo de Palácio, entre as imensas aclamações de um Povo agradecido, e venturoso, notando-se em todos os semblantes as mais vividas sensações de um nunca sentido gosto. Depois aparecendo Sua Majestade a uma das janelas do mesmo Paço, dignou-se de dizer que aprovava tudo quanto o Príncipe Real havia feito, ao que o Povo respondeu com novas aclamações do mais verdadeiro regozijo. As Tropas, que todas haviam marchado após o coche de Sua Majestade, precedidas pelo Príncipe Real, já a esse tempo haviam guarnecido o largo de Palácio, e depois

(7) Veja-se o Auto do Juramento.

de muitos, e repetidos Vivas à Religião, a El-Rei, a toda a Real Família, e à Constituição, que fizerem as Cortes em Portugal, passaram a desfilar; e El-Rei teve a Bondade de dar a Sua Real Mão a beijar a um concurso numeroso de pessoas de todas as Classes, que tiveram a honra de cumprimentar a Sua Majestade, e a Suas Altezas Reais por um tão plausível motivo.

À noite o mesmo Augusto Senhor, com toda a Sua Real Família, se apresentou em grande estado no Real Teatro de São João, levando, além da guarda de honra, outra composta de Oficiais Generais, e Superiores do Estado-Maior, em grande uniforme. O Teatro estava elegantemente iluminado, e apenas corrida a cortina da Real tribuna, apareceu Sua Majestade, com toda a Sua Real Família, começaram os Vivas, nascidos do mais exaltado regozijo, que duraram por grande espaço, e que foram benignamente acolhidos pelas Augustas Pessoas, a quem eram tão devidamente dedicados. Recitaram-se vários versos, análogos a tão grande assunto, a que se seguiram os merecidos aplausos: tudo era entusiasmo, e contentamento, e parecia que todos os espectadores estavam animados de um novo alento, e de uma nova existência: que Dia! Que espetáculo! Que ventura! Os habitantes do Rio de Janeiro, este Povo verdadeiramente bom, e sempre fiel aos seus deveres, não havia jamais gozado de uma cena de tão novo, e maravilhoso prazer, nascido da doce esperança, que nos assegurava um futuro venturoso, e até concorria para realçar este quadro de tão singular felicidade o encolhimento, com que apareciam esses miseráveis corifeus da antiga corrupção, e sistemática venalidade, sempre curvos a todas as deliberações do Despotismo.

Tais foram os gloriosos, e memóraveis acontecimentos do Faustoso dia 26 de fevereiro de 1821; Dia, em que se abriu a toda a Grande Família Portuguesa, espalhada nas quatro partes do Mundo, o áureo tesouro da Independência Nacional; Dia, que será sem par nos Venerandos Anais do Luso Império.

Não se pode duvidar de que a nossa empresa oferecia grande risco; mas pela moderação, prudência, e energia, com que foi desempenhada, nos tornamos dignos dela, e em toda a nossa linha de conduta tivemos sempre por divisa aquele sumo respeito, devido à Sagrada Pessoa de Sua Majestade, e o natural impulso de reconhecimento, correspondente aos sentimentos de amor, e de gratidão, gravados no coração de todo o súdito, sustentando por esta forma a honra, e decoro, que nos compete, como membros de uma Nação, Ilustre, Generosa, e Grande, sempre fiel aos seus deveres, e digna de mais altos Destinos, aos quais se elevará agora, escudada com a Egide Sagrada da nossa Constituição, que será a Obra Imortal do Augusto, e Soberano Congresso Nacional.

Não era da nossa intenção escrever coisa alguma a este respeito, não só por conhecermos bem a nossa insuficiência; mas até por nos convencermos de que muitas pessoa tomariam sobre si o instruir o Público de tão agradáveis acontecimentos. Obrigou-nos porém a romper o silêncio, que guardávamos, a inexatidão de notícias, que vimos espalhadas em alguns periódicos, num dos quais (Aurora Pernambucana n.º 5) até lemos mentirosas acusações contra dois dos nossos referidos companheiros e amigos; e por isso não pudemos deixar de manifestar por esta forma a nossa indignação, e reprimir tão caluniosas alegações.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1821.

35. **DESCRIÇÃO DOS EMBLEMAS ALEGÓRICOS E SEUS EPIGRAMAS COM QUE SE ADORNOU A ILUMINAÇÃO QUE NA FACHADA DAS CASAS DE SUA RESIDÊNCIA APRESENTOU AO PÚBLICO O CORONEL ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA BRAGA,** [SEM INDICAÇÃO DE AUTOR], 1818. (Ed. 1821).

DESCRIÇÃO
DOS EMBLEMAS ALEGÓRICOS
E SEUS EPIGRAMAS
COM QUE SE ADORNOU A ILUMINAÇÃO
QUE NA FACHADA DAS CASAS DE SUA
RESIDÊNCIA APRESENTOU AO PÚBLICO
O
CORONEL
ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA BRAGA.
NA NOITE DE 6 DE FEVEREIRO DE 1818, EM QUE
SE CELEBROU COM POMPA
VERDADEIRAMENTE
REAL A FELIZ, E GLORIOSA ACLAMAÇÃO
DO
MUITO ALTO, E PODEROSO
REI NOSSO SENHOR
D. JOÃO SEXTO.

E NAS TRÊS NOITES SEGUINTES DOS DIAS 7, 8 E 9 EM MEMÓRIA DO SEU RECONHECIMENTO, AMOR, E LEALDADE, QUE PROFESSA AO MESMO AUGUSTO SENHOR, CUJA PRECIOSA VIDA OS CÉUS DILATEM POR LONGOS ANOS PARA GLÓRIA E DELÍCIAS DE TODA A NAÇÃO PORTUGUESA.

RIO DE JANEIRO. NA IMPRESSÃO RÉGIA.
1821.
Com Licença.

A Perspectiva da Iluminação que abrange a fachada do mencionado Edifício está dividida em três Quadros, a que um hábil pincel deu por molduras colunas firmadas em suas bases, com seus competentes Capitéis, donde se elevam uns elegantes arcos com jeito, e arte que pela sua regular simetria, e vivo colorido, depois de iluminados figuravam ser de alto relevo.

No Quadro do meio estava a Efígie de El-Rei Nosso Senhor sentado sobre o Trono em que brilha com todo o esplendor, e riqueza, e ornado com seu Manto Real, e Diadema na Cabeça, empunhando em sua Mão Direita o Cetro, com que tão suavemente rege, e governa os seus ditosos Povos. Prostrada aos pés do Trono aparece uma Matrona que figura a Cidade de Braga, que os Romanos dominando as Espanhas chamaram = Bacara Augusta = a qual depondo o Elmo, Escudo, e lança oferta nas próprias mãos o seu coração, como simbolo da candura, e singeleza dos votos de respeito, e homenagem que são devidos a tão Alto, e Soberano Senhor. Acima da mesma Matrona estão três Gênios em ação de voarem, destes o maior tem enfaixadas na mão direita duas palmas, que simbolizam as distintas vitórias, e triunfos, com que tanto se assinalaram as Armas do mesmo Augusto Senhor, não só na Península, como no Sul da América; e com a mão esquerda segura num Listão, que também os outros dois Gênios pegam pelas pontas, em que estão escritas estas palavras.

Non Plus.

Como denotando, que no Nosso Augusto Soberano se acham reunidas todas as Virtudes Reais, sem que haja mais que se possa desejar.

No claro que fica por baixo do dito quadro estão os seguintes Epigramas.

Fiel Bracara Augusta ao seu Senhor,
Oferta o Coração e um puro amor,
Os seus antigos votos renovando,
Que dos Séculos além irão durando.

Mais abaixo estava o seguinte.

Ioannes Sextus Rex nobis uenit ab Alto.

Cuja Epígrafe denota, que El-Rei Nosso Senhor nos foi mandado dos Céus, como um rico, e mimoso presente, para ser o instrumento da nossa felicidade.

Seguia-se abaixo outra.

Semper honos, nomemque tuum, laudesque manebunt.

Querendo dizer, que as Reais virtudes do mesmo Augusto Senhor lhe têm grangeado um nome distinto, e eterno nos Fatos da História Portuguesa, que servirá de modelo a outros Monarcas, e inveja das Nações, e por isso os seus felizes vassalos hão de celebrar também eternos louvores em sua honra.

No Quadro do lado direito estava o Escudo das Reais Quinas Portuguesas, com todos os instrumentos bélicos, e por baixo do lado esquerdo Marte Deus da Guerra, por ser esta que deu motivo a formar-se tão distinto e glorioso brasão, pelo feitos ilustres que os Portugueses obraram, no Campo d'Ourique em Dilatação da Fé Cristã. Da parte direita estava a Fama embocando o seu Clarim em que pregoa, e publica as altas virtudes de um tão digno Soberano apontando cada um destes Deuses para uma Esfera Armilar, como denotando que todo o Globo foi Teatro da Glória para a Nação Portuguesa.

No claro que tem por baixo está a seguinte Epígrafe.

Em círculos d'estrelas engastados,
A Fama eleve aos orbes arredados,
De JOÃO SEXTO os Feitos assombrosos,
Dominando com glória e sem rival,
Todo o Brasil, Algarve, e Portugal.

Seguia-se mais abaixo esta.

Pregoa a Fama em seu Clarim rotundo,
João Primeiro Rei no Novo Mundo,
Nos astros fixa a época ditosa,
Que no solo que banha o Grã Janeiro,
As Santas Leis dará ao mundo inteiro.

Depois seguia-se outra.

Extasia-se a Europa vendo erguido,
Na plaga do Brasil o Reino Unido.

No Quadro do lado esquerdo se continha o símbolo da união dos três Reinos Portugal, Brasil, e Algarves significada pelos três principais Rios, personalizados, que banham estes três Reinos. No meio estava o Tejo encostado a uma Oliveira, da parte direita o

Guadiana encostado a uma Figueira; e do lado esquerdo o Amazonas encostado a um Coqueiro, todos três entornando as suas Urnas, donde saem plácidas torrentes, que fertilizam aquelas regiões, como que denotam a abundância, e tranquila paz, de que gozam os seus Povos.

No claro que fica por baixo estava a seguinte Epígrafe.

O Tejo, o Amazonas, e Guadiana,
Cingindo a Régia C'roa Lusitana,
Ao heróico e piedoso JOÃO SEXTO,
Fazem votos aos Céus de Leais serem,
Enquanto os Rios para o mar correrem.

Seguia-se mais abaixo esta.

Eles alçam as frentes majestosas,
E pondo a mão nas Urnas preciosas,
Ao Rei juram constante, e puro amor,
Soltando todos três vivas jacundos,
Que transportam de gosto ambos os mundos.

Depois seguia-se outra.

Debaixo d'um tal Rei, que imenso Império
Se verá florescer neste Hemisfério!

Toda esta perspectiva é iluminada: (e as pinturas transparentes) por velas de cera postas, em globos, e mangas de cristal, placas douradas, e espelhos, que tudo faz realçar o seu brilho.

Da sua base sai pela rua adiante um recinto quadrado, formado de murtas, e rosas, rematando nos dois cantos com duas grandes pilastras, iluminadas também com globos de Cristal.

Dentro deste recinto estava uma numerosa banda de música (instrumentistas de sopro) que executaram uma variedade de singulares, e escolhidas peças, como Concertos, Overturas, Sinfonias, Sonatas, etc. que na boa execução, e bem concertante harmonia atraia a expectação, de inumerável povo que circundava o mesmo recinto, tornando o espetáculo ainda mais luzido, e brilhante.

ÍNDICE

Págs.

19. Coleção das obras feitas aos Felicíssimos Anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses Governador e Capitão General de Pernambuco na Sessão Acadêmica de 19 de Março de 1975, Antônio Gomes Pacheco 7

19.1 Dedicatória, Antônio Gomes Pacheco 11

19.2 Ao Leitor, Antônio Gomes Pacheco 11

19.3 Oração Panegírica, Antônio Machado Portela 12

19.4 Finge-se que fala com o Brasil erguido do seu Sepulcro o cadáver do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Sabugosa no seguinte Soneto, Francisco José de Sales 25

19.5 Paralelo entre Júlio César, e o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Governador, e Capitão General de Pernambuco, Soneto, [Francisco José Sales] 26

19.6 Figura-se uma Índia, que representa Pernambuco, o que se explica neste seguinte Soneto, [Francisco José de Sales] 26

19.7 Sobre a atenção, que tem o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, de conservar um modelo das Ordens Régias, dirigidas a seu Pai o Excelentíssimo Senhor Conde de Sabugosa, quando governava a Bahia, Soneto, José Antônio de Alvarenga Barros Freire 27

19.8 Aos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Soneto, [José Antônio de Alvarenga Barros Freire] 27

19.9 Assunto primeiro. Quanto se interessa Pernambuco nos anos que conta o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Soneto, Frei Francisco Xavier Feijó 28

19.10 Assunto segundo. A maior grandeza de Sua Excelência é a humanidade do seu Governo. Ode, [Frei Francisco Xavier Feijó] 29

19.11 Assunto terceiro. Os votos, que faz Pernambuco para que sejam muitos os anos de Sua Excelência, Mote e glosa joco-séria, [Frei Francisco Xavier Feijó] 30

19.12 Assunto primeiro. Mostra-se que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses pelas heroicidades regula os seus anos, Ode, Antônio Gomes Pacheco 32

19.13 Assunto segundo. Aos felizes anos do Ilustríssimo e Exlentíssimo Senhor José César de Meneses, Écloga, José Vitorino Pereira Torres 34

19.14 Assunto terceiro. Falam dois Ermitãos, que tendo de costume inventariarem as esmolas das Caixinhas, se convidaram entre si para festejarem os anos de Sua Excelência, Antão, e Barnabé, Romance Joco-sério, [Padre José Vitorino Pereira Torres] 44

Págs.

19.15 Aos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Assunto primeiro, Ode, José Antônio da Silva Guerreiro 54

19.16 Ao mesmo assunto, Soneto caudato, [S.I.A.] 57

19.17 Assunto, segundo, Aos felizes anos de Sua Excelência, Ode, [S.I.A.] 57

19.18 Ao mesmo assunto, Soneto, [S.I.A.] 60

19.19 Assunto terceiro, Soneto Festivo, [S.I.A.] 60

19.20 Ao mesmo assunto, Soneto Festivo, [S.I.A.] 61

19.21 Assunto primeiro. As virtudes do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Menezes foram sempre saudosas, e eternos os seus anos na lembrança dos homens, Ode, José Vitorino Pereira Torres 61

19.22 Fazendo anos o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses. Assunto primeiro. As virtudes do Superior são as que conciliam a veneração dos Súditos, Soneto, João Carneiro da Cunha 63

19.23 Assunto primeiro. Louva-se o prudente governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses no dia, em que faz anos, representado no nome de Montano, Égloga, Frondélio, Eulino, e Umbrana, [S.I.A.] 64

19.24 Soneto, José Gomes da Costa Gadelha 72

19.25 Assunto segundo. Nada assegura mais o governo público, que a afabilidade para com os Súditos, Soneto, [José Gomes da Costa Gadelha] 73

19.26 Assunto primeiro. Aos felicíssimos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Silva, João Batista de Sousa 73

19.27 Assunto terceiro. História da Cota Marota no dia, em que saltou em terra Sua Excelência, Romance joco-sério, [João Batista de Sousa] 75

19.28 Assunto primeiro. Verificam-se no Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses aquelas palavras do César Romano: Chequei — vi — e venci, Soneto, Manuel Rebelo Pereira 79

19.29 Assunto segundo. Mostra-se o quanto convém a Sua Excelência o nome de César, Oitavas, [Manuel Rebelo Pereira] 80

19.30 Assunto terceiro. Aos felicíssimos anos de Sua Excelência, Romance lírico, [Manuel Rebelo Pereira] 82

19.31 Ao mesmo assunto, Décima, [Manuel Rebelo Pereira] ... 86

19.32 Assunto primeiro. Mostra-se que mais se aumenta a glória de Pernambuco vendo-se governado pelo Ilustríssimo Senhor José César de Meneses por ser natural do Brasil, Romance, Belquior de Campos Camelo 86

19.33 Assunto segundo. Aos felizes anos de Sua Excelência, Soneto, [Belquior de Campos Camelo] 89

19.34 Assunto terceiro. Louvam-se em comum as virtudes de Sua Excelência no seguinte Romance, [Belquior de Campos Camelo] 89

Págs.

19.35 Assunto primeiro. Mostra-se que a maior glória, que nos provém do estimável governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, é a sua respeitável presença no dia em que faz anos, Romance, [S.I.A.] 92

19.36 Soneto, Frei João Batista de Santa Ana 93

19.37 Assunto segundo. Será incomparável a felicidade de Pernambuco enquanto for governado pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Romance, [Frei João Batista de Santa Ana] 94

20. Festejos Comemorativos do Aniversário de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, realizados em Cuiabá, em agosto de 1790, [S.I.A.] 97

20.1 Festejos Comemorativos [...] Lista das pessoas que entraram nas funções principais de agosto de 1790 99

20.2 Obras Poéticas que se recitaram nas noites de 6 e 15 de agosto de 1790, e são as únicas que se puderam haver das muitas que se ouviram nas noites sobreditas e em outras ocasiões próprias da presente festividade, Soneto, [S.I.A.] 109

20.3 Soneto, [S.I.A.] 110

20.4 Soneto, [S.I.A.] 110

20.5 Soneto, [S.I.A.] 111

20.6 Endechas, [S.I.A.] 111

20.7 Crítica das Festas, [S.I.A.] 117

21. Relação das Festas, que fez a Câmara da Vila Real do Sabará na Capitania de Minas Gerais por ocasião do Feliz Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa da Beira, [S.I.A.] 1794 123

21.1 Relação [...] [S.I.A.] 125

21.2 Descrição das iluminações, que fizeram os Magistrados daquela Vila, [S.I.A.] 128

22. Relação dos Festejos realizados a 10 de agosto de 1801, no Arraial da Conceição, Capitania de Minas Gerais, em Homenagem a Bernardo José de Lorena, [S.I.A.], 1801 135

23. Descrição da maneira por que foi aplaudido na Capitania da Paraíba do Norte o Memorável Dia 13 de Maio de 1803, em que fez Anos o Sereníssimo Príncipe Regente de Portugal Nosso Senhor, [S.I.A.], 1803 141

24. Relação das Festas que se fizeram no Rio de Janeiro, quando o Príncipe Regente Nosso Senhor, e toda a sua Real Família chegaram pela primeira vez àquela Capital, [S.I.A.], 1810 147

24.1 Ao Leitor, [S.I.A.] 151

24.2 Meu Caro Irmão, [S.I.A.] 151

24.3 Edital. Dom Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, do Conselho de Sua Alteza Real, Vice-Rei, e Capitão General de mar, e terra dos Estados do Brasil, etc.; etc.; etc., Conde dos Arcos 152

24.4 [Relação], [S.I.A.] 155

24.5 Particularidades notáveis, e curiosas..., [S.I.A.] 160

Págs.

25. Elogio, que ao sempre Fausto Aniversário de Sua Majestade Fidelíssima a Rainha Dona Maria I Nossa Senhora O.D.C. o seu mais Humilde Vassalo Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, 1815 163

26. Relação Circunstanciada do que se praticou na Província do Pará com a Infausta Notícia do Falecimento da Rainha Fidelíssima a Senhora Dona Maria I, a qual participação chegou a esta Província em o dia primeiro de agosto do corrente ano, [S.I.A.], 1816 171

27. Relação do que se fez na Côrte do Rio de Janeiro pela Morte da Nossa Augusta Rainha, a Senhora Dona Maria I, e do que também se executou nesta Cidade de Lisboa no dia sábado 20 do corrente, pela ação de quebrar os escudos, [S.I.A.], 1816 177

28. Relação do Festim que ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Marcos de Noronha e Brito, VIII Conde dos Arcos, [...], [S.I.A.], 1817 185

28.1 Relação 189

28.2 Termo, [S.I.A.] 189

28.3 Invocação, [Inácio José de Macedo] 196

28.4 Ode Pindárica, Antônio José Osório de Pina Leitão 197

28.5 Elogio, Domingos Borges de Barros 202

28.6 Elogio ao Comércio, Inácio José de Macedo 206

28.7 Elogio, José Procópio de Castro 211

28.8 Elogio Poético, Paulo José de Melo Azevedo e Brito 213

28.9 Epinicium, José Francisco Cardoso de Morais 219

28.10 [Relação], [S.I.A.] 231

29. Relação dos Festejos, que à Feliz Aclamação do muito Alto, muito Poderoso, e Fidelíssimo Senhor Dom João VI Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, [...], coligidas por Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, 1818 235

29.1 [Dedicatória], [S.I.A.] 239

29.2 [Relação], [S.I.A.] 239

29.3 Ode, [S.I.A.] 248

29.4 À feliz Aclamação do Muito Alto e Poderoso Rei o Senhor Dom João VI, Ode, [S.I.A.] 254

29.5 Por ocasião da Faustíssima Aclamação D'El-Rei Nosso Senhor, Ode, [S.I.A.] 257

29.6 Ode, [S.I.A.] 258

29.7 Canto Épico à Aclamação Faustíssima do Muito alto, e muito poderoso Senhor Dom João VI o Liberalíssimo Rei do Reino Unido de Portugal, e do Brasil, e Algarves, composto e oferecido Em Suas Reais Mãos por seu Vassalo Fiel Estanislau Vieira Cardoso 261

29.8 Soneto, [S.I.A.] 274

30. Pará: Relação das Festas, que se fizeram nesta Cidade de Nossa Senhora do Belém, de Ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Flor, [...] pela feliz Ocasião do Glorioso Casamento de Sua Alteza o Príncipe Real do Reino Unido de Portugal [...], [S.I.A.], 1818 275

Págs.

31. Descrição da Iluminação Simbólica, que na Noite do Faustíssimo dia 4 d'abril de 1819, [...] feliz Nascimento da Serenissima Senhora Princesa Recém-nascida, [...], Antônio José da Silva Braga, 1819 283

32. Relação das Festas com que o Senado da Câmara com toda a Nobreza da Vila de São João da Parnaíba celebrou no dia 13 de maio de 1820 o Aniversário Natalício de Sua Majestade El-Rei Nosso Senhor [...], João Cândido de Deus e Silva, 1820 291

33. Relação Fiel da Ação de Patriotismo, e Fidelidade, que a Câmara e Povo da Cidade de São Luís do Maranhão praticou, em obséquio do Muito Alto e Poderoso Rei, o Senhor Dom João VI, [...], Isidoro Rodrigues Pereira, 1820 301

34. Relação dos Sucessos do dia 26 de fevereiro de 1821. Na Côrte do Rio de Janeiro, [S.I.A.], 1821 311

35. Descrição dos Emblemas Alegóricos e Seus Epigramas com que se adornou a Iluminação que na Fachada das Casas de sua Residência apresentou ao Público o Coronel Antônio José da Silva Braga, [S.I.A.], 1818 (Ed. 1821) 325

29